TEOLOGIA ELEMENTAR

DOUTRINÁRIA E CONSERVADORA

E.H. BANCROFT, D.D.

Teologia Elementar

Muitos líderes evangélicos receberão jubilosos este volume teológico saído da pena do Dr. Emery H. Bancroft. Ainda que este novo volume seja um compêndio elementar, é valioso e importante.

É realmente lamentável que nossos dias não estejam produzindo grandes teólogos. Há negligência nesse significativo campo. A negligência talvez seja devida parcialmente ao fato que especializar-se no terreno da teologia, exige submissão a uma disciplina mental que não oferece atrativo algum em nossa época de excentricidades e delibilidades intelectuais.

Para que se perceba a necessidade de um reavivamento na teologia é bastante que se leia as obras teológicas de outras épocas e em seguida se leia alguns dos modernos livros religiosos. Alguns de nossos ensaístas populares, que estão pregando e escrevendo o que consideram sermões, bem poderiam dar atenção à obra elementar do professor Bancroft.

O Dr. A. H. Strong define a teologia como segue: "Teologia é a ciência de Deus e das relações entre Deus e o universo", como alvo da teologia ele apresenta "a averiguação dos fatos concernentes a Deus e às relações entre Deus e o universo, bem como a exibição desses fatos em sua unidade racional, como partes componentes de um sistema formulado e orgânico de verdade".

Aqui vemos a importância e o valor do estudo da teologia. No presente volume nosso autor teve em mente a necessidade dos alunos de Institutos Bíblicos e daquele grande número de obreiros cristãos que estão a ensinar nas classes de Escola Dominical.

Sem contar o valor do conhecimento adquirido, o estudo deste assunto contribui para o desenvolvimento mental. A habilidade de pensar com clareza e de apresentar a verdade de maneira lógica é o resultado que geralmente se segue ao estudo diligente da teologia.

Rev. Will H. Houghton, D.I.

TEOLOGIA ELEMENTAR

DOUTRINÁRIA E CONSERVADORA

Escrito e Editado

por

EMERY H. BANCROFT, D.D.

Traduzido do Inglês por

JOÃO MARQUES BENTES

e

W. J. GOLDSMITH

Editado em Português por

ROBERTO COLLINS

Em colaboração com

RONALDO MEZNAR

e

BERNARD N. BANCROFT

IMPRENSA BATISTA REGULAR

SÃO PAULO

PREFÁCIO

A Bíblia dá grande importância à doutrina, e afirma fornecer o material próprio para seu conteúdo. Ela é enfática em sua condenação contra o que é falso. Adverte contra as "doutrinas dos homens" (Cl 2.22); contra a "doutrina dos fariseus" (Mt 16.12); contra os "ensinos de demônios" (1 Tm 4.1); contra os que ensinam "doutrinas que são preceitos de homens" (Mc 7.7); contra os que são "levados ao redor por todo vento de doutrina" (Ef 4.14).

Entretanto, se por um lado a Bíblia condena o falso, por outro igualmente exorta urgentemente e recomenda a verdadeira doutrina. Entre outras cousas é para doutrina que "toda Escritura é... útil para o ensino" (2 Tm 3.16). Portanto, nas Escrituras a doutrina é reputada como "boa" (1 Tm 4.6); "sã" (1 Tm 1.10); "segundo a piedade" (1 Tm 6.3); "de Deus" (Tt 2.10), e "de Cristo" (2 Jo 9).

Temos procurado zelosamente fazer com que o ensino deste livro seja a expressão e a elucidação das doutrinas das Escrituras, e, por esse motivo receba a recomendação e a bênção de Deus. As observações aqui contidas têm constituído o curso de Primeira Série nas classes das quais o autor tem sido instrutor durante muitos anos. No planejamento e propósito deste volume, temos em vista não apenas classes dessa espécie em ginásios, Seminários e Escolas Bíblicas, mas igualmente em grupos de estudo e até mesmo indivíduos particulares, que desejem equipar-se com o conhecimento da doutrina bíblica.

Se a Deus parecer bem fazer uso desta obra, na propagação da verdade do Evangelho, ser-Lhe-emos profundamente agradecidos.

E. H. BANCROFT, D. D.

BIBLIOTECA PARTICULAR
Robert Caetano

SÍMBOLOS USADOS

V. A. ..... Ver Ainda

V. T. ..... Ver Também

a. (depois de um versículo) ..... Primeira Cláusula

b. (depois de um versículo) ..... Última Cláusula

D. D. ..... Declaração Doutrinária

CONTEÚDO

Introdução V
Prefácio VII
Símbolos Usados VIII
Índice 375

CAPÍTULO PRIMEIRO

A DOUTRINA DAS ESCRITURAS

A. *Sua Canonicidade ou Autenticidade* 1
I. Significado 1
II. Provas 2
1. O Cânon do Antigo Testamento 2
(1) A Lei 3
(2) Os Profetas 4
(3) Prova Suplementar do Novo Testamento 5
2. O Cânon do Novo Testamento 5
B. *Sua Veracidade* 6
I. Significado 6
II. Provas 6
1. Estabelecida por considerações negativas 7
2. Estabelecida por considerações positivas 7
(1) Integridade topográfica e geográfica 7
(2) Integridade etnológica ou racial 7
(3) Integridade cronológica 8
(4) Integridade histórica 8
(5) Integridade canônica 8
C. *Sua Inspiração ou Autoridade Divina* 9
I. Significado 9
II. Provas 10
1. O testemunho da Arqueologia 10
2. O testemunho da Bíblia 11
3. O testemunho de Cristo 15
4. O testemunho das vidas transformadas 17

CAPÍTULO SEGUNDO

A DOUTRINA DE DEUS

A. *O Fato de Deus* 19
I. Estabelecido pela Razão 20
1. Argumento decorrente da Crença Universal 20
2. Argumento de Causa e Efeito 20

3. Argumento decorrente da evidente harmonia da crença em Deus com os fatos existentes 22
II. Estabelecido pela Revelação 22
B. *A Natureza de Deus (Revelada por Seus atributos)* 23
I. Atributos naturais 24
1. A Vida de Deus 24
(1) O significado de "Vida" 24
(2) A realidade bíblica da Vida como atributo divino 25
(3) A Vida de Deus ilustrada e demonstrada nas Escrituras 25
2. A Espiritualidade de Deus 26
(1) Seu significado 26
(2) A realidade bíblica estabelecida 27
(3) A realidade bíblica iluminada 27
(4) A realidade bíblica interrogada 28
3. A Personalidade de Deus 30
(1) Seu significado 31
(2) A realidade bíblica da personalidade de Deus estabelecida 31
a. Pelos nomes dados a Deus e que revelam personalidade 31
b. Pelos pronomes pessoais empregados para Deus 35
c. Pelas características e propriedades de personalidade atribuídas a Deus 35
d. Pelas relações que Deus mantém com o universo e com os homens 36
4. A Tri-Unidade de Deus 40
Refutação do sabélianismo, do swedenborgianismo e do triteísmo 40
(1) Unidade de Ser 40
a. Seu significado 41
b. A realidade bíblica 41
(2) Trindade de Personalidade 42
a. Seu significado 42
b. A realidade bíblica 43
5. A Auto-Existência de Deus 47
(1) Seu significado 47
(2) Sua realidade 48
6. A Eternidade de Deus 48
(1) Seu significado 49
(2) Sua realidade 49
7. A Imutabilidade de Deus 50
(1) Seu significado 50
(2) Sua realidade 51
(3) Objeções à doutrina da Imutabilidade 51
8 A Onisciência de Deus 52
(1) Seu significado 53
(2) Sua realidade 53
(3) Sua aplicação 54
9 A Onipotência de Deus 58
(1) Seu significado 58

(2) Sua realidade 58
(3) Sua aplicação 58
10. A Onipresença de Deus 60
(1) Seu significado 61
(2) Sua realidade 61
(3) Sua qualificação 62
Sua aplicação à vida e à experiência humana 62
II. Os Atributos Morais 63
1. A Santidade de Deus, incluindo a Retidão e a Justiça 63
(1) A Santidade de Deus (propriamente dita) 63
a. Importância da doutrina 63
b. Significado de Santidade quando se refere a Deus 65
c. Sua realidade bíblica 66
d. Sua manifestação 66
e. Sua aplicação 67
(2) A Retidão e a Justiça de Deus 69
a. A retidão de Deus 69
(a) Seu significado 69
(b) Sua realidade bíblica 69
b. A Justiça de Deus 69
(a) Seu significado 69
(b) Sua realidade bíblica 69
c. A manifestação da Retidão e da Justiça de Deus 70
2. O Amor de Deus, incluindo a Misericórdia e a Graça 72
(1) O Amor de Deus 72
a. Seu significado 72
b. Sua realidade bíblica 73
c. Seus objetos 73
d. Sua manifestação 74
e. Seus vários aspectos 76
(2) A Misericórdia e a Graça de Deus 77
a. A Misericórdia de Deus 77
(a) Seu significado 77
(b) Sua realidade bíblica 78
b. A Graça de Deus 78
(a) Seu significado 78
(b) Sua realidade bíblica 80
c. A manifestação da Misericórdia e da Graça de ..eus 80
C. *O Conselho de Deus* 81
I. O Plano de Deus em relação ao Universo e aos homens 81
1. Seu significado 82
2. Sua realidade bíblica 82
3. Seu escopo 82
II. O Propósito de Deus em relação à Redenção 85
1. Seu significado 85
2. Sua realidade bíblica 85
3. Sua aplicação 86

(1) No convite ou chamada geral 86
(2) No convite ou chamada eficaz 87
4. As objeções 89

CAPITULO TERCEIRO

A DOUTRINA DE JESUS CRISTO

A. *A Pessoa de Cristo* 97
I. A Humanidade de Jesus Cristo, conforme demonstrada 99
1. Pela Sua ascendência humana — Concepção Miraculosa 99
2. Por Seu crescimento e desenvolvimento naturais 107
3. Por Sua aparência pessoal 108
4. Por possuir natureza humana completa 108
5. Pelas Suas limitações humanas sem pecado 110
6. Pelos nomes humanos que Lhe foram dados por Ele mesmo e por outros 113
7. Pela relação humana que Ele mantinha com Deus (O auto-esvaziamento de Cristo) 114
II. A Divindade de Jesus Cristo, conforme demonstrada 116
1. Pelos nomes divinos que Lhe são dados nas Escrituras 118
2. Pelo culto divino que Lhe é tributado 120
3. Pelos ofícios divinos que as Escrituras atribuem a Jesus Cristo .. 121
4. Pelo cumprimento, em Cristo, no Novo Testamento, de declarações do Antigo Testamento a respeito de Jeová 123
5. Pela associação do nome de Jesus Cristo, o Filho, com o de Deus Pai 113
III. O Caráter de Jesus Cristo 124
1. A Santidade de Jesus Cristo 125
(1) Seu significado 125
(2) Testemunhos de sua realidade 126
(3) Sua manifestação 127
2. O Amor de Jesus Cristo 129
(1) Seu significado 129
(2) Seus objetos 130
(3) Sua manifestação 132
3. A Mansidão de Jesus Cristo 135
(1) Seu significado 135
(2) Sua realidade 136
(3) Sua manifestação 136
4. A Humildade de Jesus Cristo 138
(1) Seu significado 138
(2) Sua realidade 138
(3) Sua manifestação 139
B. *A Obra de Jesus Cristo* 140
I. A Morte de Jesus Cristo 140
1. Sua importância 141
2. Sua necessidade 143
3. Sua natureza 145

(1) Negativamente considerada 145
a. A teoria de Acidente 146
b. A teoria de Morte de Mártir 146
c. A teoria de Influência Moral 147
d. A teoria Governamental 147
e. A teoria de Amor de Deus 148
(2) Positivamente considerada 148
a. Predeterminada 149
b. Voluntária 149
c. Vicária 149
d. Sacrificial 149
e. Expiatória 150
f. Propiciatória 150
g. Redentora 150
h. Substitutiva 151
4. Seu escopo 152
5. Seus resultados 153
(1) Em relação aos homens em geral 153
(2) Em relação ao crente 156
(3) Em relação a Satanás e aos poderes das trevas 162
(4) Em relação ao universo material 162
II. A Ressurreição de Jesus Cristo 163
1. Sua realidade 164
2. Suas provas 164
3. Seus resultados 170

CAPÍTULO QUATRO

A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO

A. *A Natureza do Espírito Santo* 178
I. A Personalidade do Espírito Santo 178
1. Seu significado 178
2. Sua prova 179
3. Sua importância 183
II. A Divindade do Espírito Santo 183
1. Seu significado 184
2. Sua prova 184
(1) Nomes divinos são-Lhe atribuídos 184
(2) Atributos divinos são-Lhe referidos 184
(3) Obras divinas são por Ele realizadas 185
(4) Aplicação de afirmações do Antigo Testamento referentes a Jeová 185
(5) Associação do nome do Espírito Santo aos nomes do Pai e de Cristo 186
B. *Os Nomes do Espírito Santo* 186
I. Nomes que descrevem Sua própria Pessoa 186
1. O Espírito 187

2. O Espírito Santo 187
3. O Espírito Eterno 187
II. Nomes que demonstram Sua relação com Deus 188
1. O Espírito de Deus 188
2. O Espírito de Jeová 188
3. O Espírito do Senhor Jeová 188
4. O Espírito do Deus Vivo 188
III. Nomes que demonstram Sua relação com o Filho de Deus 188
1. O Espírito de Cristo 189
2. O Espírito de Seu Filho 189
3. O Espírito de Jesus 189
4. O Espírito de Jesus Cristo 189
IV. Nomes que demonstram Sua relação com os homens 189
1. Espírito Purificador 190
2. O Santo Espírito da Promessa 190
3. O Espírito da Verdade 190
4. O Espírito da Vida 190
5. O Espírito da Graça 191
6. O Espírito da Glória 191
7. O Consolador 191
C. *A Obra do Espírito Santo* 191
I. Em relação ao universo material 192
1. No tocante à sua criação 192
2. No tocante à sua restauração e preservação 192
II. Em relação aos homens não-regenerados 192
O Espírito:
1. Luta com eles 192
2. Testifica-lhes 193
3. Convence-os 193
III. Em relação aos crentes 194
O Espírito:
1. Regenera 194
2. Batiza no corpo de Cristo 194
3. Habita no crente 195
4. Enche o crente 196
5. Libera 196
6. Guia 197
7. Equipa para o trabalho 197
8. Produz o fruto das graças cristãs 198
9. Possibilita todas as formas de comunhão com Deus 199
10. Revivificará o corpo do crente 200
IV Em relação a Jesus Cristo 200
1. Concebido pelo Espírito Santo 200
2. Ungido com o Espírito Santo 201
3. Guiado pelo Espírito Santo 201
4. Cheio do Espírito Santo 201
5 Realizou Seu ministério no poder do Espírito 201

6. Ofereceu-se em sacrifício pelo Espírito 201
7. Ressuscitado pelo poder do Espírito 202
8. Deu mandamentos aos apóstolos, após a Ressurreição, por intermédio do Espírito Santo 202
9. Doador do Espírito Santo 202
V. Em relação às Escrituras 202
1. Seu Autor 202
2. Seu Intérprete 203

CAPÍTULO QUINTO

A DOUTRINA DO HOMEM

A. *Sua Criação* 205
I. Sua realidade 205
II. Seu método 205
1. Negativamente considerado — não por evolução 205
2. Positivamente considerado 207
(1) O homem veio à existência por um ato criador 207
(2) O homem recebeu um organismo físico por um ato de formação 207
(3) Foi feito completo ser pessoal e vivo por uma ação final .. 207
B. *Sua Condição Original* 207
I. Possuía a Imagem de Deus 207
II. Possuía Faculdades Intelectuais 209
III. Possuía uma Natureza Moral Santa 210
C. *A Provação* 210
I. Seu significado 210
II. Sua realidade 210
III. Seu período 211
D. *A Queda* 211
I. Sua realidade 211
II. Sua maneira 212
1. O Tentador: Satanás, por meio da serpente 212
2. A Tentação 212
III. Seus resultados 213
1. Para Adão e Eva em particular 213
2. Para a raça em geral 213

CAPÍTULO SEXTO

A DOUTRINA DO PECADO

A. *Seu Significado* 218
I. Negativamente considerado 218
1. Não é um acontecimento fortuito ou devido ao acaso 218
2. Não é mera debilidade da criatura 218
3. Não é mera ausência do bem 219
4. Não é um bem da infância 219
II. Positivamente considerado 219

1. É o não desobrigar-se dos deveres para com Deus 219
2. É a atitude errada para com a Pessoa de Deus 220
3. É a ação errônea em relação à vontade de Deus 221
4. É a ação errônea em relação aos homens 221
5. É a atitude errônea para com Jesus Cristo 222
6. É a tendência natural para o erro 222
B. *Sua realidade* 223
I. Um fato da revelação 223
II. Um fato da observação 223
III. Um fato da experiência humana 223
C. *Sua extensão* 223
I. Os Ceus 223
II. A Terra 224
1. O reino vegetal 224
2. O reino animal 224
3. A raça da humanidade 224

CAPÍTULO SÉTIMO

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO

A. *A Regeneração* 227
I. Sua importância 228
1. Relação estratégica com a Família de Deus 228
2. Relação estratégica com o Reino de Deus 228
II. Seu significado 228
1. Negativamente considerado 228
(1) Não é batismo 228
(2) Não é reforma 229
2. Positivamente considerado 230
(1) Uma geração espiritual 230
(2) Uma revivificação espiritual 230
(3) Uma transladação espiritual 230
(4) Uma criação espiritual 231
III. Sua necessidade 231
1. A incapacidade daquilo que pertence a um reino, de passar por si para outro reino 231
2. Pela condição de homem: morte espiritual 232
3. A carência, por parte do homem, de uma natureza espiritual santa, e a perversidade de sua natureza 232
IV. Seu modo 233
1. Pelo lado divino: um ato soberano de poder 233
2. Pelo lado humano — um duplo ato de fé dependente 233
V. Seus resultados 233
1. Mudança radical na vida e na experiência 234
2. Filiação a Deus 234
3. Habitação do Espírito Santo 234
4. Libertação da esfera e da escravidão da carne 234

5. Uma fé viva em Cristo 234
6. Vitória sobre o mundo 235
7. Cessação de pecado como prática da vida 235
8. Estabelecimento da justiça como prática da vida 235
9. Amor cristão 235
B. *O Arrependimento* 235
I. Sua importância, segundo demonstrada 236
1. Nos ministérios primitivos do Novo Testamento 236
2 Na comissão de Cristo 236
3. Nos ministérios posteriores do Novo Testamento 236
4. Na expressão do desejo e da vontade de Deus para com todos os homens 236
5. Seu papel na salvação do homem 236
II. Seu significado 237
III. Sua manifestação 238
1. Na confissão de pecado 238
2. No abandono do pecado 239
IV. Seu modo 239
1. Pelo lado divino: outorgado por Deus 239
2. Pelo lado humano: realizado através de meios 240
V. Seus resultados 241
1. Alegria no Céu 241
2. Perdão 241
3. Recepção do Espírito Santo 242
C. *A Fé* 242
I. Sua importância 242
II. Seu significado 244
1. Fé natural: possuída por todos 244
2. Fé espiritual: possuída exclusivamente pelos crentes 244
(1) Em relação à salvação 244
(2) Em relação a Deus 245
(3) Em relação à oração 246
(4) Em relação às obras 247
(5) Em relação a seu possuidor 248
III. Seu modo 249
1. Pelo lado divino: originada do Deus Trino 249
2. Pelo lado humano: Assegurada pelo uso de meios 249
IV. Seus resultados 250
1. Salvação 250
2. Uma experiência cristã normal 251
3. Santas realizações 252
D *Justificação* 253
I. Seu significado 254
II. Seu escopo 225
1. Remissão de pecados 255
2. Atribuição da retidão de Cristo 255
III. Seu método 256

1. Negativamente considerado 256
(1) Não pelo caráter moral 256
(2) Não pelas obras da lei 256
2. Positivamente considerado 257
(1) Judicialmente, por Deus 257
(2) Causativamente, pela graça 257
(3) Meritória e manifestamente, por Cristo 257
(4) Medianeiramente, pela fé 258
(5) Evidencialmente, pelas obras 258
IV. Seus resultados 259
1. Liberdade de incriminação 259
2. Paz com Deus 259
3. Certeza e percepção de glorificação futura 259
E. *Santificação* 259
I. Seu significado 260
II. Seu período 261
1. Fase inicial: contemporânea da conversão 261
2. Fase progressiva: contemporânea da vida terrena do crente 262
3. Fase final: contemporânea da vinda de Cristo 263
III. Seu modo 263
1. Pelo lado divino: obra do Deus Trino 263
2. Pelo lado humano: realizada através de meios 264
F. *Oração* 265
I. Razão ou necessidade da oração 265
II. A habitação para a oração 267
III. As Pessoas a quem é dirigida a oração 270
IV. Objetos da oração 271
1. Nós mesmos 271
2. Nossos irmãos em Cristo 271
3. Obreiros cristãos 271
4. Novos convertidos 272
5. Os enfermos 272
6. As crianças 273
7. Os governantes 273
8. Israel 273
9. Os que nos maltratam 273
10. Todos os homens 274
V. Seu método 274
1. Ocasião 274
2. Lugar 275
3. Modo 275
VI Seus resultados 277
1. Grandes realizações 277
2. Respostas definidas 277
3. Cumprimento do propósito divino 277
4. Glorificação de Deus 277

CAPITULO OITAVO

A DOUTRINA DA IGREJA

A. *Seu Significado* 200
I. Na qualidade de organismo 200
II. Na qualidade de organização 201
B. *Sua Realidade, conforme apresentada:* 202
I. Em tipos e símbolos 202
1. O corpo com seus membros 202
2. A esposa em relação a seu esposo 283
3. O templo com seu alicerce e suas pedras 283
II. Nas declarações proféticas 284
1. A promessa da Igreja 284
2. A instrução prévia para a Igreja 284
III. Em descrição positiva 284
C. *Suas Ordenanças* 285
I. O Batismo 285
1. Ordenado por Cristo 285
2. Praticado pela Igreja primitiva 286
II. A Ceia do Senhor 286
1. Ordenada por Cristo 286
2. Observada pela Igreja primitiva 286
D. *Sua Missão* 287

CAPITULO NONO

A DOUTRINA DOS ANJOS

A. *Anjos* 289
I. Sua existência 291
1. Estabelecida pelo ensino do Antigo Testamento 291
2. Estabelecida pelo ensino do Novo Testamento 291
II. Suas características 292
1. Seres criados 292
2. Seres espirituais 293
3. Seres pessoais 293
4. Seres que não se casam 293
5. Seres imortais 293
6. Seres velozes 294
7. Seres poderosos 295
8. Seres dotados de inteligência superior 295
9. Seres gloriosos 295
10. Seres de várias patentes e ordens 296
11. Seres numerosos 297
III. Sua natureza moral 297
1. Todos foram criados santos 297
2. Muitos se mantiveram obedientes: confirmados em bondade 298

3. Muitos desobedeceram: confirmados na iniqüidade 298
IV. Suas atividades 299
1. Dos anjos bons 299
2. Dos anjos maus 300
B. *Satanás* 301
I. Sua existência 301
II. Seu estado original 302
1. Criado perfeito em sabedoria e beleza 302
2. Estabelecido no monte como querubim da guarda 303
3. Impecável em sua conduta 303
4. Elevado era seu coração de vaidade e falsa ambição 303
5. Rebaixado em seu caráter moral e deposto de sua exalta posição 303
III. Sua natureza 303
1. Personalidade 303
2. Caráter 304
IV. Sua posição — Muito exaltada 305
1. Príncipe da potestade do ar 305
2. Príncipe deste mundo 305
3. Deus deste século 306
V. Sua presente habitação 306
VI. Sua obra 307
1. Originou o pecado 307
2. Causa sofrimentos 307
3. Causa a morte 308
4. Atrai ao mal 308
5. Ilude os homens 308
6. Inspira pensamentos e propósitos iníquos 308
7. Apossa-se dos homens 308
8. Cega as mentes dos homens 309
9. Dissipa a verdade 309
10. Produz os obreiros da iniqüidade 309
11. Fornece energia a seus ministros 309
12. Opõe-se aos servos de Deus 310
13. Põe à prova os crentes 310
14. Acusa os crentes 310
15. Dará energia ao Anticristo 310
VII. Seu destino 311
1. Será perpetuamente amaldiçoado 311
2. Será tratado como inimigo derrotado que é 311
3. Será expulso dos lugares celestiais 311
4. Será aprisionado no abismo, por mil anos 311
5. Será solto pouco tempo, após o Milênio 311
6. Será lançado no lago do fogo 312
VIII. O Caminho do crente em relação a Satanás 312
1. Apropriar-se de seus direitos de redenção 312
2. Apropriar-se de toda a sua armadura 312

3. Manter o mais absoluto auto-domínio ... 313
4. Exercer vigilância incessante ... 313
5. Exercer resistência confiante ... 313
C. *Demônios* ... 313
I. Sua existência ... 314
1. Reconhecida por Jesus ... 314
2. Reconhecida pelos setenta ... 314
3. Reconhecida pelos Apóstolos ... 315
II. Sua natureza ... 315
1. Natureza essencial ... 315
2. Natureza moral ... 317
III. Suas atividades ... 318
1. Apossam-se dos corpos dos seres humanos e dos irracionais ... 318
2. Trazem aflição mental e física aos homens ... 318
3. Produzem impureza moral ... 318

CAPÍTULO DÉCIMO

A DOUTRINA DAS ÚLTIMAS COUSAS

A. *A Segunda Vinda de Cristo* ... 321
I. Sua realidade estabelecida ... 322
1. Pelo Testemunho dos Profetas ... 322
2. Pelo Testemunho de João Batista ... 322
3. Pelo Testemunho de Cristo ... 323
4. Pelo Testemunho dos Anjos ... 323
5. Pelo Testemunho dos Apóstolos ... 323
II. Seu caráter ... 325
1. Negativamente considerado ... 325
2. Positivamente considerado ... 328
III. Seu propósito ... 332
1. No tocante aos justos ... 332
2. No tocante aos ímpios ... 333
3. No tocante ao Anticristo ... 335
4. No tocante a Israel ... 339
5. No tocante às nações gentílicas ... 341
6. No tocante ao Reino davídico ... 342
7. No tocante a Satanás ... 344
IV. Seu valor prático ... 345
1. Doutrina de consolo para os santos enlutados ... 345
2. Bendita esperança para os que têm recebido a graça de Deus ... 345
3. Incentivo à vida santa ... 346
4. Motivo para uma vida de serviço fiel ... 347
B. *A ressurreição dos mortos* ... 348
I. Sua realidade ... 349
1. Ensinada no Antigo Testamento ... 349
2. Ensinada no Novo Testamento ... 350

II. Seu modo 352
1. Literal e corporal 352
2. Universal 352
3. Dupla 352
III. Características do corpo ressuscitado 353
1. Do crente 353
2. Do incrédulo 355
IV. Sua ocasião 356
1. Em relação aos crentes: antes do Milênio 356
2. Em relação aos incrédulos: depois do Milênio 356
C. *Os julgamentos* 356
I. Significado do julgamento divino 357
II. Sua realidade 357
1. Conforme ensinado no Antigo Testamento 357
2. Conforme ensinado no Novo Testamento 357
III. Personalidade do Juiz 358
1. Deus 358
2. Deus em Cristo 358
3. Santos como auxiliares 358
IV. Sua Ordem 359
1. O julgamento da Cruz 359
2. O julgamento atual da vida íntima do crente 360
3. O julgamento das obras do crente 360
4. O julgamento de Israel 362
5. O julgamento das nações vivas 363
6. O julgamento dos anjos caídos 364
7. O julgamento do Grande Trono Branco 364
D. *O destino futuro dos justos e dos ímpios* 365
I. O Céu em sua relação com o destino futuro dos justos 366
1. Sua realidade bíblica 366
2. Sua forma 367
3. Seus habitantes 368
4. Suas atividades 368
II. O Inferno em sua relação com o destino futuro dos ímpios 369
1. Sua realidade bíblica 369
2. Sua forma 370
3. Seus ocupantes 371
4. Sua duração 371

"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra de Deus."

II Tim. 2:15

• PERGAMINHO - [illegible]
• PAPIRO - [illegible]

CAPÍTULO UM

A DOUTRINA DAS ESCRITURAS

(BIBLIOLOGIA)

"As Sagradas Escrituras constituem o livro mais notável jamais visto no mundo. São de alta antigüidade. Contêm o registro de acontecimentos do mais profundo interesse. A história de sua influência é a história da civilização. Os melhores homens e os maiores sábios têm testemunhado de seu poder como instrumento de iluminação e santidade, e, visto que foram preparadas por homens que "falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo", a fim de revelar o "único Deus verdadeiro e Jesus Cristo a quem ele enviou", elas possuem por isso os mais fortes direitos a nossa consideração atenciosa e reverente." — Angus-Green.

Nossa atitude para com as Escrituras em si é que determina em grande parte os conceitos e as conclusões que tiramos de seus ensinamentos. Se as temos na conta de autoridade plena nos assuntos de que tratam, então suas afirmações positivas constituem para nós a única base da doutrina cristã.

A. Sua Canonicidade ou Autenticidade.

1. Significado.

Por canonicidade das Escrituras queremos dizer que, de acordo com padrões determinados e fixos, os livros incluídos nelas são considerados partes integrantes de uma revelação completa e divina, a qual, portanto, é autorizada e obrigatória em relação à fé e à prática.

A palavra "cânon" é de origem cristã e derivada do vocábulo grego "kanon", que por sua vez provavelmente veio emprestado do hebraico "kaneh", que significa junco ou vara de medir; daí tomou o sentido de norma ou regra. Mais tarde veio a significar regra de fé e, finalmente, catálogo ou lista. Gl 6.16.

"Deve ser compreendido, entretanto, que a canonização de um livro não significa que a nação judaica, por um lado, ou a Igreja Cristã, por outro, tenha dado a esse livro a sua autoridade; antes, significa que sua autoridade, já tendo sido estabelecida em outras bases suficientes, foi conseqüentemente reconhecida como de fato pertencente ao Cânon e assim declarado". — Gray.

"Deve se reconhecer que cada um dos livros canônicos possui uma qualidade que determinou sua aceitação. Foi percebida a sua origem divina, por isso foi aceito." "A canonização do livro importava em: 1) o reconhecimento de que seu ensino era, em sentido todo especial, divino; 2) a conseqüente atribuição ao livro, pela comunidade ou seus guias, de autoridade religiosa." — Angus-Green.

II. Provas.

As Escrituras não exigem credulidade cega por parte daqueles que as examinam a fim de estudá-las, mas, sim, crença inteligente fundamentada na base de fatos críveis.

1. O Cânon do Antigo Testamento.

"O Antigo Testamento não contém nenhum registro da canonização de qualquer livro ou coleção de livros, mas sempre reconhece os livros como possuidores de autoridade canônica."

"São falhas todas as teorias que consideram a canonização dos livros do Antigo Testamento como obra do povo. A autoridade canônica e seu reconhecimento são duas coisas distintas. Prova-se por três considerações que a decisão do povo não foi a causa da canonicidade.

1ª. Naqueles tempos, a autoridade não era considerada como proveniente do povo, mas sim de Deus. Tal teoria crítica colocaria à força o princípio da civilização moderna nos tempos antigos. A fim de que os livros fossem reconhecidos por Israel, era necessário possuírem autoridade canônica prévia, pelo contrário, Israel não os teria reconhecido. Eram canônicos pelo fato de ser divinamente inspirados e de possuir autoridade divina desde sua primeira promulgação.

2. Os dois relatos da assim-chamada canonização não o são propriamente. O que se refere ao livro de Deuteronômio no tempo de Josias, nada tem a ver com canonização. O livro era reconhecido como sendo já autorizado, por todos que o liam. Disse Hilquias a Safã: "Achei o Livro da Lei na casa do Senhor" (2 Rs 22.8). Safã leu o livro diante do rei Josias, que imediatamente rasgou suas vestes e ordenou uma consulta ao Senhor a respeito das palavras do livro, dizendo: "Grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós, porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem segundo tudo quanto de nós está escrito." Josias ajuntou o povo e leu diante dele o livro (2 Rs 23.1-2). Semelhantemente, o registro de Neemias 8 não é o da canonização de um livro. É claro que Esdras considerava o livro já canônico, caso contrário não teria feito tanta questão de lê-lo na assembléia solene do povo, que tinha a mesma opinião, pois pedira a Esdras que o lesse (Ne 8.1-3) e, "abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé", como evidência dessa autoridade. Sua aceitação era apenas o reconhecimento de uma autoridade já existente. A leitura teve por objetivo a instrução do povo.

3. No Antigo Testamento não há registro da aceitação formal pelo povo de nenhum dos livros pertencentes à segunda e terceira divisões do cânon. Não

obstante, esses livros eram evidentemente considerados canônicos. Fosse imprescindível ou a aceitação pelo povo, ou o endosso oficial pelos escribas para a canonização dos livros, o registro de tal ato seria uma parte importante de cada livro ou, pelo menos, de cada divisão do cânon. Mas não existe nenhum registro dessa natureza. A explicação óbvia é que os livros eram reconhecidos como canônicos desde o princípio". — Raven.

As Escrituras do Antigo Testamento são chamadas, dentre outros títulos, de "a lei e os profetas" (Mt 22.40; At 13.15; Rm 3.21).

(1) A Lei

a. **Aceitação demonstrada pelo lugar recebido no templo.**
(a) Tábuas da lei preservadas na arca da aliança.

Dt 10.5 — Virei-me, e desci do monte, e pus as tábuas na arca que eu fizera; e ali estão, como o Senhor me ordenou.
(b) Livro da lei conservado pelos levitas ao lado da arca.

Dt 31.24-26 — Tendo Moisés acabado de escrever integralmente as palavras desta lei num livro, deu ordem aos levitas que levaram a arca da aliança do Senhor, dizendo: Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca da aliança do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti.
(c) Escrituras achadas no Templo, nos dias de Josias.

2 Rs 22.8 — Então disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o livro da Lei na casa do Senhor. Hilquias entregou o livro a Safã, e este o leu.

b. **Aceitação demonstrada pelo reconhecimento de sua autoridade.**
(a) A lei devia ser lida na presença do povo cada sete anos.

Dt 31.10-13 — Ordenou-lhes Moisés, dizendo: Ao fim de cada sete anos, precisamente no ano da remissão, na festa dos tabernáculos, quando todo o Israel vier a comparecer perante o Senhor teu Deus, no lugar que este escolher, lerás esta lei diante de todo o Israel. Ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos, e o estrangeiro que está dentro da vossa cidade, para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei; para que seus filhos, que não a souberam, ouçam, e aprendam a temer ao Senhor vosso Deus, todos os dias que viverdes sobre a terra à qual ides, passando o Jordão, para a possuir.
(b) O povo era exortado a obedecê-las.

2 Cr 17.9 — Ensinaram em Judá, tendo consigo o livro da lei do Senhor; percorriam todas as cidades de Judá, e ensinavam ao povo.
(c) O rei devia ter uma cópia para regular suas decisões.

Dt 17.18-20 — Também, quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. E o terá consigo, e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda

a temer ao Senhor seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei, e estes estatutos, para os cumprir. Isto fará para que o seu coração não se eleve sobre os seus irmãos, e não se aparte do mandamento, nem para a direita nem para a equerda; de sorte que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel.

(d) Josué havia de lê-las.

Js 1.8 — Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido.

(e) Base do julgamento divino dos reis.

I Rs 11.38 — Se ouvires tudo o que eu te ordenar, e andares nos meus caminhos, e fizeres o que é reto perante mim, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos, como fez Davi, meu servo, eu serei contigo, e te edificarei uma casa estável, como edifiquei a Davi, e te darei Israel.

(f) O cativeiro de Israel e Judá foi motivado pela desobediência às Escrituras.

Ne 1.7-9 — Temos procedido de todo corruptamente contra ti, não temos guardado os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos, que ordenaste a Moisés teu servo. Lembra-te da palavra que ordenaste a Moisés teu servo, dizendo: Se transgredirdes, eu vos espalharei por entre os povos; mas se vos converterdes a mim e guardardes os meus mandamentos, e os cumprirdes, então, ainda que os vossos rejeitados estejam pelas extremas do céu, de lá os ajuntarei e os trarei para o lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome.

(g) Reconhecidas pelos cativos que retornaram.

Ed. 3.2 — Levantou-se Jesua, filho de Jozadaque, e seus irmãos, sacerdotes, e Zorobabel, filho de Sealtiel, e seus irmãos, e edificaram o altar, do Deus de Israel, para sobre ele oferecerem holocaustos, como está escrito na lei de Moisés, homem de Deus.

(2) Os Profetas

a. **Aceitação demonstrada pelo fato de serem os Profetas colocados em pé de igualdade com a Lei.**

"Os profetas salientavam a lei (Is 1.10), mas consideravam suas próprias palavras igualmente obrigatórias. A desobediência aos profetas era igualmente digna de castigo (2 Rs 17.13)." — Raven.

b **Aceitação demonstrada pela referência de Daniel a declarações proféticas preservadas em livros.**

Dn 9.2 — No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos.

(3) **Prova suplementar do Novo Testamento**

a. **Referência de Cristo às Escrituras, como existentes e autorizadas.**

Mt 22.29 — Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.

V. A. — Jo 5.39; 10.35; Mt 23.35; Lc 24.44.

b. **Referência dos apóstolos às Escrituras, como dotadas de origem e autoridade divinas.**

2 Tm 3.16 — Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça.

V. T. — 2 Pe 1.20,21.

2. O Cânon do Novo Testamento.

(1) **Composto de livros escritos pelos Apóstolos ou recebidos como possuidores de autoridade divina na era apostólica.**

Jo 16.12-15 — Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

V. A. — 2 Pe 3.15,16; Jo 14.26.

(2) **Composto de livros colocados em nível de autoridade não atingido por quaisquer outros livros.**

1 Ts 2.13 — Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.

(3) **Composto de livros que dão evidência de sua própria origem.**

Cl 1.1,2 — Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, aos santos e fiéis irmãos em Cristo que se encontram em Colossos: Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso Pai.

V. A. — Rm 1.1,7.

(4) **Composto de livros endossados e aprovados pela consciência cristã universal.**

(5) **Composto de livros a respeito dos quais foi dado discernimento espiritual à Igreja para capacitá-la a discriminar entre o falso e o verdadeiro.**

"Foi depois de um período considerável de tempo, a contar da ascensão do Senhor, que foi escrito, em realidade, qualquer dos livros contidos no cânon do Novo Testamento.

"A obra primária e mais importante dos apóstolos era a de dar testemunho pessoal dos fatos básicos da história evangélica. O ensino deles foi inicialmente oral, mas, no decurso do tempo, muitos procuraram dar forma escrita a esse Evangelho oral. Enquanto os apóstolos ainda viviam, não era urgente a necessidade de registros escritos das palavras e ações de nosso Senhor. Mas, quando chegou o tempo de serem eles removidos do mundo, tornou-se extremamente importante que fossem publicados registros autoritativos. Assim, vieram à existência os Evangelhos.

"Os fundadores das igrejas, freqüentemente impossibilitados de visitá-las pessoalmente, desejavam entrar em contacto com seus convertidos no propósito de aconselhá-los, repreendê-los e instruí-los. Assim surgiram as Epístolas.

"A perseguição movida por Diocleciano (302 D.C.) pôs em evidência a questão da literatura sagrada da Igreja. Os perseguidores exigiram que fossem abandonadas as Escrituras. A isso se negaram os cristãos. Então tornou-se urgente a pergunta: Que livros são apostólicos? A resposta está em nosso Novo Testamento. Pesquisas cuidadosas, regadas por oração, aprimoradas, mostraram quais livros eram genuínos e quais eram falsos. Assim surgiu o cânon do Novo Testamento." — Evans.

D. D. — Os livros das Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, conforme os possuímos hoje, têm sido aceitos pela Igreja durante toda a era cristã como aqueles que compreendem a revelação completa vinda de Deus, e também que foram escritos pelos autores humanos aos quais são atribuídos.

B. Sua Veracidade.

I. Significado.

Por veracidade das Escrituras queremos dizer que seus registros são verazes, e que assim podem ser aceitos como declarações dos fatos.

O caráter canônico das Escrituras, incluindo a genuinidade de sua autoria, fica assim demonstrado como fato estabelecido; porém, a questão de sua veracidade ainda precisa ser corroborada. Um livro pode ser genuíno quanto à sua autoria, e, contudo, não ser crível quanto ao seu conteúdo. Por exemplo, entre as obras de ficção, possuímos as de Dickens, Shakespeare e Stevenson, com provas incontestáveis de sua autoria. Nenhuma pessoa inteligente, entretanto, tentaria estabelecer a veracidade de suas narrativas. São universalmente reconhecidas como ficção. Será esse o caso da Bíblia, ou ela é ao mesmo tempo genuína e veraz?

II. Provas.

A veracidade de qualquer afirmação ou série de afirmações pode ser testada mediante comparação com os fatos, desde que tais fatos estejam disponíveis. A ve-

racidade das afirmações bíblicas pode ser e tem sido testada mediante fatos descobertos pela investigação científica e pela pesquisa histórica.

1. Estabelecida por considerações negativas.

(1) Não contradizem quaisquer fatos científicos bem estabelecidos.

Quando corretamente interpretadas, suas afirmações se harmonizam com todos os fatos conhecidos a respeito da constituição física do universo e com o mistério dos mundos planetário e estelar; com a constituição do homem e com sua complexa natureza e seu ser; com a natureza dos animais inferiores, e com suas várias espécies na escala da existência; com a natureza das plantas e com o mistério da vida vegetal; e com a constituição da terra e suas formas e forças materiais.

Freqüentemente é levantada a questão da exatidão científica das afirmações bíblicas. Algumas vezes essa questão é alijada com a alegação que a Bíblia não é um livro científico. Apesar, porém, de ser verdade que a Bíblia não tem como tema uma questão secundária como a ciência natural, mas antes, trata da história da redenção, inclui, contudo, em seu escopo, todo o campo da ciência. Em todas as suas afirmações, portanto, a Bíblia deve falar e realmente fala com exatidão.

(2) Não contradizem as conclusões filosóficas geralmente apoiadas concernentes aos fatos do universo.

A Bíblia se opõe a certo número de conceitos filosóficos do mundo e refuta-os: o ateísmo, o politeísmo, o materialismo, o panteísmo e a eternidade da matéria (Gn 1.1); porém, não entra em conflito ou debate com aqueles pontos de vista que têm sido provados como cientificamente sãos.

2. Estabelecida por considerações positivas.

(1) Integridade topográfica e geográfica.

As descobertas arqueológicas provam que os povos, os lugares e os eventos mencionados nas Escrituras são encontrados justamente onde as Escrituras os localizam, no local exato e sob as circunstâncias geográficas exatas descritas na Bíblia.

O dr. Kyle diz que os viajantes não precisam de outro guia além da Bíblia quando descem pela costa do Mar Vermelho, ao longo do percurso seguido no Êxodo, onde a topografia corresponde exatamente à que é dada no relato bíblico.

"Sir William Ramsey, que iniciou suas explorações na Ásia Menor como pessoa que duvidava da historicidade do livro de Atos, dá testemunho da sua maravilhosa exatidão quanto às particularidades geográficas, conhecimento das condições políticas, que somente alguém vivo naquela época e presente em cada localidade poderia saber. Ficou ele tão impressionado com esses fatos que se tornou ardente advogado da historicidade do livro de Atos." — Hamilton.

(2) Integridade etnológica ou racial.

Todas as afirmações bíblicas concernentes às raças a que se referem, têm sido demonstradas como harmônicas com os fatos etnológicos revelados pela arqueologia.

"Trata-se de fato bem confirmado pela pesquisa arqueológica que, sempre que as Escrituras mencionam um povo ou suas relações raciais, sua origem ou seus costumes, ou afirmam que governaram ou serviram outras nações, ou se trate de outro fato qualquer, pode-se confiar que essas afirmações estão exatamente de acordo com as revelações da arqueologia. Por conseguinte, a única teoria que um historiador pode sustentar, em face de tais fatos, é que o autor da genealogia dos povos, em Gênesis 10, deve ter tido diante de si, quando escrevia, informações originais de primeira ordem." — Hamilton.

(3) Integridade cronológica.

A identificação bíblica de povos, lugares e acontecimentos com o período de sua ocorrência é corroborada pela cronologia síria e pelos fatos revelados pela arqueologia.

A Bíblia possui um sistema real pelo qual fica demonstrado como correto o período ao qual é atribuído cada acontecimento, ficando também demonstrado que a ordem dos acontecimentos é a ordem correta de sua ocorrência, e que as circunstâncias acompanhantes são corretamente colocadas no tempo e dispostas. Os primeiros elementos de uma história digna de confiança são encontrados nos documentos bíblicos. Os lugares onde se afirma que os acontecimentos ocorreram, são localizados com exatidão; os povos mencionados nesta ou naquela localidade, estavam realmente ali; e o tempo dos acontecimentos registrados é o tempo exato em que devem ter acontecido. Isso fornece o arcabouço da história inteira do Antigo Testamento.

(4) Integridade histórica.

O registro bíblico dos nomes e títulos dos reis está em harmonia perfeita com os registros seculares, conforme estes têm sido trazidos à luz pelas descobertas arqueológicas.

O Dr. R. D. Wilson, professor de línguas semíticas, diz que os nomes de quarenta e um dos reis citados nominalmente no Antigo Testamento, desde o tempo de Abraão até o fim do período do Antigo Testamento, também são encontrados nos documentos e inscrições contemporâneos, escritos no tempo daqueles reis e geralmente sob a orientação dos mesmos, em seus próprios idiomas.

(5) Integridade canônica.

A aceitação pela Igreja em toda a era cristã, dos livros incluídos nas Escrituras que hoje possuímos, representa o endosso de sua integridade.

a. Concordância de exemplares impressos, do Antigo e do Novo Testamentos datados de 1488 e 1516 D.C., com exemplares impressos atuais das Escrituras.

"Esses exemplares impressos, ao serem comparados, concordam nos seus aspectos principais com as Escrituras impressas que possuímos hoje em dia, e assim provam,

de uma só vez, que tanto o Antigo como o Novo Testamentos, na forma em que os possuímos agora, já existiam há quatrocentos anos passados." — Evans.

b. Aceitação da integridade canônica à base de 2000 manuscritos bíblicos possuídos por eruditos no século XV, em confronto com a aceitação de escritos seculares à base de uma ou duas dezenas de exemplares.

"Quando essas Bíblias foram impressas, certo erudito tinha em seu poder mais de 2.000 manuscritos. Kennicott reuniu 630 manuscritos e DeRossi mais 744, para a edição crítica da Bíblia hebraica. Acima de 600 outros manuscritos foram coligidos para a edição do Novo Testamento grego. Esse número é sem dúvida suficiente para estabelecer a genuinidade e autenticidade do texto sagrado. Têm servido para restaurar ao texto sua pureza original, e também nos fornecem absoluta certeza e proteção contra corrupções futuras.

"A maioria desses manuscritos foram escritos entre 1.000 e 1.500 D.C. Alguns remontam ao século IV. O fato de não possuirmos manuscritos anteriores ao século IV explica-se sem dúvida pela destruição em massa dos livros sagrados no ano de 302 D.C. por ordem do imperador Diocleciano." — Evans.

c. Confirmação por parte das quatro Bíblias mais antigas, datadas entre 300 e 400 D.C. e escritas em diferentes partes do mundo, que em conjunto contêm as Escrituras como as possuimos atualmente.

D. D. — O conteúdo verídico das Escrituras tem sido plenamente comprovado apelando-se para os registros seculares e para os fatos reais revelados pela pesquisa científica.

C. Sua Inspiração ou Autoridade Divina.

1. Significado.

Por inspiração das Escrituras queremos dizer que os escritores foram de tal modo capacitados e dominados pelo Espírito Santo, na produção das Escrituras, que estas receberam autoridade divina e infalível.

Há diferença entre a afirmativa da inspiração e a da integridade. Em referência à primeira, as Escrituras afirmam ser a palavra de Deus no sentido de que suas palavras, embora escritas por homens e trazendo as marcas indeléveis de sua autoria humana, foram escritas, não obstante, sob influência do Espírito Santo a ponto de serem também as palavras de Deus, a expressão adequada e infalível de Sua mente e vontade para conosco. Embora o Espírito Santo não tenha escolhido as palavras para os escritores, é evidente que Ele as escolheu por intermédio dos escritores.

"Assim sendo, a credibilidade da Bíblia significa somente que ela se situa entre os melhores registros históricos de produção humana, enquanto que a inspiração da Bíblia subentende que, ainda que se assemelhe a tais registros históricos, pertence ela a uma categoria inteiramente distinta; e que, diferentemente de

todos os demais escritos, ela não é apenas geralmente digna de fé, mas não contém erros e é incapaz de erro; e que assim é porque se distingue absolutamente de todos os outros livros, visto que em si mesma, em cada uma de suas palavras, é a própria palavra de Deus." — Green.

II. Provas.

Os sinais do que é divino sempre podem se distingüir, visto que evidenciam aquilo que é acima do natural. Assim, as Escrituras se distinguem de todas as produções humanas pelo fato de possuírem características que tornaram necessária a sua classificação como sobrenaturais e divinas.

1. O Testemunho da Arqueologia — Evidência Corroborativa da Pá e da Picareta Quanto à Exatidão das Escrituras.

O testemunho da arqueologia, quanto à veracidade ou integridade das Escrituras, também pode ser considerado como evidência que corrobora sua inspiração. Se as Escrituras devem ser reputadas como declarações da verdade, sem qualquer mistura de erro, então seu testemunho a respeito de sua própria inspiração pode ser aceito como digno de confiança. As citações abaixo ilustram o testemunho da arqueologia quanto à exatidão dos registros bíblicos.

"Há quem imagine que a história de Abraão não deve ser crida mais que a história de Aquiles, de Enéias ou do rei Arthur; mas a verdade é que têm sido trazidos à luz documentos escritos no tempo de Abraão e na terra onde ele cresceu. Foi descoberta a cidade onde ele nasceu; os detalhes de sua viagem ao Egito conforme se conhece agora dão todas as evidências de historicidade, e temos provas grandemente confirmatórias a respeito de sua famosa batalha contra os reis confederados, mencionada em Gn 14. Até mesmo Melquisedeque, com quem Abraão se encontrou, não é mais o mistério que era conforme demonstram as tabuinhas de barro de Tel el-Amarna." — Gray.

"A cidade tesouro, Piton, edificada para Ramsés II, pelo trabalho escravo dos hebreus, durante o tempo de sua dura escravidão no Egito (Êx 1.11), foi recentemente desenterrada perto de Tel-el-Kebir; e as paredes das casas, segundo se verificou, foram feitas de tijolos secos ao sol, alguns com palhas e outros sem palhas, exatamente de acordo com Êx 5.7, escrito há 3.5000 anos: 'Daqui em diante não torneis a dar palha ao povo, para fazer tijolos. . .' " — Collett.

"Explorações recentes têm esclarecido certas questões importantes refererentes às jornadas pelo deserto. Por exemplo, o ponto de travessia do Mar Vermelho; o verdadeiro caráter do deserto; a localização da transmissão da lei; de Cades-Barnéia e outros lugares importantes. Muita luz tem sido projtada sobre a história e o caráter de diversos dos povos que habitavam na terra de Canaã, especialmente os heteus e amorreus, revelando o motivo da ira de Deus contra eles devido à sua repulsiva iniqüidade, e mostrando a necessidade da intervenção sobrenatural para que os israelitas pudessem triunfar sobre eles." — Gray.

Outro caso é a menção, feita no livro de Daniel, ao rei Belsazar, onde aparece como rei dos caldeus. Até bem recentemente não se encontrava tal nome em toda a história caldaica ou antiga, embora houvesse uma lista aparentemente completa de reis babilônicos, não permitindo espaço para a inserção de qualquer outro nome. Nessa lista aparece o nome de Nabonidos, o rei que em realidade reinava no tempo que a Bíblia atribui ao reinado de Belsazar.

Em 1854, Sir Henry Rawlinson descobriu, em Ur dos Cadeus, alguns cilindros de terracota, contendo uma inscrição do acima mencionado Nabonidos, na qual ele faz menção de "Belsazar, meu filho mais velho". Não obstante, permanecia ainda uma dificuldade: Como é que ele podia ter sido rei dos caldeus, se todos os registros antigos mostram que seu pai, Nabonidos, foi o último monarca reinante?

"Em 1876, trabalhadores sob as ordens de Sir Henry Rawlinson estavam a escavar em uma antiga região da Babilônia quando descobriram algumas jarras cheias de mais de duas mil tabuinhas de barro com inscrições cuneiformes. Uma delas continha uma narração oficial, por um personagem que não era menos que Ciro, rei da Pérsia, a respeito da invasão da Babilônia, e na qual, após afirmar que Nabonidos primeiramente fugiu e depois foi aprisionado, acrescenta que, certa noite, o rei morreu. Ora, visto que Nabonidos, que fora feito prisioneiro, viveu por tempo considerável após a queda da Babilônia, esse 'rei' não pode ter sido outro senão Belsazar, sobre quem a antiga mas desacreditada Bíblia registrara há muito: 'Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus'. É evidente que Belsazar servia de regente, durante a ausência de seu pai. Dessa forma veio à luz o fato que Nabonidos e Belsazar, seu filho, estavam ambos reinando ao mesmo tempo, o que explica a oferta de Belsazar a Daniel, de fazer deste o terceiro no reino (Dn 5.16), uma vez que Nabonidos era o primeiro, e Belsazar, o regente, era o segundo." — Collett.

2 O Testemunho da Bíblia — Provas Internas de Sua Origem Divina.

(1) Sua unidade.

"A unidade da Bíblia é sem paralelo. Nunca, em qualquer outro lugar, se uniram tantos tratados diferentes, históricos, biográficos, éticos, proféticos e poéticos, para perfazer um livro, assim como todas as pedras lavradas e as tábuas de madeira compõem um edifício ou, melhor ainda, como todos os ossos, músculos e ligamentos se combinam em um corpo. Isso também, além de ser um fato incontestável, não tem paralelo na literatura, visto que todas as condições, humanamente falando, não apenas são desfavoráveis, mas fatias a tal combinação.

"Há sessenta e seis livros, escritos por quarenta diferentes homens vindos de várias condições e níveis de vida, possuidores de diversos graus de cultura, desde pastores até estadistas. Esses livros foram escritos em três idiomas diferentes, durante um período que abrange mais de 16 séculos. Os assuntos sobre os quais esses livros versam são diversos e variados; não obstante, há uma unidade doutrinária e estrutural que permeia o todo. Apesar dos elementos divergentes, foi produzido

essencialmente um livro. Não é apenas a Bíblia, em seu conjunto, um fenômeno que não conhece rival, mas todas as suas características são fenomenais, e nenhuma se destaca mais que essa convergência de conteúdo, como raios que se concentram num ponto comum.

"Grandes catedrais, como as de Milão e Colônia, precisaram de séculos para serem edificadas. Centenas e milhares de trabalhadores foram empregados. Certamente ninguém necessita ser informado que por trás do trabalho desses edificadores havia algum arquiteto que construiu mentalmente esse templo, antes de ser lançada a pedra fundamental, e que esse arquiteto, antes de mais nada, traçou os planos e forneceu até mesmo especificações minuciosas, de modo que a estrutura deve sua simetria inigualável, não aos trabalhadores braçais que fizeram o trabalho bruto, mas àquele único arquiteto, o cérebro da construção, que planejou a catedral em sua totalidade.

"A Bíblia é uma majestosa catedral. Muitos edificadores humanos, cada um por sua vez, contribuíram para a estrutura. Mas, quem é o arquiteto? Que mente una foi aquela que planejou e enxergou o edifício completo, antes que Moisés tivesse escrito aquelas primeiras palavras do Gênesis, as quais, não por acidente, mas tendo o propósito de gravar o nome do arquiteto no vestíbulo, são estas: 'No princípio Deus'?" — Pierson.

(2) Suas exposições sem igual.

"O que as Escrituras têm a dizer sobre todos os seus temas principais é tão contrário aos pensamentos e idéias de todas as classes de homens que somos obrigados a concluir que é impossível que a mente humana as tenha inventado." — Pink.

a. Em relação a Deus: infinito, soberano, triuno, santo e cheio de amor.

Is 6.1-3 — No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

V. A. — Dn 4.35; Hb 1.10-12; 2 Co 13.14.

"Este conceito transcende totalmente o entendimento do intelecto finito e, portanto, não pode ter nascido ali. Nenhum homem ou conjunto de homens jamais inventou um Deus como este." — Pink.

b. Em relação ao homem: condenável pelo seu caráter corrompido e seu procedimento pecaminoso.

"A Bíblia apresenta como indescritivelmente terrível a condenação eterna do pecador que rejeita a Cristo. Ensina-a com clareza e destaque. Ora, qual o homem pecador que iria inventar para si mesmo semelhante desgraça? A doutrina

bíblica do castigo eterno é, portanto, mais uma evidência da origem e autoria sobrenaturais do Livro." — Pink.

Rm 3.10-12 — Como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.

V. A. — Jr 17.9.

V. T. — Ef 4.18.

Diferentemente dos demais livros, a Bíblia condena o homem e todos os seus feitos. Semelhante descrição da natureza caída jamais teria sido inventada pela mente humana. O homem não pintaria de si próprio um quadro tão condenatório.

c. **Em relação ao mundo (sistema mundano) como mau e oposto a Deus.**

1 Jo 2.15-17 — Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

V. A. — Gn 6.5; Tg 1.13-15.

"Os homens consideram o pecado uma infelicidade e sempre procuram diminuir-lhe as enormes proporções. Diferentemente de todos os outros livros, a Bíblia desnuda o homem de todas as desculpas e salienta sua culpabilidade." — Pink.

d. **Em relação ao castigo contra o pecado — como proporcional à sua hediondez e culpa.**

Ez 18.4 — Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.

V. A. — Rm 6.23; Lc 12.47,48; Sl 62.12; Jr 25.14; Rm 2.6.

"Que homem ou homens pecadores jamais inventaram uma condenação tão indescritivelmente terrível como aquela que, segundo a Bíblia declara, aguarda toda a pessoa que rejeita a Cristo? E o fato que o Castigo Eterno é ensinado na Bíblia, ensinado clara e proeminentemente, é outra das muitas evidências de sua origem e autoria sobrenaturais." — Pink.

e. **Em relação à salvação do pecado — como absolutamente independente de mérito humano e baseada exclusivamente nos méritos de Cristo.**

Rm 3.20,24 — Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado... sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.

V. A. — Gl 2.16; Tt 3.5; Ef 2.8,9.

A independência e justiça própria do homem o desviaria de estabelecer um conceito da salvação como o que se acha nas Escrituras, a saber, pela graça, mediante a expiação providenciada por Deus.

(3) A profecia e seu cumprimento.

"Ninguém senão Deus pode predizer com certeza o futuro; portanto, se pudermos demonstrar que a Bíblia contém numerosas predições que se cumpriram literalmente, pelo menos não poderemos duvidar que esse Livro veio da parte de Deus." — Boddis.

a. Referente aos judeus.

2 Rs 21.11-15 (ver especialmente o vers. 14) — Abandonarei o resto da minha herança, entregá-lo-ei na mão de seus inimigos; servirá de presa e despojo para todos os seus inimigos.

2 Cr 36.6 — Subiu, pois, contra ele Nabucodonosor, rei da Babilônia, e o amarrou com duas cadeias de bronze, para o levar a Babilônia. Também alguns dos utensílios da casa do Senhor levou Nabucodonosor para a Babilônia, onde os pôs no seu templo.

V. A. — Mt 24.34,35.

"Toda a história judaica dá testemunho da verdade das sagradas Escrituras. A continuação da existência dos judeus como povo separado prova que as profecias a eles concernentes foram, verdadeiramente, dadas por Deus. Se lermos as Escrituras em confronto com a história secular dos judeus, descobriremos que a profecia e a história se adaptam uma à outra como uma luva se adapta à mão." — Boddis.

Isso é verdade tanto da história atual como da mais remota.

b. Referente aos gentios.

Daniel 2 — A imagem colossal — parcialmente cumprida na história da Babilônia, da Média-Pérsia, da Grécia e de Roma.

V. A. — Jl 3.12; Mt 25.31,32.

Estudantes da Bíblia, dignos de confiança, têm crido que a história dos três primeiros desses impérios tem sido o desdobramento do quadro profético acima. Um cumprimento parcial da profecia concernente ao último império também é historicamente verídico, porém grande parte dessa profecia espera uma realização futura e mais completa.

A respeito de Roma, diz o Dr. Boddis: "Poderia o mais sábio dos profetas ter previsto que uma comunidade relativamente insignificante, nas margens do rio Tibre, se tornaria o poderoso império de ferro, cujo poder partiria a terra em pedaços? Poderia ele, sem o auxílio do poder divino, ter previsto que esse grande império

viria a dividir-se em duas partes, oriental e ocidental, para nunca mais serem unidas? Que homem, mesmo vivendo nos dias de Antíoco, poderia ter sabido que, em sua última etapa, esse império consistiria de diversos reinos, nos quais se reuniria a democracia e o poder imperial? Até o presente a profecia vem se cumprindo literalmente. Apenas uma parte é ainda futura: a manifestação final dos dez dedos dos pés e o derrubamento da imagem pela pedra."

c. **Referente a nosso Salvador.**

"O Antigo Testamento está repleto de Jesus. Toda a profecia O tem como tema. As Escrituras nos fornecem a linha da ascendência do Messias. Ele havia de ser da semente da mulher, da raça de Sem, da linhagem de Abraão, por meio de Isaque e Jacó (e não de Ismael ou Esaú), da tribo de Judá e da família de Davi." "Encontramos também a previsão de toda a Sua vida e ministério. O lugar de Seu nascimento, Seu nascimento miraculoso de uma virgem, Sua ida ao Egito, Seu precursor, o caráter de Seu ministério, Sua entrada em Jerusalém montado em jumento, a traição de que foi vítima, Seu julgamento e crucificação, Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão, Sua segunda vinda e Seu reino — tudo foi predito em termos inequívocos, do Gênesis a Malaquias."

"Tem sido calculado por estudiosos que mais de trezentos detalhes proféticos foram cumpridos em Cristo. Aqueles que ainda não foram cumpridos se referem à Sua segunda vinda e ao Seu reino, ainda futuros. Poderia essa profusão de profecias messiânicas ter cumprimento numa única pessoa, se não viesse de Deus? Como são verdadeiras as palavras das Escrituras: '...jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo." — Boddis.

(4) Suas próprias declarações.

2 Tm 3.16 — Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça.

V. A. — 2 Sm 23.1,2; 2 Pe 1.20,21.

A Bíblia, cuja genuinidade tem sido estabelecida e cuja credibilidade tem sido comprovada, declara sua própria inspiração e autoridade divinas.

3. O Testemunho de Cristo — Evidência Confirmatória das Declarações das Escrituras, por Ele e por meio dEle.

A vida e o ministério inteiros de Jesus, juntamente com Sua ressurreição, põem o selo confirmatório sobre a inspiração e a autoridade divinas das Escrituras.

(1) Suas palavras.

Lc 24.44,45 — A seguir Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.

V. A. — Lc 24.25-27; Jo 10.35; Mt 15.3,6; 5.18.

"Sempre que o Senhor se referia às Escrituras, invariavelmente o fazia em termos calculados para inspirar a maior confiança possível em cada uma de Suas palavras. E o registro inteiro de Sua vida não fornece uma única exceção a essa regra."

— Collett.

Ele chamou os livros do Antigo Testamento de "a Escritura" que "não pode falhar". Também falou das verdades que ainda "hão de ser reveladas" e forneceu instruções concernentes ao Espírito Santo, por meio de Quem seria dada essa revelação (Jo 16.13,14).

(2) Suas obras.

Mt 11.4,5 — E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos vêem, os coxos andam, o leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.

Is 61.1 — O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados.

V. T. — Jo 14.11; 10.41.

O testemunho das palavras de Jesus, quanto à inspiração das Escrituras, é sustentado e suplementado pelo testemunho de Suas obras. Suas afirmações da autoridade divina das Escrituras foram consubstanciadas por essas credenciais de Seu poder divino.

A revelação, em distinção à manifestação de Deus no curso da natureza e aos feitos ordinários da providência, em Sua própria concepção é miraculosa. O fato da presença e da agência mais imediata de Deus, em conexão com a doutrina cristã, é transmitido aos sentidos por meio de obras de poder sobrenatural. Essas obras corroboram a evidência fornecida pela própria doutrina, o que é visto em seus frutos. Os milagres são auxílios à fé. Produzem o efeito decisivo de convencer aqueles que estão impressionados com a evidência moral. Assim eram considerados por Jesus. Os milagres e a doutrina são tipos de provas que mutuamente se apóiam.

(3) Sua ressurreição.

At 17.31 — Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

V. T. — Sl 16.10,11; Rm 1.4; 1 Pe 1.21.

Na ressurreição de Cristo temos o milagre por excelência do Novo Testamento, e seu valor como evidência é muito acentuado. Fornece prova positiva de que

Jesus Cristo é o que afirmava ser. Desse modo Ele foi declarado Filho de Deus dotado de poder. Fornece também endosso de tudo que Cristo apoiou, consubstanciando e corroborando todas as Suas declarações e ensinamentos a respeito de Sua própria pessoa e das Escrituras. Portanto, se Cristo ensinou que as Escrituras são inspiradas, como realmente o fez, então Sua ressurreição confirmou a veracidade desse ensino.

4. O Testemunho das Vidas Transformadas — Sua Influência sobre o Caráter e a Conduta.

O propósito de Deus na redenção, conforme revelado pelas Escrituras, é restaurar os homens a Deus, dos quais Ele se havia alienado por causa do pecado, não apenas judicialmente mas também experimentalmente, a fim de proporcionar ao homem não apenas a posição de justo, mas também o estado de justiça — "...a fim de remir-nos de toda iniqüidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras". Foi atingido esse alvo? A história da Igreja Cristã responde afirmativamente. Saulo, o perseguidor, foi transformado em Paulo, o apóstolo. João Bunyan, João Newton, Wesley e Spurgeon, no passado, e o coronel Clark, Jerry McCauley e S. H. Hadley em nossa própria geração, homens em cujas vidas a graça de Deus se tem corporificado e expressado, demonstram que assim é. Essa realização dos propósitos declarados das Escrituras provam sua inspiração.

D. D. — Que as Escrituras têm origem divina, ou seja, a autoridade e inspiração de Deus, é demonstrado pelo testemunho conjunto da arqueologia e das Escrituras, incluindo o testemunho de Cristo, registrado e evidenciado pela transformação de vidas humanas.

Perguntas para Estudo: a Doutrina das Escrituras

1. Defina canonicidade e mostre a derivação da palavra "cânon".
2. Discorra sobre as três provas de que a canonização não dependia do povo. Esboce as provas da canonicidade da Lei dos Profetas. Forneça provas suplementares no Novo Testamento.
3. Dê a prova de cinco facetas da genuinidade do cânon do Novo Testamento.
4. Dê a Declaração Doutrinária sobre a Canonicidade.
5. Defina a integridade das Escrituras.
6. Pode um livro ser genuíno quanto à sua autoria, mas não ser crível quanto ao seu conteúdo? Ilustrar.
7. Que considerações negativas estabelecem a integridade das Escrituras? Discorra sobre o assunto.
8. Discorra por extenso sobre a prova positiva de cinco aspectos, da integridade das Escrituras.

9. Defina a inspiração das Escrituras.

10. Faça a distinção entre a inspiração e a integridade.

11. Discorra sobre o testemunho da arqueologia à inspiração das Escrituras, e cite três ilustrações da exatidão do registro bíblico.

12. Discorra sobre a unidade da Bíblia como prova interna de sua origem divina.

13. Discorra sobre cinco exposições das Escrituras, as quais, por não terem paralelo, não podem ser de origem humana.

14. Discorra sobre a profecia e seu cumprimento como prova interna da inspiração.

15. Cite uma passagem na qual a Bíblia declara sua própria inspiração.

16. Discorra sobre o testemunho de Cristo à origem divina das Escrituras.

17. Discorra sobre o testemunho das vidas transformadas à inspiração das Escrituras.

18. Dê a Declaração Doutrinária sobre a Inspiração das Escrituras.

CAPITULO DOIS

A DOUTRINA DE DEUS

(TEOLOGIA)

A O Fato de Deus.

"Se existe ou não uma suprema inteligência pessoal, infinita e eterna, onipotente, onisciente e onipresente, o Criador, Sustentador e Governante do universo, imanente em tudo ainda que transcendendo a tudo, gracioso e misericordioso, o Pai e Remidor da humanidade, é sem dúvida o mais profundo problema que possa agitar a mente humana. Jazendo à base de todas as crenças religiosas do homem, está ligado não apenas à felicidade temporal e eterna do homem, mas também ao bem-estar e progresso da raça." — Whitelaw.

A existência de Deus é uma premissa fundamental das Escrituras, que não tecem argumentos para afirmá-la ou comprová-la. Por conseguinte, nossa principal base para a crença na realidade de Deus se encontra nas páginas da Bíblia. A Bíblia, portanto, não se destina ao ateu, que nega a existência de Deus, nem ao agnóstico declarado, que nega a possibilidade de saber se existe Deus ou não. Também não tem valor para o incrédulo que rejeita a revelação de Deus e, por isso mesmo, o Deus da revelação. O ateu rejeita o conceito de Deus por não ser capaz de descobri-lO no universo material. Deus, porém, sendo Espírito, não pertence à categoria da matéria e, portanto, não pode ser descoberto por investigações meramente naturais ou materiais.

"Para asseverar categoricamente a não existência de Deus, o homem se vê obrigado a arrogar-se à sabedoria e à onipresença de Deus. Precisa explorar até aos confins do universo para estar certo de que Deus não está ali. Há de interrogar a todas as gerações da humanidade e todas as hierarquias do céu, para estar certo de que eles nunca ouviram falar em Deus." — Chalmers.

O vocábulo "agnosticismo" se deriva da partícula negativa grega "a" (não) e do termo grego "ginosko" (conhecer), tendo assim o sentido de "não conhecer". Foi criado pelo professor Huxley para expressar sua própria atitude. Provavelmente foi sugerido pelo nome dado a uma antiga seita (os gnósticos), que pretendiam possuir um conhecimento especial.

A incredulidade rejeita, irracionalmente, qualquer possibilidade de haver uma revelação divina, pois é evidente à mente sem preconceitos que o Deus da natureza é também o Deus da revelação, visto que muitas provas a respeito de um podem ser oferecidas a respeito do outro. O incrédulo, todavia, rejeita a Bíblia como revelação divina e, por conseguinte, rejeita aquilo que ela revela e assim se recusa a crer no Deus da Bíblia.

I. Estabelecido pela Razão

Há certo número de argumentos que, embora não sejam aceitos como provas concludentes da existência de Deus, podem, apesar disso, ser considerados como provas corroborativas.

1. O Argumento Decorrente da Crença Universal

Rm 1.19-21,28 — Porque o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis. Porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem cousas inconvenientes.

V. A. — Jó 32.8; At 17.28,29; Rm 2.15; 1.32.

O argumento baseado na crença universal não pode ser desprezado.

"O homem em toda parte acredita na existência de um Ser Supremo ou Seres a quem é moralmente responsável e a quem necessita oferecer propiciação. Tal crença pode ser crua e mesmo grotescamente representada e manifestada, mas a realidade do fato não é mais invalidada por tal crueza do que a existência de um pai é invalidada pelas cruas tentativas de uma criança para desenhar o retrato de seu pai." — Evans.

2. O Argumento de Causa e Efeito

É um princípio aceito que todo efeito deve ter uma causa adequada. Por conseguinte, todos os elementos que são possuídos de qualquer efeito devem residir, ainda que seja apenas potencialmente, dentro da causa. Há certos elementos que são característicos no universo material e que indicam a existência de Deus conforme o conhecemos por meio da Revelação Divina.

"Galeno, célebre médico de inclinações ateísticas, depois de ter feito a anatomia do corpo humano, examinado cuidadosamente seu arcabouço, visto quão adequada e útil é cada parte, percebido as diversas intenções de cada pequenino vaso, músculo e osso, e a beleza do todo, viu-se tomado pelo espírito de devoção e escreveu um hino a seu Criador. Deve ser realmente insensato o homem que,

após estudar plenamente o seu próprio corpo, possa conservar se ainda ateu" — Arvine.

(1) O Elemento da Inteligência ou da Tendência com Propósito.

A ordem e a harmonia são sinais de inteligência. Com isso queremos dizer que a ordem e a harmonia estão invariavelmente associadas à inteligência. Se isso é verdade, e ordem e harmonia são encontradas na natureza, então a existência da inteligência na natureza fica provada além de qualquer dúvida. Como ilustração disso, podemos citar um exemplo na química. Toda molécula de matéria, de toda variedade possível, é uma massa definida de eléctrons reunidos com a mais exata relação aritmética e geométrica. Há muito mais ordem na construção de uma molécula do que na construção de um edifício.

(2) O Elemento da Personalidade.

O homem, que possui existência pessoal, manifesta a existência de Deus como Ser pessoal.

"Sabemos que existimos. Não podemos duvidar racionalmente desse fato, pois o conhecimento é imediato e traz consigo seu próprio certificado de certeza. Partindo disso, o passo seguinte é inescapável. O fato de que não demos origem a nós mesmos quase que é forçado sobre nós. Sabemos que não produzimos nossa própria alma. Isso traz consigo, imediatamente, a verdade correlata de que devemos ter sido originados por alguém fora de nós mesmos, que deve possuir poder suficiente para ter produzido nossa alma, que é o efeito observado. Ou fomos originados por um agente pessoal ou por um agente que não era pessoal. Não há outra alternativa. Neste ponto apelamos para a verdade axiomática da razão, que a causa deve ser adequada para produzir o efeito observado." — Hamilton.

(3) O Elemento do Poder.

Os céus e a terra, e o próprio homem, são os resultados testificadores de um poder que é ao mesmo tempo sobre-humano e sobrenatural. Isso é evidente na sua origem e preservação. A natureza inteira dá testemunho impressionante de uma criação universal, maravilhosa, e da sua preservação.

(4) O Argumento da Natureza Mental, Moral e Emotiva do Homem.

O homem possui mentalidade e moralidade. Portanto, essas qualidades devem estar incluídas na causa que o produziu.

"O homem possui natureza intelectual e moral, pelo que seu Criador deve ter sido um Ser, intelectual e moral, Juiz e Legislador. O homem tem natureza emotiva; somente um Ser dotado de bondade, poder, amor, sabedoria e santidade poderia satisfazer essa natureza, o que indica a existência de um Deus pessoal. A consciência dentro do homem diz: 'Farás', ou 'Não farás', 'Devo', ou 'Não devo'. Ora, esses mandados não são auto-impostos. Implicam a existência de um Governador Moral a Quem somos responsáveis. A consciência, ei-la aí no peito humano,

qual Moisés ideal trovejando, de um Sinai invisível, Lei de um Juiz santo. Disse o Cardeal Newman: 'Não fora a voz que fala com clareza em minha consciência e meu coração, e eu seria ateu, ou panteísta, ao examinar o mundo'. Algumas cousas são erradas, outras certas: amor é certo, ódio é errado. Nem tampouco a cousa é certa porque agrada, errada porque desagrada. Donde nos veio esse padrão de certo e errado? A moralidade é obrigatória e não facultativa. Quem a tornou obrigatória? Precisamos crer que existe Deus, ou teremos que acreditar que a própria origem de nossa natureza é uma mentira." — Evans.

3. O Argumento Decorrente da Harmonia Evidente da Crença em Deus com os Fatos Existentes

Quando passamos a considerar a Terra em si, isto é, separada dos demais componentes do sistema solar, não podemos escapar da convicção de que mão criadora a modelou. De que outra maneira podem ser explicadas as cousas, que somente os voluntariamente cegos podem deixar de observar?

Alguém já disse acertadamente que, se Deus não existisse, seria necessário criar um.

De modo quanto se pode aprender pelas investigações astronômicas, aquilo que é evidentemente verdade no que tange à Terra, no que concerne à tendência dotada de propósito, é também verdade no tocante aos outros planetas e sistemas que caem sob a observação telescópica. A crença em um Deus auto-existente e pessoal está em harmonia com a existência dos fenômenos do mundo natural.

"Se Deus existe, a crença universal em sua existência é bastante natural; o impulso irresistível de procurar uma causa primária é assim explicado; nossa natureza religiosa tem um objeto; a uniformidade das leis naturais encontra uma explicação adequada, e a história humana é vindicada da acusação de ser uma vasta impostura." — Pendleton.

II. Estabelecido pela Revelação

O argumento da revelação divina se deriva do conteúdo das próprias Escrituras.

"Desde os primórdios da ciência moderna vêm emergindo constantemente aparentes discrepâncias entre a natureza e a revelação, o que, por algum tempo, tem ocasionado grande escândalo a crentes zelosos; em cada exemplo, porém, sem a menor exceção, tem sido descoberto que o erro se encontra ou na generalização apressada da ciência, devido ao conhecimento imperfeito dos fatos, ou na interpretação tendenciosa das Escrituras; e invariavelmente, a ciência mais amadurecida, conforme se tem descoberto posteriormente, não apenas se harmoniza perfeitamente com a letra da Palavra de Deus apropriadamente interpretada, mas, além disso, ilustra gloriosamente os grandes princípios morais e as doutrinas ali revelados." — Hodge.

"Grande proporção de nosso conhecimento depende do testemunho dado por outros. Ora, a Bíblia é uma testemunha competente. Se o testemunho de viajantes é suficiente para satisfazer-nos quanto aos hábitos, costumes e maneiras dos povos

dos países que visitaram e que nós nunca vimos, por que é que a Bíblia, uma vez que se trata de história autêntica, não é suficiente para satisfazer-nos com sua evidência referente à existência de Deus?" — Evans.

B. A Natureza de Deus (Revelada por Seus Atributos).

Desde que o tempo teve início, o homem tem procurado descrever ou retratar Deus por meio de figuras, da pintura e da palavra descritiva, mas sempre tem falhado, ficando muito aquém de seu alvo. Pois como pode aquilo que é finito ter a esperança de compreender e expressar aquilo que é Infinito? O próprio povo escolhido procurou apresentar medidas e descrições de Deus a seus semelhantes, e assim fizeram ídolos de metal e disseram: "São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito" (Êx 32.4). Falharam totalmente, porém, na tentativa de proporcionar a mais desmaiada concepção de Deus às suas imagens fundidas, o que se percebe pela profundeza de depravação em que se atolaram, levados pela substituição do verdadeiro culto de Jeová pelos ídolos. Tampouco as modernas tentativas mediante a ciência e a filosofia têm sido mais felizes, pois nosso Deus não pode ser medido, retratado nem "decoberto perfeitamente".

A natureza de Deus melhor se revela pelos Seus atributos. Precisamos ter o cuidado de não imaginá-los como sendo abstratos, mas como meios vitais que revelam a natureza de Deus.

> "O termo 'atributo', em sua aplicação às pessoas e às cousas, significa algo pertencente às pessoas ou cousas. Pode ser definido como qualidade ou característica essencial, permanente, distintiva e que pode ser afirmada, como por exemplo a cor ou o perfume de uma rosa. Os atributos de uma cousa lhe são tão essenciais que, sem eles, ela não poderia ser o que é; e isso é igualmente verdade dos atributos de uma pessoa. Se um homem se visse privado dos atributos que lhe pertencem, deixaria de ser homem, pois tais atributos lhe são inerentes, na sua qualidade de ser humano. Se transferirmos essas idéias a Deus, descobriremos que Seus atributos Lhe pertencem inalienavelmente, e, portanto, o que Ele é agora, há de ser sempre." — Pendleton.

Os atributos de Deus, portanto, são aquelas características essenciais, permanentes e distintivas que podem ser afirmados a respeito de Seu Ser. Seus atributos são Suas perfeições, inseparáveis de Sua natureza e que condicionam Seu caráter.

Os teólogos têm feito muitas tentativas para ordenar ou classificar os atributos de Deus. Têm-nos dividido em atributos naturais e morais, comunicáveis e incomunicáveis, positivos e negativos, absolutos e relativos. A todas essas divisões e epítetos designativos, sem dúvida, podem ser feitas objeções. Provavelmente a classificação de atributos naturais e morais, existentes em Deus, é tão boa como qualquer outra classificação. Esses têm sido assim definidos:

> "Os atributos naturais de Deus são todos aqueles que pertencem à Sua existência como Espírito infinito e racional... os morais são aqueles atributos adicionais que Lhe pertencem como Espírito infinito e justo." — Pendleton.

I. Atributos Naturais

1 A Vida de Deus

(1) O Significado de "Vida".

"Vida" pode ser considerada como aquela forma de existência, animada em distinção da inanimada, que inclui uma força e uma condição, cuja força é o fator determinante de todas as relações originadas e sustentadas, tanto internas como externas, cuja condição é aquela constituída por essas relações, assim originadas e sustentadas.

Perde-se de vista às vezes essa diferença no uso ou na aplicação da palavra "vida", resultando daí muita confusão de pensamento. Precisamos entender bem que esse vocábulo "vida" é empregado de duas maneiras importantes. Quanto à primeira, comenta o Dr. Drummond: "Dizer-se que a vida é uma correspondência é expressar apenas parte da verdade. Há mais alguma cousa por detrás. A vida se manifesta em correspondências, não há dúvida, mas que é que as determina? O organismo manifesta uma variedade de correspondências. Que é que as organiza? Como no natural, assim no espiritual: há um Princípio de Vida! Por mais desajeitada que seja essa expressão, e mais provisória, por mais que pareça não passar de capa da nossa ignorância, não nos podemos livrar dela. A ciência, por enquanto, não é capaz de dispensar a noção do princípio de vida."

O Dr. Drummond diz mais, a respeito desse Princípio de Vida: "É um oleiro que trabalha no protoplasma de todas as cousas animadas ou seres deste mundo: planta, árvore, pássaro, animal e homem, cada qual possuindo seu próprio oleiro ou forma de vida, trabalhando precisamente com a mesma matéria plasmática, composta de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio; e cada qual, seguindo seu próprio plano, forma uma planta, um réptil, uma águia, um elefante ou um homem. Essa vida é a causa imediata de todos os organismos. A vida vegetal faz a planta, a vida aviária faz a ave, a vida humana faz o homem"; e, levando adiante seu tema da lei natural no mundo espiritual, Drummond argumenta com grande clareza e vigor que a vida de Cristo faz o cristão.

Nosso segundo uso da palavra "vida" faz referência a uma condição de existência, assim chamada. Esse é o uso mais comum. De fato, acredita-se que não são muitos os que conhecem outra acepção do termo. É nesse sentido que Paulo o emprega em 1 Co 15.19: "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida (condição de existência), somos os mais infelizes de todos os homens."

Webster diz que a vida é aquele estado de estar vivo; aquela condição na qual existem plantas e animais, em distinção das substâncias inorgânicas e dos organismos mortos. As três principais distinções são: (1) poder de crescimento, (2) reprodução, (3) adaptação espontânea às mudanças de ambiente.

Assim é que o Sr. Munger define a vida: "A vida, conforme a vemos, é uma execução funcional de algo — não sabemos o que — dentro de uma relação favorável para com um ambiente e que termina quando as relações se tornam desfavoráveis."

A Standard Encyclopedia afirma: "A vida pode ser definida como a atividade interna e externa de um organismo em relação a seu ambiente."

Herbert Spencer, o cientista, forneceu a seguinte definição da vida: "É a combinação definitiva de mutações heterogêneas, tanto simultâneas como sucessivas, em correspondência com coexistências e seqüências externas"; ou, de modo mais sucinto: "Os contínuos ajustamentos das relações internas às relações externas."

Essa definição é, sem dúvida, certa dentro de seus limites, mas, à semelhança de muitas outras definições, trata da vida apenas como condição de existência, enquanto que o sutil ator, que nenhum homem jamais viu nem poderá ver, permanece desconhecido, a não ser por suas obras, e é ainda indefinido.

"Vida é um termo que não pode ser plenamente definido. A ciência define-a como correspondência entre órgão e ambiente. Aplicadas, porém, a Deus, há de significar muito mais que isso, visto que Deus não tem ambiente. A vida de Deus é Sua atividade de pensamento, sentimento e vontade. É o movimento total e íntimo de Seu Ser que O capacita a formar propósitos sábios, santos e amorosos, e a executá-los." — Mullins.

Os dois fatores da vida em geral: força e condição, quando se trata de Deus, devem ser considerados como sendo por Ele possuídos em grau infinito.

(2) A Realidade Bíblica da Vida como Atributo Divino.

João 5.26 — Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.

V. A. — Jr 10.10; At 14.15; 2 Cr 16.9; Sl 94.9,10.

D. D. — Deus tem vida; Ele ouve, ve, sente, age e, portanto, é um Ser Vivo.

(3) A Vida de Deus Ilustrada e Demonstrada nas Escrituras.

1 Ts 1.9 — ... como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes a um Deus vivo e verdadeiro (trad. literal).

V. A. — Jr 10.10-16; Hc 2.18-20.

Essas passagens apresentam diversos contrastes notáveis:

Verdadeiro Deus ..... falsidade

Vivo ..... não respiram

Criou a terra por Seu poder ..... obra de erros

Formou tudo ..... imagem de fundição

Rei Eterno ..... perecerão

Deus vivo e verdadeiro ..... ídolos

D. D. — Mediante as claras distinções que as Escrituras fazem entre os deuses dos pagãos e o verdadeiro Deus, fica nitidamente demonstrado que a realidade da vida é um atributo divino.

2. A Espiritualidade de Deus

Essa verdade se opõe ao falso ensino do materialismo, que afirma que os fatos da experiência devem ser todos explicados atribuindo-os às realidades, atividades e leis da substância física ou material. O materialismo despreza a distinção entre mente e matéria, e atribui todos os fenômenos do mundo (aqueles que são evidentes) às funções da matéria.

O professor Tyndall, em seu famoso discurso em Belfast, fez a declaração freqüentemente citada: "Por necessidade intelectual, atravesso a fronteira da evidência experimental e discirno, na matéria, a promessa e a potência de toda a vida terrestre."

A espiritualidade é fundamental à existência de Deus. É a forma da existência completa e triúna de Deus. Diz o Dr. Farr: "Deus é algo mais que uma condição de existência, como o espaço ou o tempo. Ele não só existe mas também age. Ele é agente, ator, Ser vivo e o Espírito de Vida.

> "A verdade da espiritualidade de Deus é revelada em nosso ser espiritual. Deus não é apenas o nosso Criador, mas é o Pai de nossos espíritos. Somos Sua geração (Jo 4.24; At 17.28,29). Todas as características essenciais de nossos espíritos podem ser atribuídas a Ele em grau infinito, pois "Ele é um ser racional que distingue, com infinita precisão, entre o que é verdadeiro e o que é falso; é um ser moral que distingue entre o certo e o errado, e é um livre agente cuja ação é auto-determinada por Sua própria vontade." — A. A. Hodge.

O termo "espírito" pode ser considerado em contraste geral com "matéria". As duas substâncias incluem todos os objetos que podem ser encontrados no terreno do conhecimento. Não existe substância da qual se possa dizer que não é nem matéria nem espírito. O mundo material está ao nosso redor. Vemo-lo na terra e em suas produções, no mar e em seus tesouros, no sol e nos planetas que revolvem ao seu redor. Nossos sentidos nos fazem entrar em contacto com o universo de natureza material, e ouvimos, vemos, cheiramos, tocamos e provamos. É manifesto, igualmente, que a matéria é capaz de grandes transformações. Pode ser moldada em muitas formas e sujeitada a muitos processos de refinamento. O ouro pode ser purificado sete vezes — isto é, purificado até chegar à perfeição — até que toda partícula de refugo é tirada dele, e o diamante pode, mediante esforços laboriosos e perseverantes, ser adaptado para brilhar na coroa de um monarca; não existe, porém, operação que se realize com a matéria e que lhe proporcione pensamento, vontade ou reflexão. Essas são peculiaridades da mente e do espírito.

(1) Seu significado.

Deus, sendo Espírito, é incorpóreo, invisível, sem substância material, sem partes ou paixões físicas e, portanto, é livre de todas as limitações temporais.

Pelo que foi dito acima, verifica-se que Deus, na qualidade de Espírito, deve ser apreendido não pelos sentidos do corpo, mas antes, pelas faculdades da alma, vivificadas e iluminadas pelo Espírito Santo (1 Co 2.14; Cl 1.15-17).

(2) A realidade bíblica estabelecida.

João 4.24 — Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.

"Deus é Espírito": note-se a ausência do artigo, o que está de acordo com o original; não seria exata a tradução: "Deus é um espírito."

D. D. — Deus é espiritual em Sua natureza, ou seja: em Seu Ser essencial, Deus é Espírito.

(3) A realidade bíblica iluminada.

a. Pelo ensino do Antigo Testamento.

Dt 4.15-20,23 — Guardai, pois, cuidadosamente as vossas almas, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor vosso Deus vos falou, em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais, e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher; semelhança de algum animal que há na terra; semelhança de algum volátil que voa pelos céus; semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra; semelhança de algum peixe que há nas águas debaixo da terra. Guarda-te, não levantes os olhos para os céus, e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, não sejas seduzido a inclinar-te perante eles, e dês culto àquelas cousas que o Senhor teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus. Mas o Senhor vos tomou, e vos tirou da fornalha de ferro do Egito, para que lhe sejais povo de herança, como hoje se vê... Guardai-vos, não vos esqueçais da aliança do Senhor vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma cousa que o Senhor vosso Deus vos proibiu.

V. A. — Is 40.25.

O culto a Deus por meio de imagens e coisas temporais foi proibido porque ninguém jamais tinha visto a Deus e, portanto, não podia saber qual a Sua aparência; nem há entre as cousas materiais desta terra, alguma que tenha semelhança com Deus, que é Espírito (Êx 20.4).

D. D. — O ensino do Antigo Testamento torna claro que Deus, em Seu Ser essencial, é espírito e, nessa qualidade, é imaterial e portanto não pode ser visto pelo olho material nem pode ser representado por cousas materiais.

b. Pelo ensino do Novo Testamento.

Lc 24.39 — Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

V. A. — 1 Tm 1.17; Cl 1.15; At 17.22-29; 14.8-18.

Os olhos físicos só podem ver objetos pertencentes ao mundo material, mas Deus não pertence ao mundo material; portanto, não pode ser visto com os olhos físicos.

D. D. — Pelo ensino do Novo Testamento é evidente que Deus é espírito, sem carne e sem ossos, e portanto não cai dentro do alcance da visão física, nem é capaz de correta representação material, por causa de Sua natureza essencialmente espiritual.

(4) A realidade bíblica interrogada.

a. Que significa a declaração de que o homem foi criado à imagem de Deus?

Resposta: Há certo número de cousas que podem ser incluídas na imagem e semelhança de Deus em Sua relação com o homem.

(a) O homem foi feito à imagem e semelhança pessoal de Deus. Ambos são seres pessoais.

(b) Pode referir-se também à imagem e semelhança triúna. Deus possui uma triunidade de pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O homem possui tri-unidades de partes: espírito, alma e corpo.

1 Ts 5.23 — O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

(c) Refere-se sem dúvida alguma à semelhança intelectual e moral.

Cl 3.10 — E vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.

Ef 4.24 — E vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.

b. Que significam os termos físicos que são aplicados a Deus como se Ele fosse homem?

Ver, por exemplo: Sl 102.25; Na 1.6; 1 Rs 8.24; Jó 34.21; 1 Pe 3.12.

Resposta: Tais expressões antropomórficas devem ser compreendidas somente no sentido de ser termos humanos usados a fim de trazer o Infinito até a compreensão do finito, capacitando o homem a conhecer a Deus.

É importante relembrar que a linguagem humana é a cristalização da experiência humana. Portanto, todos os termos que emprega são termos que, em certo sentido, são viciados para seus próprios fins pela limitação radical. Pois, como é que termos que foram criados para expressar a experiência humana, e que conservam associações humanas, podem ser adequados para exprimir a vida íntima da Divin-

ANTROPOMORFIA

dade, que não tem analogia na experiência humana e, portanto, não possui terminologia na linguagem humana?" — A. S. Peake.

'Ainda que Deus não queira que o homem O tenha na conta de corpóreo, contudo julgou conveniente dar alguns avisos antecipados daquela encarnação divina que Ele prometera." — Charnock.

c. **Como se conciliam as passagens que afirmam que homens viram a Deus, com outras que declaram que Deus jamais foi nem pode ser visto.**

Exemplos das primeiras	Exemplos das últimas
Êx 24.10; Jz 13.22	Êx. 33.20; Cl 1.15
Êx 33 18,19, 21-23; Is 6 7	Jo 1.18

Resposta: Não há contradição real entre essas passagens. O primeiro grupo se refere às manifestações de Deus, enquanto que o segundo se refere à essência invisível de Seu Ser, que é espírito.

Ilustração: "Um homem vê o reflexo de seu rosto no espelho. Seria igualmente verdade se esse homem dissesse: 'Vi meu rosto', e: 'Nunca vi meu rosto'. Assim os homens têm visto uma manifestação de Deus, e é perfeitamente verídico dizer que viram a Deus. Nenhum homem, porém, jamais viu a Deus conforme Ele é em Sua essência invisível, pelo que é perfeitambente certo dizer: Ninguém jamais viu a Deus." — Torrey.

(a) O que é espírito é capaz de manifestar-se em forma visível.

João 1.32 — E João testemunhou dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele.

V. A. — Jz 6.34; At 2.1-4.

(b) O registro bíblico mostra que Deus se tem manifestado em forma visível. O "Anjo do Senhor", no Antigo Testamento, é uma manifestação da Divindade. Clara distinção é traçada na Bíblia entre "um anjo do Senhor" e "o Anjo do Senhor". Essa distinção, contudo, só é preservada em certas versões.

Notemos alguns exemplos nos quais o "Anjo do Senhor" é declarado manifestação da Divindade.

aa. **Na experiência de Hagar e Ismael.**

Gn 16.7-10,13 — O "Anjo do Senhor", no versículo 10, é claramente identificado, no versículo 13, como "Senhor" (Jeová).

V. A. — Gn 21.17 e 18.

bb. **Na experiência de Abraão e Isaque.**

Gn 22.11,12 — Aqui o "Anjo de Jeová", no versículo 11, é identificado, no versículo 12, com Deus.

cc. **Na experiência de Abraão na planície de Manre.**

Gn 18.1-24 — Nesta passagem, um dos três se identificou claramente com o Senhor Jeová. Em Gn 19.1 apenas dois se dirigiram a Sodoma, tendo ficado um com Abraão; nos versículos 17, 18, 22 e 23 do capítulo 18, ficamos sabendo Quem era esse que ficou.

V. T. — Gn 19.27; Jo 8.56.

dd. **Na experiência de Josué e Israel em Boquim.**

Jz 2.1,2 — Aqui o "Anjo do Senhor" diz distintamente "Fiz" o que Jeová fez.

d. Quais das três pessoas da Trindade se manifestou como "o Anjo do Senhor"?

Resposta: "O Anjo do Senhor" é, claramente, no Antigo Testamento, uma manifestação da Divindade, e é identificado com a Segunda Pessoa da Trindade, o Senhor Jesus Cristo. "O Anjo do Senhor" era Deus Filho antes de Sua encarnação definitiva (Jz 13.18 em confronto com Is 9.6). → ERA JESUS CRISTO

V. T. — Ml 3.1 e Jo 8.56.

"O Anjo do Senhor" não aparece mais depois do nascimento de Cristo. No Novo Testamento aparece "um Anjo do Senhor" — Mt 1.20; 28.2; Lc 2.9; At 8.26; 12.7,23. "O ANJO DO SENHOR, NÃO É O MESMO QUE "UM ANJO DO SENHOR"?

3 A Personalidade de Deus.

Essa é a verdade contrária ao **panteísmo,** que ensina que Deus é tudo e tudo é Deus; que Deus é o universo e o universo é Deus; que Ele não tem existência separada e distinta. O conceito do panteísmo é de que o conjunto das coisas individuais é Deus. Nessa mesma base podia se dizer que o conteúdo da consciência de um homem, em dado momento, é o próprio homem; ou que as ondas do oceano são o próprio oceano. O panteísmo nega a distinção entre a matéria e a mente, entre o Infinito e o finito. Segundo essa teoria há apenas uma substância, apenas um Ser real; por isso a doutrina é chamada de monismo, ou seja, "tudo é uma cousa só". Torna, portanto, o mundo material não apenas co-substancial com Deus mas também com-eterno com Ele. Isso, naturalmente, elimina o conceito da criação, a não ser como processo eterno e necessário. Nega que o Ser Infinito e Absoluto tenha, em si mesmo, inteligência, consciência ou vontade. O Infinito vem a existir no finito. A vida toda — consciência, inteligência e conhecimento — de Deus, e a vida — consciência, inteligência e conhecimento — da matéria. O panteísmo, portanto, nega a personalidade de Deus, pois tanto a personalidade como a consciência implicam uma distinção entre o "eu" e o "não-eu"; e essa distinção, segundo o panteísmo, é uma limitação incoerente com a natureza do Deus infinito, o qual, por conseguinte, não é uma pessoa que possa dizer "Eu" e que possa ser chamada de "Tu".

Qualquer conceito da personalidade divina que não leva em consideração nossa própria personalidade é, para nós, impossível. Não é possível que nossa própria per-

sonalidade deva ser a medida da personalidade divina. "A grande objeção", nas palavras do Dr. Peake, "levantada contra a doutrina de um Deus pessoal, é que personalidade implica limitação". A essa objeção Lotze parece ter dado a resposta certa: "Argumentamos que personalidade implica limitação, porque partimos da personalidade segundo a possuímos. Na realidade, porém, a limitação de que temos consciência não se deve ao fato de possuirmos personalidade, mas antes, de a possuirmos de modo tão imperfeito. É só o Absoluto que possui perfeita personalidade." Não obstante, pode haver certa semelhança entre a primeira, com seus poderes finitos, e a última, com Suas perfeições infinitas, o que nos ajuda a melhor compreender a Divindade. Há uma grande verdade na declaração de nossa criação à imagem e semelhança de Deus, e a personalidade é a verdade mais profunda dessa imagem e semelhança. As provas que estabelecem a existência de Deus podem ser aduzidas para estabelecer Sua personalidade. Assim, a crença universal que apóia a existência de Deus é a crença em um Deus pessoal. O argumento de causa e efeito produz o mesmo resultado. O homem, na qualidade de efeito pessoal, requer um Deus pessoal como causa adequada de si mesmo. Outro tanto se pode dizer do argumento da inteligência que transparece na natureza. Tanto quanto sabemos, a inteligência não existe fora da personalidade; portanto, aquilo que exige uma causa universal para o universo exige também que essa causa seja pessoal.

(1) Seu significado

Pode-se definir personalidade como existência dotada de auto-consciência e do poder de auto-determinação.

Não se deve confundir personalidade com corporalidade ou existência em corpo material, mas antes, corretamente definida, a personalidade abrange as propriedades e qualidades coletivas que caracterizam a existência pessoal e a distinguem da existência impessoal e da vida animal; pois encaramos os animais irracionais como possuidores de natureza e não de personalidade. A personalidade, portanto, representa a soma total das características necessárias para descrever o que é ser uma pessoa.

No que tange a essas características pessoais, há de haver não só consciência — pois o irracional a possui — mas também auto-consciência; e deve haver não só determinação — pois o irracional também a possui — mas também auto-determinação, ou seja, o poder pelo qual o homem, por ato de sua vontade livre, determina suas ações.

São três os elementos constitutivos da personalidade: intelecto, ou poder de pensar; sensibilidade, ou poder de sentir; e volição, ou poder de vontade. Associados a esses, temos a consciência e a liberdade de escolha. Se pudermos provar que a Deus são atribuídas operações de intelecto, sensibilidade e volição, então podemos afirmar Sua personalidade.

(2) A Realidade Bíblica da Personalidade de Deus é Estabelecida.

a. Pelos nomes dados a Deus e que revelam personalidade.

Um dos nomes mais importantes pelos quais Deus se tem feito conhecer é o de "Jeová". Foi por esse nome e suas várias combinações que Ele se revelou nas

diversas relações que sustenta com os homens. Jeová foi revelado a Israel na ocasião em que este foi chamado a confiar em Deus numa nova relação de aliança.

Tudo que significa para nós o nome de Jesus, significava "Jeová" para o antigo Israel. Significava para eles tudo que está envolvido na salvação e na bênção. "Eloim" era Deus como Criador de todas as cousas, enquanto que "Jeová" era o mesmo Deus em relação de aliança com aqueles que por Ele haviam sido criados. Jeová, pois, significa o Único Ser eterno e imutável, que era, que é e que há de vir. É o Deus de Israel e o Deus daqueles que são remidos, pelo que agora, "em Cristo", podemos dizer: "Jeová é nosso Deus".

O nome de "Jeová" é combinado com outras palavras, sendo assim formados os chamados "títulos jeovísticos".

(a) "EU SOU".

Ex 3.14 — Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.

V. T. — Jo 8.58.

Esse nome revela auto-consciência.

"EU SOU O QUE SOU" é o pensamento que fica por detrás do nome "Jeová". Três cousas estão ali envolvidas: a auto-suficiência de Deus, Sua absoluta soberania e Sua imutabilidade.

Toda a história dos filhos de Israel gira em torno do pacto que Deus estabeleceu com eles no Sinai. Esse pacto consistia de duas cláusulas: Primeira, "Serei vosso Deus"; segunda, "sereis meu povo". A história subseqüente de Israel é simplesmente o registro de como eles vieram a saber quem era Jeová, o que Ele estava disposto a ser para eles e o que deveriam ser na qualidade de povo Seu. Todas as necessidades de Israel eram satisfeitas em Jeová, seu Deus.

(b) "Jeová Jiré" (o Senhor proverá).

Gn 22.13-14 — Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar — o Senhor proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá.

Esse nome revela providência pessoal.

Foi o nome dado por Abraão ao lugar onde ele sacrificara o carneiro fornecido por Deus em lugar de seu filho Isaque. O Senhor vê e cuida das necessidades de Seus servos.

(c) "Jeová Nissi" (o Senhor é nossa Bandeira).

Ex 17.15 — E Moisés edificou um altar, e lhe chamou: O Senhor é minha bandeira.

V. T. — Js 5.13,14; Sl 20.7.

Esse nome revela liderança pessoal.

Foi dado por Moisés ao altar que ele erigiu em memória da derrota imposta aos amalequitas por Israel, sob Josué, em Refidim. Deus é aqui revelado como o Senhor que nos conduz contra o inimigo e em cujo nome somos mais que vencedores. A sugestão é que o povo deveria concentrar-se ao redor de Deus, como o exército se concentra em torno de sua bandeira.

(d) "Jeová Ropeca" (o Senhor que sara).

Ex 15.26 — E disse: Se ouvires atento a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor que te sara.

Esse nome revela preservação pessoal.

O termo "ropeca" significa serzir como se serze uma roupa, reparar como se reconstrói um edifício, curar como se restaura a saúde de uma pessoa enferma. Toda cura, direta ou indireta, vem da parte de Deus. Ele é nossa saúde salvadora.

(e) "Jeová Salom" (o Senhor nossa Paz).

Jz 6.24 — Então Gideão edificou ali um altar ao Senhor, e lhe chamou, o Senhor é paz. Ainda até ao dia de hoje está o altar em Ofra, que pertence aos abiezritas.

Esse nome revela Deus como Aquele que concede paz pessoal.

Foi o nome dado por Gideão ao altar que ele erigiu em Ofra, fazendo assim alusão à palavra que o Senhor lhe tinha dirigido: "Paz seja contigo!"

Esse título também poderia ser traduzido: "O Senhor, que é a paz de seu povo." Combinando a fé na providência divina, com a confiança em "Jeová" para alcançar a vitória em todas as circunstâncias, encontramos o segredo da paz.

(f) "Jeová Raa" (o Senhor é o meu Pastor).

Sl 23.1 — O Senhor é o meu pastor: nada me faltará.

V. A. — Sl 95.7.

Esse nome revela orientação, proteção e bondade pessoais.

Tudo quanto os pastores eram para seus rebanhos, e mais ainda, Deus está pronto a ser para os que Lhe pertencem.

(g) "Jeová Tisidequenu" (o Senhor Justiça Nossa).

Jr 23.6 — Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA.

V. T. — I Co 1.30.

Esse nome revela Deus como justiça pessoal imputada, assim satisfazendo nossas obrigações e necessidades pessoais para com Ele.

Israel não tinha justiça própria; era uma nação de gente desviada e rebelde; por isso Deus revelou-se-lhe não apenas como Jeová, mas também como Jeová Tisidequenu — "o Senhor Justiça Nossa". Essa relação tinha de existir antes que Jeová pudesse ser conhecido nas demais qualidades.

(h) "Jeová Sabaote" (Senhor dos Exércitos).

I Sm 1.3 — Este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao Senhor dos Exércitos em Silo. Estavam ali os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, como sacerdotes do Senhor.

Esse nome revela liderança e domínio pessoais.

No uso hebraico, "exército" podia significar um exército de homens, ou as estrelas e os anjos, os quais, em separado ou juntamente, formavam o exército do céu. Assim é que a nação de Israel foi chamada de exército de Jeová. O significado geral do termo é bem expresso no termo "Senhor Onipotente". Na acepção da idéia de onipotência divina, as forças celestes eram consideradas como unidas numa confederação, liderada pelo único Deus, o Senhor dos Exércitos.

(i) "Jeová Samá" (o Senhor está presente).

Ez 48.35 — Dezoito mil côvados ao redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor está (presente).

Esse nome revela presença pessoal.

Esse será o nome dado à Nova Jerusalém restaurada e glorificada, conforme vista na visão de Ezequiel. Jeová volta ao templo que Ele havia abandonado, e desse tempo em diante o fato de suprema importância é que Ele está ali", habitando entre Seu povo.

(j) "Jeová Elion" (Senhor Altíssimo).

Sl 97.9 — Pois tu, Senhor, és o Altíssimo sobre toda a terra; tu és sobremodo elevado acima de todos os deuses.

V. A. — Sl 7.17; 47.2; Is 6.1.

Esse nome revela preeminência pessoal.

Deus é referido como o Deus dos deuses, e apresentado como Quem se assenta em um trono, exaltado e elevado. Tais expressões, juntamente com esse nome, são simples afirmativas da supremacia e da soberania absoluta de Deus. Ele é o Deus Transcendental.

(k) "Jeová Micadiskim" (o Senhor que vos santifica).

Ex 31.13 — Tu, pois, falarás aos filhos de Israel, e lhes dirás: Certamente guardareis os meus sábados; pois é sinal entre mim e vós nas vossas gerações, para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica.

Esse nome revela purificação pessoal.

Apresenta Deus no aspecto subjetivo de Sua obra salvadora e remidora. Ele é o Deus que separa do pecado e para si mesmo aqueles a quem Ele salva.

D. D. —Os nomes que são atribuídos a Deus, nas Escrituras, subentendem relações e ações pessoais, e estas, por sua vez, indicam personalidade.

b.) Pelos pronomes pessoais empregados para Deus.

(a) Tu e te.

Jo 17.3 — E a vida eterna é esta; que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

(b) Ele e Lhe.

Sl 116.1,2 — Amo o Senhor, porque ele ouve a minha voz e as minhas súplicas.

Porque inclinou para mim os seus ouvidos, invocá-lo-ei enquanto eu viver.

Se Deus fosse mera força ou princípio, então os pronomes que O representam seriam, necessariamente, neutros. Mas não é o que acontece. Os pronomes pessoais usados a respeito de Deus apreentam-nO como pessoa, sempre no gênero masculino.

D. D. — Os pronomes pessoais que são usados a respeito de Deus subentendem Sua personalidade.

c. Pelas características e propriedades de personalidade que são atribuídas a Deus.

(a) Tristeza.

Gn 6.6 — Então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

A tristeza é uma emoção pessoal que aqui é atribuída a Deus, devido à atitude pessoal e às ações dos homens. A tristeza subentende personalidade .

(b) Ira.

I Rs 11.9 — Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, pois desviara o seu coração do Senhor de Israel, que duas vezes lhe aparecera.

A ira, aqui, é um ressentimento pessoal de Deus, ainda que santo, e que Ele sentiu contra Salomão por causa de sua perfídia e infidelidade, depois de ter sido tão altamente favorecido e honrado. Somente uma pessoa seria capaz de tal ressentimento.

(c) Zelo.

Dt 6.15 — Porque o Senhor teu Deus é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do Senhor teu Deus se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra.

O zelo ou ciúmes de Deus, diferentemente do ciúme humano, é santo. Trata-se simplesmente de Seu interesse por Seu santo nome, Sua vontade e Seu governo. Não obstante, é um elemento pessoal e revela a personalidade de seu possuidor.

(d) Amor.

Ap 3.19 — Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te.

Deus, portanto, há de ser pessoal, pois o amor é pessoal. O amor subentende três elementos essenciais da personalidade, a saber: intelecto, sensibilidade e vontade.

(e) Ódio.

Pv 6.16 — Seis cousas o Senhor aborrece, e a sétima a sua alma abomina.

Aquilo que é impessoal é incapaz de odiar qualquer pessoa ou cousa. Somente uma personalidade é capaz de odiar.

D. D. — Deus possui as características e propriedades da personalidade, sendo, portanto, necessariamente, uma pessoa.

d. Pelas relações que Deus mantém com o universo e com os homens.

O Deus da Bíblia não apenas deve ser distinguido do deus do panteísmo, o qual não tem existência separada de sua criação, mas também deve ser distinguido do deus do deísmo, o qual criou o mundo e pôs nele todos os poderes necessários de ação própria e desenvolvimento, pô-lo em movimento e o abandonou. Diz Wallace, colaborador de Darwin: "Acredito que o universo é constituído de modo que se regula a si mesmo. Por que haveríamos de supor que a máquina é complicada demais, visto que foi planejada pelo Criador para funcionar com resultados harmoniosos? A teoria da interferência contínua é uma limitação do poder do Criador."

Se admitirmos que Deus estava bastante interessado no mundo para criá-lo, não podemos de maneira alguma explicar um suposto súbito desinteresse de Sua parte. Qualquer teoria que devida e honestamente admita Deus como Criador não pode negar Sua agência contínua. Deus está pessoal e ativamente presente no que sucede no universo.

(a) Como Criador de tudo.

Gn 1.1 — No princípio criou Deus os céus e a terra.

V. A. — Gn 1.26; Jo 1.1-3; Ap 4.11.

Ao pensarmos em Deus, em Sua capacidade de Criador, precisamos atribuir-Lhe poder eterno e infinito. Esse poder há-de ter existido antes de ter sido exercido e manifestação na criação. Visto que tudo, antes da criação, era eterno, segue-se que o poder criador é eterno. Esse poder também não pode ser impessoal. A noção mais

simples do poder é a da capacidade para fazer algo, e isso sempre está ligado ao que é pessoal. Portanto, não existe poder fora de quem o possui e usa. O livro do Gênesis atribui todas as obras da criação ao Deus vivo. Não há lugar para a evolução, a não ser que se negue abertamente a revelação divina. Há crescimento e desenvolvimento dentro de uma esfera, mas não mutação ou evolução de uma esfera para outra, pois todas as obras de Deus são perfeitas. Ele é apresentado como um Ser distinto da natureza, como Seu criador, que em seguida comentou sobre Sua criação e recomendou-a como boa.

Alguns escritores vêem uma grosseira discrepância entre o relato da criação, conforme a encontramos no livro de Gênesis, e as indicações sugeridas pelas camadas geológicas da crosta terrestre. De conformidade com estas indicações, o universo material é de grande antiguidade, ainda que tal antiguidade não possa ser estabelecida com exatidão por ninguém. Há diversidade de opiniões, conforme fica demonstrado pelo que dizemos abaixo:

O professor Ramsay é da opinião que essa antiguidade é de 10.000 milhões de anos. Engene Dubois calcula-a em cerca de 1.000 milhões de anos. Goodchild acha que é de cerca de 700 milhões de anos. Darwin sustenta que é de mais de 300 milhões de anos. Sir Oliver Lodge pensa que seja mais de 100 milhões de anos. O professor Sollas estabelece-a em cerca de 55 milhões de anos. O Dr. Croll julga-a em quase 20 milhões de anos. O professor Tait calcula que a antiguidade da terra é de quase 10 milhões de anos.

A verdade nesta questão, como em outras também, é que não existe conflito entre a Bíblia, quando corretamente interpretada, e os fatos confirmados da ciência. Os seis dias de Gênesis 1, comumente conhecidos como dias de criação, provavelmente não foram tais, porém dias de reconstrução. Encontramos o registro da criação original em Gn 1.1, enquanto que Gn 1.2 descreve a condição caótica a que foi reduzida subseqüentemente à criação do universo material. Quanto tempo após a criação original, não há meio de sabê-lo. Pode ter sido um período tão grande ou maior do que o mais longo das estimativas transcritas acima. A versão que usamos diz: "A terra, porém, era sem forma e vazia." Com igual autoridade poderia ser traduzido esse versículo: "A terra, porém, se tornou sem forma e vazia." Rotheram o traduz: "Ora, a terra havia ficado desolada."

> "Em Is 45.18, lemos: 'Porque assim diz o Senhor que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a fez para ser um caos...' A palavra traduzida aqui como 'caos' é a mesma que em Gn 1.2 é traduzida como 'sem forma'. Talvez 'desolação' fosse a tradução mais acertada. Seja como for, aqui temos a declaração do próprio Deus de que Gn 1.2 não descreve a condição original da terra, pois, quando a criou, 'não a fez para ser um caos' (isto é, não a fez para ser uma desolação). Por outro lado, lemos em Jó 38.4-7 que, quando Deus 'lançava os fundamentos da terra', o que parece corresponder a Gn 1.1, as condições eram tais que 'as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus', o que indica aquele perfeito estado de bem-aventurança que devemos naturalmente esperar encontrar, visto

que a criação acabara de sair das mãos de Deus. De fato, o Dr. Bullinger salienta que a palavra hebraica traduzida como criação 'implica que a criação era uma obra perfeita, em perfeita e bela ordem'. Como e por que essa terra, anteriormente tão linda, veio a tornar-se 'sem forma e vazia', não podemos dizer com certeza. Não obstante, é fato notável que só há dois outros lugares na Bíblia onde as palavras traduzidas em Gn 1.1, 'sem forma' e 'vazia' ocorrem juntas — isto é, Is 34.11, onde são traduzidas respectivamente por 'destruição' e 'ruína', e em Jr 4.23, onde são traduzidas como em Gn 1.2. Em ambos os casos, as expressões são usadas em conexão com a destruição causada pelo julgamento de Deus por causa do pecado." — Sidney Collett.

Portanto, podemos inferir legitimamente que um juízo cataclismático caiu sobre a terra e seus habitantes, deixando-a na condição de desolação descrita acima. Quanto à identidade desses habitantes, não podemos ter certeza. Alguns têm pensado que os demônios são os representantes dessa raça e que o terem perdido seus corpos foi parte do castigo que receberam por causa de algum pecado que desconhecemos.

D. D. — A criação do universo e do homem prova a personalidade do Criador Deus.

(b) Como Preservador de tudo.

Hb 1.3 — Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser, sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas.

V. A. — Cl 1.15-17.

Assim como a criação diz respeito à origem das coisas, a preservação diz respeito à sua continuação. Deus mantém uma contínua relação pessoal com Sua criação. Os deístas negam isso ao dizer que Deus se retirou após Sua obra criadora, e abandonou o universo a um processo de auto-desenvolvimento e ação própria. A objeção mais forte contra essa idéia é que ela nega a Deus a Sua interferência, segundo Sua sabedoria divina, conforme se tem verificado na encarnação e na redenção e se verifica nas intervenções providenciais e em resposta às orações. O poder divino opera por intermédio da ordem das leis naturais que Deus tem estabelecido; contudo, Ele efetua uma atividade especial contínua na sustentação do universo. Essa é a atividade de Cristo, o Deus imanente por meio de Quem todas as coisas subsistem ou são sustentadas juntamente, pois Ele sustenta "todas as cousas pela palavra do seu poder".

D. D. — A preservação do universo e de todas as suas partes em relações bem ordenadas, exige e comprova a personalidade de Deus.

(c) Como Benfeitor de todas as vidas.

Mt 10.29,30 — Não se vendem dois pardais por um asse? e nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados.

V. A. — Sl 104.27-30; Mt 6.26; I Reis 19.5-7.

A vida, em todos os seus aspectos, é o dom de Deus às Suas criaturas. Daquilo de que Ele é o Autor, é também o Sustentador. A Bíblia atribui a Deus a sustentação de todas as criaturas vivas. Quanto à sustentação dos homens, diz Paulo: "Pois nele vivemos, e nos movemos e existimos..." E Tiago declara. "Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes..." Davi atribui a Deus a provisão do alimento para os seres viventes: "Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem..." Jesus pintou a amorosa provisão do Pai, a favor dos pássaros e dos homens, dizendo: "...vosso Pai celeste as sustenta..."

D. D. — A personalidade de Deus é revelada no suprimento, universal e apropriado, de todas as necessidades de Suas criaturas.

(d) Como Governante e Dominador das atividades humanas.

Rm 8.28 — Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

V. A. — Sl 76.10; Gn 39.21; Dn 1.9; Gn 50.20; Sl 75.5-7.

Vitor Hugo, reconhecendo o controle exercido pela mão divina, disse: "Waterloo foi obra de Deus." Deus, no exercício de Sua infinita sabedoria e poder, dirige e controla pessoalmente as ações livres dos homens, de modo a determinar tudo de conformidade com Seu propósito eterno e tendo em vista o bem estar daqueles.

Disse Wordsworth: "Deus prevê as ações más, mas nunca as força."

As Escrituras ensinam que esse governo providencial de Deu é de âmbito universal, incluindo todas as ações de todas as criaturas; que é poderoso, sendo o governo da onipotência; que é sábio, visto que é resultado da infinita sabedoria de Deus; e que é santo, conforme é exigido por Sua excelência moral.

D. D. — Deus interfere e participa na história humana; sustenta uma relação pessoal com as atividades dos homens e das nações e, por conseguinte, Ele é uma Pessoa.

(e) Como Pai de Seus filhos.

Gl 3.26 — Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.

V. A. — Hb 12.5-11; Jo 1.11-13.

A Paternidade de Deus, na realidade, é uma revelação do Novo Testamento, pois o Antigo Testamento bem pouco revela acerca da Filiação de Jesus Cristo. Faz apenas umas poucas referências ao Messias na qualidade de Filho de Jeová, e mesmo assim essas referências não puderam ser perfeitamente entendidas enquanto Jesus Cristo não veio para deixar clara sua significação. Portanto, enquanto Cristo não se revelou como Filho, Deus não pôde ser conhecido ou entendido como Pai, pois paternidade sem filiação é inconcebível e inimaginável. Por isso, a missão

de Jesus Cristo foi tornar Deus conhecido como Pai. De conformidade com isso, em Sua oração em João 17, Ele diz: "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. Manifestei o teu nome (isto é, o nome de Pai) aos homens que me deste do mundo."

A Paternidade de Deus, portanto, é a relação infinita e eterna que Deus mantém com Jesus Cristo, Seu Filho eterno, e é igualmente aplicada à relação redentora e filial que Deus mantém com o pecador arrependido e crente, através dos méritos da morte expiatória de Cristo. E assim como é verdade que a Paternidade de Deus não pode ser conhecida senão como é revelada na filiação de Jesus Cristo (Mt 11.27), também é verdade que essa Paternidade não pode ser possuída ou experimentada pelo homem a não ser pela mediação de Jesus Cristo. Doutro modo é absolutamente inacessível. "Ninguém", estipulou Jesus Cristo, "vem ao Pai senão por mim". Ora, um Deus que é Pai necessariamente é um Deus Pessoal. Admitir a Paternidade de Deus, portanto, é reconhecer inevitavelmente Sua Personalidade.

D. D. — Somos filhos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus. A personalidade de Deus é vista em Sua Paternidade.

4. A Tri-unidade de Deus.

Essa palavra deriva de dois vocábulos latinos: "tres" e "unitas", isto é, "três" e "unidade", que afirma a doutrina de três em um, ou seja, a Trindade.

Essa é a verdade contrária aos seguintes erros:

Sabelianismo, ou seja, uma trindade modal, que mantém que há apenas três aspectos ou manifestações de uma só pessca.

Swedenborgianismo, que sustenta que "o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três elementos essenciais de um Deus", que compõem um, tal como corpo, alma e espírito compõem um homem.

Triteísmo sustenta que há três Deuses, e não três distinções pessoais no Deus uno. As pessoas na Divindade, que são consideradas como três, como se fossem três seres endeusados, não compõem uma trindade, mas apenas um trio.

A trindade de Deus é bem estabelecida no credo atanasiano, que afirma: "Adoramos um só Deus em trindade e uma trindade em unidade, não confundindo as pessoas nem dividindo a substância."

"A Trindade, portanto, são três Pessoas eternamente inter-constituídas, inter-relacionadas, inter-existentes e, por conseguinte, inseparáveis dentro de Um único Ser e de Uma única Substância ou Essência." — Champion

(1) Unidade de Ser

Essa verdade se opõe ao erro do politeísmo — a doutrina da existência de muitos deuses. "Nenhuma outra verdade das Escrituras, particularmente no Antigo Testamento, recebe mais proeminência que a da Unidade de Deus", diz o Dr. Evans. O conceito dominante sobre Deus, no período patriarcal, era de que Ele era o Todo-

poderoso, ou, melhor ainda, Todo-Suficiente. "Apareci a vossos pais como El Shaddai — Deus Todo-poderoso." Isso serviu para intensificar a potência da simples idéia de poder, que parece trazer consigo a exclusão de outros poderes e divindades e conduzir diretamente ao conceito da unidade de Deus.

a. Seu significado.

Por unidade de Deus se entende, não que Ele possui uma única personalidade, mas uma unidade de essência e ser na qualidade de Divindade una e única.

Deve-se notar que apesar de ser a Unidade de Deus uma unidade real e autêntica é, não obstante, composta, e não uma unidade simples ou isolada. Assim sendo, enquanto que por um lado as Escrituras compelem à crença na unidade da existência de Deus, por outro lado admitem a tri-unidade da personalidade dentro dessa existência, pelo que também a Unidade de Deus se torna a verdade básica da doutrina da Trindade.

b. A realidade bíblica.

(a) *Pela razão.*

Como prova da Unidade Divina podemos apelar para o sistema da natureza, que é indivisível, trazendo o sinal de um só Agente Todo-poderoso em todo o seu vasto âmbito, desde as revelações conseguidas pelo telescópio até às maravilhas descobertas pelo microscópio, com todas as exibições intermediárias de unidade de desígnio. Entre todos os planetas, constelações, sistemas e galáxias de sistemas, que ocupam os vastos espaços que circulam nossa terra, há uma maravilhosa coordenação e cooperação, o que demonstra que todas as suas partes compõem um todo completo; e que é Deus quem os une e os faz o que são. É a Unidade de Deus que evita que todos esses corpos celestes sejam um "multi-universo" e faz com que sejam um universo.

> "A aplicação desse termo a Deus tem o objetivo de ensinar que existe um e apenas um Deus. A doutrina da Unidade de Deus está envolvida em Sua auto-existência e na eternidade de Seu Ser. É evidente que há necessidade de um único ser auto-existente no universo, pois a auto-suficiência e a soberania são aliadas da auto-existência. Em outras palavras, um ser auto-existente há de ser auto-suficiente, capaz de fazer tudo aquilo que queira fazer. Um ser auto-existente elimina para sempre a necessidade de outro ser igual; e não só isso, mas torna impossível a existência de outro ser igual. Não pode haver dois seres auto-existentes pela própria razão irretorquível de que a auto-existência implica na possessão de toda a perfeição. Se, portanto, pudessem existir dois seres auto-existentes, cada um deles possuiria todas as perfeições e assim seriam essencialmente um e o memo ser. Preencheriam uma única esfera — algo impossível se fossem dois e não um. A existência de mais de um Deus não cabe dentro dos limites do possível. O atributo da auto-existência estabelece essa posição, e o atributo da eternidade a confirma. Pois, se um Deus existe desde a eternidade, não houve lugar para outro. A eternidade de Deus é uma prova conclusiva de Sua unidade." — Pendleton.

(b) *Pela revelação.*

Dt 6.4 — Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

V. A. — Is 43.10; 44.6; 45.5; I Tm 2.5; Mc 10.18; 12.29; Dt 4.35.

D. D. — Tanto a razão como a revelação estabelecem claramente a verdade da essência una de Deus.

(2) Trindade de Personalidade.

Apesar de que a Bíblia ensina a unidade de Deus, a saber, que existe um e apenas um Deus, ensina também que na Divindade única há uma distinção tríplice de pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Isso não significa que as três Pessoas divinas sejam três no mesmo sentido em que são uma, ou que sejam uma no mesmo sentido em que são três. "A essência divina, única e indivisível, como um todo, existe eternamente como Pai e como Filho e como Espírito Santo, pelo que cada uma dessas Pessoas possui a mesma essência, constituindo-se Pessoa distinta devido a certas propriedades incomunicáveis, que não são possuídas em comum com as demais." — A. A. Hodge. As distinções pessoais entre essas três Pessoas podem ser percebidas no uso dos pronomes pessoais "Eu", "Tu" e "Ele"; há consultas entre elas, bem como uma ordem distinta de operações.

"A palavra Pessoa, em seu sentido trinitário, não está inteiramente livre de objeções, mas os escritores ortodoxos parecem compreender que não existe termo melhor para expressar a idéia. A objeção é que não pode ser usada em sua aceitação comum, quando aplicada a seres humanos. Necessita ser modificada. Por exemplo, "pessoa", no uso ordinário do termo, significa um ser distinto e independente, pelo que numa pessoa é um ser e cem pessoas são cem seres. Na Divindade, entretanto, há três pessoas e um único Ser. A diferença em seu uso, nesses dois exemplos, é manifesta." — Pendleton.

"Originalmente, esse termo "pessoa" significa máscara; eis por que a frase "três pessoas" originalmente tinha o significado de que Pai, Filho e Espírito eram termos que expressavam três aspectos diferentes de um único Ser. Mas o sentido desse vocábulo se alterou, pelo que agora, na linguagem comum, o vocábulo subentende, não o mesmo indivíduo em três aspectos diferentes, mas três indivíduos distintos; porém, não podemos aplicar isso à doutrina da Trindade, pois doutro modo caíríamos imediatamente no triteísmo. Podemos afirmar que a verdade jaz entre o sentido de pessoa como aspecto, e o sentido de indivíduo; todavia, como poderemos combinar essa distinção com a unidade é um problema que foge inteiramente da habilidade do homem, visto que não possuímos analogia, em nossa experiência, que nos capacite a entendê-la. Para nós, pessoas são indivíduos que se excluem mutuamente; as Pessoas da Divindade são mutuamente inclusivas; uma habita mutuamente nas demais." — Peake.

a. Seu significado.

Por Triunidade de Deus se entende que Ele é um só em Seu ser e substância, dotado de três distinções pessoais, que nos são reveladas como Pai, Filho e Espírito Santo.

b. A realidade bíblica.

Algumas vezes é levantada a objeção de que nem a palavra "trindade" nem qualquer afirmação explícita concernente à mesma pode ser encontrada na Bíblia; mas essa objeção é igualmente verdadeira a respeito de outras verdades e termos teológicos, como a personalidade de Deus, a livre agência do homem, a substituição; porém, as realidades que elas denotam estão bem presentes. Diz o Dr. Harris: "O fato de que uma verdade de Deus é revelada em Suas relações práticas, e não em uma fórmula, não a torna menos autêntica. Não se torna uma invenção humana, como também a lei da gravidade não é uma invenção humana somente porque ela formula o resultado do pensamento científico. A lei da gravidade não é formulada na natureza, como também a doutrina da Trindade não é formulada na Bíblia".

Diz Pendleton: "Aceito o fato de que a Trindade existe, simplesmente porque acredito que as Escrituras a revelam. E, se as Escrituras revelam o fato de que há três Pessoas na Divindade; que há uma distinção que fornece base para as chamarmos respectivamente de Pai, Filho e Espírito Santo; que estabelece a base para a aplicação dos pronomes pessoais Eu, Tu e Ele; que torna certo dizermos que elas enviam ou são enviadas; que Cristo está com Deus, está em Seu seio, além de outras cousas da mesma natureza, ao mesmo tempo que se pode dizer que a natureza divina pertence igualmente a cada Uma delas — então essa verdade, como todas as demais verdades reveladas, deve ser aceita com simplicidade, dando-se crédito à revelação divina."

(a) Conforme ensinada no Antigo Testamento.

No Antigo Testamento a Trindade é ensinada antes por implicação e insinuação, do que por afirmação direta.

O conceito teológico sobre a Trindade não põe em perigo a verdade da unidade de Deus. A preocupação da mensagem do Antigo Testamento parece ser a unidade divina. Não obstante, a Trindade é claramente insinuada de modo sêxtuplo:

aa. Pelo nome hebraico dado a Deus que mui freqüentemente é encontrado na forma plural, "Eloim".

Ver, por exemplo, Gên. 1:1. Essa palavra expressa a natureza divina em sua totalidade completa, incluindo uma pluralidade de personalidades.

> "O plural, Eloim, não é sobrevivência de um estágio politeísta, mas expressa a natureza divina na multiplicidade de Suas plenitudes e perfeições, e não na unidade abstrata de Seu ser." — MacClaren.

bb. Pelo emprego da palavra hebraica "único".

A palavra hebraica que significa "um" no sentido absoluto, conforme se emprega em expressões como "o único", é "yacheed". Essa palavra não é usada nunca no hebraico para expressar a unidade da Divindade. Ao contrário, emprega-se "achad", que indica unidade composta. Ver exemplos em 1 Tm 2.5; Mc 12.29.

"A palavra plural era empregada para designar o Deus único, a despeito do intenso monoteísmo dos judeus, porque existe pluralidade de pessoas na Divindade única." — Torrey.

cc. Pelos pronomes pessoais no plural acerca de Deus.

Gn 1.26 comparado com Is 40.14 e Gn 1.27.

V. A. — Is 6.8; Gn 11.7.

Alguns afirmam que "nós" (oculto), em Gn 1.26, que diz: "Façamos o homem à nossa imagem...", refere-se à consulta de Deus com os anjos, com quem Ele toma conselho sempre que faz algo importante; mas Is 40.14, que diz: "Com quem tomou ele conselho...?" mostra que tal suposição é sem base; e, além disso, Gn 1.27 contradiz essa idéia, pois repete a afirmação "...à nossa imagem..." (mostrando que isso não se refere à imagem de Deus e dos anjos): "...Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou..." Acresce, ainda, que a tradução mais correta desse versículo não seria "façamos", e, sim, "faremos", indicando antes a linguagem da resolução do que da consulta.

dd. Por insinuação em passagens como:

Sl 2.6-9 — Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro.

V. A. — Zc 2.10,11; At 13.33.

Deus e Seu Rei, que é Seu Filho, são aqui apresentados.

Na passagem do livro de Zacarias, Alguém é enviado pelo Senhor dos Exércitos para habitar no meio de Israel, e esse Alguém é chamado de Senhor.

ee. Por alusão ao Espírito Santo e à Sua obra.

Gn 1.2 — A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

ff. Pelas teofanias, isto é, aparições da Divindade, especialmente as do "Anjo do Senhor", que se distingue de Deus ao mesmo tempo que é identificado com Ele.

Gn 22.11,12 — Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças, pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho.

V. A. — Gn 21.17,18; 16.7-10,13.

gg. Por declaração direta. Is. 48:16; 61:1,2.

D. D. — Mediante o nome hebraico para Deus, o termo hebraico para um, o uso de pronomes pessoais no plural, as teofanias, as alusões ao Espírito Santo e às sugestões de Pai e Filho consideradas como Pessoas divinas, é insinuada e subentendida, no Antigo Testamento, a doutrina da Trindade.

(b) Conforme ensinada no Novo Testamento.

No Novo Testamento a doutrina da Trindade não é ensinada por insinuação ou algo subentendido, mas por declarações ou demonstrações claras, como segue:

aa. Na Comissão Apostólica.

Mt 28.19,20 — Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Nessas instruções de despedida que Jesus deu a Seus discípulos, encontramo-lO a dar testemunho definido sobre a verdade da Trindade. Ele nos apresenta aqui a fórmula batismal, assim providenciando para que a Igreja esteja constantemente lembrada da doutrina da Trindade. Todo crente é batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim fica demonstrado que entrou em relação de aliança com cada uma das Pessoas da Divindade. A linguagem dá a entender que cada nome representa uma Pessoa e que as Pessoas são iguais.

bb. Na Bênção Apostólica.

2 Co 13.13 — A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

A personalidade e a divindade de cada uma das Pessoas da Trindade são reconhecidas cada vez que essa bênção é pronunciada. A graça do Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo são invocadas em conexão imediata com o amor de Deus Pai, o que demonstra que as três Pessoas são da mesma substância, a saber, a Divindade, e são iguais em poder e glória.

cc. No batismo de Jesus.

Mt 3.16,17 — Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre Ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

O Pai falou do Céu, o Filho estava sendo batizado no Jordão, e o Espírito desceu em forma de pomba.

dd. No ensino de Jesus.

Jo 14.16 — E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco.

V. T. — Jo 16.7-10.

A Trindade foi ensinada por Jesus, pois Ele, tendo sido enviado pelo Seu Pai, agora prometia enviar o Espírito, na qualidade de Consolador (Paráclelo, advogado), para tomar o Seu lugar; e para consolar, instruir e fortalecer àqueles que Jesus estava deixando.

ee. No ensino de Paulo, no tocante aos dons do Espírito em relação à igreja.

I Co 12.4-6 — Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.

V. T. — At 20.28.

A doutrina da Trindade tem sido mantida através dos séculos da era cristã, conforme é evidenciado em seus credos e hinos: como, por exemplo, o Credo dos Apóstolos, o Gloria Patri, e a Doxologia.

D. D. — Pela tríplice manifestação divina, por ocasião do batismo de Jesus, pela tríplice referência na bênção apostólica, pela menção de três Pessoas divinas nos ensinos de Cristo e de Paulo, é ensinada, no Novo Testamento, clara e positivamente, a doutrina da Trindade.

Sumário do Ensino do Novo Testamento.

1. Um Pai que é Deus.

Rm 1.7 — A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos: Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

2. Um Filho que é Deus.

Hb 1.8 — Mas, acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre, e: Cetro de eqüidade é o cetro do Seu reino.

3. Um Espírito Santo que é Deus.

At 5.3,4 — Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus.

Boardman escreve: "O Pai é toda a plenitude da Divindade invisível, o Filho o é da Divindade manifestada, e o Espírito Santo o é da Divindade a agir diretamente sobre a criatura".

c. A Trindade ilustrada.

"Um cético pusera em dúvida a possibilidade da existência da Trindade. "Diga-me como queima uma vela", perguntou um crente. "A estearina, o pavio e o ar

atmosférico produzem a luz", respondeu o cético. "Mas compõem uma só luz, não é assim"? "É verdade", foi a resposta do homem, agora convencido." — New Testament Anecdotes.

As ilustrações abaixo tem sido sugeridas:

A fonte, o filete de água e o rio; a nuvem, a chuva e o vapor de água que se eleva; a cor, a forma e o tamanho; as três dimensões do espaço; o espírito, a alma e o corpo, no homem; as funções legislativa, judicial e executiva do governo.

Apesar de que essas analogias mostram a possibilidade da Trindade na unidade são, não obstante, analogias imperfeitas da Divindade. Em todas essas analogias as distinções são impessoais, enquanto que na Divindade tais distinções são pessoais. Nessas analogias há uma trindade de partes, de aspectos ou de funções, enquanto que no Ser divino há uma trindade de pessoas. Tais analogias têm valor como ilustrações da possibilidade da Trindade; porém, não provam a doutrina da divina Trindade.

"A luz se compõe de três partes: uma visível e duas invisíveis. A primeira são os raios iluminadores, que afetam nossa visão; a segunda são os raios químicos, que causam o crescimento e produzem os resultados da fotografia; a terceira, o princípio chamado calor, e que é separado das duas outras partes. Semelhantemente, há três Pessoas em um único Deus, uma Pessoa visível e duas invisíveis." — Bishop Warren.

A Trindade de Deus não conhece analogias perfeitas, pois está muito acima da compreensão finita e da razão humana para ser entendida. Muitas analogias têm sido exemplificadas que, embora falhem em algum ponto particular, ajudam-nos a compreender a trindade na unidade.

5. A Auto-Existência de Deus.

Alguns têm tentado definir esse atributo, dizendo que Deus é Sua própria causa. Diz Lactância: "Antes de todas as coisas, Deus foi procriado de si mesmo; por Seu próprio poder fez a Si mesmo. Ele é de Si mesmo; portanto, Ele é tal qual desejou que fosse." E Jerônimo afirma: "Deus é a origem de Si mesmo e a causa de Sua própria substância."

Esse erro parte, primariamente, da suposição de que a existência de Deus há de ser explicada pelo princípio de que todo início deve ter uma causa; e que assim é necessário descobrir uma causa para Deus. Não é essa a verdade, entretanto, pois Deus nunca teve início. Esse raciocínio falso leva à antiga doutrina de que Deus é ação pura. ← CUIDADO!

Pode-se afirmar, porém, que a base ou razão (e não a causa) da existência de Deus é Sua própria perfeição imanente, isto é, uma das perfeições de Deus é não ter sido Ele causado.

(1) Seu significado.

Significa que Deus é absolutamente independente de tudo fora de Si mesmo para a continuidade e perpetuidade de Seu Ser.

"Isso, naturalmente, significa que as causas de Sua existência estão nEle mesmo. Nele a vida é inerente. Diferentemente da vida das criaturas, Sua vida não vem de fontes externas. Se no universo não existissem criaturas, essa não-existência em cousa alguma afetaria a existência de Deus. Não afetou Sua existência antes que Ele realizasse a obra da criação. Ele tinha "vida em si mesmo" quando não havia vida em parte alguma fora dEle. Na ausência total de vida fora de Sua Pessoa, todas as possibilidades de vida se concentravam nEle. Nunca nos devemos esquecer de que, em Deus, as criaturas "vivem, movem-se e existem", desse modo dependendo dEle para viver, movimentar-se e existir; Sua auto-existência, porém, torna-O absolutamente independente. Visto que a causa da existência das criaturas não está nelas, necessariamente tais criaturas dependem do Criador, podendo-se atribuir a razão de sua existência à vontade divina. A razão da existência de Deus encontra-se exclusivamente nEle, e Sua auto-existência é atributo inalienável de Sua natureza. Quando Ele interpõe Seu juramento, em confirmação à Sua Palavra, Ele jura por Si mesmo, dizendo: "Vivo Eu", permitindo que Seu juramento repouse sobre a base imutável de Sua auto-existência. No escopo sem limites do pensamento humano e angélico, nunca poderá ser encontrado um mistério mais profundo que o da auto-existência de Deus. É mistério que desafia a compreensão finita. Somente Deus sabe como é que Ele existe, por que Ele sempre tem existido, e por que existirá para sempre." — Pendleton.

(2) Sua realidade.

Jo 5.26 — Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. + JESUS TEM AUTO-EXISTÊNCIA POR SER DEUS

V. A. — At 17.24-28; 1 Tm 6.15,16.

"Deus existe. Seu nome é para sempre: EU SOU (Êx 3.14). O fato de ser Ele absolutamente ilimitado e independente, sem princípio de dias e eterno, desde toda a eternidade dotado de toda a perfeição possível como o Espírito Absoluto, não pode de maneira alguma constituir uma limitação de Deus" — Harris.

D. D. — Deus é auto-sustentado e o tem sido desde toda a eternidade. Sua auto-existência é um Seu atributo essencial. Existir faz parte de Sua natureza.

6. A Eternidade de Deus.

O atributo de auto-existência sugere o atributo de eternidade, podendo-se dizer ainda que um atributo sugere o outro. Pois, se as causas da existência de Deus se encontram nEle próprio, a razão admitirá que essas causas têm estado a operar desde a eternidade; e, se Ele é um Ser Eterno, então deve ser também auto-existente. Para Deus não existe passado, presente ou futuro, pelo menos no que concerne a Seu conhecimento, mas Ele vive num eterno "agora".

Deus não teve princípio nem terá fim. Ele conhece os acontecimentos na sua sucessão dentro do tempo, mas não está limitado de nenhum modo pelo tempo. Ele

reconhece que alguns acontecimentos são passados e que outros são futuros em relação aos acontecimentos presentes. Contudo, o passado, o presente e o futuro são igualmente conhecidos para Ele. Para nós, os acontecimentos ocorrem um a um. Mas Deus vê todos os acontecimentos como um todo ligado, como se fosse um único acontecimento. DEUS POR SER ETERNO, NÃO TEM TEMPO DO PASSADO, PRESENTE E FUTURO, ELE É.

(1) Seu significado.

A eternidade é a duração infinita, ou seja, duração sem começo e sem fim. "Punctum stans" expressa a eternidade — um sempiterno presente. A eternidade é limitada em nosso pensar pelo tempo e pelo espaço. Aquele, porém, que "habita na eternidade" ultrapassa nosso entendimento. Na realidade, os pensamentos, propósitos e ações de Deus são inseparáveis e não têm sucessão. Disse Wordsworth: "Nossos ruidosos anos parecem momentos na existência do eterno silêncio." A palavra "eterno" é usada em três sentidos diferentes:

a. **Sentido figurado, como nas expressões "montes eternos", "outeiros eternos", "neves eternas", as quais denotam antigüidade ou duração muito prolongada.**

b. **Sentido limitado, denotando a existência de algo que teve princípio, mas que não terá fim, como a dos anjos e das almas dos homens, e como o castiço dos ímpios.**

c. **Sentido literal, denotando uma existência que não tem começo nem fim, como a de Deus. O tempo tem passado, presente e futuro; mas não é assim com Deus.**

"Um dos internados de um instituto de surdos-mudos de Paris, sendo solicitado a expressar sua idéia da eternidade da Divindade, escreveu: "É duração, sem princípio nem fim; existência, sem limites ou dimensões; presente, sem passado ou futuro. Sua eternidade é juventude sem infância ou velhice; vida sem nascimento ou morte; é hoje, sem ontem ou amanhã," — Arvine.

"O Deus da Bíblia é o único Ser que é absolutamente eterno, pois Sua existência não conhece princípio ou fim. Nesse sentido, a eternidade é um atributo peculiarmente Seu, e, no trono que permanecerá "para todo o sempre", Ele há de permanecer para sempre em majestoso isolamento. Não há nenhum outro ser semelhante a Jeová." — Pendleton.

(2) Sua Realidade.

Gn 21.32-34 — Assim fizeram aliança em Berseba; levantaram-se Abimeleque e Ficol, comandante do seu exército, e voltaram para as terras dos filisteus. Plantou Abraão tamargueiras em Berseba, e invocou ali o nome do Senhor, Deus eterno. E foi Abraão por muito tempo morador na terra dos filisteus.

V. A. — Êx 3.14; Dt 33.27; Sl 90.2; 102.24-27; Hb 1.12; Ap 1.8; Sl 93.2.

V. T. — Is 44.6; 57.15.

Perfeito, Deus é infinito! Deus não tem variação.

D. D. — A Bíblia assevera o fato de que Deus é eterno; Sua existência não teve início e não terá fim; Ele sempre foi, sempre é e sempre será.

7. A Imutabilidade de Deus.

A auto-existência e a eternidade de Deus podem ser consideradas argumentos em apoio de Sua imutabilidade. Na qualidade de Ser infinito, absolutamente independente e eterno, Deus está acima da possibilidade de mudanças.

"Mudam as criaturas e tudo que é da terra; Deus, porém, não muda. Ele é e há de ser eternamente o mesmo, pois é infinitamente perfeito, e a perfeição infinita impede e elimina toda alteração. Não pode haver mudança que não implique imperfeição. (tudo que muda é imperfeito, logo, Deus não muda.)

"É escusado dizer que a mudança para pior subentende a imperfeição, pois nesse caso a mudança indica imperfeição anterior, e maior imperfeição ainda após sua ocorrência. É verdade, também, que a mudança do pior para o melhor denota a imperfeição anterior, uma vez que essa mudança caminha em direção à perfeição. Ora, Deus é absolutamente perfeito; quer o consideremos como possuidor de atributos morais ou naturais. Não pode haver acréscimo ao número de Seus atributos naturais, nem intensificação da capacidade ou poder desses atributos. Seria absurdo supor que Deus possa tornar-se mais auto-existente, mais eterno ou mais onipotente do que Ele já é. Igualmente absurdo é supor que é possível tirar-lhe Seus atributos naturais, ou que Ele pode, de algum modo, vir a perdê-los.

"Quanto aos atributos morais do Divino Personagem, estes também são imutáveis. Trazem o selo da perfeição. Entretanto, se Deus pudesse alterar-se em Seus atributos morais, isso implicaria imperfeição em Seu caráter moral. Se, por exemplo, Ele pudesse tornar-se um Ser melhor do que é, isso implicaria em que Ele não é perfeito em bondade. Se Ele pudesse vir a tornar-se mais justo, então a justiça não teria atingido nEle o seu clímax. Se Ele pudesse ser mais fiel à Sua Palavra, Sua veracidade não seria perfeita. Se Ele pudesse ser mais santo segue-se que agora Ele não é infinitamente santo. Tanto em Seus atributos morais como em Seus atributos naturais, Deus é imutável e, por conseguinte, Seu caráter não é passível de alteração." — Pendleton.

"A vida é curto dia que se esvai;
Prazer e glória breve têm seu fim.
Tudo é ruína, tudo passa e cai...
Tu que não mudas, fica junto a mim."

— Lyte: trad. de Eduardo Moreira

(1) Seu significado.

Por "imutabilidade", quando essa palavra é usada em relação a Deus, se entende que Deus, em Sua natureza, Seus atributos e conselhos, é imutável; pois tais coisas pertencendo a um Ser Infinito, são absolutamente perfeitas e, portanto, não admitem possibilidade de variação.

A imutabilidade não implica inatividade ou imobilidade, pois Deus é infinito em poder e energia. Também não implica falta de sentimento, pois Deus é capaz de infinita simpatia e sofrimento e de grande indignação contra a iniqüidade. Não significa que Deus não seja capaz de fazer livres escolhas, pois a Ele pertence o direito inalienável de escolher os fins e os meios de atingi-los. A imutabilidade também não proíbe Deus de desdobrar e realizar progressivamente Seus planos e propósitos.

"Podemos resumir a significação da imutabilidade de Deus dizendo que se trata da Sua auto-coerência, moral e pessoal, em todos os Seus tratos com Suas criaturas. A melodia de uma canção simples, como 'Lar Doce Lar', pode ser tocada em um instrumento com diversas variações. Mas, através de todas essas variações, a melodia permanece uma unidade auto-coerente do princípio ao fim. A imutabilidade de Deus é como a melodia. É Sua auto-coerência manifestando-se por meio de intermináveis variações de métodos." — Mullins.

(2) Sua Realidade

Ml 3.6 — Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.

V. A. — 1 Sm 15.29 e Sl 102.26,27; Tg 1.17; Hb 13.8.

V. T. — Nm 23:19 e Hb 6:17,18.

D. D. — As Escrituras ensinam claramente que Deus é imutável, que permanece eternamente o mesmo, e sem alteração.

(3) Objeções à doutrina da Imutabilidade.

a. Primeira objeção.

Jon 3.10 — Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez.

Esta passagem afirma que Deus se arrependeu. Como se concilia isso com Sua imutabilidade?

Resposta:

A palavra "arrepender-se", neste passo, significa "mudança de pensamento" ou "pensamento-modificado". Quando aplicada a Deus é usada fenomenalmente, ou aparentemente, conforme o costume do Antigo Testamento. Parece que Deus muda de pensamento porque muda de método. Os fenômenos são tais que, se realizados por um homem, indicariam mudança de atitude mental. O problema faz parte da dificuldade inerente na explicação da Divindade às mentes finitas.

"Deus permaneceu o mesmo quanto a Seu caráter, abominando infinitamente o pecado, e em Seu propósito de visitar com julgamento o pecado; quando, porém, Nínive mudou em sua atitude para com o pecado, Deus, necessariamente, modificou Sua atitude para com Nínive. Seu caráter permanece o mesmo, mas Seus tratos com os homens mudam, à medida que os homens mudam de uma posição

que é odiosa à inalterável indignação de Deus contra o pecado, para uma posição que é agradável a Seu inalterável amor pela justiça." — Torrey.

"Um barco avança contra a correnteza; a correnteza lhe oferece resistência. Assim é a nação que transgride a lei de Deus: fica sujeita ao julgamento. Os remadores mudam de direção e fazem o barco seguir a correnteza; esta ajuda o barco em seu avanço. Assim também sucede à nação que se arrepende e se põe em harmonia com a lei de Deus; fica ao alcance da Sua bênção. A correnteza porém, permanece a mesma; ela não mudou; somente o barco alterou seu rumo em relação à correnteza. Deus também não muda — nós é que mudamos; e a mesma lei que foi posta em execução para castigar, agora se expressa por meio da bênção." — Broche.

b. Segunda Objeção:

Gn 6:6 — Então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

Esta passagem diz não apenas que Deus se arrependeu, mas que sentiu tristeza no coração. Como pode ser isso explicado à luz de Sua imutabilidade?

(a) Primeira resposta:

"A iniqüidade do homem se tornou tão grande e odiável que, para Deus, Sua própria criação se tornou motivo de grande tristeza. Isso não implica, necessariamente, que Deus tenha desejado, após tudo ter levado em consideração, não haver criado o homem, mas apenas, tal como está escrito, que isso lhe pesou no coração. Muitas cousas que fazemos redundam em tristeza para nós; contudo, depois de tudo ter-nos levado em consideração, não desejamos não tê-las feito." — Torrey.

(b) Segunda resposta:

O fato de que Deus se arrependeu de ter criado o homem significa que, conforme o contexto demonstra claramente, Ele pôs de lado Suas relações criadoras para com o homem e se voltou para relações de julgamento e destruição.

8 A Onisciência de Deus

"A exemplo dos demais atributos que vimos considerando, a onisciência de Deus desafia a nossa compreensão. Nós sabemos muito pouco, e enquanto estivermos neste mundo provavelmente não voltaremos nem a primeira página do livro do conhecimento. Quão impossível, pois, é aprendermos a noção do conhecimento de escopo universal. O pouco conhecimento que adquirimos geralmente é obtido por meio de laborioso estudo. Aprendemos uma coisa, dela inferimos outra, e assim prosseguimos, extraindo conclusões que colocamos como premissas das quais tiramos outras conclusões. Como, então, podemos compreender a Mente Infinita, que tudo sabe intuitivamente? O conhecimento de Deus não é sucessivo, e, sim, perfeitamente simultâneo.

"Há uma teoria da onisciência de Deus que se nos afigura absurda. Argumenta do seguinte modo: A onipotência de Deus é Sua capacidade para fazer tudo que Lhe aprouver; porém, não Lhe apraz fazer tudo. Assim, a onisciência de Deus é Sua capacidade para tudo saber, porém não Lhe apraz saber tudo. Para refutar essa teoria, basta notarmos que, de acordo com ela, Deus teria primeiro que saber tudo, para poder resolver o que desejava saber e o que não desejava" — Pendleton.

(1) Seu significado.

A palavra "onisciência" se deriva de duas palavras latinas, "omnes", que significa tudo, e "scientia", que significa conhecimento. Deus é Espírito e, como tal, tem conhecimento. Ele é Espírito perfeito e, como tal, possui perfeito conhecimento.

O termo denota a infinita inteligência de Deus — Seu conhecimento de todas as coisas. Calvino definiu a "onisciência" como "aquele atributo mediante o qual Deus conhece a si mesmo e a todas as outras coisas em um só e simplicíssimo ato eterno". A sabedoria pode ser classificada sob onisciência; é aquilo pelo qual Deus produz os melhores resultados possíveis através dos melhores meios possíveis. Parece, igualmente, que a sabedoria inclui, além da capacidade intelectual, o princípio moral, como se verifica nos livros de Jó e de Provérbios, onde abrange as qualidades preeminentes de um homem ideal que em si mesmo combina todas as excelências morais e intelectuais. A sabedoria é uma qualidade da natureza de Deus e um modo de Sua atividade.

(2) Sua Realidade.

Rm 11.33 — Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!

V. A. — Jó 11.7,8; Is 40.28; Sl 147.5; Dt 29.29.

V. T. — Sl 139.2,11,13; I Rs 8.39; Jr 16.17; Lc 16.15; Rm 8.27; Hb 4.13; Is 42.9; Jó 37.16; Êx 3.19; Jr 1.5; I Sm 23.10-13.

O universo, como expressão do pensamento e do plano de Deus, sugere Sua onisciência.

"Quem não puder enxergar a operação de uma sabedoria divina na ordem dos céus, na mudança das estações, no fluxo das marés, nas operações do vento e demais elementos, na estrutura do corpo humano, na circulação do sangue por uma variedade de vasos sangüíneos maravilhosamente arranjados e conduzidos, no instinto dos animais irracionais, seus temperamentos e disposições, e no crescimento das plantas; quem não puder enxergar nessas e muitas outras coisas, o evidente produto de uma sabedoria divina, é estupidamente cego, e indigno do nome de homem." — William Jones.

D. D. — As Escrituras ensinam que Deus é onisciente; Sua compreensão é infinita; Sua inteligência é perfeita.

(3) Sua aplicação.

(a) A onicisciência de Deus inclui tudo; Seu conhecimento é universal, incluindo tudo quanto pode ser conhecido.

1 Jo 3.20 — Pois, se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as cousas.

A onisciência de Deus, realmente, deve fazer-nos ficar envergonhados ao cometer pecado; mas também deve encorajar-nos a confessá-lo. Podemos contar nossos segredos a um amigo que não os conhece; muito mais devemos fazê-lo Àquele que já os conhece! O conhecimento de Deus em muito ultrapassa nossas confissões, e antecipa o que temos a dizer-Lhe.

(b) Deus conhece desde toda eternidade aquilo que será durante toda a eternidade.

At 15.18 — Diz o Senhor que faz estas cousas, conhecidas desde séculos.
V. A. — Is 46.9,10.

"O conhecimento de Deus sobre a realidade inclui Seu eterno conhecimento das ações dos livres agentes. A Bíblia ensina que Deus não apenas conhece de antemão mas que, em muitos casos, tem predito as ações dos homens; contudo, Ele reconhece a liberdade e a responsabilidade desses agentes ao cumprirem as profecias. E Deus é revelado na Bíblia não apenas como Aquele que conhece de antemão e prevê as ações dos livres agentes (At 2.23), mas também como Aquele que sabe o que fariam esses livres agentes em circunstâncias diferentes, ainda que nunca o tenham feito (I Sm 23.12)." — Harris, vol. 1.

(c) Deus conhece o plano total dos séculos, bem como a parte que nele ocupa cada homem.

Ef 1.9-12 — Desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo.

V. A. — Rm 8.28-30; Cl 1.25,26; Ef 3.4-9; Pv 5.21.

(d) Deus sabe tudo quanto ocorre em todos os lugares; tanto o bem como o mal.

Pv 15.3 — Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons.

V. A. — Ml 3.16.

Deus conhece as condições que prevalecem em cada lar e coração dos homens. Deus observa as ações, palavras e pensamentos de cada membro de cada família de todos os lugares.

(e) Deus conhece todos os filhos dos homens, seus caminhos e suas obras.

Pv 5..21 — Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas.

V. A. — Sl 33.13-15.

V. T. — Mt 20.17-19; Êx 3.19; At 3.17,18; 2 Rs 7.1,2; Sl 41.9; Gl 1.15,16; 1 Pe 1.2. Compare-se 1 Pe 1.20 com Mc 13.32.

Os hábitos e práticas do homem são objeto do exame divino. Estão constantemente sob Sua observação.

"A Razão Divina não é alguma capacidade ou poder de conhecer e que se preenche adquirindo conhecimento. É a eterna plenitude do conhecimento."

b. Às coisas em particular.

(a) Tudo na natureza, toda estrela e todo passarinho.

Sl 147.4 — Conta o número das estrelas, chamando-as todas pelos seus nomes.

Mt 10.29 — Não se vendem dois pardais por um asse? e nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai.

(b) Tudo no terreno da experiência humana.

"Não há uma cidade, não há uma vila, não há uma casa sobre a qual não esteja fixo o olho de Deus. Não existe uma só emoção ou impulso sobre os quais Ele não tenha conhecimento. Ele conhece toda ocorrência ou aventura, que envolva alegria ou tristeza, dor ou prazer, adversidade ou prosperidade, sucesso ou fracasso, vitória ou derrota".

"Deus nada faz nem permite fazer
Senão o que tu mesmo farias se pudesses ver
O fim de todas as cousas aqui como Ele o pode ver."

— Selecionado.

aa. Os feitos e as ações do homem.

Sl 139.2,3 — Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos.

bb. As palavras do homem.

Sl 139.4 — Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda.

cc. Os pensamentos e as imaginações do homem.

Sl 139.1,2 — Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos.

I Cr 28.9 — Tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai, e serve-o de coração íntegro e alma voluntária; porque o Senhor esquadrinha todos os corações, e penetra todos os desígnios do pensamento. Se o buscares, ele deixará achar-se por ti, se o deixares, ele te rejeitará para sempre.

dd. As tristezas do homem.

Êx 3.7 — Disse ainda o Senhor: Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhes o sofrimento.

D. D. — O conhecimento de Deus alcança de eternidade a eternidade, compreendendo todas as cousas em todos os lugares, com os mais minuciosos detalhes.

"Há certos problemas que surgem com referência à doutrina da onisciência de Deus. Como a inteligência divina pode compreender um número tão vasto de coisas múltiplas e inexauríveis, deve para sempre ultrapassar o nosso entendimento. 'Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.38). Não é possível sondar o Seu entendimento; está além de toda computação humana. Deus olha para a base e para a fonte das ações — não apenas a ação realizada, mas o princípio, do mesmo modo que um jardineiro sabe quais as raízes que estão sob a terra muito antes de aparecerem, e que frutos elas produzirão.

"O homem que se põe à beira de um rio vê apenas aquela parte do rio que passa; mas quem está no ar, em lugar mais alto, vê todo o seu curso, onde começa e como é seu leito. Semelhantemente, Deus, de uma vez só, vê o início, o decurso e o fim das ações; o que quer que pensemos, falemos ou façamos, Ele o vê em sua inteireza." — Manton.

Por conseguinte, temos que ficar perplexos perante uma sabedoria tão inatingível, encontrando problemas ligados à mesma, os quais, pelo menos por enquanto, hão de permanecer sem solução. Novamente, porém, não devemos confundir o conhecimento antecipado que Deus tem com Sua predestinação. As duas coisas, em certo sentido, são diferentes. O fato de que Deus conhece algo de antemão torna-o certo, mas não necessário.

"O conhecimento antecipado não é a causa das cousas que são pre-conhecidas; pois não é porque alguma cousa foi conhecida que veio a suceder, mas antes, porque alguma cousa havia de suceder é que foi conhecida de antemão; e o simples conhecimento não é a causa do acontecimento, que, por ser conhecido, deve infalivelmente suceder, como também quando vejo um homem correndo não é isso que o faz correr, acontecimentos esse que, por eu vê-lo, sucede infalivelmente." — Tillotson.

A predestinação (ou pre-ordenação) de Deus está em harmonia com Seu conhecimento anterior. Faraó foi o responsável por haver endurecido o coração, embora esse processo de endurecimento tenha sido pre-conhecido e predito por Deus. As ações dos homens são consideradas certas, mas não necessárias, por motivo do conhecimento divino.

9. A Onipotência de Deus.

"Seres finitos não podem formar senão um fraquíssimo conceito desse atributo. Eles exercem em esferas contraídas e sob limitações necessárias o poder que possuem. É um poder secundário, derivado de Deus, a Fonte do poder supremo. Acostumados como somos a manifestar ações de poder imperfeito, entre os homens, ficamos admirados ao contemplar o poder absoluto de Deus. Sua onipotência, entretanto, é reconhecida por todos quantos acreditam em Sua existência." — Pendleton.

O poder de Deus não é condicionado nem limitado por qualquer pessoa fora dele mesmo. O poder, ou seja, a eficiência de fazer acontecer as cousas, é um atributo de Deus. Deus é a causa originadora do universo, e nele Seu poder opera sempre.

"Todo o poder lhe pertence. Ele está assentado no trono. Brande um cetro universal. Controla todas as cousas e exerce Sua onipotência a favor daqueles que nEle confiam." — Pendleton.

(1) Seu significado.

A palavra "onipotência" deriva de dois termos latinos, "ommis" e "potentia" que juntas significam "todo poder". Esse atributo significa que Seu poder é ilimitado, que Ele tem o poder de fazer qualquer cousa que queira. A onipotência de Deus é aquele atributo pelo qual Ele pode fazer suceder qualquer cousa que deseje. A declaração de Deus da Sua intenção é a garantia de que ela se realizará.

A onipotência de Deus não significa o exercício de Seu poder para fazer aquilo que é incoerente com a natureza das cousas, como, por exemplo, fazer que um acontecimento já passado não tenha acontecido, ou traçar entre dois pontos uma linha mais curta do que uma reta. Para Deus é impossível mentir, pecar, morrer, fazer com que o errado esteja certo, ou fazer com que o ódio votado contra Ele seja abençoado. Fazer tais cousas não implicaria poder, mas antes, impotência. Deus possui todo o poder que é coerente com a perfeição infinita — todo o poder para fazer o que é digno dEle.

"O poder criador de Deus é, primariamente, a eficiência de Sua vontade. Não tem analogia com o exercício da força muscular. Antes é análogo ao fato de mover o homem um braço pelo ditame de sua vontade. Os versos iniciais do oitavo livro do Ilíada costumam ser citados como exemplo do sublime. Júpiter proíbe aos deuses, sob ameaça de penalidades diretas, de ajudarem quer aos gregos quer aos troianos. A fim de lembrá-los do seu poder irresistível, ele os desafia a pen-

durar do céu uma corrente de ouro, e que todos, deuses e deusas, se agarrem à mesma; e adverte-os de que, por mais que se esforcem, serão incapazes de arrastá-lo, a ele, Júpiter, para baixo. Ele, porém, irá agarrar a corrente e arrastar a todos eles, juntamente com a terra e os mares também; e depois amarrar a corrente ao redor do cume do Olimpo e deixar a todos balançando-se em pleno espaço. Ora, aí nada mais há do que força muscular, uma espécie de competição atlética. Quão incomensuravelmente mais sublimes são as representações bíblicas: 'Haja luz; e houve luz'. 'Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir'." — Harris, vol. 1.

"Deus possui infinito poder de vontade, em virtude do qual é capaz, mediante Sua livre auto-determinação, de realizar o que quer que seja objeto apropriado de poder. A Bíblia declara que Deus não pode fazer determinadas cousas; isso, porém expressa, geralmente, uma incapacidade oriunda, não da falta de poder executivo ou de energias, mas da ausência de propósito. Os atos em apreço seriam contraditórios com seu caráter e, portanto, o são com Sua vontade." — Pepper.

(2) Sua realidade.

Mt 19.26 — Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.

V. A. — Jó 42.2; Gn 18.14; Sl 93.3-4; Jr 32.17; Sl 115.3.

V. T. — Gn 17.1; Êx 6.3.

D. D. — Deus pode fazer todas as cousas — nada é por demais difícil para Ele; para Ele tudo é possível — Deus é onipotente.

(3) Sua aplicação.

a. No domínio da natureza.

Gn 1.1-3 — No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz.

V. A. — Sl 107.25-29; Na 1.3-6; Sl 33.6-9.

"O universo, conforme o conhecemos, é a suprema evidência da onipotência de Deus. Por tê-lo criado, sustentado e orientado, Deus exibe a capacidade de limitar-se ou restringir-se. Ele quis fazê-lo tal como é, e não de outro modo. Ele quis criar o homem como ser livre e assim deixá-lo. O universo não exaure Deus. NEle sempre há reservas de sabedoria e de poder." — Mullins.

"Para Deus é tão fácil suprir tuas maiores como tuas menores necessidades, assim como está ao alcance de Seu poder formar um sistema ou um átomo, criar um sol incandescente como acender a lâmpada do vagalume." — Thomas Guthrie.

D. D. — Toda a natureza está sujeita à direção e controle divinos.

b. **No domínio da experiência humana, segundo ilustrado por:**

(a) José — Gn 39.2,3,21.

Deus manifestou em José o Seu poder, tornando-lhes os inimigos em amigos e produzindo aquelas circunstâncias que o levaram à exaltação e à prosperidade.

(b) Nabucodonosor — Dn 4.19-37.

O poder de Deus foi manifestado no caso de Nabucodonosor ao subjugar seu orgulho e arrogância e ao arrancar-lhe a confissão da soberania e supremacia de Deus tanto no céu como na terra.

(c) Daniel — Dn 1.9.

O poder de Deus é visto em relação a Daniel ao conceder-lhe favor perante o chefe dos eunucos e perante o próprio rei, e também pela sua miraculosa preservação na cova dos leões.

(d) Faraó — Êx 7.1-5.

Deus demonstrou a supremacia de Seu poder sobre os deuses do Egito por meio das dez pragas enviadas contra os egípcios e por meio do grande livramento que proporcionou aos filhos de Israel por intermédio de Moisés.

(e) Aos homens em geral.

Sl 75.6,7 — Porque não é do Oriente, não é do Ocidente, nem do deserto que vem o auxílio. Deus é o juiz: a um abate, a outro exalta.

V. A. — Jo 17.2; Sl 76.10.

V. T. — At 17.28; Lc 12.13-21; Tg 4.12-15.

"A onipotência de Deus é manifestada de muitas maneiras. Não existe obstáculo que Ele não possa vencer para cumprir os Seus propósitos ou para usar os meios por Ele escolhidos. Ele pode também agir diretamente, sem necessidade de meios, na consecução de Seus fins." — Mullins.

"O rei Canuto, conquistador dinamarquês da Bretanha, certa vez foi lisonjeado por seus cortesãos por causa de seu poder. Então ele ordenou que seu trono fosse levado à praia do mar. A maré subia, ameaçando afogá-lo. O rei ordenou que as ondas cessassem. Naturalmente que não lhe obedeceram. Então Canuto disse a seus bajuladores: "Vede quão pequeno é o poderio dos reis!" — Foster.

D. D. — Todas as ações humanas, quer presentes quer futuras, dependem da vontade e do poder de Deus, e estão sujeitas à Sua Palavra.

c. **Nos domínios celestiais.**

Dn 4.35 — Todos os moradores da terra são por ele reputados como nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

V. A. — Hb 1.13,14.

D. D. — Os santos anjos estão sob o domínio divino e sujeitos à vontade de Deus.

d. No domínio dos espíritos malignos.

Jó 1.12 — Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.

V. A. — Tg 4.7; Ap 20.2; Jó 2.6; Lc 22.31,32.

"Quando Antígono estava pronto para iniciar um combate naval contra a armada de Ptolomeu, e o piloto clamou: 'Quantos são eles mais do que nós?' o corajoso rei replicou: 'É verdade que, se você contar o número deles, são mais do que nós; mas quantos você acha que eu valho?' Nosso Deus é suficiente contra todas as forças combinadas da terra e do inferno." — Spencer.

Satanás não tem poder contra algum dos filhos de Deus, salvo naquilo que Deus lho permita. Deus pode barrar a malignidade de Satanás, assim como pode suster as ondas do mar.

D. D. — Os poderes malignos — Satanás, os demônios e os anjos caídos — estão todos sujeitos à vontade e à palavra de Deus.

10. A Onipresença de Deus.

Este atributo está intimamente ligado à onipotência e onisciência de Deus, pois Deus está presente em todos os lugares. Ele age em todos os lugares e possui pleno conhecimento de tudo quanto ocorre em todos os lugares. Isso não significa, contudo, que Deus esteja presente em todos os lugares em sentido corporal; Sua presença é espiritual e não material, ainda que seja uma real presença pessoal.

As crianças algumas vezes perguntam: "Se Deus está em toda parte, como há espaço para nós?" E a única resposta é que Deus não é um Ser material e, sim, espiritual, cuja presença não exclui a existência finita ou material.

Jesus ensinou: "...nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade". As misteriosas idas e vindas de nosso Senhor, após Sua ressurreição, tiveram a intenção de ensinar a Seus discípulos de que maneira Ele podia estar e estaria com eles "todos os dias até a consumação do século". A anipresença de Jesus demonstra a onipresença de Deus.

"Tudo quanto Deus é em um lugar Ele o é em todos. Tudo quanto existe de Deus está em todos os lugares. De fato, Sua presença não depende do espaço ou da matéria. Toda a ilimitada glória da Divindade está essencialmente presente em cada ponto de Sua criação, por mais diversas que sejam as manifestações dessa glória em diferentes ocasiões e lugares." — Alexander.

"Que consolo é sabermos que, apesar de toda a aparente separação, somos ainda habitantes da mesma casa — a casa de Deus. É exatamente o que diz o salmista que a separação absoluta entre duas almas é uma impossibilidade, que os raios da manhã nunca podem deixar-nos fora das portas de Deus." — Matheson

"Para os hebreus, o universo externo é apenas uma tela negra ocultando a Deus. Todas as cousas estão cheias dEle, ainda que dEle completamente distintas. A nuvem nas montanhas é Sua coberta; o murmúrio das câmaras do trovão é Sua voz; o farfalhar pelas copas das amoreiras é Sua "passagem" no vento que balança a floresta ou faz rodopiar as nuvens. Deus está caminhando; o sol é Seu olho dominador. Onde poderiam esconder-se de Seu espírito? Para onde poderiam fugir de Sua presença? A cada passo e em todas as circunstâncias sentem-se cercados por Deus, cheios de Deus, homens que respiram Deus, como presença espiritual, desaprovando ou sorrindo sobre eles do céu, soando na furiosa tempestade, movendo-se em grande calmaria pela superfície da terra; e, se se voltam dentro de si, ei-la também ali — um "olho" suspenso nas trevas centrais de seus próprios corações." — Gilfillan.

(1) Seu significado.

A palavra "onipresença" deriva de dois vocábulos latinos, "ommis", que significa "tudo", e "praesum" — "estar próximo ou presente". As Escrituras representam Deus a preencher a imensidade; Ele está presente em todos os lugares, e não existe ponto do universo onde Ele não se encontre.

"Um filósofo pagão perguntou uma vez a um cristão: 'Onde está Deus?' O cristão replicou: 'Primeiro desejo perguntar-lhe: Onde não está Ele?' " — Arrowsmith.

Há uma diferença entre a onipresença de Deus e Sua imensidade. Diz Dick no tocante a essa diferença: "Quando chamamos Sua essência de imensa, queremos dizer que ela não tem limites; quando dizemos que é onipresente, damos a entender que ela está onde quer que haja criatura, pois ali Deus está, ainda que nos preocupemos mais com Sua onipresença que tem uma relação pessoal conosco."

(2) Sua realidade

Sl 139.7-10 — Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares: ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me sustentará. Se eu digo: As trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma cousa.

V. A. — At 17.24-28; Mt 18.20; Jr 23.23-34.

"Certo homem se dirigiu a um daruvês para propor-lhe três perguntas: 'Primeiro, por que dizem que Deus é onipresente? Não o vejo em lugar algum: mostra-me onde Ele está. Segundo, por que um homem é punido por seus crimes, visto que o que ele faz procede de Deus. O homem não tem vontade livre, pois nada

pode fazer contrário à vontade de Deus; e, se tivesse o poder, faria tudo para seu próprio bem. Terceiro, como pode Deus castigar Satanás no fogo do inferno, visto que ele é formado desse elemento? E que impressão pode o fogo fazer em si mesmo?' O daruvês tomou um grande torrão e com ele bateu na cabeça do interrogador. Este foi fazer queixa ao cádi, dizendo-lhe: "Fiz três perguntas a um raduvês, e em resposta ele me bateu com um torrão tão grande que minha cabeça está doendo'. O cádi, tendo mandado chamar o daruvês, perguntou-lhe: 'Por que jogou na cabeça dele um torrão em lugar de responder às suas perguntas?' O daruvês retrucou: 'O torrão foi a resposta às perguntas dele. Ele diz que está sentindo dor de cabeça; pois que me mostre a dor, e eu tornarei Deus visível para ele. E por que ele se queixa perante o juiz? Tudo quanto fiz foi ato de Deus. Não o feri sem a vontade de Deus, pois que poder possuo eu? E, visto que ele é composto do pó da terra, como pode sofrer alguma dor por causa desse elemento?' O interrogador viu-se confundido, e o cádi ficou muito satisfeito com a resposta do daruvês." — J. H. Vincent.

D. D. — Deus é nosso ambiente mais próximo. Seu centro está em todos os lugares; Sua circunferência não está em lugar algum: Deus é onipresente.

(3) Sua qualificação.

Deus não está em todos os lugares no mesmo sentido; isto é, Ele está manifestamente presente em alguns lugares num sentido em que Ele não o está noutros lugares; Ele está no Céu como lugar de Sua habitação e como local de Seu trono. Esse é o lugar onde, o presente, a presença e a glória de Deus são especial e visivelmente manifestos.

Jo 20.17 — "Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus."

V. A. — I Rs 8.30; Jo 14.28; Ef 1.20.

V. T. — Ap 21.2,3,10,22,23; 22.1,3.

"Deus Pai manifesta-se especialmente no Céu (Mc 1.9-11). Deus Filho manifestou-se especialmente na terra (Jo 3.13), e agora está no Céu (At 7.56; Ef 1.20). Deus Espírito Santo manifesta-se em todos os lugares: (a) na natureza (Gn 1.2; Sl 104.30); (b) em todos os crentes (Jo 14.16-17; Rm 8.9); (c) junto dos descrentes (Jo 16.7-11). Por intermédio do Espírito, o Pai e o Filho habitam no crente (Jo 14.17,19,20,23)." — Torrey.

D. D. — Deus Pai se manifesta especialmente no céu; Deus Filho se tem manifestado especialmente sobre a terra; Deus Espírito Santo se manifesta em todos os lugares, na natureza, junto dos descrentes, e em todos os crentes.

(4) Sua aplicação à vida e à experiência humanas.

a **Trata-se de verdade protetora, que deve trazer consolo e ânimo aos corações de todos os crentes. A infalível presença de Deus é sua gloriosa porção e possessão.**

"Quando sigo pelo caminho, Ele vai comigo. Quando estou na companhia de amigos, em meio a todo o meu esquecimento dEle, Ele nunca se esquece de mim. Nas vigílias silenciosas da noite, quando se me cerram as pálpebras e meu espírito recua até à incosciência, o olho observador dAquele que jamais dormita está sobre mim. Não posso fugir da Sua presença, para onde quer que me vá; Ele me guia, me vigia e cuida de mim. O mesmo Ser que ora opera nos domínios mais remotos da natureza e da providência, está também a meu lado, entregando-me um a um os momentos da minha existência, sustentando-me no exercício de todos os meus sentimentos e de todas as minhas faculdades" — Chalmers.

"Seria impossível conceber qualquer pensamento mais apavorante do que este, se esse Ser invisível mas sempre presente tivesse para conosco sentimentos pouco amistosos... E é difícel conceber-se toda a agonia que nos caberia diante da consciência de que um inimigo, invisível para nós, seguisse todos os nossos passos, que seu olhar estivesse sobre nós dia e noite... Sua invisibilidade tornar-nos-ia incapaz de defesa contra seus ataques, ainda que doutro modo fôssemos capazes de fazê-lo, e, mantendo-nos na ignorância de suas intenções e movimentos, ele nos traria sempre em estado de torturante expectativa, sempre temerosos, nunca sabendo quando ele havia de satisfazer seus sentimentos de inimizade envolvendo-nos na ruína. Que motivo de gratidão é para nós, sabermos que aquele pensamento que estaria sobrecarregado de horrores seja, justamente, fonte de consolação imorredoura! É tal o caráter de Deus, que está lamentavelmente mal o homem que não deriva, da consciência de Sua presença, algum conforto." — Landels.

b. Trata-se de verdade detetora.

Assim como no império romano o mundo inteiro era para o malfeitor uma vasta prisão, pois, ainda que fugisse para as terras mais distantes, podia ser alcançado pelo imperador, assim, no governo de Deus, o pecador não pode escapar do olho do Juiz de toda a terra. "Tu és Deus que vê", deve servir de advertência para evitarmos o pecado.

"Que a consideração de que todas as coisas estão nuas e abertas para os olhos dAquele a Quem temos de prestar contas, tenha em nós a devida influência."

— Preston.

II. *Os Atributos Morais*

1. A Santidade de Deus (incluindo Sua Retidão e Justiça)

(1) A Santidade de Deus (propriamente dita)

A Santidade de Deus é Seu atributo mais exaltado e destacado, pois expressa a majestade de Sua natureza e caráter morais.

a. Importância da doutrina.

Bem se poderia chamar a santidade de Deus o atributo moral enfático de Deus. Se é que existe qualquer diferença, em grau de importância, entre os Seus atributos morais, a santidade de Deus parece ocupar o primeiro lugar. Nas visões que Deus concedeu aos homens, no tempo do Antigo Testamento, o que mais se salientou foi a santidade divina. Ver ilustrações disso nas visões de Moisés, Jó e Isaías.

Por cerca de trinta vezes o profeta Isaías se refere a Jeová, chamando-O de "o Santo", desse modo indicando as características daquelas visões beatíficas que mais o impressionaram. Deus deseja ser pre-eminentemente conhecido em Sua santidade, pois esse é o atributo pelo qual Ele é glorificado por excelência. Conceitos superficiais de Deus e Sua santidade produzem conceitos superficiais do pecado e da necessidade da expiação.

(a) Conforme revelada nas Escrituras, nas quais a santidade de Deus não só é constante e poderosamente levada à atenção do homem, mas também é apresentada como principal motivo de regozijo e adoração no Céu.

1 Pe 1.16 — Porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.

V. A. — Ap 4.8; Lc 5.8; Hb 12.14; Is 6.3.

As Escrituras declaram a santidade de Deus em altos e solenes tons: "Santo e tremendo é o seu nome." A perfeição da santidade de Deus é o motivo supremo da adoração que Lhe é devida.

(b) Conforme evidenciada por nossa própria constituição moral, na qual a consciência mostra sua supremacia sobre todo impulso e afeição de nossa natureza. Por exemplo, podemos ser gentis, mas devemos ser retos; portanto, Deus, em cuja imagem fomos criados, pode ser misericordioso, mas há de ser santo.

Rm 2.14-16 — Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei, gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-se ou defendendo-se; no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.

V. A. — 2 Pe 2.4,5,9.

(c) Conforme se vê nos próprios tratos de Deus, nos quais a santidade condiciona e limita o exercício de outros atributos. Assim, por exemplo, na obra remidora de Cristo, embora seja o amor que faz expiação, a santidade violada é que exige; e no castigo eterno dos ímpios, a exigência da santidade, que requer auto-vindicação, abafa o apelo do amor em favor dos sofredores. Sl 85.10.

Fl 1.9 — E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção.

O amor não pode ser o atributo fundamental de Deus, porque o amor sempre requer um padrão, e esse padrão se encontra somente na santidade. O atributo, pois, que condiciona os demais, é de todos os atributos o mais elevado.

"No pátio de manobras da estação ferroviária, a leste de Rochester, há um homem cujo dever é desviar uma alavanca uns cinco ou dez centímetros para a esquerda ou para a direita. Assim fazendo, ele determina se o trem tomará a direção de Nova Iorque ou de Washington, de Nova Orleans ou de São Francisco." — Strong.

Essa alavanca é o meio pelo qual a direção e o curso dos trens se regulam. Assim, a santidade é o atributo regulador de Deus, pelo qual é governado e orientado o exercício de todos os demais atributos.

(d) Conforme demonstrada no plano e na providência redentores de Deus, nos quais a justiça e a misericórdia são conciliados somente através do sacrifício de Cristo, previsto e predeterminado. A declaração de que Cristo é o "Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo" implica a existência de um princípio da natureza divina, que requer satisfação antes que Deus possa dar início à obra da redenção. E esse princípio não pode ser outro senão a santidade.

Rm 3.26 — Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

V. A. — Sl 85.10.

b. Significado de Santidade quando se refere a Deus. A título de definição, duas cousas podem ser inferidas das Escrituras:

(a) Negativamente — que Deus é inteiramente separado de tudo quanto é mal e de tudo quanto conspurca, tanto em Si mesmo como em relação a todas as Suas criaturas.

Lv 11.43-45 — Não vos façais abomináveis por nenhum enxame de criaturas, nem por elas vos contaminareis, para não serdes imundos. Eu sou o Senhor vosso Deus: portanto vós vos consagrareis, e sereis santos, porque eu sou santo; e não vos contaminareis por nenhum enxame de criaturas que se arrastam sobre a terra. Eu sou o Senhor, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus: portanto vós sereis santos, porque eu sou santo.

V. T. — Dt 23.14.

Não afirmamos apenas que Deus quer permanecer separado de tudo que contamina, como se a santidade fosse simples questão de vontade; afirmamos, antes, que Ele é separado de tudo quanto é de natureza pecaminosa. A santidade é uma característica de Seu ser. Disse Jó (34.10): "Pelo que vós, homens sensatos, escutai-me: Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-poderoso o cometer injustiça."

"Um Deus perverso, capaz de praticar iniqüidade, seria uma contradição de termos, um conceito impossível e inconcebível. Parece que Jó chegou a duvidar de que o princípio pelo qual o universo é dirigido seja de absoluta eqüidade. Ele precisava saber que Deus é isento de toda a prática do mal. Por mais oculto que seja o significado de Seus tratos, Ele é sempre justo. Deus nunca fez mal a nenhuma de Suas criaturas, nem nunca o fará." — Evans.

(b) Positivamente — que por santidade de Deus se entende a absoluta perfeição, a pureza e integridade de Sua natureza e Seu caráter.

I Jo 1.5 — Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

"A santidade não é alguma pureza morta, não é a perfeição de uma estátua de mármore sem defeito. Pois a vida, tanto quanto a pureza, faz parte da idéia de santidade. Aqueles nos quais 'não se achou mentira na sua boca', perante o trono, são os 'seguidores do Cordeiro por onde quer que vá' — santa atividade acompanhando e expressando seu estado de santidade." — A. J. Gordon.

c. Sua realidade bíblica.

Sl 99.9 — Exaltai ao Senhor nosso Deus, e prostrai-vos ante o seu santo monte, porque santo é o Senhor nosso Deus.

V. A. — Is 57.15; Ha 1.13; 1 Pe 1.15,16.

(a) Deus Pai é chamado de "Pai Santo".

Jo 17.11 — Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.

(b) Deus Filho é chamado "o Santo".

At 3.14 — Vós, porém, negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida.

V. T. — Is 41.14.

(c) Deus Espírito é chamado o "Espírito Santo".

Ef 4.30 — Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com o qual estais selados para o dia da redenção.

D. D. — As Escrituras frisam o fato de que Deus é Santo; Sua natureza moral essencial é Santidade.

d. Sua Manifestação da Santidade de Deus, demonstrada:

(a) No ódio de Deus contra o pecado.

Hc 1.13 — Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?

V. A. — Gn 6.5,6; Pv 15.9,26; Dt 25.16; Pv 6.16-19.

"Todo o sistema mosaico de abluções; as divisões do tabernáculo; a divisão do povo em israelitas comuns, levitas, sacerdotes e Sumos Sacerdotes, aos quais eram permitidos diferentes graus de aproximação a Deus, sob condições cuidadosamente definidas; a insistência na necessidade de sacrifício como meio de aproximação a Deus; as instruções dadas pelo Senhor a Moisés, em Êx 3.5; a Josué, em Js 5.15; a punição de Uzias, em 2 Cr 26.16-23; as ordens estritas a Israel, em referência à aproximação do Sinai, sobre o qual o Senhor Jeová desceu, a destruição de Coré, Datã e Abirã, em Nm 16.1-33; e a destruição de Nadabe e Abiú, em Lv 10.1-3; todas essas cousas tiveram a intenção de ensinar, salientar e gravar nas mentes e nos corações dos israelitas a verdade fundamental de que Deus é Santo, inaproximavelmente Santo. A verdade de que Deus é Santo é a verdade fundamental da Bíblia, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento, tanto da religião judaica como da religião cristã." — Tottey.

(b) No Seu deleite naquilo que é santo e reto.

Pv 15.9 — O caminho do perverso é abominação ao Senhor, mas este ama o que segue a justiça.

V. A. — Lv 20.26; 19.2.

(c) Na separação entre Deus e o pecador.

Is 59.1-2 — Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.

V. A. — Ef 2.13; Jo 14.6.

(d) Ao providenciar a libertação do homem, do pecado, e os frutos de uma vida santa.

1 Pe 2.24 — Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados.

V. A. — Rm 8.1-4; 6.22.

D. D. — A santidade de Deus se manifesta em Seu ódio contra o pecado e em Seu deleite na retidão; na separação entre Ele e os que vivem no pecado; e na providência que tem em vista tornar santo o homem em seu caráter e conduta.

e. A aplicação da Santidade de Deus.

(a) A percepção da Santidade de Deus gera a reverência e o temor no coração daqueles que chegam à Sua Presença consciente, a não ser que estejam empedernidos no pecado.

Hb 12.28,29 — Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor.

V. A. — Is 6.1-3; Êx. 3.4-6.

"O único alvo do cristianismo é a santidade pessoal. A santidade pessoal, porém, será o único alvo, absorvente e atingível, do homem, somente à medida que ele reconhecer que a santidade pessoal é o único atributo preeminente de Deus." — E. G. Robinson.

(b) A pura luz da santidade de Deus revela a negridão de nosso pecado.

Jó 42.5,6 — Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza.

V. A. — Is 6.5.

Se algum homem se tem em boa conta, é que nunca se encontrou com Deus. Nada demolirá a justiça própria como a visão real de Deus. O indivíduo justo aos próprios olhos necessita chegar à consciência da santa presença de Deus.

(c) Não existe perdão sem expiação. O pecado precisa ser coberto, oculto da santa contemplação de Deus, mas nada pode fazer isso senão o sangue — o sangue de Cristo. Hb 9.22; 10.19.

Ef 1.7 — No qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça.

"Toda aproximação a Deus só é realizada à base do sangue derramado. A expiação encontra sua mais profunda exigência na santidade de Deus. Qualquer doutrina da expiação que vê sua necessidade apenas nas exigências da atividade governamental não atinge o âmago da questão. A razão precípua e fundamental de porque 'sem derramamento de sangue não há remissão' é que Deus é Santo e o pecado precisa ser coberto antes que possa haver comunhão entre Deus e o pecador." — Strong.

(d) A santidade de Deus exalta Sua graça e Seu amor remidor, providenciando a aceitação daqueles que são pecadores e ímpios.

Rm 5.6-8 — Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

V. A. — Jo 3.16.

"Como é maravilhoso o amor de Deus! Não seria para admirar se um Deus profano pudesse amar homens profanos; mas que o Deus cujo nome é santo, o Deus Infinitamente Santo, tenha podido amar seres tão totalmente pecaminosos

como nós, essa é a maravilha das eternidades. Há muitos mistérios profundos na Bíblia, mas nenhum outro tão profundo como este." — Torrey.

(2) A Retidão e a Justiça de Deus.

Estes atributos são, na realidade, as manifestações da santidade de Deus em Suas relações com os homens, mas são aqui considerados separadamente por motivos de conveniência e de ênfase. A santidade, entretanto, tem a ver mais particularmente com o caráter de Deus, enquanto que na retidão e na justiça este caráter é expresso nas relações entre Deus e os homens.

"Justiça e retidão são simplesmente a santidade exercida para com as criaturas. A mesma santidade que existe em Deus desde a eternidade, agora se manifesta em justiça e retidão, logo que criaturas inteligentes passam a existir." — Strong. "Deus se move por uma vereda de eqüidade e santidade absolutas e perfeitas, e as mesmas qualidades que asseguram que serás transportado em segurança até às eras eternas, se estiveres ligado a Deus, também tornam certo que serás pulverizado se te colocares na frente das rodas do julgamento." — A. T. Pierson.

a. A Retidão de Deus.

(a) Seu significado.

A Retidão de Deus é a imposição de leis e exigências retas; podemos chamá-la de santidade legislativa. Nesse atributo vemos revelado o empenho de Deus pela santidade que sempre o impele a fazer e a exigir o que é reto.

(b) Sua realidade bíblica.

Sl 145.17 — Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras.

V. A. — Jr 12.1; Jo 17.25; Sl 116.5; Ed 9.15.

D. D. — Todos os requisitos exigidos por Deus aos homens, são absolutamente retos em seu caráter.

b. A Justiça de Deus.

"A Justiça é a execução da retidão."

(a) Seu significado.

A justiça de Deus é a execução das penalidades impostas por Suas leis; essa pode ser chamada de santidade judicial. Nesse atributo vemos revelado Seu ódio contra o pecado, uma indignação tal que, livre de toda paixão ou capricho, sempre o impele a ser justo e a exigir o que é justo.

(b) Sua realidade bíblica.

Sf 3.5 — O Senhor é justo, no meio dela; ele não comete iniqüidade; manhã após manhã traz ele o seu juízo à luz; não falha; mas o iniquo não conhece a vergonha.

V. A. — Dt 32.4.

D. D. — Todos os tratos de Deus com os homens se baseiam na justiça absoluta.

c. A Manifestação da Retidão e da Justiça de Deus.

(a) Em Seu amor à retidão e Sua indignação contra a iniqüidade.

Sl 11.4-7 — O Senhor está no seu santo templo; nos céus tem o Senhor seu trono; os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens. O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio; mas ao que ama a violência, a sua alma o abomina. Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice. Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.

"Bondade e severidade são elementos de um caráter perfeito, mesmo entre os homens. Sem bondade, o caráter se torna duro e inflexível; repele, em lugar de conquistar. Por outro lado, sem severidade a bondade degenera em fraqueza; degenera naquela flexibilidade moral que, em pessoas conhecidas por 'boazinhas', freqüentemente leva os homens a ceder com facilidade perante as seduções dos pecadores. Em um caráter perfeito, se existisse entre os homens, ver-se-iam os poderes da bondade e da severidade mantidos em equilíbrio exato. E tal, segundo nos assegura a palavra de Deus, é o caráter dAquele com Quem temos de tratar — 'Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus'." — Goulburn.

O Dr. Arnold, o célebre educador de Rugby, não se sentia seguro com o rapaz que apenas amava o bem; enquanto o menino não começava também a detestar o mal, o Dr. Arnold nutria suas dúvidas.

(b) Na punição dos perversos e injustos.

Dn 9.12,14 — Ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juízes que nos julgavam, e fez vir sobre nós grande mal; porquanto nunca debaixo de todo o céu aconteceu o que se deu em Jerusalém... Por isso, o Senhor cuidou em trazer sobre nós o mal, e o fez vir sobre nós; pois justo é o Senhor, nosso Deus, em todas as suas obras, que fez, pois não obedecemos à sua voz.

V. A. — Êx 9.23-27; 34.6,7; Sl 5.4-6; Gn 6.5,7.

V. T. — 2 Co 12.5,6; Ap 16.5,6.

"A lei é obrigada a punir o transgressor, tanto quanto o transgressor é obrigado a obedecer a lei — a lei não tem opção. A justiça tem apenas uma função. A necessidade da penalidade é tão grande como a necessidade da obrigação. A própria lei está sujeita à lei; isto é, está sujeita à necessidade de sua própria natureza; e, portanto, a única maneira possível para o transgressor escapar da penalidade imposta pela lei é que um substituto a sofra em seu lugar. O substrato profundo e a base de todos os atributos éticos de Deus são chamados lei e justiça imparcial." — Shedd.

(c) No perdão dos pecados do crente arrependido, a favor de quem Cristo fez expiação.

1 Jo 1.9 — Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

(d) No cumprimento de Sua Palavra e de Suas promessas aos que Lhe pertencem.

Ne 9.7-8 — Tu és Senhor, o Deus que elegeste a Abrão, e o tiraste de Ur dos caldeus, e lhe puseste por nome Abraão. Achaste o seu coração fiel perante ti, e com ele fizeste aliança, para dares à sua descendência a terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos jebuseus e dos girgaseus, e cumpriste as tuas promessas, porquanto és justo.

A retidão de Deus é a garantia do cumprimento de Suas promessas.

(e) Na libertação e defesa de Seu povo.

Sl 103.6 — O Senhor faz justiça, e julga a todos os oprimidos.
V. A. — Sl 129.1-4.

(f) Na recompensa dos justos.

Hb 6.10 — Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.

V. A. — 2 Tm 4.8.

Nenhuma criatura tem o direito de reclamar alguma cousa em paga da obediência. Se Deus recompensa a alguém, Ele o faz em virtude de Sua bondade e fidelidade, e não à base de Sua justiça e retidão. O que, porém, a criatura não pode reclamar, Cristo pode; as recompensas que para a criatura são uma demonstração de bondade, para Cristo são uma demonstração de retidão. Deus recompensa a obra de Cristo em nós e a nosso favor. Deus galardoa, não em vista das obras do homem, mas "segundo Suas obras". Vê-se dessa maneira que, nas Escrituras, o galardão é demonstração da graça de Deus para com a criatura. Somente no tocante a Cristo, que operou por nós na expiação e em nós na regeneração e na santificação, é que a recompensa é uma questão de dívida, ou seja, uma ação reta. (Ver também Jo 6.29; 2 Jo 8; I Co 3.11-15).

(g) Providenciando a propiciação pelo pecado perdoado, e justificando aquele que exerce fé no substituto.

Rm 3.24-26 — Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

"Deus é benigno; dentro, porém, dos limites de lei inexorável. Ele é bom, mas ninguém pode usar de liberdades com Ele; pois, atrás de Sua piedade e benignidade está Sua retidão, que é tão exata e precisa ser satisfeita até o último ceitil."

— J. R. Paxton.

Portanto, todas as Suas misericordiosas e longânimas relações com os santos do Antigo Testamento se baseavam no fundamento justo do sacrifício vicário que Cristo havia de realizar, como propiciação pelos pecados.

D. D. — Deus tem manifestado de forma prática a Sua retidão e justiça em todos os Seus tratos com os homens, quer sejam estes justos ou injustos.

2. O Amor de Deus (incluindo a Misericórdia e a Graça)

O cristianismo é, realmente, a única religião que exibe o Ser Supremo como Amor. Os deuses dos pagãos são irascíveis, seres odiosos que necessitam ver constantemente apaziguados. Não é assim o nosso Deus. Seu amor, qual ponte, transpõe o abismo do tempo. Permanece firme sob as mais pesadas pressões. Vez por outra, tal tem sido o peso dos pecados humanos que os melhores dentre os homens temeram que a ponte viesse a ceder debaixo da carga. Não obstante, o amor de Deus tem suportado tudo, e se tem mostrado "longânimo" até agora. No tempo de Noé, a Ponte do Amor sofreu tal pressão sob o peso da iniqüidade do mundo que, por um breve período, desapareceu debaixo do dilúvio; apesar disso, não se partiu sob a pressão da torrente avassaladora, e desde então vem refletida nos céus na forma do "arco do concerto", a garantia e a promessa do caráter permanente daquilo que reflete.

"O amor de Deus é mais abundante que a atmosfera. O ar se eleva em camada sobre a terra até à altura de cerca de cinqüenta quilômetros, enquanto que o amor de Deus atinge o próprio Céu e preenche o universo." — Champion.

(1) O Amor de Deus (propriamente dito).

a. Seu significado.

O amor é aquele atributo de Deus pelo qual Ele se inclina a buscar os melhores interesses de Suas criaturas e a comunicar-se a elas, a despeito do sacrifício que nisso está envolvido; ou, como definição alternativa, o amor de Deus é Seu desejo pelo bem estar desses seres amados e o deleite que tem nisso.

I Jo 3.16,17 — Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?"

V. A. — 1 Jo 4.8,16; Mt 5.44,45.

V. T. — 1 Jo 4.7.

O amor, em sua forma mais excelente, é uma relação entre seres pessoais e inteligentes. O amor de um cão sempre será amor animal. Quando, porém, entramos na esfera humana vemos o amor materno, que contém o elemento maternal. Elevando-nos ainda mais vemos o amor de Deus, que contém o elemento divino. O caráter daquele que ama fornece o caráter ao amor. Porque Deus é perfeito, Seu amor é perfeito; porque Ele é santo, Seu amor é santo e puro. Por meio de Seu amor Ele procura despertar amor correspondente por parte do homem.

"O amor entre Deus e o homem significa sua completa e irrestrita auto-entrega mútua, bem como a completa possessão mútua." — Mullins.

"Todo o amor de todos os corações femininos, comparado com o amor do coração de Deus, é como a tocha do vagalume perto do sol ao meio-dia." — Meyer.

b. Sua realidade bíblica.

I Jo 4.16 — E nós conhecemos e cremos o amor que Deus nos tem. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.

V. A. — 1 Jo 4.8; Jo 3.16.

Assim como existe uma mente mais alta que a nossa, semelhantemente existe um coração maior que o nosso. Deus não é simplesmente Aquele que ama; Ele é igualmente o Amor que é amado. Há uma infinita vida de sensibilidade e afeição em Deus. Deus tem sensibilidade, e isso em grau infinito. O sentimento por si só, porém, ainda não é amor. O amor implica não apenas em receber, mas em dar, não meramente em emoção, mas em concessão. Assim é que o amor de Deus se manifesta em Sua atividade eterna de dar (Tg 1.15): "Deus que dá." Dar não é um episódio em Seu ser; faz parte de Sua natureza. E não somente dar, mas dar-se a Si mesmo. Isso Ele faz eternamente, nas auto-comunicações da Trindade; isso Ele faz igualmente em Suas relações com os homens, no dar-se por nós, em Cristo, e a nós, no Espírito Santo.

"Para mim essa é a mais profunda de todas as verdades — que a totalidade da vida de Deus é o sacrifício próprio. Deus é amor: amor envolve sacrifício — dar em lugar de receber — a bênção do dar-se a si mesmo. Se o amor de Deus não fosse dessa natureza, seria falso dizer-se que Deus é amor; pois, mesmo em nossa natureza humana, aquilo que procura usufruir de tudo, em vez de dar tudo, recebe outro nome muito diverso. Toda a vida de Deus é um fluxo desse amor que se caracteriza pela auto-doação divina." — F. W. Robertson.

c. Seus objetos.

(a) Deus ama Seu Filho como o objeto original ímpar e eterno de Sua afeição.

"Se Deus é amor eterno, esse amor há de ter um objeto eterno. Portanto, deve haver, devido a uma necessidade no próprio Ser Divino, uma multiplicidade de pessoas na Divindade." — Torrey.

Mt 3.17 — E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

V. A. — Lc 20.13; Jo 17.24; Mt 17.5.

(b) Deus ama aqueles que, pela fé, estão unidos a Seu Filho.

Jo 16.27 — Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus.

V. A. — Jo 14.21,23.

Deus ama a todos os homens, mas Ele tem um amor peculiar por aqueles que se acham em Cristo (Jo 17.23). O amor deles por Deus é o resultado de Seu amor por eles: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4.19).

(c) Deus ama ao mundo, ou seja, a toda a raça humana, e a cada componente da raça.

Jo 3.16 — Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

V. A. — 1 Tm 2.3,4; 2 Pe 3.9.

(d) Deus ama aos pecadores, aos ímpios, àqueles que estão mortos no pecado.

Isso não significa que Ele os ame na capacidade de pecadores, mas, antes, como Suas criaturas que se tornaram tais. Mas significa que Ele ama Suas criaturas a despeito de sua impiedade e pecado.

Rm 5.6-8 — Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

V. A. — Ez 33.11; Ef 2.4,5.

D. D. — Deus ama ao mundo, aos ímpios e pecadores: Ele tem um amor ímpar para com Seu Filho, e um amor peculiar por aqueles que estão unidos ao Filho pela fé e pelo amor.

d. **Sua Manifestação.**

(a) No sacrifício infinito que fez pela salvação dos perdidos, a quem Ele ama.

Jo 3.16 — Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

V. A. — 1 Jo 4.9,10.

"Homem algum jamais manifestou amor como este. Há raros exemplos de homens que voluntariamente se dispuseram a sacrificar a vida por um amigo. Não são poucos os pais e as mães que se mostraram prontos a arriscar a vida em benefício de um filho ou de uma filha. Ainda não ocorreu, porém, o caso de um homem que estivesse disposto a dar a própria vida, ou a vida de um filho, em benefício de um inimigo. Nenhum monarca em seu trono jamais pensou em dar o herdeiro de sua coroa para morrer por um traidor ou por uma província rebelde. . . . A maior aproximação de semelhante sentimento que conheço é o caso de Davi que desejou que ele próprio pudesse ter morrido em lugar de seu filho rebelde e ingrato: 'Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!' Forte na verdade era o amor que levaria um monarca e um pai a dispor-se a morrer por semelhante filho; mas quanto ainda está longe do amor que levaria ao sacrifício do filho em benefício do culpado e do vil". — Barnes.

(b) No proporcionar pleno e completo perdão aos crentes arrependidos.

Is 55.7 — Deixe o perverso o seu caminho, o iniquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

(c) No ministrar àqueles a quem Ele ama, protegendo-os do mal.

Dt 32.9-12 — Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança. Achou-o numa terra deserta, e num ermo solitário povoado de uivos; rodeou-o e cuidou dele, guardou-o como a menina dos seus olhos. Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as suas asas, e, tomando-os, os leva sobre elas, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho.

V. A. — Dt 33.3,12; Is 48.14,20,21.

(d) No castigar e punir Seus filhos, para o bem destes.

Hb 12.6-11 — Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe. É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como a filhos); pois, que filho há a quem o pai não corrige? Mas se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo sois bastardos, e não filhos. Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.

(e) No afligir-se quando Seus amados são afligidos, lembrando-se deles em todas as suas experiências.

Is 63.9 — Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor, e pela sua compaixão ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antiguidade.

V. A. — Is 49.15,16.

D. D. — O amor de Deus se manifesta na obra expiatória de Cristo; no perdão dos crentes arrependidos; e na provisão para todas as suas necessidades.

e. Seus vários aspectos.

O amor de Deus se manifesta por meio de diversas qualidades e características. Vários termos têm sido empregados para expressar essa diversidade.

(a) Quando o amor de Deus se concentra sobre um objeto que merece Sua aprovação, é o amor da complacência.

Sf 3.17 — O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo.

V. A. — Mt 17.5.

(b) Quando o objeto de Seu amor sofre aflição, é o amor da compaixão.

Is 63.9 — Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o anjo da sua presença os salvou; pelo seu amor, e pela sua compaixão ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antiguidade.

(c) Quando há uma relação de intimidade especial entre o amor de Deus e seu objeto, é o amor da afeição.

Jo 17.23 — Eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim.

(d) Quando esse amor toma a forma de bondade para com todas as criaturas, a despeito de seu caráter moral, é o amor da benevolência.

Lc 6.35 — Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus.

(e) Quando se manifesta para com os culpados, toma a forma de misericórdia.

Is 55.7 — Deixe o perverso o seu caminho, o iniquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

V. A. — Sl 32.10; 86.5.

"A misericórdia de Deus é Sua compaixão para com o necessitado: revela Sua atitude para com aqueles que padecem necessidade. Ele viu que não havia Sal-

vador, e, conhecendo a necessidade do homem, dele teve compaixão. Isso é misericórdia divina." — Thomas.

D. D. — Complacência, compaixão, afeição, benevolência e misericórdia, são vários aspectos do divino atributo do amor.

(2) A Misericórdia e a Graça de Deus.

Apesar de que talvez a misericórdia e a graça não possam ser classificadas em eras distintas e separadas como as eras do Antigo e do Novo Testamentos, em seu emprego bíblico, entretanto, isso é feito amplamente. O termo "misericórdia" tem seu emprego mais freqüente no Antigo Testamento, ao passo que o termo "graça" é mais freqüentemente encontrado no Novo Testamento. Misericórdia é comumente usado em conexão com o termo "longanimidade", sendo aquele em grande parte negativo, e este positivo. A significação dos dois em conjunto, parece ser eqüivalente à palavra "graça" do Novo Testamento, a qual contém ambos os aspectos, negativo e positivo.

a. A Misericórdia de Deus.

Tem sido anteriormente sugerido que esse termo tem um aspecto quase totalmente negativo em seu uso no Antigo Testamento. Pode-se dizer, igualmente, que é usado principalmente em conexão com aqueles que se acham em angústia ou miséria, quer seja a angústia e a miséria causadas pelo pecado ou as causadas pelo sofrimento. Em ambos os casos, a misericórdia se relaciona com a retirada ou remoção da causa.

"Ele é rico em misericórdia, abundante em benignidade e verdade. Teus pecados são como a fagulha que cai nos oceanos da misericórdia de Deus. Não há mais água nos mares do que misericórdia em Deus." — Manton.

No tocante aos sofrimentos, disse Lawrence Sterne: "Deus tempera o vento para o cordeiro tosquiado".

(a) Seu significado.

A misericórdia de Deus é aquele princípio e qualidade que descreve Sua disposição e ação em relação aos pecaminosos e sofredores, sustando penalidades merecidas e aliviando os angustiados.

"A misericórdia de Deus é misericórdia santa, que sabe perdoar o pecado, porém não protegê-lo; é um santuário para quem se arrepende, mas não para quem dela presume". — Bispo Reynolds.

"Tomemos tento, pois a misericórdia é como o arco-íris que Deus colocou nas nuvens para relembrar à humanidade e que brilha aqui enquanto não é impedida; não adianta, porém, procurá-la depois do anoitecer, e também não brilha no outro mundo. Se rejeitarmos a misericórdia aqui, lá teremos a justiça." — Jeremy Taylor.

(b) Sua realidade bíblica.

Sl 103.8 — O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.

V. A. — Sl 145.8; 86.15; 62.12; Dt 4.31.

"É mais difícil fazer com que o pecado seja sentido pela criatura, do que ser removida a carga, quando sentida, pela mão de um Deus perdoador. Jamais cirurgião compassivo teve maior disposição para ligar a veia e suturar a ferida de seu paciente desfalecido, do que Deus, mediante Sua misericórdia perdoadora, para aliviar o espírito perturbado de um verdadeiro arrependido." — Gurnall.

D. D. — As Escrituras dão grande ênfase à misericórdia de Deus; estabelecem-na claramente como fato do ser divino.

b. A Graça de Deus.

(a) Seu significado.

Tem-se dito que graça é termo indefinível; não obstante, muitos têm procurado defini-lo. Pode-se ver isso pelas citações seguintes:

"A graça é algo em Deus que se encontra no âmago de todas as Suas atividades remidoras; é Deus baixando-se e estendendo a mão, inclinando-se desde as alturas de Sua majestade, a fim de tocar e segurar a nossa insignificância e pobreza." — Phillips.

"A graça é o amor que ultrapassa tudo quanto se possa exigir do amor. É o amor que, após cumprir as obrigações impostas pela lei, tem ainda inexaurível tesouro de bondade." — Dale.

"Graça — que é graça? A palavra significa, em primeiro lugar, amor em exercício para com aqueles que são inferiores ao que ama, ou que merecem justamente o contrário; é amor que se inclina condescendente, amor paciente que perdoa. Depois significa os dons que tal amor proporciona; e ainda, o efeito desses dons nas belezas de caráter e de conduta desenvolvidas nos que o recebem." — MacLaren.

"Graça é energia — a energia do amor. É a energia remidora do amor, operando naqueles que não são amáveis e tornando-os dignos de ser amados." — Jowett.

"O amor não tem limite nem lei, como a graça tem. O amor pode existir entre iguais, ou pode elevar-se aos que nos são superiores, ou descer até aqueles que, de alguma maneira, nos são inferiores. Mas a graça, por sua própria natureza, só tem uma direção a seguir: flui sempre do superior para os inferiores." — Alexander Whyte.

"A graça é amor operando a redenção; amor que persiste apesar do pecado; amor descendo ao nível do indigno e culpado." — Champion.

A graça de Deus é Seu favor não merecido, contrário ao merecimento, mediante o qual a penalidade merecida e conseqüente é suspensa, e todas as bênçãos positivas são concedidas ao crente arrependido.

"Graça é um vocábulo moderno usado no Novo Testamento para traduzir a palavra grega 'charis', que significa 'favor', sem recompensa ou eqüivalente. Se houver qualquer ato compensador ou pagamento, por mais ligeiro ou inadequado, não se trata mais da graça — 'charis'. Quando empregado para denotar determinada atitude ou ação de Deus para com o homem, faz então parte da própria essência da questão que o mérito humano seja totalmente excluído. Ao usar da graça, Deus age de Si para com aqueles que merecem, não o Seu favor, mas a Sua ira. Na estrutura da epístola aos Romanos a graça não entra, nem podia ser apresentada, enquanto toda a raça, sem uma exceção sequer, não foi declarada culpada e sem palavra de desculpa perante Deus." — C. I. Scofield.

"A graça, portanto, caracteriza a era presente, assim como a lei caracterizava a era compreendida entre o Sinai e o Calvário. 'Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.' E esse contraste, entre a lei como método e a graça como método, percorre toda a revelação bíblica da graça. É, porém, importantíssimo e vital, observar que as Escrituras nunca, em nenhuma dispensação, misturam esses dois princípios. A lei sempre tem posição e obra distinta e completamente diversa da posição e obra da graça." — Scofield.

A lei e a graça contrastadas (C. I. Scofield):

LEI	GRAÇA
Deus proibindo e exigindo. Êx 20.1-17.	Deus rogando e concedendo. 2 Co 5.18,21.
Ministério de condenação. Rm 3.19.	Ministério de perdão. Ef 1.7.
Condena. Gl 3.10.	Redime da condenação. Gl 3.13; Dt 21.22,23.
Mata. Rm 7.9,11.	Vivifica. Jo 10.10.
Fecha todas as bocas perante Deus. Gl 3.19.	Abre as bocas para louvá-lO. Rm 10.9,10; Sl 107.2.
Põe uma grande distância de culpa entre o homem e Deus. Êx 20.18,19.	Aproxima de Deus o homem culpado. Ef 2.13.
Diz: "Olho por olho, dente por dente". Êx 21.24.	Diz: "Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra". Mt 5.39.
Diz: "Faze, e viverás". Lc 10.28.	Diz: "Crê, e viverás". Jo 5.24.
Condena totalmente o melhor dos homens. Fp 3.4-9.	Justifica gratuitamente ao pior. Lc 23.34; Rm 5.6; 1 Tm 1.15; 1 Co 6.9-11.
É um sistema de provação. Gl 3.23-25.	É um sistema de favor. Ef 2.4,5.

Apedreja uma adúltera.	Diz: "Nem eu tampouco te condeno".
Dt 22.21.	Jo 8.1,11.
A ovelha morre pelo pastor.	O pastor morre pela ovelha.
1 Sm 7.9; Lv 4.32.	Jo 10.11.

"A graça sempre significa duas coisas: o favor de Deus e o dom de Deus; a atitude e a atuação de Deus; a atitude de Deus expressa por Sua ação. Conforme alguém já disse: 'É o amor auto-impulsionado de Deus em constante exercício'."

— W. H. Griffith Thomas.

(b) Sua realidade bíblica.

Ef 2.8-10 — Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

V. A. — 2 Co 9.14; 1 Pe 4.10; At 20.24,32; Tt 2.11; Rm 11.6.

D. D. — A Bíblia ensina que a salvação de Deus opera por nós, em nós e por meio de nós através da graça, isto é, é iniciada pela graça, continuada pela graça e completada por intermédio da graça.

c. A manifestação da misericórdia e da graça de Deus.

"O caminho para o céu não atravessa uma ponte de pedágio, e, sim, uma ponte livre, a saber, a graça não merecida de Deus, em Cristo Jesus. A graça nos encontra pobretões, e sempre nos deixa devedores." — Toplady.

(a) A misericórdia perdoa; a graça justifica.

1 Tm 1.13 — ...A mim que noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade.

V. T. — Êx 34.7.

Rm 3.24 — Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.

(b) A misericórdia remove a culpa e a pena; a graça imputa a justiça.

Pv 28.13 — O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.

Rm 4.5 — Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.

(c) A misericórdia salva do perigo; a graça proporciona uma nova natureza.

Sl 6.4 — Volta-te, Senhor, e livra a minha alma; Salva-me por tua graça.

Ef 2.8-10 — Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

(d) A misericórdia liberta seu objeto; a graça o transforma.

Lc 10.33,37 — Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele... Respondeu-lhe o intérprete da lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então lhe disse: Vai, e procede tu de igual modo.

Tt 2.11,12 — Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente.

V. T. — Ef 4.22,23.

D. D. — A misericórdia e a graça têm sua manifestação em conexão com a salvação do crente; as manifestações da misericórdia são em grande parte negativas, enquanto que as da graça são positivas.

C. O Conselho de Deus

"Segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11b).

O conselho de Deus é o plano eterno para a totalidade das coisas, adotado pelo desígnio de Deus e que abrange todos os Seus primitivos propósitos, inclusive todo Seu programa criador e remidor e levando em conta ou aproveitando a livre atuação dos homens.

Do ponto de vista do homem, o Conselho divino tem muitos aspectos, mas isso somente porque cobre uma multidão de coisas que, em realidade, são apenas partes infinitesimais de um todo de proporções infinitas; e abrange não só os efeitos, mas também as causas; não apenas os fins que devem ser obtidos, mas igualmente os meios necessários para sua obtenção.

"Podemos planejar e propor como quisermos, mas nossos planos e propósitos só conduzirão ao alvo final que Deus predeterminou." — Henry.

I. *O Plano de Deus em Relação ao Universo e aos Homens*

As Escrituras revelam um nítido esquema, por parte de Deus, referente ao universo e aos homens.

"Conhecimento prévio implica fixidez, e fixidez implica decreto... Desde a eternidade Deus previu todos os acontecimentos do universo como estabelecidos e certos. Essa fixidez e certeza não podem ter sua base nem na sorte cega nem nas vontades variáveis dos homens, visto que então nenhuma dessas coisas existia ainda. Não podia ter seu fundamento em cousa alguma fora da Mente Divina.

pois, na eternidade, nada existia senão a Mente Divina. Mas, deve ter havido uma causa para essa fixidez; se algo no futuro foi estabelecido, é que alguma cousa deve tê-lo fixado. Essa fixidez só podia originar-se no plano e propósito de Deus. Enfim, se Deus previu o futuro como certo, há de ter sido porque em Sua Pessoa havia aquilo que o tornava certo, ou, em outras palavras, porque Ele o decretara." — Strong.

1. Seu Significado

Por "Plano de Deus" se entende aquela disposição pre-determinada mediante a qual Ele torna certo tudo quanto pertence ao universo, no tempo e na eternidade.

Esse plano compreende todas as cousas que já foram ou serão; suas causas, condições, sucessões e relações, e determina sua realização certa. O plano de Deus inclui tanto o aspecto eficaz como o aspecto permissivo da vontade de Deus. Todas as cousas estão incluídas no plano de Deus, porém algumas Ele as origina e outras Ele as permite. No aspecto eficaz do plano de Deus incluímos aqueles acontecimentos que Ele resolveu efetuar por meio de causas secundárias ou pela sua própria agência imediata. No aspecto permissivo do plano de Deus incluímos aqueles acontecimentos que Ele resolveu permitir que fossem efetuados por livres agentes.

2. Sua Realidade Bíblica

Is 40.13,14 — Quem guiou o Espírito do Senhor, ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo e lhe ensinou sabedoria e lhe mostrou o caminho de entendimento?

V. A. — Ef 1.5,9,11.

O plano de Deus se baseia em Sua soberania e é a expressão do conselho de Sua vontade (Fp 2.13).

3. Seu Escopo

(1) Todas as cousas em geral.

Ef 1.11 — Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade.

Is 14.26,27 — Este é o desígnio que se formou concernente a toda a terra; e esta é a mão que está estendida sobre todas as nações. Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?

Is 46.10,11 — Que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina

desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.

Dn 4.35 — Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

D. D. — As Escrituras declaram que todas as cousas estão incluídas no plano divino, e que Ele opera todas as cousas conforme o conselho de Sua própria vontade.

(2) Cousas em particular.

a. As naturais.

(a) A permanência do universo material.

Sl 119.89-91 — Para sempre, ó Senhor, está firmada a tua palavra no céu. A tua fidelidade estende-se de geração em geração: fundaste a terra e ela permanece. Conforme os teus juízos, assim tudo se mantém até hoje; porque ao teu dispor estão todas as cousas.

(b) Os negócios das nações.

At 17.26 — De um só fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação.

(c) O período da vida humana.

Jó 14.5 — Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites, além dos quais não passará.

Jó 14.14 — Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha milícia esperaria, até que eu fosse substituído.

(d) O modo de sua morte.

Jo 21.29 — Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus.

(e) Ações humanas, boas e más.

Ef 2.10 — Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Gn 50.20 — Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida.

b. As espirituais.

(a) A salvação do homem.

I Co 2.7 — Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória.

Ef 3.10 — Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais.

V. A. — 1 Pe 1.1,2; 2 Tm 1.9; At 13.48; Ef 1.4,5.

(b) O Reino de Cristo.

Sl 2.6-8 — Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do Senhor; Ele me disse: Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão.

Mt 25.34 — Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.

(c) A obra de Deus nos crentes e por meio deles.

Fp 2.12,13 — Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, pois muito mais agora na minha ausência, desenvolve a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

V. A. — Ef 2.10.

"Aqui o apóstolo nos informa que é Deus quem efetua em nós até mesmo o querer; que não há desejo santo, nem bom conselho, do mesmo modo que não pode haver obra justa, que não proceda de Deus e não tenha nele a sua origem. Esquadrinhemos quanto pudermos a fonte dos nossos atos, que não poderemos encontrar nunca o ponto em que Deus não estava presente, em que Deus não estivesse operando, na preparação de qualquer ato que fosse de algum modo certo ou bom. Como acontece na salvação da alma, que em toda a verdadeira doutrina o resultado final remonta até o prévio conhecimento de Deus, a predestinação de Deus e o chamado de Deus, ao mesmo tempo que é dado o mais amplo escopo à agência livre do homem e à vontade livre do homem; assim também é com cada ato em separado daqueles que se salvam: tudo que houver de bom nesses atos, ainda que seja somente no querer, no desejo, na vontade, é inteiramente de Deus. Deixados a si, não poderiam nem efetuar nem mesmo pretender o bem; é Deus que neles efetua tanto o querer como o realizar segundo a Sua boa vontade." — Vaughan.

D. D. — De acordo com o ensino das Escrituras, todas as cousas em particular estão incluídas no plano divino; nenhuma ficou por fora.

Esse plano divino está em harmonia com o conhecimento, a sabedoria e a benevolência de Deus. Um universo sem plano estabelecido seria irracional e apavorante. O Dr. A. J. Gordon compara semelhante hipótese com um trem expresso a precipitar-se nas trevas, sem luzes, sem maquinista, e sem certeza de que no momento seguinte não se precipitará abismo abaixo.

II. *O Propósito de Deus em Relação à Redenção.*

O propósito de Deus na redenção é um dos aspectos do conselho de Deus. É a fase que diz respeito à salvação dos homens. "Nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade" (Ef 1.5). O propósito de Deus, em relação aos homens, parece seguir esta ordem: (1) criar; (2) permitir sua queda; (3) providenciar salvação em Cristo, suficiente para as necessidades de todos; (4) assegurar a aceitação dessa salvação por parte de alguns, isto é, torná-los objetos da graça eletiva.

1. Seu Significado.

Por "propósito de Deus na redenção" nos referimos àquela divina determinação que, desde a eternidade, selecionou certos indivíduos dentre a raça pecaminosa de homens, aos quais seria proporcionada a graça especial de Seu Santo Espírito, o qual os levaria eficazmente ao arrependimento e à fé em Cristo.

2. Sua Realidade Bíblica.

As Escrituras nos proíbem de tentar descobrir a base desse propósito concernente à redenção do homem nas ações morais dos homens, quer antes quer depois da regeneração, e nos limitam inteiramente à vontade soberana e à misericórdia de Deus. De fato, as Escrituras ensinam a doutrina da escolha pessoal ou eleição por parte de Deus. Rm 9.9-13.

> "Se os homens são escolhidos por Deus mediante a previsão da sua fé, ou não são escolhidos enquanto não têm fé, então não são propriamente eleitos de Deus, antes é Deus o eleito deles; eles escolhem a Deus pela fé, antes que Deus os escolha pelo amor: não se trataria, nesse caso, da fé dos já escolhidos, mas antes da fé dos que seriam escolhidos depois de terem fé. Essa, porém, é a inversão da verdade: a predestinação é a causa da fé, e não a fé a causa da predestinação; o fogo é a causa do calor, não é o calor que causa o fogo; o sol é que produz o dia, e não o dia que dá origem ao nascer do sol. Se a previsão das obras que viessem a ser feitas pelas suas criaturas fosse o motivo para que Deus as escolhesse, por que então Ele não escolheu os demônios para a redenção, os quais lhe poderiam ter prestado, pela força de sua natureza, melhor serviço do que toda a massa da posteridade de Adão?" — Charnock.

Essa verdade é estabelecida pelo ensino das seguintes passagens das Escrituras:

At 13.48 — Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.

Rm 8.28-30 — Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e

aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Jo 6.37 — Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora.

V. A. — Jo 6.44,65; Rm 9.22-24.

D. D. — As Escrituras ensinam que Deus, desde a eternidade, resolveu salvar determinadas pessoas, tornando-as objeto de Seu favor, dando-as a Seu Filho numa união divinamente efetuada pela graça regeneradora de Seu Santo Espírito.

3. Sua Aplicação.

O propósito de Deus na redenção, ou seja, Sua graça eletiva, tem dupla aplicação.

(1) No convite ou chamado geral.

a. Sua prova.

Is 45.22 — Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.

Is 55.6 — Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.

V. A. — Mt 11.28; Jo 12.32.

b. Seu conteúdo.

A chamada ou convite geral inclui:

(a) A declaração do plano de salvação: 1 Co 15:3,4; Rm 1.16.

(b) A declaração da obrigação que o pecador tem de arrepender-se e crer: At 17.30,31; Jo 3.16-18.

(c) A declaração dos motivos impulsores, tais como temor ou esperança, remorso ou gratidão: Jd 23; 2 Co 5.11,14; Rm 2.4; 2 Co 7.10; Rm 5.24.

(d) A promessa da aceitação condicional: Jo 1:12; 2 Co 4.3,4.

c. O meio usado — a Palavra de Deus.

"A Lei de Deus, conforme impressa sobre a constituição moral do homem, é natural, e é inseparável do homem como agente moral e responsável (Rm 1.19,20; 2.14,15)). O Evangelho, entretanto, não faz parte dessa lei natural; não é da natureza, mas antes, da graça, e só pode tornar-se conhecida por nós mediante uma revelação especial e sobrenatural. Isso se torna ainda mais evidente: primeiro, porque as Escrituras declaram que o conhecimento da palavra de Deus é essencial à salvação (2 Tm 3.15; Rm 10.14-17); e, em segundo lugar, porque também declaram que aqueles que negligenciam a Palavra, quer escrita quer pregada, são

culpados do pecado capital de rejeitar toda possibilidade de salvação (Mt 11.21,22; Hb 2.3)." — A. A. Hodge.

d. Seus objetos — todos os homens, indistintamente.

(a) A declaração expressa das Escrituras.

Mt 22.14 — Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

(b) A ordem de pregar o Evangelho a toda criatura.

Mc 16.15 — E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

(c) A promessa a todo o que aceita o Evangelho.

Ap 22.17 — O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

(d) O julgamento pronunciado contra os que o rejeitam.

Jo 3.17-19 — Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. O julgamento é este: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

"O convite geral é dirigido aos não-eleitos igualmente, tanto quanto aos eleitos, porque é também dever e interesse daqueles aceitarem o Evangelho, visto que as providências da salvação são igualmente adequadas para ambos, além de ser abundantemente suficientes para todos, e também porque Deus pretende que seus benefícios revertam efetivamente a quantos aceitarem o convite." — A. A. Hodge.

(2) No convite ou chamada eficaz.

a. Seu significado.

Por convite ou chamada eficaz se entende aquele exercício imediato, espiritual e sobrenatural, do poder divino sobre a alma, que transmite nova vida espiritual e nova natureza, assim possibilitando e tornando desejável novo modo de atividade espiritual. O arrependimento, a fé, a confiança, a esperança, o amor, são pura e simplesmente ações do próprio pecador; mas, como tais, só lhe são possíveis e desejáveis em virtude da mudança operada na condição moral de suas faculdades, pelo poder re-criador de Deus. Nessa altura notam-se três pontos de vista errôneos:

Os pelagianos negam o pecado original, e afirmam que a justiça e o erro são qualidades que estão ligadas apenas aos atos executivos da vontade. Por conseguinte, afirmam: Primeiro, que o homem possui plena capacidade, tanto de cessar do pecado a qualquer instante como de prosseguir em sua prática; segundo, que o Espírito Santo não produz mudança íntima no coração da pessoa, exceto no sentido

de ser Ele o autor das Escrituras e de as Escrituras apresentarem verdades e motivos morais que, por sua própria natureza, exercem influência moral sobre a alma.

O ponto de vista semi-pelagiano sustenta que a graça é necessária para permitir que o homem consiga voltar a Deus e viva. Contudo, devido à própria natureza da vontade humana, o homem precisa, antes de mais nada, desejar a libertação do pecado e preferir a Deus como seu sumo bem, quando então poderá esperar que Deus o ajude a levar a efeito o seu desejo.

Os arminianos admitem a doutrina da depravação total do homem, em conseqüência da qual o homem é inteiramente incapaz de fazer seja o que for corretamente, no exercício de suas faculdades naturais. Não obstante, uma vez que Cristo morreu igualmente por todos, a graça suficiente, que capacita o homem a fazer tudo quanto dele é requerido, é proporcionada a todos. Essa graça suficiente se torna eficiente somente quando se consegue a cooperação e a apropriação por parte do pecador.

b. Sua prova.

(a) Há passagens que estabelecem diferença entre a influência especial do Espírito e o convite geral contido nas Escrituras.

o 6.45-64,65 — Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim... Contudo há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia desde o princípio quais eram os que não criam e quem o havia de trair. E prosseguiu: Por causa disto é que vos tenho dito: Ninguém poderá vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido.

1 Ts 1.5,6 — Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós, e por amor de vós. Com efeito vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo.

V. A. — Jo 3.5,6.

(b) Há passagens que ensinam que a influência do Espírito é necessária para a recepção da verdade.

Ef 1.17 — Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele.

V. A. — 1 Co 2.11,12; Fp 1.29.

"O sol pode brilhar no firmamento, brilhar em vão, quando o homem é cego; quando, porém, lhe são abertos os olhos, então ele discerne a luz que brilha a seu redor. É precisamente o que acontece conosco: o Sol da Justiça brilha diante de nós; ante nossos olhos é Jesus Cristo exposto como crucificado; entretanto,

nosso entendimento natural é cego, e necessitamos da iluminação do Espírito Santo para abrir-nos os olhos, para discernirmos Cristo primeiro como nossa salvação; e então precisamos de maior luz, para contemplarmos cada vez mais claramente o caráter de nosso Senhor e Salvador." — M'Ghee.

(c) Há passagens que fazem acreditar que Deus opera o arrependimento e a fé no homem.

Ef 2.8 — Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus.

V. A. — Fp 2.13; 2 Tm 2.25; At 11.18.

(d) Há passagens que fazem distinções entre os objetos das duas chamadas.

aa. Quanto aos objetos do convite geral está escrito: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mt 20.16).

Quanto aos objetos do convite eficaz está escrito: "Aos que chamou, a esses também justificou" (Rm 8.30).

bb. Quanto aos objetos do convite geral, está escrito: "Mas, porque clamei, e vós recusastes..." (Pv 1.24).

Quanto aos objetos do convite eficaz está escrito: "Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim" (Jo 6.45).

(e) Há absoluta necessidade da chamada eficaz e espiritual, pois o homem, por natureza, é "cego" e "morto em delitos e pecados" (1 Co 2.14; 2 Co 4.4; Ef 2.1).

D. D. — As Escrituras ensinam que a determinadas pessoas é dada uma experiência interior pelo poder do Espírito Santo, a qual lhes proporciona o senso do pecado pessoal, inclinando-as e capacitando-as a se voltarem do pecado, pelo arrependimento e para Cristo, pela fé. Em uma palavra, ensinam um convite ou chamada eficaz.

4. As Objeções

(1) Parece isso injusto para aqueles que não estão incluídos no propósito remidor de Deus.

Resposta: Deus discrimina entre os homens, não apenas na qualidade de criaturas suas, mas na qualidade de pecadores e rebeldes contra Sua Pessoa. A inclusão de alguns em Seu propósito redentor significa, nem mais nem menos, que a justiça pura é usada no caso dos demais, enquanto que os escolhidos são os objetos da misericórdia. A soberania de Deus permite-Lhe destacar Sua justiça ou Sua misericórdia. Não é o caso do pai que se mostra parcial para com alguns de seus filhos, mas do soberano a demonstrar indulgência para alguns dentre criminosos condenados. O perdão de um condenado, pelo governador, não implica em que este seja obrigado a perdoar a todos os condenados (Mt 20.13,15; Rm 9.20). A ação divina a que nos

referimos não pode ser considerada parcialidade, pois nada existe, em qualquer homem perdido, que mereça o favor de Deus. O motivo de havermos sido escolhidos não está em nós, mas nele. O princípio da seleção opera em todos os níveis da vida, mas não deve ser explicado, no terreno espiritual, atribuindo-se à parcialidade, como também, no terreno natural, não pode ser atribuído à parcialidade. (Sl 44.3; Is 45.1,4,5; Lc 4.25-27; 1 Co 4.7).

(2) Parece tornar Deus arbitrário e não-racional.

Resposta: Não é verdade. Pelo contrário, representa Deus a exercer Sua soberania de conformidade com a sabedoria infinita, de modos que escapam à nossa compreensão. Negar a Deus a possibilidade de tal escolha é negar-Lhe o exercício de Sua personalidade soberana. E negar que Deus tenha razão em Sua escolha seria impugnar Sua sabedoria. Um motivo possível de Sua escolha é sugerido nas seguintes passagens: 1 Tm 1.16; 1.13; At 9.15,16; Ef 2.4-8; Rm 9.22-24.

(3) Parece animar os homens a serem imorais, visto que representa a salvação como independente do caráter e da conduta.

Resposta: O propósito redentor de Deus sempre é levado a efeito em conexão com o caráter e com a conduta, e é representado como algo que efetua a santidade de caráter e a santidade de conduta (1 Pe 1.2; Ef 1.4-6; Tt 2.11-14).

(4) Desanima os esforços dos perdidos para obterem a salvação.

Resposta: O fato que os objetos desse propósito remidor são conhecidos somente por Deus refuta este argumento. Mas, pelo contrário, fornece motivo para encorajamento, e, portanto, estimula o esforço. Sem esse propósito e sua realização eficaz, todos nos perderíamos fatalmente. Se por um lado a escolha divina humilha o pecador, revelando-lhe que ele tem de depender inapelavelmente da misericórdia soberana de Deus, por outro lado pelo menos poderá ficar encorajado com o fato de que alguns serão salvos, e que ele mesmo pode ser salvo satisfazendo as simples condições de arrependimento e fé. Esse aspecto da verdade também deve dar coragem aos obreiros cristãos; pois lhes proporciona a certeza de que Deus salvará alguns, a despeito de todas as condições e circunstâncias adversas, e a despeito de toda a oposição dos homens e dos demônios. (At 18.9,10; Rm 3.11).

(5) Parece dar a entender que a sentença de morte e condenação eterna já está pronunciada contra aqueles que não estão incluídos no propósito redentor.

Resposta: O propósito de Deus em relação ao castigo do pecador não é um propósito positivo como o de sua redenção. Antes, é permissivo, isto é, Deus se propôs permitir que o pecador se precipite, por sua própria escolha, para sua condenação merecida (Os 11.8; 4.17; Rm 9.22,23; 1 Pe 2.8; Mt 25.34-41; 2 Pe 3.9).

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina de Deus

1. Mostre, pela observação de Whitelaw, o que está envolvido na questão da existência de Deus.

2. Mencione as diversas classes a quem a Bíblia não se destina, e explique a posição tomada por cada uma delas.

3. Dê a essência do argumento a favor da existência de Deus, baseado na crença universal, usando a citação dada.

4. Mostre, de modo geral, como o argumento de causa e efeito sustenta a crença na existência de Deus, dando as ilustrações que foram citadas.

5. Forneça as provas apresentadas pela aplicação do princípio de causa e efeito no universo material: (a) Inteligência na natureza; (b) Personalidade do homem; (3) Natureza mental e moral do homem.

6. Mostre como a evidente harmonia entre a crença em Deus e os fatos conhecidos consubstancia essa crença.

7. Discorra sobre o argumento a favor da existência de Deus baseado no conteúdo das Escrituras.

8. Dê a definição do termo "atributo", com ilustração.

9. Defina os atributos de Deus em geral, e Seus atributos naturais e morais em particular.

10. Dê a definição de "vida", mostrando dois elementos nela envolvidos.

11. Dê a D. D. que mostra que a vida é atributo divino, e cite uma passagem comprobatória das Escrituras.

12. Dê a D. D. a respeito da demonstração do fato da vida como atributo divino, citando uma passagem das Escrituras.

13. Discorra sobre o falso ensino refutado pela verdade da espiritualidade de Deus, mostrando o contraste entre a matéria e o Espírito.

14. Defina a espiritualidade de Deus e mostre como Ele pode ser apreendido, citando uma passagem das Escrituras.

15. Dê a D. D. mostrando a verdade bíblica da espiritualidade de Deus e cite uma passagem bíblica.

16. Mostre como a verdade bíblica da espiritualidade de Deus é iluminada pelo ensino tanto do Antigo como do Novo Testamento, dando a D. D. correspondente a ambos.

17. Forneça a tríplice resposta à pergunta sobre a imagem e semelhança de Deus, citando as Escrituras dadas.

18. Que significam os termos físicos aplicados a Deus, como se Ele fosse homem? Discuta a observação.

19. Como é que podem ser conciliadas as passagens que afirmam que o homem viu a Deus com aquelas que declaram que Deus não foi nem pode ser visto?

Dê a resposta geral com ilustração. Em aditamento: (a) Cite uma passagem das Escrituras que mostra que o espírito pode manifestar-se em forma visível; (b) Em que forma Deus se manifestou no Antigo Testamento, e que clara distinção é feita a respeito? Dê uma ilustração bíblica onde "o Anjo do Senhor" é claramente identificado com Deus.

20. Que Pessoa da Trindade se manifestava em "o Anjo do Senhor"?

21. Dê o nome do erro que é refutado pela verdade da personalidade de Deus, e explique-o.

22. Defina e discuta o significado de personalidade.

23. Dê o significado dos títulos jeovísticos, mostre os elementos pessoais respectivos por cada um deles, e cite a D. D.

24. Dê um pronome pessoal que ensina a personalidade de Deus, e cite uma passagem bíblica que o contenha.

25. Apresente as características de personalidade atribuídas a Deus, juntamente com a D. D.

26. Dê cinco D. D. que mostram as relações que Deus mantém com o universo e com os homens, citando passagens comprobatórias em cada caso.

27. Dê a discussão baseada nas observações sobre as diversas relações que Deus mantém com o universo e com os homens, sob os seguintes pontos: (a) como Criador de tudo; (b) como Preservador de tudo; (c) como Benfeitor de toda a vida; (d) como Governador e Controlador de todas as atividades humanas; (e) como Pai de Seus filhos.

28. Dê a derivação e o significado do termo Trindade e discuta os pontos de vista errôneos que são refutados pela verdade da Trindade de Deus.

29. Dê o nome e a definição do falso ensino que se opõe à verdade da unidade divina.

30. Defina a Unidade de Deus, fazendo a distinção concernente a essa Unidade, conforme se encontra na observação.

31. Mostre como a Unidade Divina é estabelecida pela razão e pela revelação, citando uma passagem da última.

32. Discuta, pela observação introdutória sobre a trindade de personalidade, o significado do termo "pessoa", quando usado com referência às pessoas da Divindade.

33. Defina a Trindade de Deus.

34. Apresente os seis aspectos que são insinuados no Antigo Testamento sobre a doutrina da Trindade, além da D. D.

35. Apresente os cinco aspectos ensinados sobre a doutrina da Trindade, no Novo Testamento, além da D. D.

36. Dê a súmula do ensino do Novo Testamento e cite uma passagem referente a cada fase.

37. Dê as analogias ilustrativas da doutrina da Trindade, mostrando suas limitações.

38. Discorra sobre o erro dos que opinam que Deus deu origem ou causa a Si mesmo.

39. Defina e discorra sobre o significado da auto-existência de Deus.

40. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. sobre a Auto-existência de Deus.

41. Defina o termo "eternidade".

42. Dê o tríplice emprego da palavra "eterno", e ilustre-o.

43. Cite uma passagem das Escrituras que prove a eternidade de Deus.

44. Discorra, à base da observação introdutória, sobre a Imutabilidade de Deus em relação à possibilidade de mudança e em relação a Seus atributos naturais e morais.

45. Defina a Imutabilidade de Deus.

46. Dê a discussão negativa e positiva do significado da imutabilidade divina.

47. Cite uma passagem das Escrituras que estabeleça a Imutabilidade de Deus e dê a D. D.

48. Como se pode conciliar a declaração de que Deus se arrependeu, em Jonas 3.10, com a Sua imutabilidade? Dê a discussão nas observações.

49. Dê a dupla resposta à 2.ª objeção concernente ao arrependimento e à tristeza de Deus, com referência ao homem, em Gn 6.6.

50. Dê a definição e a discussão do significado da Onisciência de Deus.

51. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D., mostrando a Onisciência de Deus.

52. Diga o que está incluído em geral no conhecimento de Deus e cite uma passagem para cada divisão.

53. Diga o que o conhecimento em particular de Deus inclui, e cite uma passagem para cada divisão.

54. Dê a D. D. sobre a "aplicação" da Onisciência de Deus.

55. Dê a definição e a discussão do significado da Onipotência de Deus.

56. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. mostrando a Onipotência de Deus.

57. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. mostrando a aplicação da Onipotência de Deus no terreno da natureza e dê a essência da discussão nas observações.

58. Dê a D. D. mostrando a aplicação da Onipotência de Deus no terreno da experiência humana, fornecendo uma ilustração referente a um personagem bíblico.

59. Cite uma passagem das Escrituras mostrando a aplicação da Onipotência de Deus em relação aos homens em geral.

60. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. que mostra a aplicação da Onipotência de Deus nos lugares celestiais.

61. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. mostrando a aplicação da Onipotência de Deus no terreno dos maus espíritos.

62. Discorra à base das observações introdutórias, sobre o caráter e a maneira da presença de Deus em todas as partes do universo, isto é, Sua Onipresença.

63. Dê a definição e a discussão do significado da Onipresença de Deus.

64. Cite o Salmo 139.7-10 e dê a D. D. mostrando o fato da Onipresença de Deus.

65. Como deve ser qualificado o ensino referente à Onipresença de Deus?

66. Dê a dupla aplicação da doutrina da Onipresença de Deus.

67. Dê a discussão geral sobre a importância da Santidade de Deus.

68. Discorra sobre os quatro aspectos da maneira pela qual é demonstrada a importância da Santidade de Deus.

69. Dê o significado da Santidade de Deus, considerada negativa e positivamente.

70. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. mostrando o fato da Santidade de Deus.

71. Dê a D. D. mostrando a quádrupla manifestação da Santidade de Deus e cite uma passagem juntamente com cada fase.

72. Dê a quádrupla aplicação da Santidade de Deus.

73. Discorra, à base da nota introdutória da Retidão e a Justiça de Deus, sobre sua relação com Sua Santidade.

74. Defina a Retidão de Deus.

75. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. mostrando o fato da Retidão de Deus.

76. Defina a Justiça de Deus.

77. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. que mostra o fato da Justiça de Deus.

78. Discorra sobre as manifestações da Retidão e da Justiça de Deus e apresente a D. D.

79. Defina o Amor de Deus e cite uma passagem que apóia essa definição.

80. Cite uma passagem das Escrituras que estabelece a verdade do Amor de Deus.

81. Dê a D. D. sobre os objetos do Amor de Deus e cite uma passagem relativa a cada um deles.

82. Apresente cinco aspectos da manifestação do Amor de Deus, e cite uma passagem bíblica para cada.

83. Dê os diversos aspectos do Amor de Deus.

84. Discorra sobre o significado da Misericórdia.

85. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. estabelecendo a verdade da Misericórdia de Deus.

86. Defina a Graça e apresente uma breve discussão de outros significados dados a esse termo, segundo foi dado nas observações.

87. Apresente os contrastes entre a Lei e a Graça.

88. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. estabelecendo a verdade da Graça de Deus.

89. Dê as manifestações contrastantes da Misericórdia e da Graça, citando uma passagem das Escrituras para cada.

90. Defina o Conselho de Deus.

91. Declare o que é revelado nas Escrituras sobre o Plano de Deus em relação ao universo e aos homens, e dê a discussão tirada da observação.

92. Defina e discuta o significado do Plano de Deus em relação ao universo e aos homens.

93. Cite uma passagem que estabeleça a verdade do Plano de Deus em relação ao universo e aos homens; sobre que se baseia o Plano de Deus e de que é a expressão?

94. Dê a D. D. mostrando que o Plano de Deus inclui todas as cousas em geral, e cite uma passagem das Escrituras.

95. Apresente as cousas, em particular, que estão incluídas no Plano de Deus sob a divisão "Natural", e cite uma passagem relativa a cada.

96. Apresente as cousas, em particular, que estão incluídas no Plano de Deus sob a divisão "Espiritual", e cite uma passagem relativa a cada.

97. Dê a aparente ordem e o significado do Propósito de Deus em relação à redenção.

98. Cite uma passagem das Escrituras e dê a D. D. estabelecendo o Propósito de Deus em relação à redenção.

99. Discorra sobre o convite ou chamada geral sob os seguintes pontos: (a) sua prova, com uma passagem bíblica; (b) seu conteúdo (quádruplo); (c) seu meio; (d) seus objetos (apresentação em quatro aspectos).

100. Dê o significado do convite ou chamada eficaz, e discorra sobre os pontos de vista errôneos na observação.

101. Dê a classificação, de cinco aspectos, das passagens das Escrituras que comprovam o convite ou chamada eficaz, e cite uma passagem relativa a cada.

102. Mostre o contraste que se encontra nas distinções entre os objetos das duas chamadas.

103. Dê a D. D. sobre o convite ou chamada eficaz.

104. Apresente as objeções levantadas contra o ensino referente ao propósito de Deus na redenção, e as respectivas respostas.

CAPÍTULO TRÊS

A DOUTRINA DE JESUS CRISTO

(CRISTOLOGIA)

Jesus Cristo é a figura central da história do mundo. Este não pode esquecer-se dEle enquanto se lembrar da História, pois a História é a História de Cristo. Omiti-lo seria como omitir da astronomia as estrelas ou da botânica as flores. Afirma Bushnell: "Seria mais fácil separar todos os raios de luz que atravessam o espaço e deles remover uma das cores primárias, do que retirar do mundo o caráter de Jesus."

A história da raça, desde sua concepção, tem sido a história da preparação para a vinda de Cristo. O Antigo Testamento prediz essa vinda através de tipos, símbolos e profecias diretas. A história de Seu povo, Israel, é uma história de expectativa, de anseio e de preparação.

A Pessoa de Jesus Cristo não somente está firmemente engastada na história humana e gravada nas páginas abertas das Escrituras Sagradas, mas também é experimentalmente materializada nas vidas de milhões de crentes e entrelaçada no tecido de toda a civilização digna desse nome.

A. A Pessoa de Jesus Cristo.

O estudo da Pessoa de Cristo se reveste de grande importância por causa da relação vital que Ele sustém com o cristianismo; uma relação que nenhum dos outros fundadores de religiões tem para com suas respectivas religiões. Pode-se ter o confucionismo sem Confúcio; o budismo sem Buda; o maometismo sem Maomé; o mormonismo sem Joseph Smith; a chamada Ciência Cristã sem Mary Baker Eddy; o Raiar do Milênio sem Russell, mas, é impossível haver cristianismo sem Cristo; pois, estritamente falando, o cristianismo é Cristo e Cristo é o cristianismo. Não se trata, primariamente, de uma religião; antes, é um modo de vida, e essa vida é a vida de Jesus posta em ação viva nos homens. "Cristo em vós, a esperança da glória".

"O cristianismo não pode ser comparado com outros cultos, como também Jesus Cristo não pode ser comparado com outras pessoas. Cristo é o Incomparável; Ele está acima dos homens como os céus estão acima da terra. Da mesma forma,

o cristianismo é incomparável. Acha-se em plano tão afastado do nível das religiões humanas, quanto está o Ocidente afastado do Oriente.

"A palavra de Deus é a base do cristianismo. Essa Palavra é Cristo. Do Gênesis ao Apocalipse, as Escrituras apresentam o Senhor Jesus. Na estrada de Emaús, Cristo começou por Moisés e percorreu todos os profetas, explicando aos dois discípulos o que dEle se achava dito em todas as Escrituras.

"Assim, no cristianismo, quer se trate da salvação da maldição do pecado, da salvação do poder do pecado, ou da salvação da presença do pecado, tudo é tornado possível em Cristo e por meio dEle.

"Mesmo no terreno da ética, a ética do cristianismo é incomparavelmente superior à ética das demais religiões. A ética das religiões humanas pode ser cumprida, enquanto que a ética de Cristo é humanamente impossível de realizar-se, isto é, fora do Cristo que a ensinou. Por exemplo, ninguém pode viver aquela espécie de vida esboçada nas Bem-aventuranças ou a vida apresentada no livro de Filipenses, a não ser pela presença de Cristo, habitando em nós e nos capacitando." — Neighbor.

As Escrituras apresentam a Pessoa de Cristo como o tema central da mensagem transmitida aos homens através dos séculos até o presente:

— Era o tema da mensagem dos antigos profetas.

(At 3.20 — comparar At 10.43)

— Foi o tema da mensagem dos apóstolos.

(At 5.41,42. Ver também At 9.19,20)

— Foi o tema da mensagem apresentada aos judeus.

(At 17.1-3)

— Foi o tema da mensagem apresentada aos samaritanos.

(At 8.5)

— Foi o tema da mensagem apresentada aos gentios.

(Gl 1.15,16)

— É o tema do Evangelho que temos ordem para pregar hoje.

(Mc 16.15; Rm 1.1-3; 1 Co 15.1-4)

— Deus anatematiza todo o que prega qualquer outro evangelho.

(Gl 1.6-9; 1 Co 16.22)

A declaração: "Nossa mensagem é Jesus Cristo" é o testemunho consentâneo dos líderes cristãos de todas as regiões do mundo pelo período de mais de dezenove

séculos. Na providência de Deus, outros homens podiam ter transmitido a mensagem que foi entregue por Moisés e Arão, Davi e Isaías, Pedro e Paulo, substituindo-os sem modificar intrinsecamente sua mensagem. Mas não se dá o mesmo com Cristo, que é o tema da mensagem. Sem Ele, o cristianismo não seria o que é. Qualquer modificação do destaque dado à Pessoa de Cristo, roubá-la-ia de Suas divinas realidades.

I. *A Humanidade de Jesus Cristo*

Jesus Cristo era o Filho do homem, conforme Ele mesmo se proclamou. Nessa qualidade, Ele é o representante de toda a humanidade. Para Ele convergem todas as linhas de nossa comum humanidade.

> "Ele era 'Filho do Homem' no sentido de ser o único que realiza tudo que está incluído na idéia do homem, na qualidade de segundo Adão, o cabeça e representante da raça — a única verdadeira e perfeita flor que já se desdobrou da raiz e do tronco da humanidade. Tomando para Si esse título, Ele testificou contra polos opostos de erro acerca de Sua Pessoa: o polo ebionita, que seria o resultado final do título exclusivo 'Filho de Davi'; e o polo gnóstico, que negava a realidade da natureza humana que levava esse nome." — Trench.

> "Cristo pertence à raça e dela participa, nascido de mulher, vivendo dentro da linhagem humana, sujeito às condições humanas e fazendo parte integral da história do mundo." — Bushnell.

Sua humanidade é demonstrada:

1. Pela Sua Ascendência Humana

Ao nascer, Jesus Cristo submeteu-se às condições da vida humana e do corpo humano; Ele se tornou descendente da humanidade por meio do nascimento humano.

(1) Feito de mulher.

Gl 4.4 — Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.

Mt 1.18 — Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

V. A. — Mt 2.11; 12.47; Jo 2.1; Hb 10.5.

Nesta altura cabe tratarmos da questão do Nascimento Virginal de Jesus Cristo. Consideremos algumas objeções correntes.

Primeira objeção: Os relatos do nascimento de Jesus, em Mateus e Lucas, foram adicionados séculos após terem sido escritos os Evangelhos.

Resposta: "Os capítulos de Mateus e Lucas, nos quais aparece o registro do Nascimento Virginal de Jesus, encontram-se em todos os manuscritos não mutilados

do Novo Testamento, que são muitos; em nenhum deles se verifica a omissão destes capítulos, além do que são encontrados em todas as versões e traduções dos manuscritos reconhecidos como genuínos." — Sutton.

"É verdade que os ebionitas, conforme eram comumente chamados, possuíam um Evangelho, baseado em Mateus, no qual faltavam os capítulos sobre a natividade. Esse, porém, não era o verdadeiro Evangelho de Mateus: quando muito era uma fórmula mutilada e corrompida. O genuíno Evangelho de Mateus, conforme os manuscritos atestam, sempre contou com esses capítulos." — Orr.

"Nenhuma cópia do Evangelho de Mateus ou do Evangelho de Lucas jamais os omitiu. Há milhares e milhares de manuscritos, como também muitas versões do Novo Testamento, que remontam até aos meados do século II da era cristã, e todos eles contêm, e sempre contiveram, esses registros do Nascimento Virginal, tal como os possuímos em nossa Bíblia atual." — Gray.

Sabe-se que já exisia, no início do século II, o Credo dos Apóstolos que diz: "Nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria."

Sessenta anos após a morte de Cristo, Seus seguidores falavam e escreviam acerca de Seu nascimento da virgem. Inácio de Antióquia, um discípulo dos apóstolos, disse:

"Ocultos do príncipe deste mundo havia a virgindade de Maria e seu parto... Dou glória a Jesus Cristo, o Deus que conferiu tal sabedoria a ti; pois tenho percebido que estás firme em fé inabalável, firmemente persuadido no tocante a nosso Senhor, de que Ele pertence verdadeiramente à raça de Davi segundo a carne, mas Filho de Deus por vontade e poder divinos, verdadeiramente nascido de uma virgem e batizado por João."

Segunda objeção: Há contradições entre os relatos de Mateus e Lucas sobre o nascimento de Jesus, em relação ao registro genealógico.

Resposta: Mateus relata a história do ponto de vista de José, ao passo que Lucas a relata do ponto de vista de Maria; o que um omite, o outro supre, pois um relato suplementa o outro. Lucas fornece mais detalhes que Mateus, pois Maria sabia mais a respeito do sagrado mistério do que José. Ambos, entretanto, concordam em que Jesus nasceu de uma virgem.

Muitos têm dito que há contradição na genealogia de Lucas 3.23. A objeção a essa passagem é que, enquanto Mateus diz que José era filho de Jacó, Lucas afirma que era filho de Heli. Perguntam então: Em que sentido podia ser ao mesmo tempo filho de Jacó e de Heli? "Ele não podia ser, por geração natural, filho tanto de Jacó como de Heli. Em Lucas, todavia, não se afirma que Heli gerou José, pelo que a explicação natural é que José era genro de Heli, o qual, como ele mesmo, era descendente de Davi. Nesse caso, que ele tenha sido chamado filho de Heli, estaria em conformidade com a maneira judaica de dizer." — Scofield.

Tanto Lucas como Mateus tiveram o cuidado de não dizer que Jesus era realmente filho de José. Mateus usa de um perifrase, a fim de evitar justamente esse

conceito. Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo, enquanto que Lucas insere a cláusula: "Jesus... era, **como se cuidava** (ou, tido por) filho de José, filho de Heli." Assim, verifica-se que a objeção comum à inclusão do nome de José na genealogia de Jesus, como se fosse Seu pai, já que ele não era pai de Jesus, fica invalidada.

Terceira objeção: Se Cristo tivesse realmente nascido de uma virgem, o fato seria de tamanha relevância que teria sido assunto de revelação de Sua parte.

Resposta: No tocante ao silêncio de nosso Senhor relativamente a Seu nascimento, é pura especulação imaginar o que Ele deve ou não ter dito. João afirma que seu livro contém mero fragmento das palavras e ações de nosso Senhor. Cristo também assegurou a Seus discípulos que Ele ainda tinha muitas cousas para dizer-lhes, mas que eles não estavam em condições de suportá-lo. Se, contudo, for admissível o argumento baseado no silêncio de Jesus, então deveremos levar em consideração o fato de não constar também que nosso Senhor, que indubitavelmente era membro ideal da família de José, alguma vez se tenha referido a José como Seu pai, embora se referisse a Maria como Sua mãe (Jo 19.26).

Se não fosse verdade ter Ele nascido da virgem, seria mais que provável que Jesus o negasse, uma vez que tal história só podia prejudicar o bom nome de Sua mãe. O argumento baseado no silêncio é precaríssimo. Basta dizer que o sagrado relato se tornara corrente ainda em vida de Jesus. Isabel, mãe de João Batista, conhecia-o (Lc 1.39-45) e, aos poucos, foi-se tornando conhecido de todos os discípulos. Tão estupendo e glorioso fato não podia permanecer oculto durante muito tempo.

Quarta objeção: O silêncio de João, Marcos e Paulo sobre o Nascimento Virginal de Jesus não pode ser explicado.

Resposta: Ainda nos dias de João havia surgido uma heresia fatal: negava-se que Jesus Cristo veio em carne, e João escreveu seu Evangelho para refutar essa heresia. Com uma penada, João começa a traçar a descendência divina de nosso Senhor, que remonta para além de Adão, antes mesmo que as estrelas matutinas cantassem ou os mundos tivessem sido formados e tivessem sido compostos sistemas, levando-nos até à própria eternidade, ao dizer: "No princípio era o Verbo", o Logos, o Agente ativo do Deus Todo-poderoso. João ensina, nesse primeiro versículo de seu Evangelho, a eternidade de Jesus Cristo, Sua unidade com Deus e Sua Divindade; e passa a mostrar, através das páginas de seu Evangelho, a glória, a autoridade e o poder do eterno Filho de Deus. O livro inteiro subentende um nascimento miraculoso.

> "A objeção a que dão tanta importância é o silêncio, nos demais Evangelhos e outras partes do Novo Testamento, a respeito de como Jesus foi concebido. Isso, alegam, prova concludentemente que o Nascimento Virginal não era conhecido nos círculos cristãos dos primeiros tempos e que não passa de uma lenda de origem posterior. No que diz respeito aos Evangelhos, a objeção só seria válida se o objetivo de Marcos e João fosse narrar, como fazem os outros dois evangelistas, as circunstâncias da natividade. Evidentemente, porém, não é esse

o seu objetivo. Tanto Marcos como João sabiam que Jesus teve nascimento humano, infância e juventude, e que Sua mãe se chamava Maria; mas, propositadamente, nada nos dizem a respeito. Marcos começa seu Evangelho com o início do ministério público de Jesus, e nada diz do período anterior, especialmente de como Jesus veio a ser chamado "Filho de Deus" (Mc 1.1). João fala da descendência divina de Jesus e nos informa que 'o Verbo se fez carne' (Jo 1.14); porém, como sucedeu esse milagre da encarnação, ele não diz. A informação não fazia parte de seu plano. Ele conhecia a tradição da Igreja sobre o assunto; possuía os Evangelhos que narram o nascimento de Jesus de uma virgem; e aceita sem discussão o ensino desses Evangelhos. Falar em contradição, num caso tal como esse, é completamente fora de ordem." — Orr.

O propósito de Paulo, ao escrever, foi particularmente o de tornar claro o fato da expiação, da ressurreição e do segundo advento de Cristo, em conseqüência do que deixa de lado todos os incidentes da vida de Jesus. Seria igualmente razoável argumentar que Paulo não acreditava nos milagres do Senhor, pois faz silêncio tanto sobre Seus milagres como sobre Seu nascimento. Paulo sabia que a maior confirmação do Nascimento Virginal de Jesus estava na ressurreição, pelo que erigiu seu argumento sobre o caráter sem paralelo, a mediação, a vida ressuscitada, a intercessão, a presença e poder espirituais de Cristo, conforme vistas em Sua Igreja em expansão cada vez maior. Todos esses fatos pressupõem a Encarnação. O Nascimento Virginal está subentendido nas seguintes passagens: Fp 2.7; Rm 8.3; Gl 4.4,5.

Quinta objeção: Os discípulos estavam divididos em sua crença a respeito do Nascimento Virginal de Jesus, pois alguns sustentavam que Ele era filho de José, enquanto que outros criam que era Filho de Deus. Visto que não estavam concordes entre si, por que havemos de considerar de grande importância essa questão hoje em dia?

Resposta: Essa objeção se baseia nas seguintes passagens das Escrituras: Mt 13.55: "Não é este o filho do carpinteiro?" Essas palavras foram proferidas pelos judeus que, ao verem as obras maravilhosas operadas por nosso Senhor, sentiram-se incapazes de explicar Sua Pessoa por meios naturais, pelo que fizeram essa pergunta. Aqui não existe a menor evidência de que os discípulos de Cristo sustentassem semelhante opinião. Jo 1.45: "Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas, Jesus, o Nazareno, filho de José." Essas palavras citam o que dissera Filipe, que acabava de tomar a decisão de se tornar discípulo de Jesus, e que, até então, não ouvira falar na encarnação. Por isso, igualmente, tal afirmação não apóia a opinião de que os discípulos de nosso Senhor tinham uma tradição de que Ele era filho de José. Jo 6.42: "Não é este Jesus, o filho de José? Acaso não lhe conhecemos o pai e a mãe?" Essas palavras foram proferidas pelos judeus que não eram discípulos de Cristo, e foram ocasionadas pelo notável discurso de Jesus sobre o pão da vida. Era a esse respeito que os judeus incrédulos murmuravam, 'porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu", e perguntando: "Não é este Jesus, o filho de José?" Nosso Senhor ensinou que a incredulidade nunca pode aceitar o fato da encarnação, pois essa verdade está moralmente oculta de todos senão aqueles que são filhos da fé. A julgar-se por essas passagens, não há base

para o ponto de vista que entre os discípulos de Jesus existia uma tradição que afirmava que Jesus Cristo era de fato filho de José.

Sexta objeção: O conceito do Nascimento Virginal, sugestão derivada dos mitos pagãos sobre deuses encarnados, foi adotado pelos discípulos a fim de exaltar Jesus.

Resposta: Os antigos mitos pagãos diziam que os deuses podiam vir à terra e se encarnar em homens. Seu conceito sobre essas supostas encarnações é, talvez, o que de mais vil e revoltante se pode encontrar na literatura, antiga ou moderna. Segundo ela, um deus pagão se aproveita de uma esposa ou filha, de uma família pura, que melhor se adapte à sua depravação, e o filho é um super-homem, um deus-homem, um herói. Apesar dessa fantasia, nenhum escritor pagão afirmou que um de seus heróis tivesse nascido de uma virgem. Os escritores pagãos afirmavam que seus heróis, tais como Alexandre, César e outros, eram filhos dos deuses.

Tertuliano, um ministro da Igreja cristã primitiva, mostrou aos pagãos de seus dias que seus mitos serviam apenas de objeto do ridículo público, e que não havia termo de comparação entre suas fábulas revoltantes e os registros evangélicos do Nascimento Virginal de Cristo. Nossos oponentes replicam que Buda e Zoroastro, além de outros, segundo afirmavam seus seguidores, teriam nascido de virgens. A isso retruca o Dr. Orr: "Nenhum escritor pagão de nomeada, pelo menos durante duzentos anos depois de Buda, afirmou que ele tivesse nascido de uma virgem. Todo estudante da história sabe que nunca se pôde encontrar coisa alguma, nas vidas desses antigos personagens, capaz de convencer qualquer pessoa de são juízo de que eles tivessem nascido sobrenaturalmente, e as pessoas inteligentes daqueles tempos não aceitaram tais contos como verdadeiros. Acresce, ainda, que as predições messiânicas, encontradas no Antigo Testamento e cumpridas na vida de Jesus Cristo, constituem evidência adicional. Nada semelhante pode ser dito a respeito de Buda, de Maomé ou de qualquer outro fundador de religião pagã. Os profetas, séculos antes de Cristo, predisseram o lugar de Seu nascimento, os Seus sofrimentos e Sua expiação do pecado. Portanto, o argumento baseado em mitos pagãos, apresentado para derrubar o nascimento miraculoso de Cristo, cai por terra.

Apresentamos a seguir mais alguns argumentos que sustentam o fato do Nascimento Virginal de Jesus Cristo, baseados em afirmações feitas no "The Virgin Son", por John Champion.

A inspiração das Escrituras está em jogo se não puderem estabelecer concludentemente a questão vital da natureza e da Pessoa de Cristo.

Em suma, não é apenas a doutrina da Concepção de Jesus que está em jogo, mas sim, todas as doutrinas baseadas na revelação das Sagradas Letras. A questão aqui é da veracidade da revelação da palavra de Deus. É digno de nota que a autoridade das Escrituras é verdade estabelecida há séculos. A religião não pode dispensar a autoridade, como também não o pode o estado. Não podemos rejeitar a revelação autorizada do Espírito Santo sobre a questão infinitamente importante de quem é Jesus, como Ele veio, a natureza de Sua Pessoa e posição, sem solaparmos a crença na veracidade das Escrituras sobre nossa relação pessoal com Deus. Se a

inspiração não exerceu influência ou controle suficientes para impedir que Mateus e Lucas relatassem inverdades a respeito de uma questão tão vital, então ela perde o próprio elemento que a torna inspiração. Isso significaria que nossa confiança na veracidade da Bíblia sobre questões vitais é sem base, e que o naturalismo ganhou a batalha. Nosso Senhor, contudo, disse: "...e a Escritura não pode falhar". Os arqueólogos afirmam que poucos escritos antigos se aproximam da Bíblia na exatidão de registros, e, naturalmente, os arqueólogos se referem a questões que pouco ou nada dizem respeito à exatidão da Bíblia como autoridade sobre as relações de Deus com o homem e do homem com Deus. Ora, o Novo Testamento não é menos inspirado que o Antigo. Quanto a isso, até os próprios adversários são obrigados a concordar. Por conseguinte, o Novo Testamento não pode falhar sem ser esmagada a fortaleza da autoridade de Cristo que, afinal de contas, é, como Ele próprio, o mesmo ontem, hoje e para sempre.

O argumento baseado na congruência oferece apoio a essas narrativas.

A concepção sobrenatural é congruente com o nascimento de uma pessoa sobrenatural. Jesus Cristo é a manifestação ímpar do sobrenatural no terreno natural, o milagre de Sua concepção está de conformidade com a natureza miraculosa de Sua pessoa. Somente meios sobrenaturais de encarnação parecem adequados para a entrada no mundo de uma Pessoa divina e pré-existente, o que se pode apreciar melhor em nova tradução do relato de Lucas: "Como poderá ser isso," perguntou Maria ao anjo, "se eu não tenho marido?" O anjo lhe respondeu: "O Espírito Santo virá sobre ti, o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso o santo filho que nascer de ti será chamado Filho de Deus." Sim, o registro dos fatos está em perfeita harmonia com toda a sucessão de eventos e circunstâncias naturais e sobrenaturais ligados ao Advento de Cristo. Adapta-se maravilhosamente à Anunciação, ao salmo de Isabel, ao hino de Maria, ao cântico dos anjos, à visita dos pastores, à aparição dos magos vindos do Oriente, à estrela matutina que seguiram, à adoração do menino por Simeão e Ana no templo de Jerusalém, à tentativa de Herodes para matar o infante profético, mediante a matança geral das crianças, à fuga para o Egito, e assim por diante. Todo esse movimento, sem levar em conta tudo que sucedeu antes disso e depois do Pentecoste, é muito mais coerente com o Nascimento Virginal do que com um nascimento comum.

O argumento psicológico e biológico sustenta a verdade do Nascimento Virginal.

É fato bem conhecido que herdamos dos pais não somente o corpo mas também a alma. A natureza psicológica da criança revela sua paternidade tanto quanto os característicos físicos o fazem. A herança não termina aí. A personalidade também é gerada, parte da qual se compõe de corpo e alma; o resto é espírito. De conformidade com a lei biológica, cada tipo de vida se reproduz segundo sua própria espécie. Quando é possível dois tipos se unirem e produzirem descendência, nesta se unem as naturezas de ambos. A concepção de Jesus une em descendência o divino com o humano, o sobrenatural com o natural. Como é impossível a encarnação de uma Pessoa pré-existente, ao mesmo tempo que essa encarnação tenha tido pai humano, pode ser visto no fato de que nunca pai e mãe humanos geraram

alguém que não fosse uma nova personalidade. A Concepção Miraculosa foi conforme à lei da herança, tendo herdado características tanto do fator sobrenatural como do natural. A encarnação de uma Pessoa divina em uma pessoa humana, gerada por pais humanos, significaria a existência de duas personalidades na pessoa gerada. Biologicamente, é impossível sustentar que o filho de Maria, se foi gerado por pai humano, é o mesmo eterno Filho de Deus. Somos compelidos a assumir uma posição; ou não havia Filho de Deus pré-existente, ou não houve filho de pai humano quando Jesus nasceu. Se Deus Filho sempre existiu antes da encarnação, quem é essa segunda pessoa, o filho de Maria e de um pai humano? Se não acreditarmos no relato bíblico, não se pode evitar, lógica, biológica e psicologicamente, o erro de atribuir dupla personalidade a Jesus Cristo.

O argumento baseado na Divindade de Cristo e na Trindade sustenta a verdade da Concepção Miraculosa.

Vimos que as naturezas de duas vidas — do pai e da mãe — unidas pela concepção do embrião, determinam a natureza do ser gerado por elas. Somente o que é gerado pelo divino e pelo humano pode considerar-se pertencente ao gênero divino e humano.

Maria e José tiveram diversos filhos após o nascimento de Jesus. Se Jesus não nasceu de mãe virgem, então Tiago, José, Judas, Simão e suas irmãs pertenciam, genericamente, à mesma classe que Jesus. É justamente o parentesco divino e humano, combinados, em nosso Senhor Jesus, que estabelece para sempre a categoria de Sua Pessoa. Se Jesus tivesse tido um pai humano, seria igual a todos nós, genericamente falando, o que não nos daria mais razão de defender Sua Divindade pessoal do que de defender a divindade pessoal de todos nós.

V. A. — Sl 69.8; Mt 13.55,56; Mc 6.3; Gl 1.19.

Não é propriamente a pessoa que resolve crer ou não na doutrina da Trindade; antes é essa doutrina que seleciona quem a deve receber, pois a sua aceitação é imposta pelos poderes, obra e Pessoa sobre-humanos de Jesus Cristo. Portanto, concluímos naturalmente que Ele e Seu nascimento se harmonizam, e que o meio de Sua entrada na vida humana necessariamente diferiu de nossa maneira de entrar nesta vida, assim como Ele também difere de nós no que tange à Sua Pessoa, obra, posição e poder. Se Jesus Cristo não é uma Pessoa sobrenatural, então não existe segunda Pessoa da Trindade; mas, se não existe a segunda Pessoa, também não existe a Trindade. Se a corrente está partida aqui, seus diversos elos restantes não têm valor.

O argumento baseado na Redenção sustenta a verdade do Nascimento Virginal.

Para termos ponto de vista correto sobre a obra expiatória de Cristo, temos que possuir ponto de vista acertado sobre Seu nascimento. Quanto menos vemos da Divindade de Cristo em Seu nascimento sobrenatural, menos vemos dessa Divindade em Sua morte expiatória. Quando perdemos de vista o Cristo histórico dos Evangelhos e Sua Concepção Miraculosa, conforme ali registrada, nem sombra de divindade resta para efetuar nossa redenção.

Disso testifica a experiência de milhões que têm nascido de novo pela fé em Cristo. Geralmente quem nega o Nascimento Virginal são pessoas que não experimentaram a regeneração pelo Espírito de Deus e nem ao menos acreditam nessa experiência. Sermos nascidos do Espírito de Deus coloca-nos em situação em que podemos aceitar o sobrenatural da Bíblia, pois somos, em nós mesmos e em nossa experiência, testemunhas do sobrenatural. Essa experiência, que nos liga espiritualmente a Deus, prepara-nos para tudo mais na revelação divina que estiver acima e além da mente natural.

Cremos no Nascimento Virginal porque nenhuma objeção jamais foi levantada contra ela que fosse suficiente, satisfatória ou concludente. De fato, nenhuma objeção positiva ou evidente já foi nem pode ser levantada. Os que negam a verdade comumente aceita é que estão na obrigação de provar o contrário. Dezenove séculos de história afirmam que se trata de um fato.

(2) Feito da semente de Davi.

Rm 1.3 — Com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi.

V. A. — At 13.22,23; Lc 1.31-33.

Mt 1.1 — Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

At 13.22,23 — E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: "Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade." Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus.

Este aspecto do parentesco humano de Jesus Cristo nunca foi alvo dos ataques feitos em torno da doutrina do Nascimento Virginal, ataque este que vem se intensificando durante a presente era moderna. Contudo, a palavra de Deus declara que o Messias havia de ser da semente de Davi, com a mesma clareza com que afirma que havia de nascer de uma virgem. Como crentes, devemos familiarizar-nos com o conjunto de verdades relacionadas com a linhagem de Cristo no pacto davídico. 1 Pe 3.15,16: "Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor."

É interessante acompanhar-se através das Escrituras a linhagem messiânica, a partir de Sem (Gn 9.27) através de Abraão (Gn 12.1-3), Isaque (Gn 26.2-5), Jacó (Gn 28.13-15) e Judá (Gn 49.10). Nessa altura, o exame cuidadoso da linhagem messiânica revela provas específicas do exercício da graça de Deus. A linhagem de Judá prossegue por meio do filho ilegítimo, Perez, da nora de Judá (Gn 38). De acordo com a lei mosaica conforme registrada em Dt 23.2, o bastardo era excluído da assembléia do Senhor até a décima geração. Examinando a genealogia no Evangelho de Mateus, vemos que Davi era a décima geração de Judá e assim já livre de mácula no que se refere ao pecado de Judá. Ademais, dentro dessas dez gerações há outras expressões notáveis da abundante graça de Deus. Em Seu

amor remidor, Deus houve por bem incluir Raabe, a meretriz de Jericó, na linhagem do Messias. Ela tornou-se evidentemente mulher de Salmon. A esse casal nasceu Boaz. No livro de Rute encontramos a bela história do casamento de Rute, a moabita, com Boaz, que era da linhagem real. Rute foi bisavó de Davi, o rei da escolha divina, e Raabe a tataravó. Essas duas mulheres gentias, meretriz uma e a outra idólatra, foram abençoadas com a remissão e com um lugar na linhagem de Jesus Cristo, filho de Davi e Rei dos reis.

O pacto davídico (2 Sm 7.5-16) foi dado ao rei Davi por Natã, profeta de Deus. Foi reafirmado a Maria pelo anjo Gabriel na Anunciação registrada em Lc 1.26,27. "Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim" (1.32,33). Nesta passagem se unem perfeitamente as duas linhas de verdade profética referente ao Messias. Cristo havia de nascer da Virgem (Is 7.14) e da semente de Davi (2 Sm 7).

Diferentes opiniões têm sido oferecidas com referência às genealogias registradas no Evangelho de Mateus e no Evangelho de Lucas. Fosse qual fosse o propósito do Espírito Santo ao inspirar essas duas genealogias, permanece em pé a verdade que ninguém, principalmente o judeu, poderá levantar dúvida quanto ao direito de Jesus de sentar-se no trono de Davi. Tanto José, o humilde carpinteiro, como Maria, a jovem que achou graça diante de Deus, eram da linhagem de Davi. No Evangelho de Mateus, a genealogia é de José. No Evangelho de Lucas, ao que parece, a genealogia é de Maria. É evidente que ambos tinham sangue real. A esse casal, de condição social humilde, porém de sangue real, Deus confiou Seu Filho.

2. Por Seu Crescimento e Desenvolvimento Naturais.

Lc 2.40,46,52 — Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele ... Três dias depois o acharam no templo, assentado no meio dos mestres, ouvindo-os e interrogando-os... E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.

A humanidade de Jesus passou pelos diversos estágios de desenvolvimento, como qualquer outro membro da raça. Da infância à juventude, e da juventude à idade adulta, houve crescimento constante, tanto em Seu vigor físico como em Suas faculdades mentais. Até que ponto Sua natureza impecável influiu em Seu crescimento, não somos capazes de afirmar. Parece claro, entretanto, pelas Escrituras, que devemos atribuir o crescimento e o desenvolvimento de Jesus à observância das leis da natureza, à educação que Ele recebeu em um lar piedoso. Pode-se atribuir Seu desenvolvimento, também, às instruções recebidas no templo, por seu próprio estudo pessoal das Escrituras, e por Sua comunhão com Seu Pai. Tanto o elemento humano como o divino participaram de Sua criação e Seu desenvolvimento, que foram tão reais na experiência de Jesus como na de qualquer outro ser humano.

D. D. — Jesus Cristo estava sujeito às leis comuns do desenvolvimento humano e do crescimento gradativo em sabedoria e estatura.

3. Por Sua Aparência Pessoal.

Jo 4.9 — Então lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim que sou mulher samaritana? (porque os judeus não se dão com os samaritanos).

V. A. — Jo 21.4,5; Mc 7.33,34; 15.34; Jo 20.15; 19.5.

V. T. — At 7.56; 1 Tm 2.5.

A aparência pessoal de Jesus não mereceu menção particular nas Escrituras. Há poucas alusões à mesma. Evidentemente a Pessoa de Jesus, em Seu estado terreno, não é para ser objeto de contemplação ou forma de representação.

"Não obstante, temos a seguinte descrição a Seu respeito: '...não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse... pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência mais do que a dos outros filhos dos homens...' Com toda a probabilidade os quadros convencionais de Jesus estão longe de transmitir Sua verdadeira aparência física. Todos seguem o estilo grego, mas Jesus era judeu." — Patterson. "A mulher samaritana evidentemente reconheceu que Jesus era judeu por Seus traços físicos ou por Seu sotaque. Para ela Ele não passava de um judeu comum, pelo menos quando começou a conversa entre os dois. Não há base bíblica para alguém desenhar Cristo com uma auréola por sobre a cabeça, como os artistas fazem. Sua vida pura, sem dúvida alguma, lhe emprestava aparência distinta, assim como o bom caráter semelhantemente distingue certos homens hoje em dia. Evidentemente que nada sabemos de definido quanto à aparência de Jesus, pois dEle não possuímos nem pintura nem fotografia." — Evans.

D. D. — Jesus Cristo tinha aparência de homem, e ocasionalmente confundiam-nO com outros homens.

4. Por Possuir Natureza Humana Completa, Inclusive Corpo, Alma e Espírito.

Quando Jesus Cristo se encarnou, passou a possuir verdadeira natureza física, humana, pois foi feito "em semelhança de homens". Essa natureza humana, entretanto, não era carnal. Era isento de pecado.

(1) Possuía corpo físico.

Mt 26.12 — Pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento.

(2) Possuía alma racional.

Mt 26.38 — Então lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

(3) Possuía espírito humano.

Lc 23.46 — Então Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou (Mt 27.50).

Jesus Cristo possuía duas naturezas: a divina e a humana.

"A união da Divindade com a humanidade era essencial à constituição da Pessoa de Cristo. Segue-se, portanto, que o Cristo é o Deus-homem. A Divindade e a humanidade se acham unidas nEle, ainda que não estejam misturadas. Sua humanidade não é deificada, nem Sua Divindade é humanizada. Isso é claramente impossível. A Divindade não pode tomar em sua essência qualquer coisa finita, e o humano é finito. A humanidade não pode ser absorvida na Divindade a ponto de passar a fazer parte desta. As duas naturezas terão de permanecer sempre distintas, ao mesmo tempo que a Pessoa de Cristo, formada pela sua união, será sempre una e indivisível. Que Ele possui duas naturezas em uma só Pessoa é verdade, e sempre há de ser verdadeiro acerca do Messias. Temos de confessar que se trata de mistério; não é por causa disso, porém, que a doutrina deva ser rejeitada." — Pendleton.

V. A. — Hb 2.14-16; 4.15; Jo 1.14.

Houve muitas tentativas, nos primeiros séculos da era cristã, para explicar a doutrina das duas naturezas de Cristo. Passamos a mencioná-las ligeiramente.

— O ebionismo negava a natureza divina de Cristo, reputando-o mero homem.

— O cerintianismo mantinha que não houvera união das duas naturezas senão por ocasião do batismo de Jesus, assim estabelecendo a Divindade de Cristo como dependente de Seu batismo, e não por virtude de Seu nascimento.

— O docetismo negava a realidade do corpo de Cristo, porque julgavam que Sua pureza não podia estar ligada com a matéria, que reputavam inerentemente má.

— O arianismo considerava que Cristo era o mais exaltado dos seres criados, negando assim Sua Divindade e interpretando erroneamente Sua humilhação temporária.

— O apolinarianismo concedia a Cristo apenas duas partes humanas, negando que tivesse alma humana, pois reputavam esta pecaminosa.

— O nestorianismo negava a união das naturezas humana e divina, fazendo de Cristo duas pessoas.

— O eutiquianismo afirmava que as duas naturezas de Cristo se uniam em uma só, que era predominantemente divina, ainda que não no mesmo plano da natureza divina original.

A negação da verdadeira natureza física de Cristo é um dos sinais do espírito de anticristo (1 Jo 4.2,3).

D. D. — Mediante Sua encarnação, Jesus Cristo entrou na posse de uma natureza física, real e humana, que consiste de espírito, alma e corpo, o que lhe proporciona autêntica humanidade.

5. Pelas Suas Limitações Humanas Sem Pecado.

"Não existe uma única nota, no grande órgão de nossa humanidade que, quando tocada, não encontre simpática vibração no grandioso alcance e escopo da Pessoa de nosso Senhor Jesus, excetuando-se, naturalmente, a nota desafinada e discordante do pecado." — Evans.

(1) Limitações físicas.

a. Jesus Cristo era sujeito à fadiga corporal.

Jo 4.6 — Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.

Comparar Is 40.28 — Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento.

b. Jesus Cristo era sujeito à necessidade de sono.

Mt 8.24 — E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia.

Comparar Sl 121.4,5 — É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel. O Senhor é quem tem guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita.

c. Jesus Cristo era sujeito à fome.

Mt 21.18 — Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome. Comparar Sl 50.10-12.

d. Jesus Cristo era sujeito à sede.

Jo 19.28 — Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!

e. Jesus Cristo era sujeito ao sofrimento e à dor físicos.

Lc 22.44 — E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.

f. Jesus Cristo, em Sua vida corporal, tinha capacidade para morrer.

1 Co 15.3 — Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.

D. D. — Jesus Cristo estava sujeito às limitações físicas comuns da natureza humana, como sejam: a fome, a sede, o cansaço, a dor e a morte.

(2) Limitações intelectuais.

Em Seu estado de humilhação, o Filho de Deus pôs de lado o exercício independente de Sua onisciência, bem como os demais atributos da Divindade, fazendo uso de Sua inteligência divina somente sob a orientação do Espírito Santo.

a. Jesus Cristo tinha capacidade para crescer em conhecimento.

Lc 2.52 — E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.

b. Jesus Cristo tinha capacidade para adquirir conhecimento mediante a observação.

Mc 11.13 — E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma cousa. Aproximando-se dela nada achou senão folhas; porque não era tempo de figos.

c. Jesus Cristo tinha capacidade para se limitar em Seu conhecimento.

Mc 13.32 — Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

D. D. — O conhecimento de Jesus Cristo era sujeito a limitações.

(3) Limitações morais.

Hb 2.18 — Pois naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.

Hb 4.15 — Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

Cristo não possuía limitações morais devidas ao pecado ou que envolvessem a possibilidade de pecar.

"Isto deve ser verdade, pois, doutro modo, a redenção estaria fundamentada numa base capaz de possível ruína. Todo o plano da redenção pré-determinada no conselho de Deus, segundo a teoria contrária, estava na incerteza enquanto não veio a tentação; durante a tentação esteve na balança.

"Nosso Senhor Jesus Cristo, por nascimento pelo lado de Sua mãe e por lei pelo lado de José, era o Herdeiro do trono de Davi e o Messias nomeado por Deus. Se Ele tivesse pecado e caído, isso não teria alterado Sua relação essencial ou legal ao trono, nem Seu título de Messias. Assim sendo, se Ele tivesse pecado, teríamos o espetáculo de um Messias escolhido mas pecaminoso.

"Nosso Senhor era o Cordeiro 'conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo!' Para ser aceito, o cordeiro sacrificial tinha de ser 'sem defeito e sem mácula'. Na qualidade de antitipo, o Messias havia de ser sem pecado por Sua própria natureza e sem pecado pela vitória sobre ele. Tivesse Ele cedido à tentação e tivesse

pecado, Sua queda não poderia ter alterado a verdade de que Ele fora escolhido como Cordeiro de Deus. Caso permanecesse essa ordenação, teríamos o Cordeiro de Deus, fixado e nomeado, mas culpado de pecado e a negar a própria exigência, tanto do tipo como do princípio, de que Ele fosse sem pecado.

"Se nosso Senhor, na qualidade de Messias de Israel e Cordeiro de Deus, pudesse ter pecado, teria falhado, embora sendo o Filho unigênito de Deus, não podendo ser o Redentor dos homens.

"As Escrituras não autorizam o ensino de que nosso Senhor poderia ter pecado. As ilustrações baseadas em Satanás e Adão não são válidas. Satanás era um anjo criado. Adão não era o Filho unigênito de Deus, mas criação de Deus. Nosso Senhor Jesus Cristo não era anjo criado. Não era homem criado. Foi gerado por Deus, da semente da mulher, pelo Espírito Santo. O que foi gerado não foi uma pessoa, mas uma natureza, uma natureza humana. Essa natureza humana era santa. As Escrituras chamam-nO de 'o Santo'. Em sua qualidade, era a santidade de Deus. Visto que sua qualidade era a santidade de Deus, não podia haver pecado em 'o Santo', nem tendência para pecar. Essa santa natureza humana sem pecado estava indissoluvelmente ligada à Personalidade do Filho. Sua natureza humana não poderia ter pecado sem o consentimento de Sua Personalidade ímpar; essa Personalidade teria de dizer 'Quero' ao pecado. Mas, visto que a Personalidade de nosso Senhor Jesus Cristo é a Personalidade de Deus, era impossível que essa Personalidade consentisse em pecar. Visto que Sua Personalidade não podia consentir em pecar, era impossível que Ele, em Sua natureza humana (já que Sua natureza humana estava inseparavelmente ligada à Sua Personalidade), viesse a pecar." — Haldeman.

D. D. — Jesus Cristo foi tentado, e assim sujeito às limitações morais essenciais da natureza humana, ainda que separado do pecado.

(4) Limitações espirituais.

Por ocasião da encarnação, Jesus Cristo trocou Sua vida independente pela vida dependente; Sua soberania pela subordinação; vivendo uma vida de homem, Ele se limitou aos meios e métodos pelos quais o poder divino é obtido e exercido pelo homem.

a. Jesus Cristo dependia da oração para ter poder.

Mc 1.35 — Tendo-se levantado alta madruga, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava.

V A — Jo 6.15; Lc 22.41-45; Hb 5.7.

Nas Escrituras, temos a menção de vinte e cinco vezes que Jesus orou. Ele obtinha poder para o trabalho e para alcançar vitórias morais como fazem os outros homens — pela oração. Estava sujeito às condições humanas para obter o que Ele desejava.

b. Cristo dependia da unção do Espírito Santo para exercer poder.

At 10.38 — Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.

O período da dependência de Cristo foi o período de Sua humilhação. Prolongou-se de Belém ao monte das Oliveiras, ou seja, durante o período de Sua vida encarnada sobre a terra. Depois Ele reassumiu a glória que tinha com o Pai antes que houvesse mundo, bem como todas as prerrogativas de Sua Divindade.

D. D. — Jesus Cristo foi sujeito às condições humanas a fim de obter poder, e às limitações humanas em seu exercício.

6. Pelos nomes humanos que lhe foram dados, por Ele mesmo e por outros.

(1) Jesus.

Mt 1.21 — Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Esse nome significa Salvador ou Salvação. É um nome em uso entre os israelitas tanto do passado como do presente.

(2) Filho do homem.

Lc 19.10 — Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

Jesus Cristo chamou-se 'Filho do homem' pelo menos oitenta vezes nos Evangelhos. Ao fazê-lo, Ele certamente se identifica com os filhos dos homens.

(3) Jesus, o Nazareno.

At 2.22 — Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós como vós mesmos sabeis.

O povo israelita reconhecia Jesus como habitante de Nazaré, pois ali cresceu até à idade adulta. Isso sucedeu em cumprimento da profecia que diz: "Ele será chamado Nazareno" (Mt 2.23).

(4) O Profeta.

Mt 21.11 — E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia.

Trata-se de um termo humano, que claramente subentende Sua humanidade.

(5) O Carpinteiro.

Mc 6.3 — Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele.

A tradição afirma que José faleceu quando Jesus ainda estava na juventude, e que Ele assumiu as responsabilidades da carpintaria de Seu pai adotivo.

(6) Cristo Jesus, Homem.

1 Tm 2.5 — Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.

Mediante o emprego do termo "homem" temos a asserção positiva da verdadeira humanidade que Jesus possuía durante Sua vida terrena e continua possuindo em Sua vida celestial de intercessão, à destra de Deus.

D. D. — Os nomes e títulos humanos, usados com referência a Jesus Cristo, estabelecem a verdade de Sua humanidade.

7. Pela relação humana que Ele mantinha com Deus.

Mc 15.34 — À hora nona clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

V. A. — Jo 20.17.

Nessas passagens, Jesus fala de Deus e a Deus como homem, demonstrando assim a relação humana que existia entre Ele, na qualidade de representante do homem e novo Cabeça da raça, e Deus.

D. D. — Jesus Cristo chamou o Pai de "meu Deus", tomando assim o lugar e assumindo o caráter de homem.

O Auto-Esvaziamento de Cristo

Fp 2.5-8 — Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

O auto-esvaziamento (**kenosis**) de Cristo, que foi um ato voluntário, consistiu na desistência do exercício independente dos atributos divinos. Para ilustrar: os seres finitos têm o poder, até certo grau, de restringir os limites da consciência. Por ato da vontade, podemos excluir muitas cousas de nossas mentes. Esforçamo-nos por esquecer algo, e até certo ponto somos bem sucedidos. Quando Mary Reed foi para a colônia de leprosos para viver e morrer, não pôs ela uma espécie de 'kenosis' em sua consciência? Não renunciou ela voluntariamente muito do conhecimento dos prazeres do movimentado mundo exterior? Não se pode dizer outro tanto de David Livingstone e Dan Crawford, que se dirigiram para a mais escura África a fim de trabalhar entre os africanos? São ilustrações inadequadas, mas nos fornecem alguma indicação das possibilidades de auto-renúncia por parte do Filho de Deus. Como podia ser renunciado o exercício independente dos atributos divinos, ainda que por um breve período, seria inconcebível, se estivéssemos considerando o Logos

ou Palavra de Deus conforme Ele é em Si mesmo, assentado sobre o trono do universo. A questão torna-se um tanto mais fácil quando nos relembramos que não foi o Logos como tal, mas antes, o Deus-homem, Jesus Cristo, em quem o Logos se submeteu a essa humilhação, possibilitando assim a auto-limitação. South diz: "Uma fonte pode estar quase transbordando de cheia; mas, se extravasa apenas por um cano de pequeno diâmetro, a corrente pode ser pequena e desprezível, igual à medida de seu condutor."

Foi a união do humano com o divino que limitou o Logos. O sentido geral é que Ele se despiu daquele modo de existência que Lhe era peculiar como idêntico a Deus. Mas Ele pôs de lado a forma de Deus. Contudo, ao fazê-lo, não se despiu de Sua natureza divina. A alteração foi uma mudança de estado: forma de servo em lugar de forma de Deus. Sua Personalidade continuou a mesma. Seu auto-esvaziamento não foi auto-extinção, nem o Ser Divino foi transformado em mero homem. Em Sua humanidade Ele reteve a consciência de ser Deus, e em Seu estado encarnado continuou a possuir a mente que O animava antes de Sua encarnação. Ele não era incapaz de asseverar igualdade, mas foi capaz de não asseverá-la. E assim, sem tentar evitar sua força, podemos aceitar a declaração inspirada de que Cristo verdadeiramente esvaziou a Si mesmo.

Na passagem citada acima, podemos ler: "não julgou como usurpação"; isto é, Ele considerava Sua possessão da plenitude da Natureza Eterna como certa e inalienavelmente Sua. Por isso, "a si mesmo se esvaziou", ou seja, voluntariamente se despiu de Suas manifestações divinas. Tão certo estava Cristo de ser Deus que, sem hesitação, pôde esvaziar-se da manifestação dessa Divindade e limitar seu exercício.

Na "Ilíada" de Homero, quando Andrômaca traz seu filho infante para despedir-se de Heitor, o menino fica aterrorizado pelas plumas de guerreiro do capacete de seu pai, e Heitor as tira para abraçá-lo. Semelhantemente, Deus Filho pôs de lado "aquela forma gloriosa, aquela luz encandeadora e aquele brilho incandescente de majestade". Cristo esvaziou-se, não de Sua Divindade nem de Seus atributos, mas simplesmente da manifestação externa de Sua Divindade e do exercício independente de Seus atributos.

O propósito do auto-esvaziamento e da encarnação era redentor. A Divindade, no sentido distintivo, podia encarnar-se em forma humana porque a personalidade humana contém os elementos essenciais a toda a personalidade, que são: auto-consciência, inteligência, sentimento, natureza moral e vontade. A personalidade é o ponto em que a criação ascendente retorna a Deus. O homem ostenta a imagem divina. O auto-esvaziamento de Cristo, na encarnação, foi a suspensão voluntária do pleno exercício dos atributos divinos, ainda que, potencialmente, todos os recursos divinos estivessem presentes. É-nos impossível entender completamente o processo pelo qual teve lugar esse auto-esvaziamento. O Dr. Mullins apresenta certas analogias que talvez sejam de utilidade:

Considere-se o caso de um matemático, um gênio, imaginando-o no início e depois no fim de seu curso. Como menino, ele conhece apenas os elementos da mate-

mática. Anos depois, já domina toda a ciência matemática. Imaginemo-lo então a ensinar um principiante. Novamente ele esvazia sua mente das riquezas do conhecimento adquirido e se torna um principiante. Não obstante, apesar de estar fora de sua consciência, o conhecimento adquirido continua à sua disposição. Considere-se, outrossim, o caso de um pai cujo filhinho foi ferido em um desastre e está em perigo de perder a vida. O pai elimina completamente da consciência o conhecimento da grande organização de super-mercados de que é proprietário. Consagra-se agora, dia e noite, à tarefa de providenciar para que seu filho seja salvo da morte. Dinheiro, tempo e conforto — tudo é posto de lado por amor ao filho. Essas analogias também são imperfeitas, contudo são sugestivas. Na primeira temos o alheamento por parte do professor por amor ao aluno, e na segunda, a concentração da afeição por parte do pai por causa do interesse pelo filho. Assim também foi que Cristo livre e voluntariamente desistiu do exercício independente de Seus atributos por amor àqueles a quem amava e no interesse desses.

II. *A Divindade de Jesus Cristo*

> "As dimensões do cristianismo melhor se medem pelas dimensões da Pessoa que o fundou e limitam seu horizonte. Da realidade da Sua Divindade dependem todas as demais realidades do cristianismo, e isso por toda a eternidade." — Champion.

Ao mesmo tempo que Jesus Cristo era verdadeiro homem, também era verdadeiro Deus. "Penso que compreendo um pouco da natureza humana, e digo-te que todos esses heróis da antiguidade foram homens, como eu também o sou, mas não como Jesus Cristo: Este era mais que Homem". — Napoleão, ao conde de Montholom, em **Memoirs**, de Bertrand.

Esta consideração preliminar deve ser feita: tanto no Antigo como no Novo Testamentos, Cristo é apresentado como Aquele que desempenha o papel de substituto daqueles a quem veio salvar (Is 53.5,6; Mt 20.28; Jo 10.11; Gl 3.13). Se Cristo não é Deus, então Ele jamais poderia ter tomado o lugar dos pecadores, a fim de fazer expiação por seus pecados. No governo de Deus, uma criatura não pode tomar o lugar de outra. Um anjo não pode agir em lugar de um homem porque tudo que um anjo pode fazer já é devido a Deus. Essa é a lei universal da criatura. Ou, se lhe fosse permitido, cada criatura perfeita poderia substituir apenas uma criatura imperfeita. Precisou-se da Divindade de Cristo para emprestar valor universal à Sua morte a favor da raça, capacitando-o a "provar a morte por todo homem".

> "O homem que pode ler o Novo Testamento sem ver que Cristo se apresenta como sendo mais que mero homem, pode também olhar por todo o céu sem nuvens ao meio-dia, sem ver o sol." — Beiderwolf.

Para quem aceita a doutrina bíblica da Trindade, evidentemente não há necessidade de argumentos para provar a Divindade de Cristo, pois a aceitação de uma abrange a outra: se Cristo é a segunda Pessoa da Trindade, é da mesma essência do Pai e do Espírito Santo, possuindo igual poder e glória.

Em Deus Pai vemos a fonte da Divindade; em Jesus Cristo, a Divindade a transbordar; e, na corrente está toda a perfeição da fonte. O Pai é a fonte da

glória; Jesus Cristo, o Filho, é o resplandecer dessa glória. Heb 1.3: "Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser..." Cristo é a expressão exata da natureza e do caráter da Divindade.

A subordinação da Pessoa do Filho à Pessoa do Pai é uma ordem de personalidade, ofício e operação que permite ao Pai ser oficialmente primeiro; o Filho, segundo; e o Espírito Santo, terceiro; mas tudo em perfeita coerência com a igualdade entre os três. Prioridade não é necessariamente superioridade. A possibilidade de uma ordem que, contudo, não implica desigualdade, pode ser ilustrada entre marido e mulher. Quanto a seu ofício, o homem está em primeiro lugar e a mulher em segundo; não obstante, a alma da mulher tem o mesmo valor da alma do homem (1 Co 11.3).

Eternamente Jesus Cristo se subordina ao Pai, quanto à posição. Tendo em vista propósitos redentores, por ocasião da encarnação, o Filho assumiu uma subordinação distintiva pelo fato de haver substituído Sua soberania pelo estado de servo (Fp 2.5-8). Substancial e essencialmente isso se vê nas Escrituras das seguintes formas:

Cristo fez referência à grandeza superior do Pai:

Jo 14.28 — Ouviste que eu vos disse: Vou, e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.

Cristo foi gerado do Pai:

Jo 3.16 — Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Cristo dependia do Pai:

Jo 5.19 — Então lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz.

V. A. — Jo 5.36; 6.57.

Cristo foi enviado pelo Pai:

Jo 8.29 — E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.

V. A. — Jo 6.29; 8.42.

Cristo estava sob a autoridade do Pai.

Jo 10.18 — Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

Cristo recebeu autoridade delegada pelo Pai:

Jo 13.3 — Sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus e voltava para Deus.

Cristo recebeu do Pai a Sua mensagem:

Jo 17.8 — Porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.

V. A. — Jo 8.26,40.

O Reino de Cristo foi estabelecido pelo Pai:

Lc 22.29 — Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio.

Cristo entregará Seu Reino ao Pai, finalmente:

1 Co 15.24 — E então virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

Cristo é e será sujeito ao Pai:

1 Co 11.3 — Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo.

V. A. — 1 Co 15.27,28.

Ainda que exista uma eterna subordinação de Cristo ao Pai, trata-se apenas de uma subordinação de ordem, de ofício, de operação, e não de essência.

A Divindade de Jesus Cristo é Demonstrada:

1 Pelos nomes divinos que Lhe são dados nas Escrituras.

(1) Deus.

Hb 1.8 — Mas, acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre, e:

Cetro de eqüidade é o cetro do teu reino..

V. A. — Jo 20.28; 1.18; 5.20; Rm 9.5; Tt 2.13.

O termo é aqui usado no sentido absoluto, referindo-se à Divindade. Alguns tem argumentado que o termo também é empregado para referir-se a juízes humanos (Jo 10.34-36), mas esse é apenas um uso secundário do termo.

(2) Filho de Deus.

Mt 16.16,17 — Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus.

V. A. — Mt 27.40,43; Mc 14.61,62; Lc 22.70; Jo 5.25; 10.36; 11.4; Mt 8.29.

Esse nome é dado a Jesus Cristo quarenta vezes nas Escrituras. Além disso, há referências freqüentes a "Seu Filho" e "Meu Filho" (Jo 5.18). Jesus não reivindicou esse título para Si mesmo, mas aceitou-o quando usavam para indicá-lO, ou quando foi assim chamado por outros.

(3) O Primeiro e o Último; o Alfa e o Ômega.

Ap 1.17 — Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas; Eu sou o primeiro e o último.

Comparar Is 41.4 — Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos, eu mesmo.

V. A. — Is 44.6; Ap 22.12,13,15; Ap 1.8.

O Dr. Pierson diz-nos que esse título descreve Cristo como tema de todas as Escrituras, o Criador de todos os mundos e criaturas, o Controlador de toda a história, o eterno e imutável Jeová.

(4) O Santo.

At 3.14 — Vós, porém, negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida.

Os 11.9 — Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; não voltarei em ira.

No monumento a Oliver Goldsmith, na Abadia de Westminster, estão gravadas as palavras: "Nada tocou que não adornasse." Isso pode verdadeiramente ser dito a respeito do Senhor Jesus Cristo.

(5) Senhor.

At 9.17 — Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos, dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

V. A. — At 16.31; Lc 2.11; At 4.33.

Esse título significa "chefe, superior". É o nome de Jeová. Wood diz-nos que os Ptolomeus e "imperadores" romanos só permitiam que esse nome lhes fosse aplicado quando se deixavam endeusar. As descobertas arqueológicas em Oxyrhyncus estabelece esse fato além de qualquer dúvida. Portanto, quando os escritores do Novo Testamento falam de Jesus como Senhor, não pode haver dúvidas quanto ao que querem dizer com isso".

(6) Senhor de Todos e Senhor da Glória.

At 10.36 — Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos.

1 Co 2.8 — Sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória.

V. A. — Sl 24.8-10.

V. T. — Is 9.6; Hb 1.8.

Esses dois títulos apresentam Cristo, respectivamente, em Sua soberania divina e em Sua majestade divina.

D. D. — Os nomes e títulos que claramente implicam Divindade são usados a respeito de Jesus Cristo; e desse modo Sua Divindade é tão firmemente estabelecida como a do Pai.

2. Pelo culto divino que Lhe é tributado.

Adoração como a que Cristo recebeu era ordinariamente prestada somente à Divindade. Portanto, ao receber esse culto, Cristo reconheceu tacitamente Seu direito como Deus.

(1) As Escrituras reconhecem que o culto é devido exclusivamente a Deus.

Mt 4.10 — Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto.

V. A. — At 10.25,26; Ap 22.8,9; At 12.20-25; 14.14,15.

Portanto, a adoração prestada a Cristo, nos escritos sagrados do Novo Testamento, não passaria de idolatria sacrílega se Ele não fosse verdadeiro Deus.

As Escrituras registram alguns exemplos de homens que estimularam e aceitaram adoração devida somente a Deus, e o súbito e tremendo castigo que lhes sobreveio: Herodes (At 12.20-25), Nabucodonosor (Dn 4.29-33). Também há exemplos de outros que se recusaram, horrorizados, a aceitar adoração que não lhes pertencia: Pedro (At 10.25,26), anjos (Ap 22.8,9).

(2) Jesus Cristo, sem qualquer hesitação, aceitou adoração e pareceu encorajá-la.

Jo 13.13 — Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem; porque eu o sou.

V. A. — Mt 14.33; Lc 24.52; Jo 4.10; Lc 5.8; Jo 20.27-29.

Parece não haver a menor relutância, por parte de Cristo, em aceitar adoração. Portanto, ou Cristo é Deus ou era impostor. Toda Sua vida, porém, repele a idéia de que Ele fosse impostor.

(3) A vontade revelada de Deus é que Cristo seja adorado.

Hb 1.6 — E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.

V. A. — Fp 2.10,11; Comparar Is 45.21-23; Jo 5.22,23.

(4) Era prática da Igreja primitiva orar a Cristo e adorá-lO.

1 Co 1.2 — À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.

V. A. — 2 Co 12.8-10; At 7.59.

D. D. — Jesus Cristo, em harmonia com a vontade revelada de Deus, aceitou, sem hesitação, a adoração que pertence exclusivamente à Divindade, adoração essa que homens piedosos e anjos bons sempre recusavam horrorizados.

3. Pelos ofícios divinos que as Escrituras atribuem a Jesus Cristo.

(1) Criador do universo.

Jo 1.3 — Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

V. A. — Hb 1.10; Ap 3.14; Cl 1.16.

Vê-se que Cristo não é incluído nas "cousas criadas", antes é considerado como a origem de todas elas.

"Ele está acima de toda a criação; Ele é o Criador. Ele lapida o belo cristal de neve. Ele suspende o glorioso arco-íris. Ele dá a púrpura do amor-perfeito. Ele moldou o penhasco da montanha. Ele colocou as marés azuis dos oceanos. Ele proporciona luz e fôlego a todas as criaturas. Nossa história ancestral remonta a uma glória resplandecente, a Pessoa do Cristo criador." — Douglas.

Jesus Cristo é o Criador, e não uma criatura; e, nessa qualidade é infinito e não finito, é Divino e não humano, é Deus e não homem.

(2) Preservador de tudo.

Hb 1.3 — Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas.

V. A. — Cl 1.17.

"Este universo nem se sustenta sozinho nem foi abandonado por Deus, conforme os deístas nos querem fazer acreditar. Cristo preserva ou sustenta todas as coisas em existência. Sua Palavra é o fulcro sobre o qual se firma o eixo do universo e sobre o qual gira, 'sustentando todas as cousas pela palavra do Seu poder'. A pulsação da vida universal é regulada e controlada pela pulsação do poderoso coração de Cristo." — Evans.

O que nós chamamos leis da natureza são as ações voluntárias do Filho de Deus. A preservação de todas as cousas é uma função divina atribuída a Cristo, o que comprova a Sua Divindade.

(3) Perdoador de pecados.

Mc 2.5,10,11 — Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados... Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.

V. A. — Mc 2.5-11; comparar Sl 51.4; Lc 7.48-50.

O perdão de pecados é prerrogativa divina. Até mesmo os fariseus notaram que Cristo, sem titubear, assumiu esse direito. Ele não só declarava perdoados os pecados; Ele mesmo os perdoava. Os judeus reconheciam nisso a presunção de Sua divindade, pois diziam: "Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?" O perdoar pecados é prerrogativa exclusiva de Deus. Ao assumi-la, Jesus Cristo fez asserção prática de Sua Divindade.

(4) Doador da vida imortal e da vida de ressurreição.

Fp 3.21 — O qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as cousas.

V. A. — Jo 5.28,29; 6.39,44.

Muitos poderão perguntar se Elias e Eliseu não ressuscitaram aos mortos. Respondemos que Deus ressuscitou mortos em resposta à oração deles, mediante poder delegado; ao passo que Jesus Cristo ressuscitou mortos e ainda os ressuscitará por Sua própria palavra e poder. Transmitir vida pertence exclusivamente a Deus. Quando o rei da Síria enviou Naamã para que o rei Jeorão o curasse de sua lepra, este clamou: "Acaso sou Deus com poder de tirar a vida, ou dá-la, para que este envie a mim um homem para eu curá-lo de sua lepra?" Portanto, a capacidade de Jesus Cristo e Sua autoridade para levantar os mortos estabelecem firmemente Sua Divindade.

(5) Juiz de vivos e mortos.

2 Tm 4.1 — Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino...

V. A. — At 17.31; Mt 25.31-33; Jo 5.22,23.

No Novo Testamento, o julgamento futuro é atribuído a Deus. É também atribuído a Jesus Cristo. A conclusão lógica é que Cristo é o Deus que executará todo julgamento futuro.

O homem da Cruz deverá ser o Homem do trono. Ele que é o atual Salvador do homem será seu futuro juiz. As questões do juízo estão todas em Suas mãos. A execução do julgamento, função divina, tendo sido atribuída a Cristo, fornece ampla prova de Sua Divindade.

(6) Doador da vida eterna.

Jo 17.2 — Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

V. A. — Jo 10.28.

Somente um Ser que possui inerentemente a vida eterna é que pode proporcioná-la, e somente Deus possui a vida eterna no sentido absoluto; por conseguinte, Jesus Cristo, para ser Doador da vida eterna, necessariamente há de ser Deus.

D. D. — Ofícios e funções que pertencem distintamente a Deus, são atribuídos a Jesus Cristo.

4. Pelo cumprimento em Cristo, no Novo Testamento, de afirmações do Antigo Testamento a respeito de Jeová.

As afirmações feitas no Antigo Testamento a respeito de Jeová são interpretadas, no Novo Testamento, como referindo-se distintamente a Jesus Cristo.

Sl 102.24-27 — Dizia eu: Deus meu, não me leves na metade de minha vida; tu, cujos anos se estendem por todas as gerações. Em tempos remotos lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obras das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como um vestido, como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.

Hb 1.10-12 — Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos; eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual vestido, também qual manto, os enrolarás, como vestidos serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo e os teus anos jamais terão fim.

O Senhor imutável, no livro aos Hebreus, é o mesmo Jeová referido pelo salmista:

Is 40.3,4 em confronto com Lc 1.68,69,76.

Jesus é o Senhor perante cuja face foi enviado o mensageiro.

Jr 17.10; cf. Ap 2.23.

É Jesus Quem faz, no Novo Testamento, aquilo que o Antigo Testamento atribui claramente a Jeová:

Is 60.19; cf. Lc 2.32.

Jesus é visto como a luz e a glória prometidas em passagens do Antigo Testamento.

Is 6.10; cf. Jo 12.37-41.

A glória de Jesus Cristo, que João afirma ter sido vista por Isaías, no Antigo Testamento, é referida como a glória pertencente a Jeová dos Exércitos.
Is 8.13,14; cf. 1 Pe 2.7,8.

No Antigo Testamento, Jeová é a Pedra de Tropeço. No Novo Testamento, a Pedra de Tropeço é Jesus Cristo.

Is 8.12,13; cf. 1 Pe 3.14,15.

Cristo, o Senhor, a Quem Pedro nos exorta a que santifiquemos, é o Senhor dos exércitos, a Quem Israel devia santificar.

Nm 21.6,7; cf. 1 Co 10.9.

Paulo identifica Jeová, a Quem Israel tentou ou submeteu à prova, com Cristo, que o apóstolo diz ter sido tentado por eles no deserto.

Sl 23.1; cf. Jo 10.11; 1 Pe 5.4; Hb 13.20,21.

Jesus se identifica como o Senhor, o Pastor.
Ez 34.11,12; cf. Lc 19.10.

No Antigo Testamento, Jeová, no Novo Testamento, Jesus, é Quem busca e salva o perdido.

O termo "Senhor" sempre se refere, no Antigo Testamento, a Deus, enquanto que no Novo Testamento se refere a Jesus Cristo, a não ser que expressamente dito em contrário.

D. D. — No pensamento e ensino do Novo Testamento, Jesus Cristo ocupa o lugar que Jeová ocupa no pensamento e ensino do Antigo Testamento.

5. Pela associação do nome de Jesus Cristo, o Filho, com o de Deus Pai.

2 Co 13.14 — A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

V. A. — 1 Ts 3.11; 1 Co 12.4-6; Jo 14.23; Rm 1.7; Tg 1.1; 2 Pe 1.1; Cl 2.2; Mt 28.19; Jo 17.3; 14:1; Ap 7.10; 5.13.

D. D. — Em inúmeras passagens bíblicas o nome de Jesus Cristo é colocado ao lado do nome do Pai de um modo que não teria cabimento se se tratasse de um ser finito, pois que dá claramente a entender igualdade com o Pai.

III. *O Caráter de Jesus Cristo.*

Jesus Cristo, em Seu caráter, tem recebido a aprovação e a recomendação de Deus, dos homens, dos anjos e até dos demônios. Abaixo transcrevemos tributos prestados por alguns homens de tempos pós-bíblicos:

"O caráter de Jesus dá tremenda força às Suas crenças... Sua vida foi tudo quanto uma vida deve ser, quando julgada segundo os padrões mais elevados." — Bishop McDowell.

"Ainda que algo do caráter de Cristo se tenha desdobrado em uma era e algo mais em outra, a própria eternidade, todavia, não é suficiente para desdobrá-lo inteiramente." — Flavel.

"Seu caráter saiu aprovado dos assaltos maliciosos de dois mil anos, e hoje perante o mundo apresenta-se impecável em todos os sentidos... Ele foi uma revelação de grandiosa e vigorosa varonilidade. Seu nome é sinônimo de Deus sobre a terra". — Bishop Foster.

1. A Santidade de Jesus Cristo.

(1) Seu significado.

a. Significa que Ele era isento de toda contaminação.

1 Jo 3.5 — Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado.

V. A. — Hb 9.14; 1 Pe 1.19; 2 Co 5.21; Hb 4.15.

V. T. — Lv 11.43-45; Dt 23.14; Hb 7.26.

No Antigo Testamento Deus Jeová é Quem é chamado o Santo. Ele é chamado o Santo de Israel cerca de trinta vezes por Isaías. No Novo Testamento é Jesus Cristo Quem é chamado o Santo. Portanto, a Santidade de Cristo significa a mesma cousa que a Santidade de Deus; e, pelo lado negativo, significa separação entre Ele e toda contaminação, ou seja, isenção de todo pecado.

b. Significa que Ele era absoluta e imaculadamente puro.

1 Jo 3.3 — E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.

V. A. — 1 Jo 1.5; Jo 8.12; 1.4.

Jesus Cristo tomou Seu padrão de Santidade, não da lei nem dos costumes dos homens, mas de Deus. A Bíblia multiplica expressões e comparações para apresentar um conceito adequado da Santidade absoluta ou pureza moral de Cristo. Nada existe na natureza com que compará-la a não ser a luz.

1 Jo 1.5 — Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

Comparar Jo 8.12 — De novo lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida.

"A branca e ofuscante luz que glorificou o rosto e as vestes de Jesus no monte da Transfiguração (Mt 17.2; Lc 9.29) era o resplendor não só da Sua Divindade mas também da Sua pureza moral." — Haldeman.

"Jesus Cristo colocou perante Si, atingiu e apresentou a outros um padrão perfeito. Quem O acusa de faltas? A tentativa feita pelo Sr. Huxley foi lastimável.

'A cousa mais elevada que temos a dizer de Jesus', escreveu Wendt, 'é que, nEle, estavam perfeitamente mescladas a doutrina e a vida. Seu ensino apoiava-se em Sua própria experiência íntima; Suas obras e Seus sofrimentos, por outro lado, serviam de vívida representação e grande comprovação de Seus ensinamentos. Assim sendo, Ele era mais que mero mestre de uma nova religião; Ele era ao mesmo tempo o representante da relação religiosa com Deus, a qual Ele ensinava. Nessa íntima harmonia entre santo ensino e vida santa, Ele vivia na presença de Seus discípulos, e bem podemos compreender que, pelo breve espaço de tempo que estiveram com Ele, embora tivessem sido capazes de compreender e reter apenas uma pequena parte do conteúdo de Seu ensino que, de início, os chocou como algo tão novo e estranho, contudo, puderam reter a indelével impressão de terem visto e experimentado, em seu meio, em aparência humana, a perfeita revelação de Deus'. Essa é a impressão que João registra (Jo 1.14-17)." — Speer.

D. D. — Por Santidade de Jesus Cristo se entende que Ele era absolutamente livre de todos os elementos de impureza, e que possuía todos os elementos de pureza positiva e perfeita santidade.

(2) Testemunhos de sua realidade.

a. **O testemunho do espírito imundo.**

Mc 1.23,24 — Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!

b. **O testemunho de Judas Iscariotes.**

Mt 27.3,4 — Então Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.

c. **O testemunho de Pilatos.**

Jo 18.38 — Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum.

V. A — Jo 19.4-6.

d. **O testemunho da esposa de Pilatos.**

Mt 27.19 — E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.

e. **O testemunho do malfeitor moribundo.**

Lc 23.41 — Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.

f. **O testemunho do centurião romano.**

Lc 23.47 — Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente este homem era justo.

g. O testemunho do apóstolo Pedro.

At 3.14 — Vós, porém, negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida.

h. O testemunho do apóstolo João.

1 Jo 3.5 — Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado.

i. O testemunho de Ananias.

At 22.14 — Então ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca.

j. O testemunho de todo o grupo apostólico.

At 4.27 — Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel.

k. O testemunho do apóstolo Paulo.

2 Co 5.21 — Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

l. O testemunho do próprio Jesus.

Jo 8.46 — Quem dentre vós me convence de pecado? Se vos digo a verdade, por que razão não me credes?

V. A. — Jo 14.30.

m. O testemunho de Deus Pai.

Hb 1.8,9 — Mas, acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre e: Cetro de eqüidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.

V. A. — Mt 17.5.

D. D. — Pela boca de muitas testemunhas, divinas, humanas e diabólicas, ficou firmemente estabelecida a absoluta Santidade de Jesus Cristo.

(3) Sua manifestação.

a. Por sua atitude para com o pecado e a justiça.

Hb 1.9 — Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.

Assim como o pecado, por sua própria natureza, está em oposição à justiça, assim Jesus Cristo, o Santo, necessariamente havia de ser hostil ao pecado, opondo-se-lhe abertamente. Sua santidade, porém, também pode ser apreciada pela sua real afeição e devoção para com tudo que é justo.

b. Por suas ações referentes ao pecado e à vontade de Deus.

1 Pe 2.22 — O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca.

Jo 8.29 — E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.

V. A. — Mt 17.5; Jo 12.49.

"Todos os homens admitem que Ele era santo e piedoso e que operou o bem entre os homens. E Ele mesmo afirmou não praticar nenhum erro nesse esforço de ajudar os homens; afirmou que viera fazer a vontade de Deus, e que realmente assim fazia, sem jamais ter feito nada que desagradasse a Deus (Jo 6.38; 8.29)." — Speer.

Ninguém jamais conseguiu responder com sucesso o repto que Ele lançou nos dias de Sua carne: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46).

c. Pela Sua exigência da santidade por parte dos outros.

Mt 5.48 — Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

V. A. — Jo 5.14; 8.11.

A santidade de Cristo se manifestou na exigência da perfeição absoluta por parte dos homens e na recusa de transigir com o mal. O Sermão da Montanha (Mt 5-7), é, todo ele, a expressão dessa exigência.

d. Pela Sua repreensão do pecado e dos pecadores.

Mt 16.23 — Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens.

"Ele voltou-se para os discípulos (Mc 8.33). E disse a Pedro, publicamente, na presença de todos: 'Arreda, Satanás'. Satanás significa adversário, o grande inimigo de todo bem, usado no tempo do Salvador como nome próprio. Ele não chamou o apóstolo de Satanás, o diabo, mas olhou para Pedro e, naquele instante, viu atrás do apóstolo o antigo inimigo, a fazer uso, astuciosamente, dos preconceitos e da impulsividade honesta do apóstolo ainda não amadurecido espiritualmente. Es um escândalo, uma pedra de tropeço, Pedro, e não uma pedra fundamental; um obstáculo, pois apresentaste a Jesus a própria tentação que Satanás Lhe apresentou no deserto. Não cogitas (não pensas, não participas) das cousas de Deus — o sábio plano de Deus relativo a Seu reino — mas daquelas que pertencem aos homens." — Peloubet.

Mt 23.13,33 — Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois, vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando... Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?

V. T. — Jo 4.17,18.

e. **Mediante Seu sacrifício para salvar os homens do pecado.**

1 Pe 2.24 — Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados.

V. A. — 1 Pe 3.18; Gl 3.13; 2 Co 5.21.

V. T. — Jo 10.17,18.

Há quem incorra no erro de encarar a Cruz como simples meio de escapar do fogo do inferno e desfrutar as bênçãos do céu; mas, apesar de que isso é verdade no caso daqueles que são realmente salvos por intermédio da Cruz, esse ainda está longe de ser o motivo total que levou Cristo a tal sacrifício. Seu propósito era remir os objetos de Seu amor de uma condição que, pelo Seu ódio contra o pecado, era repulsiva e abominável, para uma condição que lhe é agradável e deliciosa, em virtude de Seu amor da justiça.

f. **Pelo castigo destinado aos impenitentes.**

2 Ts 1.7-9 — E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidades de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder.

V. A. — Mt 25.31,32,41.

A santidade de Jesus Cristo exige e defende o castigo dos finalmente impenitentes, dos permanentemente ímpios. Sua santidade não poderia ser mantida por outro modo de tratá-los.

"Ele morreu a fim de separar os homens, a quem ama, do pecado, ao qual detesta. Se os homens se recusam a aceitar essa separação, Ele os abandona à sua sociedade escolhida e à condenação em que isso importa." — Torrey.

D. D. — Existem múltiplas manifestações da Santidade de Jesus Cristo; mas não há registro algum da presença nEle do menor vestígio de pecado pessoal.

2. O Amor de Jesus Cristo.

(1) Seu significado.

Por "amor de Cristo" se entende Seu desejo pelo bem-estar dos objetos de Sua afeição, e Sua devoção a essa causa.

A definição acima pode servir como definição finita daquilo que é infinito, mas, em última análise, aquilo que é infinito é incapaz de ser adequada ou completamente definido, pela simples razão de que o infinito ultrapassa o alcance da experiência ou da observação finita. Isso é, evidentemente, verdade a respeito do amor de Cristo, no tocante ao qual Paulo faz a seguinte declaração: "A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura e a profundidade. e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento."

(2) Seus objetos.

a. Deus Pai.

Jo 14.31 — Contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

O amor de Cristo para com o **Pai** constituía o motivo e a emoção mais evidentes em Sua vida. Esse amor era como Ele mesmo, sem princípio de dias ou fim de vida. O **Pai** era o objeto eterno de Sua afeição. Aquilo que era tão manifesto no tempo existiu nas extensões inalcançáveis da eternidade passada.

b. A Igreja.

Ef 5.25 — Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.

O amor conjugal do esposo por sua esposa é exaltado para servir de tipo do amor de Cristo pela Igreja; porém, a mais legítima afeição que um homem é capaz de possuir e expressar por sua mulher é um quadro bem pálido do amor de Cristo para com a Igreja, pela qual e à qual Ele se deu a Si mesmo.

c. Crentes individuais.

Gl 2.20 — Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

Cristo não ama os homens "em massa", porém individualmente. Ele é uma pessoa e ama a cada um de nós como pessoa, com afeição pessoal.

"Das maravilhas que a Bíblia contém,
Eis a mais bela: Jesus me quer bem!"

d. Aqueles que Lhe pertencem.

Jo 13.1 — Ora, antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

V. A. — Jo 17.2,9,12.

Pela expressão "os seus" Jesus indubitavelmente tinha em mente aqueles cuja redenção havia garantido (I Pe 1.18,19); aqueles que Lhe tinham sido dados por Deus Pai, os crentes eleitos daquela e de todas as épocas (Jo 17.2,9,12).

e. **Discípulos obedientes.**

Jo 14.21 — Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.

A obediência por parte dos discípulos não é o que determina o amor de Cristo por eles, pois este precede a todo discipulado; porém, a obediência resulta na manifestação desse amor por eles, fornecendo-Lhe a oportunidade de exibir Seu amor de forma especial.

f. **Seus inimigos.**

Lc 23.34 — Contudo Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes.

Aquilo que provocaria animosidade por parte dos homens comuns, despertava compassivo amor por parte de Jesus Cristo. Em lugar de amaldiçoar a Seus inimigos, Ele ora a favor deles.

"Quando os líderes judaicos, que haviam reclamado a vida de Jesus perante o tribunal do governador romano, ouviram falar em Sua ressurreição, queixaram-se perante as testemunhas apostólicas: 'Quereis lançar sobre nós o sangue desse homem!' Àqueles mesmos homens, entretanto, os apóstolos anunciaram o perdão. Proclamaram que Jesus fora exaltado com o propósito de demonstrar misericórdia para com Seus assassinos. Agora que Ele fora exaltado, e Seus inimigos estavam à Sua mercê, em lugar de vingar-se, Ele oferecia a remissão de pecados." — Arnot.

g. **Sua própria família.**

Jo 19.25-27 — E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa.

V. A. — 1 Co 15.7.

Jesus era tão natural quanto sobrenatural. Ele possuía afeição natural por aqueles que a Ele estavam ligados pelos laços de sangue e da amizade.

h. **As crianças.**

Mc 10.13-16 — Então lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele. Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava.

Jesus Cristo, mediante Seu amor às crianças, mostrou o lugar que elas deveriam ter em toda afeição normal. Revelou também a atitude do coração de Deus para

com os pequeninos, pois em todas as Suas ações e feitos Ele declarava ou manifestava a Deus.

i. Os pecadores perdidos.

Rm 5.6-8 — Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

V. A. — Mt 9.13.

Mais ainda do que compaixão, Jesus Cristo tinha paixão pelos perdidos. Ele os amava, não na qualidade de pecadores, mas de criaturas — criaturas que haviam sido feitas à imagem e semelhança de Deus.

"Jesus Cristo ama aquele que é o mais vil dos pecadores, tão verdadeiramente como ama o mais puro dos santos; porém, não ama o mais vil dos pecadores do mesmo modo que ama o mais puro dos santos. Seu amor para com o pecador é uma coisa; Seu amor para com o discípulo obediente é algo bem diferente. Para com o primeiro Ele sente compaixão; no segundo, Ele tem prazer." — Torrey.

D. D. — Os objetos do amor de Jesus Cristo têm uma dupla classificação: Divino e humano. Deus Pai é o objeto proeminente do amor de Cristo, mas Ele tem também autêntico amor para com os diversos grupos entre os homens.

(3) Sua manifestação.

a. Para com o Pai, conforme demonstrado:

(a) Pela obediência perfeita.

Jo 15.10 — Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço.

V. A. — Jo 6.38; 10.15-18; Fp 2.8; Mt 26.39,42; Sl 40.8; Jo 4.34; Lc 2.49.

Jesus citou a obediência como prova do amor de Seus discípulos, dizendo: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama." Portanto, aquilo que serve de prova do amor deles, certamente é suficiente para provar o Seu próprio amor pelo Pai, e Seu amor resiste à prova.

(b) Por fazer o que lhe agradava.

Jo 8.29 — E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.

V. A. — Jo 5.30.

O amor de Jesus pelo Pai levou-O a ultrapassar Seu mandamento expresso e a fazer as coisas que Ele sabia serem agradáveis aos olhos do Pai, embora nunca tais cousas tivessem sido expressas por meio de decreto ou lei.

(c) Por procurar a glória do Pai.

Jo 17.1,4 — Tendo Jesus falado estas cousas, levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti... Eu te glorificarei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer.

V. A. — Jo 7.18; 8.50.

Bem poucos homens, se é que já apareceu algum, se dedicam à glória de outro. Buscam geralmente exaltar seu próprio nome, procurando sua fama e vantagem próprias. Jesus, porém, dedicou-se inteiramente a buscar a glória de Seu Pai. Ele sacrificou todas as demais cousas a fim de alcançar esse grande objetivo.

D. D. — Jesus Cristo amou ao Pai e manifestou esse amor de toda maneira possível.

b. Pelos homens, conforme demonstrado:

(a) Por tê-los vindo buscar e salvar.

Lc 19.10 — Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

Quando o Príncipe de Gales foi aos Estados Unidos da América, há alguns anos, o povo ficou curioso para saber o propósito de sua ida; porém, não há necessidade de conjetura sobre o motivo pelo qual Jesus Cristo deixou a glória que desfrutava em companhia do Pai, e veio a este mundo, que se tornara alienado de Deus por causa do pecado. Seu propósito foi dado a conhecer a todos. Veio "...buscar e salvar o perdido".

(b) Por estar sempre cuidando deles.

Jo 9.35 — Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do homem?

V. A. — Jo 4.3,4,6,7,10; Mc 2.4,5.

Nunca, por um só momento, Jesus Cristo perdeu de vista o propósito de Sua grande missão. Assim como os geólogos estão sempre vigilantes à procura de novas descobertas minerais; os botânicos, de novos espécimes florais, e os ornitologistas em busca de espécies raras de aves, assim Jesus estava sempre alerta, pronto para aproveitar as oportunidades de alcançar os homens.

(c) Por ir após eles.

Lc 15.4 — Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?

V. A. — Jo 4.1,4,7.

O interesse de Jesus pelos perdidos não era passivo, e, sim, ativo. Havia poeira nos pés de Seu amor e transpiração em Sua fronte. Ele fazia longas viagens para encontrar os objetos de Sua paixão redentora.

(d) Por achar Sua principal satisfação em ganhá-los.

Jo 4.32-34 — Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis. Diziam então os discípulos uns aos outros: Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido que comer? Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra.

Os homens podem ser julgados, quanto ao seu caráter, por aquilo em que têm sua maior satisfação e alegria. Aplicando esse teste a Jesus Cristo, descobrimos que Sua maior satisfação consistia em conquistar para si mesmo os perdidos. Isso o distingue de todos os outros homens, o que demonstra que Ele possui um caráter sem igual.

(e) Por regozijar-se grandemente por causa dos que encontrava.

Lc 15.4-7 — Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la. Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

"Assim como um pastor se rejubila ao encontrar a ovelha que se tinha perdido, e assim como a mulher se regozija por achar a moeda que caíra de seu colar de casamento e se perdera; assim como o garimpeiro se alegra por causa da grande pepita de ouro que tira da rocha, ou o comerciante que busca boas pérolas se alegra por ter achado uma pérola de grande preço — igualmente, mas infinitamente mais, Jesus se regozija por uma alma perdida que é achada." — Selecionado.

(f) Por entristecer-se profundamente por aqueles que se recusam a aceitar a salvação.

Mt 23.37 — Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

V. A. — Jo 5.40; Lc 19.41,42.

Os homens se entristecem por diversas causas: decepções, fracassos, tribulação, etc. Isso não sucedia com Jesus, entretanto. A única causa de tristeza para Ele parece ter sido a recusa dos homens a serem salvos do pecado. Mulher alguma jamais se entristeceu tanto pelo furto de suas jóias, nem mãe pela perda de um filho, quanto Jesus se entristecia por causa de homens perdidos que se recusavam

a ser salvos. Não existem palavras que possam pintar a agonia que atravessava o coração de Jesus Cristo quando os homens se recusavam a chegar-se a Ele para que pudessem ter vida.

(g) Por ter dado prontamente Sua vida a fim de salvá-los.

Mt 20.28 — Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

V. A. — Jo 10.11.

A expressão suprema do amor não está nos presentes dados ou serviços prestados, mas no sacrifício e, especialmente, no sacrifício da própria vida.

D. D. — Jesus Cristo ama aos homens, e o tem provado das formas mais práticas, de modo a deixá-los sem a menor sombra de dúvida.

3. A Mansidão de Jesus Cristo

(1) Seu significado.

Por "mansidão" nos referimos àquela atitude de espírito que é o contrário da aspereza, da disposição contenciosa, e que se evidencia na brandura e na ternura no trato com as pessoas.

2 Tm 2.24,25 — Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade...

V. A. — 1 Co 4.21; Tt 3.2; 2 Co 10.1; Gl 6.1.

O vocábulo "mansidão", embora nunca fosse usado em mau sentido, foi contudo elevado pelo cristianismo para um plano superior, tornando-se símbolo de um bem superior ao daquele considerado no seu uso pagão. Seu sentido principal é "brandura", "delicadeza". Era aplicado a coisas inanimadas, como a luz, o vento, o som e a enfermidade. É aplicado aos animais; assim, falamos em "cavalo manso".

Como atributo humano, Aristóteles define-o como o meio termo entre a ira obstinada e aquele negativismo de caráter que é incapaz de ao menos indignar-se contra a injustiça. De conformidade com esta definição, seria equivalente à equanimidade. Platão o contrastava com a ferocidade ou a crueldade, e usava-o para indicar a humanidade para com os condenados; mas também empregava-o para indicar a conduta conciliatória dos demagogos que buscavam popularidade ou poder. Píndaro aplica-o ao rei que é brando ou bondoso para com os cidadãos, e Herodoto aplicava-o como contrário à ira.

Esses sentidos da palavra anteriores ao cristianismo exibem duas características gerais: 1. Expressam mera conduta externa. 2. Têm em vista apenas as relações entre os homens.

No cristianismo, porém, descreve uma qualidade interior, e essa relacionada primariamente com Deus. A equanimidade, a brandura e a bondade representa pela palavra clássica, basciam-se no auto-controle ou na disposição natural. A mansidão cristã bascia-se na humildade que não é uma qualidade natural mas fruto da natureza renovada, exceto no caso de Cristo, onde é a expressão e a manifestação de Sua natureza santa.

(2) Sua realidade.

2 Co 10.1 — E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente, ousado para convosco.

V. A. — Mt 21.5; 11.29.

D. D. — Jesus Cristo é nosso padrão de mansidão, sendo Ele brando e paciente em Suas relações com os homens.

(3) Sua manifestação, conforme se vê:

a. **Na longanimidade e tolerância para com os fracos e faltosos.**

Mt 12.20 — Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo. Is 42.3.

"Ele cuida dos mais pobres, dos mais fracos, dos mais dolorosamente esmagados, com Sua mão bondosa. Ele encoraja 'a mais fraca centelha de sentimento de arrependimento', o mais débil desejo de retornar a Deus." — Peloubet.

b. **Na concessão do perdão e da paz a quem merecia censura e condenação.**

Lc 7.38,48,50 — E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungia com o ungüento ... Então disse à mulher: Perdoados são os teus pecados ... Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.

A magnetita não atrai nem ouro nem pérolas, mas atrai o ferro, que é considerado um metal inferior. Assim, Cristo deixou os anjos, aqueles nobres espíritos não-caídos — o ouro e a pérola — e veio ao pobre e pecaminoso homem, atraindo-o para Sua comunhão.

Em certa catedral inglesa existe um vitral maravilhosamente belo, que foi feito por um aprendiz, dos pedaços de vidro que haviam sido rejeitados pelo mestre. Assim também Cristo está incluindo no edifício de Seu templo o refugo da sociedade.

c. **No proporcionar cura a quem procurava obtê-la de modo indigno.**

Mc 5.33,34 — Então a mulher, atemorizada e tremendo, cônscia do que nela se operava, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal.

Jesus prestou atenção antes ao motivo que impelia a mulher, do que a seu método de ação. Eram motivos de fé e esperança, pelo que encontraram reação favorável no grande coração de Cristo.

d. No repreender mansamente a incredulidade renitente.

Jo 20.24,25,29 — Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe então os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei... Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram, e creram.

A repreensão de Jesus não era daquela espécie que provoca o desespero desencorajador, mas antes, da espécie que encoraja motivos legítimos. Foi uma repreensão positiva e não negativa, construtiva e não destrutiva.

e. No corrigir de modo terno a auto-confiança, a infidelidade e a tríplice e flagrante negação a seu Senhor por parte de Pedro.

Jo 21.15-17 — Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.

No trato de Jesus com Pedro, vemos o Grande Pastor a restaurar Sua ovelha desviada. Sua disciplina sempre tinha o propósito de corrigir.

f. No repreender mansamente àquele que O traiu.

Mt 26.48-50 — Ora, o traidor lhes havia dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! e o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus, e o prenderam.

V. A. — Jo 13.21,27.

Judas havia cometido talvez a maior ofensa que é possível em relação a um amigo — a da perfídia ou traição. Não obstante, Jesus exerceu para com ele uma tolerância verdadeiramente maravilhosa.

g. Na compassiva oração a favor de Seus assassinos.

Lc 23.34 — Contudo Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes.

No Sermão da Montanha, Jesus havia dito: Bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam e vos perseguem. E na cruz, na hora de Seu mais intenso sofrimento, Ele praticou aquilo que havia pregado.

D. D. — A mansidão de Jesus Cristo foi demonstrada pelo modo brando com que tratou os pecadores e errados.

4. A Humildade de Jesus Cristo

(1) Seu significado.

Zc 9.9 — Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.

Por humildade referimo-nos àquela atitude de mente e coração oposta ao orgulho, à arrogância e à auto-confiança, revelando-se na submissão a Deus e na dependência dEle.

A palavra grega "tapeinos" traduzida por humilde, tem uma bela história. No período clássico era empregada comumente em sentido mau e degradante, indicando vileza de condição, baixeza de classe, abjeção bajuladora e torpeza de caráter. Não obstante, no grego clássico, não era esse seu sentido universal. Ocasionalmente era usada de modo a prever seu sentido superior. Platão, por exemplo, diz: "Seria feliz aquele que se apega àquela lei (de Deus), com toda humildade e ordem; porém, aquele que se exalta por causa de orgulho, dinheiro, honra ou beleza, cuja alma está abrasada de insensatez, de juventude e de insolência, e que pensa não precisar de guia ou governante, mas se sente capaz de ser o guia dos outros, o tal, repito, é abandonado por Deus." E Aristóteles disse: "Aquele que é digno das pequenas coisas, e assim se considera, é sábio." Quando muito, todavia, o conceito clássico não passa da modéstia, da ausência de presunção. A humildade era considerada elemento de sabedoria, e de modo algum oposta à justiça própria. A palavra, com o sentido da virtude de humildade cristã, nunca foi usada antes da era cristã, e é, distintamente, um sub-produto do Evangelho.

Possuir humildade é ter espírito e comportamento sem pretensões ou orgulhos, e isso é caracterizado pela modéstia e pela submissão.

(2) Sua realidade.

Mt 11.29 — Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.

"Acredito", diz Ruskin no **Modern Painter**, "que a primeira prova de um homem verdadeiramente grande é sua humildade. Por humildade não quero dizer dúvida do seu próprio poder, ou hesitação em expressar as suas próprias opiniões; mas antes, uma correta compreensão da relação entre o que ele pode fazer e dizer e o resto dos feitos e afirmações do mundo. Todos os grandes homens não apenas

conhecem aquilo que lhes compete, mas geralmente sabem que o conhecem; não apenas têm razão em suas principais opiniões, mas também costumam saber que estão certos; apenas que não se consideram grande coisa por esse motivo. Arnolfo sabe que pode erigir uma boa cúpula em Florença; Alberto Durer escreve calmamente, a um que criticara seu trabalho: 'Não pode ser feito melhor'; Sir Isac Newton sabe que resolvera uns probleminhas que teriam dado que fazer a qualquer outro. Somente que esses homens não esperavam que seus semelhantes se prostrassem por terra para adorá-los. Possuem um curioso senso íntimo de falta de poder, sentindo que o poder não se acha neles mesmos, mas que opera através deles, que não poderiam fazer nem ser qualquer outra coisa além daquilo que Deus os fez".

D. D. — Jesus Cristo era submisso de coração e humilde em Sua vida.

(3) Sua manifestação, segundo demonstrado:

a. Ao assumir a forma e posição de servo.

Jo 13.4,5 — Levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhes com a toalha com que estava cingido. V. A. — Fp 2.5-8; Mt 20.28.

"Cristo nos mostra, por Seu exemplo, o caminho único para a autêntica grandeza. A maioria dos homens reconhece que ninguém pode ser verdadeiramente grande sem esse amor desinteressado e que, por maior que pareça um homem, o egoísmo sempre faz diminuir ou remover sua coroa e seu trono." — Peloubet.

b. Por não buscar Sua própria glória.

Jo 8.50 — Eu não procuro a minha própria glória; há quem a busque e julgue. "A paixão suprema de Seu ser era glorificar ao Pai. Quando descia ao vale tenebroso, este foi Seu clamor: 'Pai, glorifica teu nome!' Cada vez mais profundamente foi Ele avançando; e o mesmo apelo, partindo de Seu coração agonizante, chega até nós cada vez mais débil: 'Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, glorifica o teu nome!' Talvez até mesmo o amor pela raça e o desejo de redimi-la tivesse falhado em sustentar aquela alma que desmaiava, a menos que Sua resolução tivesse sido fortalecida e mantida por esse desejo dominante. Ele era ávido, portanto, de todo vestígio de glória que pudesse conquistar por Seus sofrimentos, ainda que O levassem à morte; ansiava por incrementar, pelo peso de uma pena que fosse, a glória que, por Seu intermédio, coubesse ao Pai." — Meyer.

De tal modo absorto estava Ele pelo desejo de glorificar ao Pai que não ficava lugar disponível para qualquer disposição de honrar ou exaltar a Si mesmo.

c. Ao evitar a notoriedade e o louvor.

Is 42.2 — Não clamará nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça.

Muitos professos seguidores de Jesus Cristo cortejam a notoriedade, a fama. Mas Ele a evitava. Dava ordem terminante aos que por Ele eram beneficiados, que nada propagassem a Seu respeito. Não tinha escritório de publicidade.

d. Ao associar-se aos desprezados e rejeitados.

Lc 15.1,2 — Aproximaram-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.

V. A. — Mt 9.10.

"Por que motivo Jesus escolheu um publicano para ser um dos doze? Talvez para dar uma lição objetiva de esperança para os mais desprezados entre os pecadores, para aqueles que eram prisioneiros das algemas mais fortes de pecado. Ninguém estava longe demais para que o Seu Evangelho o alcançasse e o salvasse; ninguém estava tão profundamente atolado no lodaçal do pecado que não pudesse ser erguido daqueles abismos até aos píncaros da glória." — Peloubet.

e. Por Sua paciente submissão e silêncio em vista de injúrias, ultrajes e injustiças.

1 Pe 2.23 — Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.

V. A. — Hb 12.3; Is 50.5,6; Mt 26.60-63; Lc 23.8-10; Is 53.7.

Jesus, tendo consciência de que todos os recursos de Deus e dos céus estavam à Sua disposição, mediante os quais poderia ter derrotado todos os oponentes e conquistado todos os adversários, submeteu-se ao tratamento mais vergonhoso e cruel porque assim cumpria o plano dAquele cuja vontade viera cumprir.

D. D. — Jesus Cristo mostrou humildade ao procurar a glória de Deus e os melhores interesses dos homens, e não Sua própria glória ou interesse, e isso a custo de grande sacrifício, sofrimento e vergonha.

B. A Obra de Jesus Cristo.

Referimo-nos aqui à obra de Jesus Cristo em relação à nossa redenção, e não em relação a Seu ministério pessoal de ensino, pregação e cura.

1. *A Morte de Jesus Cristo*

O cristianismo é, distintamente, uma religião de expiação. Dá à morte de Cristo o primeiro lugar em sua mensagem evangélica. Dessa forma, o cristianismo assume uma posição sem paralelo entre todas as religiões do mundo. É uma religião redentora.

Anos atrás, foi realizado um Parlamento de Religiões em Chicago, Estados Unidos do Norte, em conexão com a Feira Mundial ali realizada. Por ocasião do parlamento, as grandes crenças étnicas do mundo se fizeram representar. Um a um, seus

líderes se levantaram e falaram a favor do budismo, do confucionismo, do hinduísmo e do maometismo. Então o Dr. Joseph Cook, de Boston, que havia sido escolhido para representar o cristianismo, levantou-se para falar. "Eis a mão de Lady Macbeth", disse ele, "manchada pelo horrendo assassínio do rei Duncan. Vêde-a a perambular pelos salões e corredores de seu palácio, fazendo alto para clamar 'Sai, mancha maldita! Sai, repito! Jamais hão de ficar limpas estas mãos?' Voltando-se então para os que estavam assentados na tribuna, disse o orador: "Pode algum de vós, ansiosos como estais de propagar vossos sistemas religiosos, oferecer qualquer purificação eficaz para o pecado e a culpa do crime de Lady Macbeth?" Pesado silêncio mantiveram todos eles, e com razão, pois nenhuma das religiões que representavam, nem qualquer outra religião humana sobre a terra, pode oferecer purificação eficaz para a culpa do pecado. Somente o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a Si mesmo sem mancha a Deus, pode purificar a consciência das obras mortas a fim de servirmos ao Deus vivo.

1. Sua Importância, Conforme Demonstrada:

(1) Pela relação vital dessa morte com a Pessoa de Cristo.

Outros grandes homens são considerados de valor pelas suas vidas ou suas obras; e, embora Jesus seja honrado por Sua obra como mestre religioso, como filântropo e como reformador, Ele é estimado sobretudo pela Sua morte, por meio da qual Deus e os homens são reconciliados. Ele foi antes e principalmente, o Redentor e Salvador do mundo.

(2) Por Sua conexão vital com a Encarnação.

Hb 2.14 — Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo.

V. A. — 1 Jo 3.5.

A Encarnação tinha em vista a Expiação. Cristo encarnou-se a fim de poder fazer expiação e propiciação. Nasceu para morrer. Manifestou-se para tirar os pecados. Encarnou-se a fim de que, ao assumir uma natureza semelhante à nossa, oferecesse Sua vida como sacrifício pelos pecados dos homens. A encarnação foi da parte de Deus uma declaração do Seu propósito de promover salvação para o mundo. Essa salvação só podia ser provida por meio do sangue expiador de Cristo.

(3) Pelo lugar proeminente que lhe é dado nas Escrituras.

Lc 24.27,44 — E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras... A seguir Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.

Além das muitas referências proféticas e típicas no Antigo Testamento, a morte de Cristo é mencionada mais de 175 vezes no Novo Testamento. O próprio Jesus afirmou, em Sua conversa no caminho de Emaús, que Moisés, os profetas, de fato, todas as Escrituras do Antigo Testamento, tratavam do assunto de Sua morte.

"A expiação é o fio escarlate que percorre todas as páginas da Bíblia. Corte-se a Bíblia onde quer que seja, e ela sangrará; é vermelha da verdade da redenção."

— Evans.

a. Foi assunto de investigação fervorosa por parte dos profetas do Antigo Testamento.

1 Pe 1.11 — Investigando atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam.

"O fato central de toda a história humana é a morte de Cristo. A cruz não apenas se eleva altaneira sobre as ruínas do tempo, mas se sobrepõe a tudo quanto interessa ao homem. Todos os séculos que antecederam à morte de Cristo no Calvário, ou inconscientemente ou com vaga esperança, aguardavam esse evento, e todos os séculos desde então só podem ser corretamente interpretados à luz da sua realização. Assim sendo, seria inconcebível que alguma luz não fosse projetada com antecedência sobre esse grande propósito de Deus de enviar um Salvador que morresse pelos homens — luz, não somente para o encorajamento daqueles que, sem seu concurso, estariam tateando nas trevas, mas também para fornecer informações que possibilitassem a correta compreensão da Pessoa e da obra do Messias quando chegasse." — Taylor.

b. Foi questão de profundo interesse por parte dos anjos.

1 Pe 1.12 — A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as cousas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, cousas essas que anjos anelam perscrutar.

Aqui avançamos um passo além dos "profetas". Os anjos não possuem conhecimento intuitivo da redenção. Por causa de seu ministério a favor dos que hão de herdar a salvação, inclinam-se, naturalmente, a querer penetrar esse mistério que reflete tal glória sobre o amor e o poder do Deus que é deles e nosso. Procuram sondar "o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos..."

c. É uma das verdades cardeais do Evangelho.

1 Co 15.1,3,4 — Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual perseverais... Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.

d. **Foi o assunto único da conversa por ocasião da transfiguração de Jesus.**

Lc 9.30,31 — Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém.

Aqui temos aquela preciosíssima jóia — a morte de Jesus — separada do refugo das tradições judaicas, e destacada, pelos legítimos representantes da Lei e dos Profetas, como assunto único da sua conversa com o próprio Cristo.

e. **Será o tema central do cântico celeste.**

Ap 5.8-12 — E, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. Vi, e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória e louvor.

D. D. — A importância da morte de Jesus Cristo percebe-se no destaque que Deus lhe deu nas Escrituras.

2. Sua Necessidade.

É razoável acreditar-se que a morte de Cristo era necessária, pois doutro modo Deus Pai jamais teria sujeitado Seu Filho muito amado ao tremendo suplício da Cruz. Pois, se o Filho veio em resposta a um apaixonado amor remidor, veio, igualmente, em obediência filial, pois foi enviado pelo Pai, que preparou para Ele um corpo para Seu sacrifício sacerdotal (Hb 10.5-9).

O próprio Jesus Cristo refere-se à Sua morte como necessidade. Diz Ele: E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna (Jo 3.14,15).

(1) A Santidade de Deus tornou-a necessária.

Hc 1.13 — Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?

A Santidade de Deus, que é um princípio ético da natureza divina, exigia que o pecado fosse punido. "A pureza infinita é um fogo consumidor para toda iniqüidade."

Todo o sistema mosaico de purificação cerimonial, de sacrifícios e de ofertas salienta a distância moral existente entre o homem pecador e o Deus Santo, pondo em realce a verdade posteriormente enunciada: "Sem derramamento de sangue não há remissão."

"Uma vez que Deus escolheu esse meio, de tão alto preço, para nossa libertação, enviando Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado, podemos estar perfeitamente certos de que nossa redenção não era possível por preço inferior àquele, pois nada inferior poderia ter satisfeito a Sua justiça, que Ele havia de manter." — Trench.

(2) O amor de Deus tornou-a necessária.

João 3.16.

1 Jo 4.10 — Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

V. A. — I Jo 2.1,2.

Disse Jesus que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito." As palavras "de tal maneira" indicam intensidade. Seu amor era tão intenso, sua pressão foi tão grande, que rompeu fatalmente os diques da Divindade e se derramou em superabundante plenitude sobre uma raça perdida e arruinada.

"Aqui não temos uma coincidência fortuita de circunstâncias, mas antes, o plano há muito estabelecido por Deus. Eis a Sua causa procuradora: magnífica, terna, divina, humana, espiritual, histórica. Trata-se do Amado Filho do Pai; nenhum poder antagônico vindo de alguma região alienada da bendita lei e de seu Legislador. Aquele que deu a Lei é o mesmo que deu Cristo; Ele O proclamou. Em Cristo proveu uma expiação que não O induz a usar de misericórdia... mas, antes, que libera Seu amor ao longo da vereda de uma santidade maravilhosamente satisfeita." — Moule.

(3) O pecado do homem tornou-a necessária.

1 Pe 2.25 — Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo das vossas almas.

V. A. — Is 59.1,2; Ef 2.13.

Foi a condição de perdição e desvio da humanidade que tornou necessária a morte de Cristo. Esse foi o ímã que atraiu o Filho de Deus desde os céus. Ele não podia satisfazer-se com a glória que tinha junto ao Pai antes de haver mundo, com toda a adoração e a admiração da parte de todas as hostes celestiais de anjos inumeráveis, enquanto o homem permanecesse alienado e perdido para Deus.

Pontos de vista superficiais sobre a expiação provêm de pontos de vista superficiais sobre o pecado. Se o pecado for considerado meramente como ofensa contra o homem, como fraqueza da natureza humana, uma leve enfermidade moral, e

não como a rebeldia ímpia e a inimizade contra Deus, e passível, portanto, de condenação e castigo, naturalmente não veremos necessidade da expiação. É preciso que vejamos o pecado segundo a Bíblia o descreve, como algo que arrasta consigo a ira e a punição; como a culpa que necessita ser expiada; como crime que merece castigo. Quando vemos o pecado conforme Deus o vê, também percebemos a tremenda necessidade de um Salvador — um Salvador que expia, que redime — e do sangue de Sua cruz.

(4) O cumprimento das Escrituras tornou-a necessária.

Lc 24.25-27 — Então lhes disse Jesus: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.

Comparar com Sl 69; Sl 22; Is 53.

Disse Jesus: "As profecias das Escrituras sobre a redenção e o Redentor precisam ser cumpridas". E novamente: "Não convinha que o Cristo padecesse...?", e então mostrou que essa necessidade ética estava baseada na promessa de redenção feita no Antigo Testamento.

A veracidade de Deus tornou necessária a morte de Cristo. Se Jesus era o Messias autêntico, então essas predições de Seus sofrimentos e Sua morte tinham de ser cumpridas nEle.

(5) O propósito de Deus tornou-a necessária.

At 2.23 — Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníqüos.

V. A. — 1 Pe 1.18-20; Gl 4.4,5.

Os propósitos eternos de Deus incluem a redenção de Seus escolhidos entre os homens, tirando-os de seu estado de perdição para si mesmo. Uma vez que não existia outro que tivesse a perfeição necessária para que pudesse pagar o preço do pecado, o próprio plano divino da Redenção predeterminava que fosse Cristo o Substituto dos pecadores.

D. D. — A santidade e o amor de Deus, a pecaminosidade do homem e a promessa de redenção feita por Deus, tornaram necessária a morte de Cristo.

3. Sua Natureza.

(1) Negativamente considerada.

Existem vários pontos de vista errôneos a respeito da natureza da morte de Cristo, os quais requerem alguma atenção.

a. A teoria de acidente.

Essa teoria considera a cruz do Calvário como algo imprevisto na vida de Cristo, como um acontecimento não incluído no plano divino. Afirma que a morte de Jesus Cristo foi um acidente inesperado, que O tornou uma vítima das circunstâncias.

Para se refutar essa teoria, basta lembrar que Jesus apresentou evidência, durante Sua vida terrena, de que sabia tudo da Sua morte que se aproximava, predizendo-a muitas e muitas vezes.

"Assim como os astrônomos sabem, quando mais ninguém pensa nisso, que, caminhando através dos céus a vasta sombra progride em direção ao sol, que em breve irá envolver e ocultar, assim Cristo sabia que as vastas trevas que haviam de avassalá-lo estavam se aproximando." — Beecher.

Jesus estava perfeitamente familiarizado com as Escrituras do Antigo Testamento, as quais contêm incontáveis referências à morte do Messias (Is 53; Sl 22; Sl 29; comparar Lc 24.26-44).

Mt 16.21 — Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas cousas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia.

V. A. — Mt 26.2; 20.28; Mc 9.30-32; Is 53.5,6,11.

b. A teoria de morte de mártir.

Essa teoria afirma que Cristo teve morte de mártir, em defesa da causa que havia esposado; que selou Seu testemunho em favor da verdade com Seu sangue. Coloca Sua morte no mesmo nível da de Policarpo, John Rogers, bispo Latimer e bispo Ridley.

Tal teoria pode ser refutada como segue: Se isso fosse verdade, então, de conformidade com o princípio que o próprio Cristo estabeleceu — "Se assim não fora, eu vo-lo teria dito" — Ele tinha obrigação de refutar a crença que Ele implantara nas mentes de Seus discípulos, de que Sua morte era redentora (Lc 22.39-46).

Se Cristo tivesse morrido como mártir, o apóstolo Paulo o teria esclarecido. Essa palavra — "mártir" — foi usada pelos outros escritores do Novo Testamento para descrever a morte dos crentes em Cristo; por que então Paulo não a empregou também para descrever a morte de Cristo? Se essa teoria fosse verdadeira, já não existiria o mistério da expiação, conforme Paulo o declarou (Ef 5.25,27,32).

"Ainda mais, pelo menos Cristo poderia ter contado com a mesma presença confortadora de Deus, proporcionada a outros mártires, se essa tivesse sido a natureza de Sua morte. Pelo contrário, porém, Ele foi abandonado por Deus. Seria justo que Ele, que foi o mais santo dos homens em todas as eras, fosse transformado no maior sofredor, se é que Ele não passava de um mártir? Assim, também, por que Cristo haveria de recuar diante da morte, se ia morrer apenas como

mártir, quando outros mártires a enfrentaram sem estremecer? A alma de Cristo encheu-se de angústia ao pensar em Sua morte que se aproximava (Lc 22.39-42), ao passo que Paulo aguardou sua morte de mártir com grande regozijo. Não, Cristo não foi um mártir. Estêvão foi um mártir, mas Paulo nunca pregou a salvação por meio da morte deste. 'Tal opinião sobre a morte de Cristo poderá gerar mártires, mas jamais poderá salvar pecadores'." — Evans.

c. A teoria de influência moral.

Essa teoria considera a morte de Cristo como um exemplo que deve exercer influência moral sobre a humanidade, tendo em vista assegurar seu melhoramento moral.

"A teoria moral considera a obra redentora de Cristo como algo realizado por meio de Seu exemplo e das lições sobre verdade religiosa, o que operaria como influência prática sobre os homens." — Miley.

"O exemplo de Seu sofrimento, segundo dizem, deve ser capaz de abrandar os corações humanos e de ajudar o homem a reformar-se, a arrepender-se e a melhorar sua condição. Assim, ensinam que Deus concede o Seu perdão à base de simples arrependimento e reforma." — Evans.

Isso é refutado pelo fato de que o mero conhecimento dos sofrimentos de Cristo não tem esse efeito sobre os homens. Não o fez nos dias de Seus sofrimentos, nem o faz hoje.

"Nesses termos, um ébrio poderia chamar de salvador ao homem por cuja influência ele fosse induzido a tornar-se sóbrio e trabalhador." — Evans.

d. A teoria governamental.

Aqueles que defendem essa teoria acreditam que o governo de Deus sobre o mundo torna necessária uma manifestação de Sua ira contra o pecado. Vêem na morte de Cristo um exemplo de sofrimento que mostra o fato do desagrado governamental de Deus em vista do pecado.

Miley, que sustenta essa posição, diz: "A substituição levada a efeito por Cristo devia ser de natureza tal que concordasse com o caráter provisional da expiação. Portanto, não podia ser uma substituição, por meio de penalidade, como o castigo merecido pelo pecado, porque uma tal expiação é absoluta. A substituição, portanto, está no sofrimento, separado do elemento penal. Isso concorda com a natureza da expiação como apoio moral da justiça em seu funcionamento, tornando o perdão coerente com o interesse do governo moral.

"Nem os sofrimentos de Cristo poderiam ter sido, em qualquer sentido estrito ou apropriado, um castigo. A falta de mérito, a única base para castigo, é pessoal no caso de cada pecador, e sem possível interferência. É fútil tentar transferir a culpa sem o pecado... e a imputação não impôs qualquer pecado a Cristo." "Em ocasião alguma Cristo foi objeto do desprazer pessoal do Pai, mas sofreu apenas os sinais — os efeitos, não a simulação — da ira divina." — Bruce.

Essa idéia é refutada dizendo-se que qualquer homem pecador poderia ter sido usado como exemplo do desprazer e da ira de Deus contra o pecado. Não era necessário um homem inocente para isso: de fato, dificilmente parece justo empregar um tal homem para esse fim. Certamente que não era necessário um novo ser para esse propósito. Não poderia ter havido manifestação de desprazer da parte de Deus contra o pecado nos sofrimentos de Cristo, a não ser que esses sofrimentos tivessem sido experimentados em conexão com a satisfação à justiça divina, com a inflição da penalidade, com o castigo devido à culpa. Doutra forma a cruz teria sido mera encenação sem realidade, uma administração fingida de governo, sem ação justa ou judicial. A execução da justiça é necessário a fim de expressar legitimamente a justiça. As Escrituras ensinam que o que teve lugar no Calvário foi justamente a execução da justiça (Ver Gl 3.13; 1 Pe 2.24; 3.18).

e. **A teoria do Amor de Deus.**

Essa teoria ensina que Cristo morreu a fim de mostrar aos homens quanto Deus os amou para que, a partir de então, soubessem qual o sentimento do coração de Deus para com eles.

Isso pode ser refutado pelo fato de que os homens não precisavam de tal manifestação para conhecer o amor de Deus para com eles, pois as Escrituras do Antigo Testamento estão repletas de afirmações e provas do amor de Deus. Concedemos, porém, que a morte de Cristo realmente revelou o amor de Deus. Mas foi mais do que isso: foi a providência do amor de Deus a favor dos homens, tendo em vista sua salvação da culpa e da penalidade do pecado. De acordo com essa teoria, Deus é apresentado como sofrendo, em Cristo, juntamente com o homem, as conseqüências e resultados de seu pecado. Dessa forma verifica-se uma omissão fatal, pois Deus não apenas sofreu juntamente com o homem, nos sofrimentos de Cristo, mas sofreu a favor do homem. "Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós" (Rm 5.8).

D. D. — Jesus Cristo não morreu acidentalmente, nem como mártir; também não morreu meramente para exercer influência moral sobre os homens, nem para manifestar o desprazer governamental de Deus contra o pecado; nem meramente para expressar o amor de Deus pelos homens.

(2) Positivamente considerada.

A verdade indubitável é que ninguém pode fornecer uma resposta perfeita ou completa à pergunta: "Qual a natureza da morte de Cristo?" Pode-se fazer uma declaração geral, entretanto, tendo-se a plena segurança de que é biblicamente exata, afirmando-se que teve natureza salvadora. Foi a obra salvadora de Deus em favor do homem. Existem algumas declarações e ensinos bíblicos definidos sobre os quais se baseiam os pontos enumerados abaixo:

a. **Foi pré-determinada (planejada ou resolvida com antecedência).**

At 2.23 — Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos.

V. A. — 1 Pe 1.18-20; Ap 13.8.

A expiação teve sua origem na eternidade. Sua fonte foi Deus. A expiação era um fato implícito no coração de Deus antes de tornar-se um fato explícito na história do homem — um fato da eternidade antes de tornar-se um fato do tempo.

b. Foi voluntária (por livre escolha, não por compulsão).

Jo 10.17,18 — Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Esse mandato recebi de meu Pai.

V. A. — Gl 2.20.

Algumas vezes atribuímos a morte de Cristo aos judeus, outras vezes aos soldados romanos; mas, na análise final, Jesus morreu sob o acordo de Sua própria vontade.

"Não lhe foi imposto, a não ser o impulso de Seu próprio coração cheio de amor. O amor compele porque impele. Não há poder que seja exercido tão poderosamente como o amor na força de sua intensidade... Sua disposição de agir em nosso lugar ressalta o valor intrínseco de Sua ação." — Marsh.

c. Foi vicária (a favor de outros).

1 Pe 3.18 — Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.

V. A. — 1 Co 15.3; Rm 4.25.

Ficou demonstrado que a morte de Cristo não foi acidental nem foi a morte de um mártir, nem por motivo de merecê-la. Foi a favor de outros, e não por Sua própria causa, que Ele morreu. O apóstolo Paulo diz: "...Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras".

d. Foi sacrificial (como holocausto pelo pecado).

1 Co 5.7 — Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois de fato sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.

V. A. — Êx 12.13,23; Is 53.10; Hb 9.14.

A morte de Cristo foi um sacrifício eficaz a favor do pecado do mundo inteiro. Por conseguinte, cada membro da raça humana nasce sob a sombra protetora da cruz. Assim como a culpa do pecado de Adão é atribuída à posteridade de Adão, sem a ratificação ou repúdio pessoal dessa posteridade, assim sua posteridade se torna compartilhadora do mérito da ação obediente de Cristo na redenção, no que se refere à culpa devida pelo pecado de Adão, a despeito de sua aprovação ou desaprovação pessoal.

A morte de Jesus Cristo é, potencial e provisionalmente, um sacrifício em favor dos pecados do mundo. Nesse sentido, Ele provou a morte a favor de todo homem, e "a si mesmo se deu em resgate por todos", e é o Salvador de todos os homens.

e. **Foi expiatória (apaziguando ou tornando satisfatório).**

Gl 3.13 — Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.

V. A. — Is 53.4-6.

A expiação é a anulação da culpa ou a remoção do pecado por meio de alguma interposição meritória. Embora o termo não se encontre nas Escrituras, nenhum é de uso mais freqüente em relação a nosso assunto. Ver, como ilustração, Gn 32.20.

f. **Foi propiciatória (cobrindo ou tornando favorável).**

1 Jo 4.10 — Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

V. A. — Is 53.8,10-12; Rm 3.25.

"Nos três casos em que esse termo ocorre no Novo Testamento (os quais são as únicas ocorrências nas Escrituras) é aplicado Àquele por Quem foi efetuada a expiação... Pressupõe uma ofensa e a eliminação da ofensa — dos conceitos que estão envolvidos na doutrina da expiação; e o emprego que a palavra tem nas Escrituras liga-a, inseparavelmente, ao sacrifício, como o meio pelo qual é tirada a ofensa." — Symington.

"Romanos 3.25 podia ser traduzido literalmente como 'uma propiciação através da fé, por seu sangue' (em grego, **hilasterion**, 'lugar de propiciação'). A palavra ocorre em 1 João 2.2 como tradução de **hilasmos**, 'aquilo que propicia', ou ainda, 'sacrifício propiciatório". **Hilasterion** é usado pela Septuaginta e em Hb 9.5, sendo traduzido 'propriciatório'. O propiciatório era aspergido com o sangue, no dia da expiação, simbolizando que a sentença justa da lei havia sido (tipicamente) imposta; pelo que o lugar que, doutro modo, seria o local de julgamento, podia com justiça ser propiciatório. Em cumprimento desse tipo, Cristo mesmo é o **hilasmos**, ou seja, 'aquilo que propicia' e também o **hilasterion**, isto é, 'o lugar da propiciação' — o propiciatório aspergido com Seu próprio sangue — sinal de que, em nosso lugar, Ele honrou de tal modo a lei, ao receber contra Si a justa sentença da lei, que Deus, que sempre previu a cruz, foi vindicado por não haver 'levado em conta' os pecados cometidos desde Adão até Moisés (Rm 5.13) bem como os pecados dos crentes que viveram no tempo do antigo pacto, e agora foi vindicado por mostrar-se justo ao declarar justos os pecadores crentes que vivem sob a nova aliança. Na propiciação não há nenhum pensamento de se aplacar um Deus vingativo, mas antes, que foi satisfeita a Sua santa lei, tornando possível assim que Ele demonstrasse misericórdia com toda a justiça. — Scofield.

g. **Foi redentora (resgatando por meio de pagamento).**

Gl 4.4,5 — Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

V. A. — Gl 3.13; Mt 20.28.

A termo "resgate" deriva das transações efetuadas entre os homens, como a libertação de um cativo mediante o pagamento do resgate, ou a soltura de um devedor encarcerado, ao liquidar sua dívida.

O termo pressupõe o livramento por meio de um substituto, de um cativo ou devedor incapacitado de efetuar seu próprio livramento. Segue-se, naturalmente, que a emancipação e a restauração resultam do pagamento do resgate. Cristo remiu-nos da maldição imposta por uma lei desobedecida, ao fazer-se maldição em nosso lugar. Sua morte foi o preço do resgate que foi pago.

"Para quem foi pago esse resgate, é uma questão debatida: a Satanás, para livrar seus cativos, ou à santidade eterna e necessária, à lei divina, ou à reivindicação de Deus, que por natureza é o santo Legislador? A última possibilidade, referente a Deus e Sua santidade, é a preferível." — Evans.

"A verdade completa é revelada nas três palavras que geralmente são traduzidas por 'redenção' — A primeira é **agorazo**, isto é, 'adquirir no mercado'. Os objetos da redenção estavam vendidos 'à escravidão do pecado' (Rm 7.14), mas, além disso, estavam sob sentença de morte (Ez 18.4; Jo 3.18,19), e o preço da compra foi o sangue do Redentor, que morreu em lugar deles (Mt 20.28).

"A segunda palavra é **exagorazo**, ou seja, 'comprar retirando do mercado' (Gl 3.13). Os remidos nunca mais serão passíveis de venda. A terceira palavra é **lutroo** (Ef 1.7; 1 Pe 1.18; Rm 3.24), cujo sentido é 'libertar', ou ainda, 'soltar mediante pagamento'. A redenção é efetuada por sacrifício e por poder (Êx 14.30). Cristo pagou o preço, e o Espírito Santo torna real o livramento, na experiência pessoal." — Scofield.

h. Foi substitutiva (em lugar de outros).

1 Pe 2.24 — Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados.

V. A. — Lv 1.2-4; 2 Co 5.21; Rm 4.25; Mt 1.21; Mc 10.45.

Esse termo, "substituto", não ocorre na Bíblia; porém, o princípio que representa se encontra por toda a Bíblia, em conexão com os ensinamentos referentes à morte de Cristo, quer por símbolo quer por afirmação direta e clara. Traz em si o pensamento de que Cristo tomou o lugar dos pecadores ofensores, levando-lhes a culpa e sofrendo o castigo que mereciam.

Como fiador dos homens, Ele colocou-se voluntariamente na situação deles, como violadores que eram da santa, justa e boa lei de Deus; assumiu a responsabilidade de toda a culpa deles; e suportou em Seu corpo toda a retribuição da penalidade

ameaçada e devida a seus pecados. Ele apresentou-se como substituto deles, não apenas no que diz respeito ao castigo, mas também no que tange às obrigações do castigo imposto. Cristo submeteu-se, não apenas a ser tratado como oferta pelo pecado, mas a ser feito pecado em nosso lugar. Apesar de que Sua santa alma estava isenta de todas as contaminações morais ligadas ao estado de culpa moral; apesar de que nunca pôde ser acusado de culpa pessoal, foi-Lhe necessrio, entretanto, receber sobre Si a imputação da culpa pela qual Ele devia fazer expiação. Era necessário, para que Seus sofrimentos pudessem participar da natureza de uma punição. O sofrimento, desligado da culpa, é calamidade e não punição; para punir, a culpa é um requisito indispensável. Cristo não tinha culpa própria; de fato, era incapaz de contraí-la; não obstante, "o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos."

D. D. — A morte de Jesus Cristo foi pré-determinada, voluntária, vicária, sacrificial, expiatória, propiciatória, redentora e substitutiva.

4. Seu Escopo.

"Em seu escopo, a morte de Cristo tem duplo aspecto: o universal e restrito. É universal em sua suficiência e restrita em sua eficiência. É suficiente para todos; é eficiente para aqueles que crêem. As Escrituras apresentam a expiação como tendo sido efetuada a favor de todos os homens, e como suficiente para a salvação de todos. Por conseguinte, não é a expiação que é limitada, mas antes, a aplicação da expiação através da obra do Espírito Santo." — Strong.

1. A expiação é suficiente para todos. Jo 1.29; 1 Tm 2.6; 4.10; Hb 2.9; 1 Jo 2.2.

2. É eficiente para salvação de todos que crêem. Jo 1.12.

3. É eficiente para juízo de todos que permanecem na incredulidade. Jo 3.18; 16.9.

(1) Pelo mundo inteiro.

1 Jo 2.2 — E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

Não é ensinado no Evangelho que Cristo tenha morrido com a intenção de que todos fossem salvos, mas antes, que Sua expiação é fundamento suficiente para a salvação de todos, e que todos os que repousarem nesse fundamento pela fé serão salvos.

(2) Para cada componente individual da raça.

Hb 2.9 — Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem.

Isso é apenas outra maneira de afirmar que Cristo morreu pelo mundo inteiro. Nenhum homem, mulher ou criança, é excluído da bênção da expiação. Cada um está incluído, provisionalmente.

(3) Pelos pecadores, pelos injustos, pelos ímpios.

Rm 5.6-8 — Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

V. A. — 1 Tm 1.15; 1 Pe 3.18.

"A expiação estende-se a todos os homens e sobre todos os homens. Seu paralelismo com os efeitos do pecado de Adão é visto no fato de que todas as criaturas humanas, como por exemplo as crianças e outras pessoas irresponsáveis, incapazes de rejeitá-la, são salvas sem seu consentimento, tal como foram envolvidas no pecado de Adão sem seu consentimento... Se nasceram debaixo da maldição, semelhantemente nasceram sob a expiação que é designada para remover a maldição; permanecem ao abrigo da expiação até atingirem idade suficiente para repudiá-la; podem excluir suas influências, tal como um homem fecha sua veneziana para impedir a entrada dos raios solares; expulsam-nas por sua oposição direta, como um homem levanta um dique em torno de seu campo a fim de impedir que as águas de um ribeiro próximo o invadam, as quais, doutro modo, entrariam e fertilizariam o solo." — Ashmore.

(4) Pela Igreja e por todos os crentes.

Ef 5.25-27 — Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito.

V. A. — 1 Tm 4.10.

Cristo é, especialmente, o Salvador daqueles que nEle confiam. Há um sentido em que se pode dizer que Cristo morreu particularmente pela Igreja. "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela".

D. D. — O mundo inteiro foi incluído na providência da morte de Cristo, e até certo ponto compartilha de seus benefícios, mas essa provisão só se torna plenamente eficaz e redentora no caso daqueles que crêem.

5. Seus Resultados.

(1) Em relação aos homens em geral, é introduzida a era da graça. Tt 2.11.

O apóstolo Paulo chama Jesus Cristo de "Salvador de todos os homens", mostrando que, em Sua obra redentora, Cristo mantém determinada relação com a raça inteira.

"A participação inconsciente na expiação de Cristo, em virtude de nossa comum humanidade com Ele, nos torna herdeiros de muitas bênçãos temporais." — Strong.

a. Uma nova oportunidade é assegurada.

Rm 3.25 — A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos.

V. A. — At 17.30,31; 2 Pe 3.9; Jo 3.16-18.

O homem falhou e caiu na primeira oportunidade, em Adão, resultando morte e depravação. Mediante a morte de Cristo foi dada nova oportunidade. Na antiga, o homem foi provado através da lei, com referência à árvore do conhecimento do bem e do mal; na nova oportunidade, o homem é provado sob a graça, com referência a Jesus Cristo e Sua salvação.

"A expiação de Cristo assegura a todos os homens: o adiamento da execução da sentença contra o pecado; um período para arrependimento; e a continuação das bênçãos comuns da vida, as quais perderam o direito por causa da transgressão. Ela providenciou objetivamente para a salvação de todos, removendo da mente divina todo obstáculo ao perdão e à restauração dos pecadores, excetuando a sua própria oposição espontânea contra Deus e sua recusa de se voltarem para Ele. A expiação de Cristo também providenciou, para todos os homens, três poderosos incentivos ao arrependimento, apresentados na Cruz e na agência conjunta da Igreja cristã e do Espírito Santo, através dos quais esses incentivos são levados a produzir efeito neles." — Strong.

"Pode-se admitir que há certas vantagens ou privilégios, de natureza não-salvadora, que resultam da morte de Cristo, e que a participação dos mesmos, por parte daqueles que vivem na era do Evangelho, pode ser considerada como estritamente universal. A preservação da própria raça humana pode ser atribuída a essa origem; e sem dúvida é a ela que devemos: os meios de aperfeiçoamento moral e religioso; muito conhecimento valioso e útil; uma revelação mais plena e clara do dever; restrições mais severas contra a perversidade, e incentivos maiores à retidão, à benevolência e à pureza; além de muitas outras cousas que contribuem para a prosperidade da sociedade e para o bem-estar dos homens, cousas essas que a razão humana ou a legislação civil, sem o concurso dessa origem, nunca poderia ter garantido. O sistema da graça, estabelecido sobre a terra e que repousa sobre a base da expiação de Cristo, circunda, digamos assim, 'nosso mundo culpado com uma atmosfera de benefício natural e moral, e propaga intermináveis variedades de usufrutos pessoais e sociais'. Essas vantagens são estritamente universais; e, se o sentimento de que Cristo morreu por todos os homens fosse entendido como não tendo alvos superiores a esses, talvez não nos sentíssemos impelidos a disputá-lo." — Symington.

b. Os homens são atraídos a Ele.

Jo 12.32,33 — E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.

Comparar com Jo 5.40 — Contudo não quereis vir a mim para terdes vida.

V. T. — Jr 31.3.

É verdade que Deus, na expressão de Seu amor pelos homens através dos sofrimentos e da morte de Cristo, busca atrair todos os homens, dos caminhos do pecado para as veredas da verdade e da justiça; mas é evidente que nem todos correspondem. Todos os homens são atraídos, mas nem todos se deixam constranger. "A graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens" (Tito 2.11), mas nem todos a têm recebido.

Um ímã pode ser posto na mesma relação a vários metais, para que seu poder de atração seja exercido sobre todos; porém, o poder de atração não se mostra eficaz sobre todos. Sua eficácia depende do metal e não do ímã. Nem todos os homens têm fé (2 Ts 3.2), por conseguinte, nem todos correspondem à atração da cruz.

c. Uma propiciação foi providenciada.

1 Jo 4.10 — Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

V. A. — 1 Jo 2.2.

Um esconderijo provisional para o horror e a repugnância do pecado e da pecaminosidade do homem foi obtido mediante a morte de Cristo; todavia, esse esconderijo potencial, posto assim à disposição do homem, há-de ser por ele apropriado se ele quiser usufruir seus benefícios. Tal como no jardim do Éden, após o pecado de Adão e Eva, Deus proveu vestes para ambos por meio da morte de animais para esse fim; tiveram, entretanto, de se apropriar das peles e vestir-se, para tornarem-se aceitáveis aos olhos de Deus.

d. O pecado do mundo é removido.

Jo 1.29 — No dia seguinte, viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

O pecado do mundo é aquela culpa que se apega ao mundo, ou seja, à raça humana, por meio do pecado de Adão. Durante o período de sua provação e tentação, Adão agiu não apenas como homem individual, mas como o representante da raça. Ele foi o cabeça federal e biológico da raça humana e, por isso mesmo, sua ação foi não só individual mas também racial. O apóstolo Paulo declara que todos nós pecamos em Adão. Agimos nele e por intermédio dele; dessa maneira pecamos por ocasião de seu pecado, caímos por ocasião de sua queda, e nos tornamos culpados quando ele se tornou culpado. Mas, apesar de que isso é verdade, nenhum membro da raça humana se perde por causa da culpa do pecado de Adão, pois essa

culpa foi completa e perfeitamente removida pela morte de Cristo, na qualidade de "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Portanto, a única culpa que se apega àquela parte irresponsável da humanidade, que inclui as criancinhas, os imbecis e os idiotas, é a culpa do pecado adâmico pelo qual Cristo fez expiação. Todos, por conseguinte, que passam desta vida nesse estado de irresponsabilidade mental, visto que nunca tiveram a capacidade de fazer escolha racional, estão:

"Salvo nos fortes braços — do terno Salvador,

Doce descanso tenho — no seu perene amor."

O mui considerado ensino dos antigos teólogos, de que há no inferno crianças que não têm um palmo de comprimento, é absolutamente destituído de verdade, pois não tem base alguma nas Escrituras nem no caráter de Deus. Por ocasião da morte de seu filho recém-nascido através de relação adúltera, Davi disse da criança: "Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim" (2 Sm 12.23).

D. D. — Muitos benefícios e bênçãos, potenciais e reais, são conferidos aos homens em geral, mediante a morte de Cristo.

(2) Em relação ao crente, é efetuada nova criação. 2 Co 5.17.

O resultado da morte de Cristo, para com o crente em geral, é que este "se converteu ao Pastor e Bispo de sua alma". A salvação potencial fornecida na cruz torna-se experiência real quando ele deposita sua confiança no Salvador.

a. **O poder do pecado foi potencialmente anulado.**

Hb 9.26 — Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado.

Note-se que o escritor sagrado fala aqui em "pecado" e não em "pecados". Há uma força especial no abstrato. Não foi este ou aquele pecado particular que teve seu poder destruído por Cristo; foi o próprio pecado que foi desarraigado por Sua morte. Ele destruiu potencialmente o poder do pecado, além de ter feito expiação pelos pecados particulares cometidos.

"A expiação de Cristo não foi somente uma expiação pelo pecado, mas um triunfo sobre o mesmo. Cristo respondeu pelo pecado a fim de que deixássemos de corresponder ao pecado. Sua morte pelo pecado foi a morte do pecado. Sua paixão em nosso lugar apaga a paixão do pecado. A crucificação externa de Cristo, que garante o benefício do perdão, é o poder interno que agora nos capacita a experimentar a crucificação íntima do 'eu'." — Marsh.

b. **Foi assegurada a redenção da maldição da lei.**

Gl 3.13 — Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.

V. A. — Gl 3.10; Tg 2.10; Is 42.21.

O crente é remido ou resgatado, e assim liberto da maldição sob a qual jazem todos quantos confiam na lei e nas obras da lei para sua justificação.

Todo obstáculo legal para a salvação do homem é removido. Há expiação pela culpa; é garantida a redenção da condenação; e toda a acusação que a lei pode proferir contra o pecador fica totalmente satisfeita.

"NEle a lei é magnificada e dignificada. Cristo apareceu para ser o fim da 'lei-para-justiça' (justificação pela lei). Ele não veio destruir a lei, mas, antes, cumpri-la. 'A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça'." — Symington.

c. **Foi providenciado livramento da escravidão da lei.**

Cl 2.14 — Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente encravando-o na cruz.

V. A. — Rm 7.1-4,6.

O crente está "crucificado com Cristo", e essa morte dissolve sua obrigação de sujeição à lei, deixando-o livre para unir-se ao Ressuscitado, para prestar-Lhe serviço e ser-Lhe frutífero.

"A redenção da escravidão da lei inclui não apenas livramento de sua penalidade, mas também da obrigação de satisfazer suas exigências. A lei exige obediência perfeita. Diz: 'Faze isto e viverás'; e também: 'Maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas no livro da lei, para praticá-las'." — Hodge.

A sujeição à lei era um estado de escravidão. Dessa escravidão os homens são remidos por meio da Cruz e introduzidos na liberdade do Evangelho.

d. **Foi provisionalmente removida a barreira entre judeus e gentios.**

Ef 2.14-16 — Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse em si mesmo novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.

V. A. — Gl 3.28.

"As duas partes, que aqui são unidas em uma, não são um Deus santo e um pecador profano. Os judeus e os gentios são essas duas partes, que são unidas em Cristo. Entre elas havia uma parede de separação: a lei. O próprio Deus é que havia erigido essa parede, separando dos gentios o seu povo, Israel... A lei dos mandamentos, composta de ordenanças, exigia que os judeus se mantivessem inteiramente separados dos gentios. Comer com um gentio era pecado

para o judeu. O próprio Pedro, depois de ter comido com os gentios em Antioquia, retirou-se e separou-se deles depois, o que demonstra quão profundamente arraigado estava esse preconceito. A inimizade e o ódio entre judeus e gentios era intenso, e pode ser facilmente acompanhado na história. Mas agora, na Cruz de Cristo, Deus derrubou essa parede de separação, pondo fim à inimizade: a lei de mandamentos que consistia de ordenanças. Teve fim na cruz de Cristo. Tendo rejeitado seu próprio Messias, os judeus encheram a medida de sua própria culpa como nação, e se tornaram mais culpados que os gentios por esse motivo. Deixou então de existir a parede de separação... Tanto os judeus como os gentios, ao crerem, ao confiarem em Cristo, são aproximados por Seu sangue: passam a ser um, e a constituir um novo homem." — Gaebelein.

e. Foi fornecida a base para a filiação.

Gl 4.3-5 — Assim também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

Se Cristo é nosso Substituto, tendo tomado nosso lugar, então, por bendita transferência e troca, temos recebido para sempre o Seu lugar; já não somos vistos em nós mesmos, e, sim, nEle — filhos no Filho Eterno. "Aquele Homem perfeito que veio, o Filho Eterno, conquistar a salvação para os filhos dos homens."

f. É anulada a distância moral entre o crente e Deus.

Ef 2.13 — Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

A distância entre Deus e o homem não é física, nem pode ser, pois Deus é onipresente. Ele preenche tudo e está em toda parte. Não existe lugar onde Deus não esteja. A distância é antes moral. É o pecado que efetua essa separação. (Ver Is 59.1,2). Essa distância, no entanto, foi potencialmente exterminada pelo sacrifício da cruz.

g. Foi possibilitada a reconciliação com Deus.

Rm 5.10 — Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.

V. A. — Cl 1.20,22.

A morte de Cristo levou, para uma posição de harmonia, as partes que estavam em litígio — Deus e Sua criatura pecaminosa, o homem.

h. Foi garantido o perdão de pecados.

Ef 1.7 — No qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça.

Aquilo que é praticamente impossível de se obter em todos os outros domínios da experiência humana, tais como a natureza, a sociedade e os tribunais de justiça humana, tornou-se gloriosamente possível em Cristo, por motivo de Sua morte expiatória.

i. Foi providenciada a purificação de todo o pecado.

1 Jo 1.7,9 — Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado... Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

O sangue de Cristo é o meio de purificação, mediante o qual gradualmente, já tendo sido justificado e estando em comunhão com Deus, o crente vai sendo purificado de todo pecado que desfigura sua comunhão com Deus. A fé é que aplica o sangue purificador.

O Dr. Torrey faz a seguinte pergunta: "Isso significa purificação da culpa do pecado, ou significa purificação da própria presença do pecado?"

Sl 51.7 — Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.

V. A. — Lv 14.19,31; Jr 33.8; Ap 7.14; Hb 9.22,23; Ef 1.7; Rm 3.25; 5.9; Mt 26.28; Lv 16.30; 17.11.

Resposta: Através dessas passagens é evidente que, na Bíblia, purificação pelo sangue significa purificação da culpa do pecado. Através do sangue de Cristo derramado, todos quantos andam na luz são continuamente purificados, em cada hora e cada minuto, de toda a culpa do pecado. Sobre eles não existe, em absoluto, qualquer pecado; mas pode haver pecado neles. Não é o sangue de Cristo, mas o próprio Cristo vivo e o Espírito Santo que cuidam dessa parte.

j. Foi providenciada a base de sua justificação ou absolvição da culpa.

Rm 5.9 — Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

"Essa justiça nos cobre. Serve-nos de escudo. 'É o manto que nossos melhores feitos não podem remendar, e que nossos piores feitos não podem rasgar'. Cristo por nós e em nosso lugar, é a resposta simples a todas as coisas." — Bishop.

k. Foi removida para sempre a condenação.

Rm 8.33,34 — Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.

V. A. — Rm 8.1-3; At 13.38,39.

"O pecador, que anteriormente se agachava e estremecia em cada nervo diante das ameaças da lei, agora pode levantar a cabeça em humilde confiança, desafiar

a um mundo de acusações e dizer: 'Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu'." — Symington.

O homem, por natureza, está identificado com Adão por seu pecado e queda, no terreno da condenação; mas pela fé em Jesus Cristo, é transferido desse terreno para aquele que se descreve pela expressão "em Cristo Jesus", onde não há condenação, nem morte, nem julgamento.

Jo 5.24 — Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.

l. Foi realizada sua aquisição para Deus.

1 Co 6.20 — Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.

V. A. — Ap 5.9,10; At 20.28; Ef 1.13,14; 1 Pe 1.18-19.

O preço que resgatou o homem do pecado, de sua culpa e da penalidade merecida, também o remiu para Deus. O crente, portanto, é a possessão adquirida por Deus, o que levou Paulo a dizer aos crentes de Corinto: "Acaso não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo" (1 Co 6.19,20).

m. Foi consumada provisionalmente sua morte ao pecado.

Gl 6.14 — Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.

V. A. — Gl 2.20; Rm 6.1-3,6,8; 2 Co 5.14,15; 1 Pe 2.24.

"A cruz é o segredo da vida (Gl 2.20). É o segredo da nossa própria vida pessoal. É o 'eu' que tem sido a causa de toda a inimizade que existe contra Deus no coração humano, e é a origem de todas as fraquezas do serviço humano prestado a Deus, desde a queda, pelo que esse 'eu' deve ser tratado pela cruz.

Quando os sacerdotes da igreja cóptica, no Egito, estão ordenando alguém para o sacerdócio, recitam sobre ele a mesma oração que fazem sobre os mortos, dando a entender que ele está morto para tudo que há no mundo, e vivo para Deus somente.

"A Cruz é a fonte de toda vitória, e existe uma vitória de cinco aspectos a ser conquistada pelo cristão. Primeiramente, a vitória sobre a morte (1 Co 15.56,57). Em segundo lugar, a vitória sobre o 'eu' (Gl 2.20). Em terceiro lugar, a vitória sobre a carne (Gl 5.24). Em quarto lugar, a vitória sobre o mundo (Gl 6.14). Em quinto lugar, a vitória sobre Satanás (Gl 2.15)." — Watt.

n. Está garantida a doação de todas as coisas.

Rm 8.32 — Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?

O dom inefável inclui todos os demais dons. O fato de Deus "não ter poupado seu próprio Filho" é uma garantia absoluta de que Ele não poupará qualquer outra bênção, quer temporal quer espiritual, que contribua para nosso bem-estar.

o. É assegurado o livramento potencial do temor da morte.

Hb 2.14,15 — Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.

"A cruz sobre o 'monte verde' liga o hoje do tempo com o amanhã da eternidade. A cruz prova que o sermos participantes dos sofrimentos de Cristo nos assegura a participação com Ele na glória." — Watt.

D. D. — São inúmeros os benefícios que pertencem ao crente por intermédio da morte de Cristo que é a fonte de todas as suas bênçãos tanto para o tempo como para a eternidade.

(3) Em relação a Satanás e aos poderes das trevas, cuja derrota está assegurada. Cl 2.14,15.

É evidente, por meio de várias passagens bíblicas, que Jesus Cristo tinha uma missão em relação ao diabo, em conexão com Sua encarnação e morte. Isso fica demonstrado como segue:

a. Satanás foi expulso.

Jo 12.31-33 — Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.

V. A. — Ap 12.7-9.

Jesus fala aqui antecipadamente sobre a cruz e sobre aquilo que ela havia de assegurar. Ele prevê, não a derrota, mas a Sua grande vitória: a vitória sobre as forças do mal; por isso, fala como se já tivesse sucedido, pois, no pensamento e na consideração de Deus, era tão certo como se já tivesse acontecido.

b. Satanás é "destruído" (provisionalmente tornado ineficaz). Hb 2.14.

O poder da morte é aqui atribuído ao diabo, e Cristo é apresentado como Aquele que arrebatou a própria arma de Satanás a fim de conquistá-lo. Isso é ilustrado no caso de Davi, que tomou da espada de Golias, com a qual o abateu. Esse poder, que Satanás vinha usando como usurpador, de modo profano, Cristo, com terrível justiça, empregou para abater o adversário, assegurando sua destruição.

c. Principados e poderes são derrotados.

Cl 2.14,15 — Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente encra-

vando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.

V. A. — Ef 6.12.

"Cristo alcança tão portentosa vitória para nós, contra todos os nossos inimigos espirituais, conforme é aqui expresso no versículo 15. Os principados e potestades das trevas apegaram-se à natureza humana de Cristo, nosso substituto, como que para impedi-lO de subir à cruz e morrer por nossa redenção. Mas Ele venceu a todos, expondo-os a um espetáculo público, ao ressuscitar dentre os mortos; e, nesse Seu triunfo, triunfamos nós." — Gray's Commentary.

"Cristo veio destruir as obras do diabo. Estava predito desde o princípio que Ele esmagaria a cabeça da serpente, e, com esse propósito, Ele se manifestou no tempo próprio (1 Jo 3.8). Por Sua morte, destruiu aquele que tinha o império da morte, a saber, o diabo. A mesma obra continua Ele efetuando na glória, no caráter de Intercessor, respondendo às acusações assacadas contra Seu povo e protegendo Seus servos dos assaltos do adversário. Satanás é o acusador dos irmãos; ele profere pesadas acusações contra os discípulos de Cristo. Algumas dessas acusações são verdadeiras, e outras são falsas; mas Cristo, como nosso Advogado junto ao Pai, responde por todas. Ele refuta as acusações falsas mostrando sua improcedência; e, pelo perdão das faltas realmente cometidas pelos crentes, Ele apresenta o mérito de Seu sangue (1 Jo 2.1,2; Zc 3.1-5)." — Symington.

D. D. — A morte de Jesus Cristo providenciou a anulação do poder de Satanás sobre as vidas dos crentes, e assegurou a condenação e a perdição finais do diabo.

(4) Em relação ao universo material, é assegurada sua libertação da maldição. Rm 8.21.

Cl 1.19,20 — Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude, e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus.

V. A. — Rm 8.20-23.

"Há toda razão para acreditar-se que a criação do mundo visava a servir de palco no qual fosse exibida a obra da redenção do homem por meio do Filho eterno. É obra de Suas mãos. Esse é o propósito a que serve; e que de fato o mundo foi formado tendo em vista servir a esse propósito certamente não é declaração que possa ser disputada. O apóstolo, por declarações expressas, não apenas atribui a Cristo a honra de haver criado o mundo, mas também assevera que o propósito da criação termina nEle mesmo — 'Tudo foi criado por meio dele e para ele'. Ele é tanto a causa final como a causa eficiente da criação deste mundo. Nossa terra foi escolhida como o local selecionado para se exibir o mistério da redenção; e todas as cenas da economia mediatorial foram aqui apresentadas. O advento do Messias prometido teve lugar aqui; aqui Ele viveu Sua vida instrutiva; aqui operou Seus maravilhosos milagres; aqui proferiu Suas palavras ainda mais maravilhosas; aqui suportou Seus misteriosos sofrimentos;

aqui realizou Sua pavorosa morte; e aqui foram obtidas Suas gloriosas vitórias sobre os homens e os demônios, sobre o pecado e a morte." — Symington.

Assim como o universo material sofreu, de alguma forma misteriosa, a influência da queda do homem (Rm 8.19-23), sofreu também a influência da morte de Jesus Cristo, cuja intenção foi a de neutralizar o efeito do pecado sobre a criação. Há um efeito cósmico na expiação. O Cristo de Paulo é mais do que o segundo Adão o Cabeça de uma nova humanidade; é também o centro de um universo que gira em torno dEle, pois este, de alguma forma misteriosa, foi reconciliado por meio de Sua morte. Como isso acontece, talvez não possamos explicar.

Cl 1.20 — E que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus.

Um dia haverá "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3.13).

V. A. — Hb 9.23,24; Is 35.

"Importante doutrina fundamental percorre todo a Bíblia: criação tendo em vista Nova Criação. Com isso queremos dizer simplesmente que, na primeira ou presente criação, que teve início naquele ponto do passado remoto chamado de 'princípio' (Gn 1.1), Deus está fazendo com que se resolvam, de uma vez por todas, as tremendas pendências que existem entre o pecado e a santidade, entre as trevas e a luz, entre Sua própria Pessoa e todos quantos a Ele se opõem. Quando isso estiver realizado, Deus introduzirá uma Nova Criação, na qual habitará a perfeita justiça e que, fundada sobre a obra de Cristo e não sobre a fidelidade de meras criaturas, jamais desaparecerá (ver Ap 21; 2 Pe 3)." — Newell.

D. D. — Por meio da morte de Cristo, todo o universo material — "todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus" — é reconciliado com Deus.

II. *A Ressurreição de Jesus Cristo*

"Era necessária a ressurreição de Cristo para que se pudesse confiar nEle como Salvador. Um Deus moribundo e crucificado, um Salvador do mundo que não pudesse salvar a Si mesmo, teria sido rejeitado pelo consenso universal da razão como horrendo paradoxo e cousa absurda. Se a ressurreição não tivesse seguido à crucificação, o desafio dos judeus teria permanecido como argumento irretorquível contra Ele: 'Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos'. Doutro modo, certamente aquilo que era o exemplo mais flagrante de fraqueza e mortalidade humanas não poderia servir de demonstração competente de que Ele era Deus verdadeiro. A salvação é efeito de poder, e de um poder tal que prevalece até à vitória completa. Entretanto foi expressamente dito que Ele 'foi crucificado em fraqueza'. A morte foi por demais penosa para a Sua humanidade, e por algum tempo arrebatou-Lhe os despojos. Por isso mesmo, enquanto Cristo estava no sepulcro, seria tão razoável esperar que um homem enforcado com cadeias

de ferro descesse da forca para chefiar um exército, quanto o seria imaginar que um cadáver, assim permanecendo, pudesse triunfar sobre o pecado e a morte que com tanto sucesso triunfam sobre os vivos. A conversa dos dois discípulos, na estrada para Emaús, os quais não esperavam algo como a ressurreição, à base da suposição acima era tremendamente racional e significativa. Diziam eles: 'Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel; mas...' E com essas palavras deixaram claramente indicado que, por ocasião de Sua morte, essa sua confiança caíra totalmente por terra, juntamente com Ele. Pois não podiam imaginar que um cadáver sem fôlego pudesse expulsar as águias romanas, assim livrando os judeus do jugo a que estavam sujeitos; pois essa era a redenção que até os próprios discípulos (enquanto não receberam melhores luzes) esperavam de seu Messias. O mesmo argumento, entretanto, podia servir, e ainda mais fortemente contra uma redenção espiritual, pois esta seria ainda muito mais difícil se Ele permanecesse no estado de morto. Pois como poderia alguém derrubar o reino das trevas e colocar o pé sobre 'os principados e potestades', sobre 'as forças espirituais do mal, nas regiões celestes', se Ele mesmo caíra vítima da maldade de homens mortais, permanecendo cativo nas partes inferiores da terra, reduzido a uma condição, não apenas abaixo da inveja dos homens, mas debaixo mesmo de seus pés? — South, 1633-1716." — Lawson.

1. Sua Realidade.

2 Tm 2.8 — Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho.

V. A. — Mt 28.6; Mc 16.6; Lc 24.6; 1 Co 15.4-8.

A ressurreição de Jesus Cristo é um dos fatos mais bem comprovados da história humana. É sustentado e apoiado por provas corroborativas, como bem poucos fatos históricos.

D. D. — O fato da ressurreição de Cristo é firmemente estabelecido nas Escrituras.

2. Suas Provas, conforme se vêem:

(1) No sepulcro vazio.

Lc 24.3 — Mas, ao entrar, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

V. A. — Jo 20.1-8.

"... Duas coisas de interesse estão aqui envolvidas, nessa questão da ressurreição. Primeira, o corpo ressuscitado saiu do sepulcro antes que a pedra fosse retirada. Não foi necessário que a porta fosse aberta para que o Senhor da Vida pudesse sair da sepultura... A pedra não foi retirada para permitir a saída do Salvador, mas antes, para permitir a entrada das mulheres e dos discípulos. Por que entrar? Para que ali encontrassem a evidência do fato da ressurreição. O anjo convidou-os para que entrassem, chamando atenção especial para o local onde jazera o Senhor.

Que havia ali para ser observado? As faixas que havia enrolado o corpo de Jesus estavam ali, de tal forma, como já aprendemos, que indicava que o corpo saíra sem perturbar-lhes a forma... Portanto, não houve período de tempo, nem mesmo o mais breve, após o sepulcro ter sido aberto, em que não estivessem presentes testemunhas, representando inimigos e amigos, para verificar os fatos. Por um lado, os guardas, e por outro, as mulheres, testemunharam o sepulcro aberto. Não ficou lugar para controvérsia acerca do que sucedera ou acerca do conteúdo do sepulcro. O corpo estava ali quando o sepulcro foi fechado e selado. Já não se encontrava mais lá dentro quando os selos foram rompidos. Mas as faixas de linho estavam ali, e transmitiam sua própria mensagem, confirmando a palavra do anjo.

"E não faltaram providências ininterruptas, durante aquelas horas de movimento e emoção, para evitar a deturpação dos fatos... Note-se agora o sepulcro vazio nos Evangelhos de Marcos e Lucas. Ambos os relatos se referem ao interior do sepulcro e, particularmente, ao lugar onde tinha sido posto o corpo de Jesus. No Evangelho de Marcos o anjo chama a atenção direta e específica para o lugar onde o tinham colocado. No relato de Lucas, lemos: '...mas, ao entrar, não acharam o corpo... Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro. E, abaixando-se, nada mais viu senão os lençóis de linho'. As mulheres ficaram perplexas, e Pedro se maravilhou, com o que viram. Dessa maneira, todos os quatro evangelistas reconhecem a significação da evidência da ressurreição, apresentada dentro do sepulcro... As mulheres da Galiléia viram claramente as provas de Sua ressurreição. Muitos acreditam que, ao se aproximarem as mulheres do sepulcro, viram-no aberto; ao entrarem, foram testemunhas das evidências que as faixas de linho proporcionavam, de que o corpo não havia sido violentamente removido. Pelo contrário, estavam face a face com a prova de que o corpo havia saído de modo sobrenatural, deixando as faixas intactas. Até o lenço que envolvia a cabeça de Jesus, conservava a disposição original. Apenas se dobrara por virtude de seu próprio peso, quando o corpo de Jesus partiu, no instante em que se transformou de cadáver em corpo ressuscitado..." — White.

(2) Aparições do Senhor Ressurrecto.

At 1.1-3 — A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das cousas concernentes ao reino de Deus.

a. À Maria (como Consolador).

Jo 20.16 — Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni! que quer dizer, Mestre.

b. Às mulheres (como concretização da alegria restaurada).

Mt 28.5,8,9 — Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais a Jesus, que foi crucificado... E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que Jesus veio ao encontro delas, e disse:

Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram.

c. **A Simão Pedro (como Restaurador de almas).**

Lc 24.34 — Os quais diziam: O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão! Comparar: Sl 23.3; Mc 16.7.

"Por que 'e a Pedro'? Não era Pedro um dos discípulos? Certamente que sim, pois era o próprio **primus inter pares** (primeiro entre iguais) do grupo apostólico. Então, por que 'e a Pedro'? Nenhuma explicação nos é dada no texto, mas a reflexão mostra que foi uma afirmação de amor para com aquele desanimado e desesperado discípulo, que por três vezes havia negado seu Senhor." — The Fundamentals, Vol. II.

d. **Aos dois discípulos no caminho para Emaús (como o simpatizante Instrutor).**

Lc 24.13,14,25-27,30-32 — Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia, chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as cousas sucedidas... Então lhes disse Jesus: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras... E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o, e, tendo-o partido, lhes deu; então se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?

Sem dúvida alguma Jesus desejava consolá-los, e indubitavelmente conseguiu Seu intento. Ele tinha, porém, ainda algo mais profundo e mais essencial a fazer. Aqueles homens estavam tristes, não à semelhança de Maria Madalena, que se entristecera pessoalmente por haver perdido seu Senhor, mas estavam tristes porque lhes faltara a fé, julgando ter perdido seu Messias. 'Esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas..." Para esses discípulos, a cura seria a ternura pessoal, como no caso de Maria, mas dependia de melhor compreensão das Escrituras.

e. **Aos discípulos, no cenáculo (como Doador da Paz).**

Jo 20.19 — Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco!

Jesus deixou um testamento pouco antes de entregar-se à crucificação. Deixou um legado para Seus discípulos — um legado de paz. Ele disse: "Deixou-vos a paz, a minha paz vos dou." Não podiam, porém, desfrutar dessa herança senão após a morte do Testador, mas depois, eis que Ele se levantou dos mortos para ser o Seu próprio administrador! Por isso, a primeira coisa que faz é entregar-lhes a possessão da herança, que Ele lhes tinha deixado: a Sua paz.

f. A Tomé (como Confirmador da fé).

Jo 20.26-29 — Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram, e creram.

V. A. — Lc 24.10,11.

Tomé era o discípulo incrédulo; apesar disso, pela graça, o Senhor ressurrecto dispôs-se a satisfazer o próprio Tomé. Aquele discípulo sabia muito bem que era a divindade de nosso Salvador que estava em jogo por ocasião de Sua morte, pelo que, ao ficar convencido de Sua ressurreição, prestou-Lhe imediatamente adoração que só a Deus se dá.

Quando Jesus morreu sobre a cruz, a fé dos discípulos aparentemente também expirou. Seu amor e devoção continuavam vivos, mas era amor por alguém que haviam perdido; sua devoção era à Sua memória, e se expressou em amoroso serviço a Seus restos mortais. José de Arimatéia e Nicodemos sepultaram, no sepulcro novo, não apenas o corpo de Jesus de Nazaré, mas também a crença de Seus seguidores, e a fé que depois manifestaram é uma poderosa evidência da realidade da ressurreição de Jesus. Não há outro modo de explicá-la. Como é que a sua fé conseguia sair do sepulcro, se não foi Jesus que a trouxe de lá? Não a poderiam ter furtado enquanto os soldados dormiam! Tal fé teria de ser obtida por evidência honesta, e foi o que obtiveram.

g. A João e a Pedro (como Interessado nas atividades diárias da vida).

Jo 21.5-7 — Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma cousa de comer? Responderam-lhe: Não. Então lhes disse: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Assim fizeram, e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes. Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor!

A ressurreição de Cristo no-lO devolve para as atividades ordinárias da vida, para os afazeres do ganha-pão. Ele ressuscitou a fim de ser nosso Companheiro diário nos deveres mais prosaicos de nossa experiência terrena.

h. A todo o grupo dos discípulos (como concretização de chefia e autoridade).

1 Co 15.4-7 — E que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos.

V. A. — Mt 28.18-20.

Na qualidade de Senhor ressurrecto, Ele toma Seu lugar na chefia da Igreja à qual deu vida, investido de toda a autoridade para liderá-la e controlá-la. Sua ressurreição fornece amplas provas de Sua autoridade — "A este Jesus, Deus ressuscitou."

(3) A transformação operada nos discípulos.

Jo 7.3-5 — Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos, e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas cousas, manifesta-te ao mundo. Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.

Comparar com

1 Co 15.7 — Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos.

Mc 14.69-70.

At 2.14,22,23.

V. A. — Gl 1.19; At 3.14.

"Por ocasião da crucificação de Cristo, encontramos todo o grupo apostólico dominado por um desespero total. Vemos Pedro, o líder do colégio apostólico, que nega, por três vezes, com juramentos e pragas, ao seu Senhor; poucos dias após, entretanto, vemos o mesmo homem, repleto de uma coragem que nada conseguia abalar. Vemo-lo apresentar-se perante o concílio que havia condenado Jesus à morte, e dizer-lhes: 'Tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós' (At 4.10). Mais tarde encontramos Pedro e os demais apóstolos respondendo à exigência de que calassem a boca a respeito de Jesus, com as palavras: 'Antes importa obedecer a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados. Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem' (At 5.29-32). Algo de tremendo há de ter ocorrido para produzir tão radical e espantosa transformação. Nada menos que o fato da ressurreição e o fato de terem visto o Senhor ressurrecto poderá explicá-lo." — Torrey.

(4) A mudança do dia de descanso e adoração.

At 20.7 — No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo que devia seguir de viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite.

1 Co 16.2 — No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for.

O Dr. Brooks, em seu livro "**Did Jesus Rise?**" (Jesus Ressuscitou?), diz: "Primeiramente, temos o dia do Senhor, que remonta, através de uma linha ininterrupta de testemunhas e escritores, até o período da crucificação, mas nem um só passo além desse ponto. Os pagãos não reconheciam esse dia, nem o reconhecem agora. Mas admite-se que todos os apóstolos e primeiros cristãos eram judeus. Como sucedeu, pois, que, sem precedente, sem mandamento, e até mesmo sem qualquer exemplo, em face de todas as suas associações, seus instrutores religiosos e hábitos estabelecidos, começaram a observar o primeiro dia da semana em lugar do sétimo, como ocasião especial de adoração pública e conjunta? Que assim fizeram não admite qualquer sombra de dúvida. Está plenamente comprovado pelo testemunho de escritores pagãos e cristãos. Plínio, em sua carta ao imperador Trajano, diz: 'Os cristãos afirmam que toda a sua culpa ou erro consiste no fato de que costumam reunir-se em determinado dia, e entoam hinos a Cristo como seu Deus, ligando-se entre si por um juramento de que não terão qualquer propósito perverso, nem nunca defraudarão a alguém, nem praticarão furto nem cometerão adultério; de que nunca quebrarão sua palavra, nem nunca se recusarão a devolver qualquer cousa que lhes tenha sido confiada; após o que é seu costume separaram-se e se reunirem novamente para participar de uma simples refeição'."

"O que se entende por 'determinado dia' é claramente demonstrado por Justino Mártir, que escreveu não muito depois como segue: 'No dia chamado domingo há a assembléia de todos os que vivem nas cidades ou nos distritos rurais, e as memórias dos apóstolos e os escritos dos apóstolos são lidos'. Entre outras razões dessa observância, explica ele ainda, havia o fato de que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dentre os mortos nesse dia. Enquanto isso, Barsadanes, um escritor herege do mesmo período, em sua carta ao imperador Marcos Aurélio Antônio, diz: 'Eis que onde quer que estejamos, todos nós somos chamados pelo nome do Messias, cristãos, e em certo dia, que é o primeiro da semana, nos reunimos em assembléia'. Dionísio, bispo de Corinto, Melito, bispo de Sardes, Irineu, bispo de Lião, e outros escritores, falam no mesmo teor, de que, na celebração semanal da ressurreição de Cristo, não há diversidade.

"O primeiro dia cristão perpetua, na dispensação da graça, o princípio de que um sétimo do tempo é especialmente sagrado, ainda que a todos os demais respeitos faça contraste com o sábado. Um é o sétimo dia, enquanto o outro é o primeiro. O sábado comemora o dia da criação efetuada por Deus, o primeiro dia da semana, a ressurreição de Cristo. No sétimo dia Deus descansou. No primeiro dia Cristo esteve incessantemente ativo. O sábado comemora uma criação acabada, o primeiro dia, uma redenção consumada. O sábado era dia de obrigação legal. O primeiro dia, de adoração e serviço voluntários. O sábado é mencionado no livro de Atos exclusivamente em conexão com os judeus, e, no restante do Novo Testamento, é mencionado apenas duas vezes. Nessas passagens, o sábado do sétimo dia é explicado como um dia não para ser observado pelos cristãos,

mas como tipo do presente descanso em que ele entra." — (Scofield, Reference Bible).

(5) Testemunho positivo dos primeiros discípulos.

Pedro, no dia de Pentecoste:

At 2.14,22-24 — Então se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras... Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.

Paulo, no Areópago:

At 17.31 — Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

O ceticismo apostólico foi o primeiro passo em direção à fé apostólica. Exigia prova antes de admitir a esperança. Esses homens eram realistas, sofisticados, não dados a excitações nervosas, perspicazes para descobrir qualquer fraude, expertos para rejeitar fábulas astuciosamente traçadas, ainda que essas coisas se referissem ao Mestre ardorosamente amado. Eles possuíam todo o nosso moderno anseio pela realidade. Não acreditariam enquanto as provas não estivessem na sua frente com toda a sua força avassaladora. Somente então é que seu ceticismo cedia lugar à fé.

Tal ceticismo vale a pena. Produziu uma fé clara, fixa, resoluta, revolucionária.

(6) O testemunho do próprio Cristo.

Ap 1.18 — Eu sou aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno.

D. D. — Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos, segundo as Escrituras, conforme atestado por muitas provas infalíveis.

3. Seus Resultados.

(1) O cumprimento da promessa de Deus aos pais.

At 13.32,33 — Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.

Pergunta: Qual foi a promessa feita aos pais, da qual a ressurreição de Cristo é o cumprimento?

Resposta:

At 3.25 — Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra.

Comparar Gn 22.18 — Na tua semente serão benditas todas as nações da terra: porquanto obedeceste à minha voz.

V. A. — Gn 26.4; 12.3; Gl 3.16; Gn 3.15.

Jesus Cristo ressurrecto é a semente na qual todas as nações haviam de ser abençoadas quando Ele as convertesse de sua iniqüidade. Além disso, a ressurreição é a substância da promessa feita aos pais.

At 26.6-8.

Comparar com At 23.6.

Jesus, o Ressuscitado, as primícias dos que dormem, é o cumprimento dessa promessa feita aos pais. Sua ressurreição, na realidade, é a garantia do cumprimento de todas as promessas de Deus.

Sua ressurreição declara-O Filho de Deus com poder, ficando assim declarado também que as promessas da Bíblia, todas elas endossadas por Ele (Lc 24.44) são a firme Palavra de Deus.

Revela também a capacidade de Deus para cumprir Sua Palavra, como também Seu grandioso poder para conosco. Aquele que cumpriu Sua palavra, ressuscitando os mortos, certamente pode cumprir todas as Suas promessas. Comparar Atos 13.38,39: "Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é crucificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés."

Se desejarmos saber que todas as promessas de Deus têm seu "sim" e seu "amém" na Pessoa de Cristo Jesus, teremos tão somente que olhar para esse maravilhoso cumprimento da palavra e da promessa de Deus, que já teve lugar — a ressurreição — e ver nesse cumprimento a garantia do cumprimento de tudo quanto Ele disse e prometeu.

(2) Confirma a Divindade de Jesus Cristo além de qualquer dúvida.

Rm 1.4 — E foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos.

V. A. — Lc 24.3; At 2.36.

"O título, 'Senhor Jesus' é muito pertinente e apropriado para Sua ressurreição, pois, ainda que esse glorioso nome Lhe fosse devido, desde Seu nascimento, con-

tudo, conforme se pode observar, nunca Lhe foi dado plena e completamente senão após Sua ressurreição. Antes foi chamado de Senhor, como também foi chamado de Jesus; porém, em todos os Evangelhos não encontramos esses nomes reunidos e formando um nome só, senão depois de Sua ressurreição. A primeira vez em que Ele é chamado de 'Senhor Jesus' é aqui em Lucas 24. Lemos que, após haver Ele ressuscitado, as mulheres não acharam o corpo do Senhor Jesus. Aqui teve início esse título; nunca antes ocorreu; mas desde então, aparece freqüentemente. Por meio de Sua ressurreição Ele foi poderosamente declarado Filho de Deus; e então passou a ser conhecido como Senhor e Cristo. Foi então que Lhe foi posta essa gloriosa coroa de louros na cabeça e Ele foi publicamente proclamado — Senhor Jesus Cristo." — Browning.

Diz Torrey: "Se Jesus ressuscitou dentre os mortos, então, além de qualquer sombra de dúvida, Ele é o Filho de Deus. Isso é exatamente o que Ele afirmava ser, e foi morto por causa dessa afirmação. Antes de Sua morte Ele dizia que Deus havia de pôr Seu selo à essa afirmativa ressuscitando-O dentre os mortos; e foi justamente isso que Deus fez. Ficou mais claramente demonstrado, pela ressurreição, que Jesus Cristo é o Filho de Deus, do que se Deus bradasse todas as noites, lá dos céus, afirmando que Jesus é Seu Filho. A fé na Divindade de Cristo não repousa sobre especulações teológicas ou filosóficas, mas sobre um fato consumado. Aquele que nega a Divindade de Cristo é anti-científico. Está fechando os olhos para os fatos e para sua evidente significação. Uma vez estabelecido que Jesus ressuscitou dentre os mortos, segue-se que o cristianismo está firmemente baseado num fundamento que é inabalável. E é verdade estabelecida que "de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos".

(3) É prova de justificação provisional dos crentes.

Rm 4.23-25 — E não somente por causa dele está isso escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação.

(4) Por meio da ressurreição de Cristo os crentes são regenerados para uma viva esperança.

1 Pe 1.3,4 — Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcessível, reservada nos céus para vós outros.

A ressurreição de Jesus Cristo é a verdade que, tornada viva em nossos corações pelo Espírito Santo, resulta no novo nascimento para uma viva esperança, para uma herança incorruptível e que não diminui em brilho. (Comparar Rm 10.9). Mediante nossa fé no Cristo ressurrecto, Cristo, "nossa esperança" (1 Tm 1.1) começa a viver em nós. A ressurreição de Cristo também forma o firme fundamento do fato sobre o qual edificamos nossa esperança para o futuro.

(5) Torna disponível para o crente o imutável sacerdócio de Cristo.

Hb 7.22,25 — Por isso mesmo Jesus se tem tornado fiador de superior aliança. Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.

V. A. — 1 Jo 2.1; Jo 11.42; Rm 8.34.

(6) Fornece uma ilustração da medida do poder de Deus, posto à disposição do crente.

Ef 1.19,20 — E qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais.

(7) Possibilita o crente tornar-se frutífero para Deus.

Rm 7.4 — Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, àquele que ressuscitou dentre os mortos, e deste modo frutifiquemos para Deus.

(8) É o penhor divino do julgamento futuro.

At 17.31 — Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

Jesus Cristo afirmou que Deus havia de julgar o mundo por Seu intermédio (Jo 5.22,27-29): "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento... E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do homem. Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo."

Ao levantar a Cristo de entre os mortos, Deus colocou Seu selo sobre essa afirmação de Jesus. Se os homens perguntarem como é que se sabe que haverá um dia de julgamento, quando Cristo julgará o mundo com justiça, poderá responder-se: "porque Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos". O fato indiscutível da ressurreição de Cristo, no passado, aponta, sem equívoco algum, para o dia certo do julgamento, no futuro. A crença em um dia de juízo não é hipótese criada por teólogos, mas é um fato positivo e uma fé baseada em fatos comprovados.

(9) Fornece-nos uma base inexpugnável para a certeza de nossa própria ressurreição futura.

2 Co 4.14 — Sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco.

V. A. — 1 Ts 4.14.

"Assim como as primeiras espigas, plantadas nas faldas montanhosas da Palestina, eram imediatamente levadas ao templo, e eram movidas na presença do Senhor,

como penhor de que cada espiga que crescia na Palestina seria ceifada e colhida em segurança; semelhantemente, a ressurreição de Cristo foi uma demonstração de que Seu povo ressuscitará... Tão certamente como o sepulcro de Cristo se tornou um sepulcro vazio, com a mesma certeza os sepulcros de Seu povo tornar-se-ão vazios também; tão certamente como Ele se levantou de entre os mortos, e entoou um jubileu de vida e imortalidade, com a mesma certeza todo o Seu povo sairá da sepultura. Quão maravilhosamente o profeta Isaías expressou o fato! 'Despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho das plantas, e a terra dará à luz os seus mortos'." — Beaumont.

D. D. — Os resultados da ressurreição de Jesus Cristo são muitos e de grande alcance, constituindo uma parte essencial da fé e da salvação dos crentes.

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina de Jesus Cristo

1. Em geral, por que é importante o estudo a respeito da Pessoa de Cristo? De que maneira o registro bíblico revela essa importância?

2. Dê seis objeções que são levantadas contra o Nascimento Virginal de Cristo, e refute cada uma delas.

3. Declare, em poucas palavras, cinco argumentos em favor do Nascimento Virginal, e mostre como cada um deles o apóia.

4. Faça a distinção entre as genealogias de Mateus e Lucas, e apresente provas que demonstrem que Jesus era o herdeiro legal do trono de Davi.

5. Dê a D. D. que mostra o crescimento e o desenvolvimento naturais de Jesus como provas de Sua humanidade.

6. Cite uma passagem das Escrituras que prove a humanidade de Cristo por meio de Sua aparição como homem.

7. Diga quais os três elementos da natureza física humana de Cristo e cite uma passagem para um deles.

8. Descreva a relação que as duas naturezas de Cristo mantêm entre si e com Sua Pessoa.

9. Defina com poucas palavras as falsas teorias concernentes às duas naturezas de Cristo.

10. Descreva as limitações humanas de Jesus Cristo, sob as seguintes divisões: físicas, intelectuais, morais e espirituais.

11. Apresente a essência dos argumentos que mostram que Jesus Cristo não poderia ter cometido pecado.

12. Dê os nomes humanos aplicados a Cristo, e que comprovam a Sua humanidade.

13. Cite uma passagem que demonstre a relação humana que Cristo mantinha para com Deus.

14. Discuta a observação sobre o auto-esvaziamento de Cristo e mostre o que foi envolvido nisso.

15. Em que consiste a subordinação da Pessoa do Filho à Pessoa do Pai? Como é demonstrado isso nas Escrituras?

16. Cite os nomes divinos que são aplicados a Cristo nas Escrituras e que provam Sua divindade.

17. Apresente a quádrupla prova da Divindade de Cristo, conforme demonstrado pela adoração que Lhe era prestada, e cite uma passagem para cada uma delas.

18. Mencione os ofícios que pertencem exclusivamente a Deus e que também são atribuídos a Jesus Cristo.

19. Cite duas ilustrações nas quais o cumprimento neo-testamentário, em Cristo, de declarações do Antigo Testamento a respeito de Jeová, provam Sua divindade, e cite duas passagens para cada uma delas.

20. Cite uma passagem em que o nome de Jesus Cristo é associado ao de Deus Pai de tal modo que prova Sua Divindade.

21. Dê os significados negativos e positivo da santidade de Cristo.

22. Dê os nomes daqueles por quem a Santidade de Cristo foi atestada, e cite uma passagem para cada um deles.

23. Dê seis aspectos da manifestação da Santidade de Cristo, citando uma passagem das Escrituras referente a um deles, e dando a D. D.

24. Defina o amor de Cristo.

25. Apresente os objetos do amor de Cristo e cite uma passagem relativa a um deles.

26. Apresente a tríplice manifestação do amor de Cristo ao Pai e sua sétupla manifestação para com o homem. Cite uma passagem para cada grupo.

27. Defina a mansidão de Jesus Cristo.

28. Cite uma passagem que estabeleça o fato da mansidão de Cristo, e apresente a D. D.

29. Apresente a sétupla manifestação da mansidão de Cristo e cite uma passagem para um aspecto.

30. Defina a humildade de Jesus Cristo.

31. Dê a quíntupla manifestação da humildade de Jesus Cristo e apresente a D. D.

32. Como pode ser chamado o cristianismo em relação às outras religiões do mundo, e que lugar o cristianismo dá à morte de Cristo?

33. Dê, no seu aspecto geral, a tríplice importância da morte de Cristo e demonstre, em particular, como essa importância é salientada pela proeminência dada ao assunto nas Escrituras.

34. Apresente a quádrupla necessidade da morte de Cristo e cite uma passagem relativa a cada aspecto da mesma.

35. Apresente as cinco teorias falsas sustentadas a respeito da natureza da morte de Cristo, e refute cada uma.

36. Dê os oito aspectos da natureza da morte de Cristo, positivamente considerada.

37. Apresente o quádruplo escopo da morte de Cristo, com a D. D.

38. Dê os resultados da morte de Cristo em relação ao seguinte: homens em geral, crentes, Satanás e os poderes das trevas, o universo material; e cite uma passagem sob cada divisão.

39. Mostre, pela nota introdutória, que a ressurreição de Jesus Cristo tem uma dupla necessidade.

40. Cite uma passagem provando o fato da ressurreição de Cristo.

41. Cite e discorra sobre as provas da ressurreição de Jesus Cristo.

42. Dê os resultados da ressurreição de Jesus Cristo e cite uma passagem para cada um de três deles.

43. Qual foi a promessa feita aos pais e da qual a ressurreição de Cristo é o cumprimento?

CAPÍTULO QUATRO

O ESPÍRITO SANTO

(PNEUMATOLOGIA)

Muito erro e confusão existem em nossos dias no tocante à personalidade, às operações e às manifestações do Espírito Santo. Eruditos conscientes mas equivocados têm sustentado pontos de vista errôneos a respeito dessa doutrina. É vital para a fé de todo crente cristão, que o ensino bíblico a respeito do Espírito Santo seja visto em sua verdadeira luz e mantido em suas corretas proporções.

Buscando obter uma visão panorâmica da Pessoa e obra do Espírito Santo, talvez tenhamos maior êxito dividindo os fatos a Seu respeito em dois períodos: pre-pentecostal e pós-pentecostal.

1. Pre-Pentecostal.

O Espírito Santo pre-existia como a Terceira Pessoa da Divindade, e nessa qualidade esteve sempre ativo, mas o período que antecedeu ao dia de Pentecoste não foi a época de Sua atividade especial. O período do Antigo Testamento foi de preparação e espera. As verdades conhecidas eram verdades simples e dadas por meio de lições objetivas. Só havia e só podia haver bem pouco contacto pessoal entre o homem e Deus. Ocasionalmente, um patriarca ou profeta falava face a face com Ele mas, mesmo então, nem sempre compreendiam os assuntos que eram tratados.

Naturalmente que o Espírito esteve ativo durante aquele período; porém, o número de vezes que Ele é mencionado no Antigo Testamento, em contraste com o número de vezes que é mencionado no Novo Testamento, mostra-nos a notável diferença existente em Suas ministrações no Antigo e no Novo Testamentos. Ele é referido por oitenta e oito vezes no Antigo Testamento, e mais de metade desse número de vezes somente no livro de Atos, enquanto que em todo o Novo Testamento Ele é mencionado mais de três vezes para cada referência que Lhe é feita no Antigo.

Durante esse período pre-pentecostal, o Espírito descia sobre os homens apenas temporariamente, a fim de inspirá-los para algum serviço especial, e deixava-os quando essa tarefa ficava terminada. Ele não permanecia geralmente com os homens, nem neles habitava.

2. Pós-Pentecostal.

Este período, que se estende do dia de Pentecoste até os nossos dias, pode legitimamente ser chamado de dispensação do Espírito. Assim como no Antigo Testamento Deus aparecia aos homens, e durante a vida terrena de Cristo habitou entre os homens, semelhantemente, após o dia de Pentecoste, por meio do Espírito Santo, Deus veio para habitar nos homens. Ele vem para permanecer.

"Em um sentido muito real, o Espírito Santo está encarnado na Igreja, assim como Cristo estava encarnado no corpo humano de Jesus de Nazaré. Naturalmente que isso não pode ser levado a um ponto extremo. Há, aliás, um ponto de nítida diferença. No caso de Jesus, havia Divindade unida a uma humanidade não caída. Mas a união do Espírito Santo com a Igreja é a presença de Deus na humanidade caída." — O'Rear.

O dia de Pentecoste marcou o raiar de um novo dia nas relações entre o Espírito Santo e a humanidade. Ele veio para habitar na Igreja. Todo o trabalho eficaz que a Igreja tem feito tem sido realizado no poder do Espírito. A incredulidade, a dúvida e a crítica podem atacá-la, mas não podem derrotá-la. A Igreja, o verdadeiro corpo de Cristo, habitado pelo Santo Espírito de Deus, é tão indestrutível como o Trono de Deus.

A. A Natureza do Espírito Santo.

I. *A Personalidade do Espírito Santo.*

1. Seu Significado.

Por personalidade do Espríito Santo queremos dizer que Ele possui ou contém em Si mesmo os elementos de existência pessoal, em contraste com a existência impessoal ou vida animal.

É difícil definir Personalidade quando é atributo de Deus. Deus não pode ser aquilatado pelos padrões humanos. Deus não foi feito à imagem do homem, mas o homem é que foi feito à imagem de Deus. Deus não é um homem endeusado; antes, o homem é que é uma espécie de deus limitado. Sl 8.5: "Fizeste-o no entanto, por um pouco, menor do que Deus." Somente Deus possui personalidade perfeita.

Pode-se dizer que a personalidade existe quando se encontram, em uma única combinação, inteligência, emoção e volição, ou ainda, auto-consciência e auto-determinação.

Quando um ser possui os atributos, propriedades e qualidades de personalidade, então se pode atribuir a esse ser, inquestionavelmente, personalidade.

Conforme sugerido no estudo sobre a doutrina da Trindade, o termo Pessoa, quando aplicado aos membros da Trindade, deve ser empregado em sentido qualificado ou limitado, referindo-se à distinções pessoais, e não a organismos separados, conforme usamos o termo a respeito do homem.

2. Sua Prova.

(1) A neecssidade de prova.

É questão de registro histórico que a personalidade do Espírito Santo tem sido disputada e negada. Apesar de que as Escrituras não fornecem nenhuma base para tais disputas ou negações, há certas explicações possíveis que esclarecem como surgirem esses erros de interpretação. Podem ter surgido:

a. Porque, em contraste com as outras Pessoas da Divindade, o Espírito parece impessoal.

"Várias manifestações de Deus Pai tornam relativamente fácil conceber Sua Paternidade em termos de personalidade; a Encarnação torna quase, se não inteiramente, impossível desacreditar na personalidade de Jesus Cristo; porém, as ações e operações do Espírito Santo são de tal forma secretas e místicas, tanta cousa se diz de Sua influência, graça, poder e dons, que ficamos inclinados a pensar nEle como se fosse uma influência, um poder, uma manifestação ou emanação da natureza divina, e não como uma Pessoa." — Evans.

b. Por causa dos nomes e símbolos usados a respeito do Espírito Santo, que sugerem o que é impessoal, tais como: fôlego, vento, poder, fogo, azeite e água. Vejam-se como ilustrações:

Jo 3.5-8 — Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.

At 2.1-4 — Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

V. A. — Jo 20.22; 1 Jo 2.20; Ef 5.18; 1 Ts 5.19; Jo 7.38,39.

c. Porque nem sempre o Espírito Santo é associado ao Pai e ao Filho nas saudações do Novo Testamento. Ver, como ilustração:

1 Ts 3.11 — Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, com Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós.

d. Porque a palavra ou nome "Espírito" é neutra no grego (pneuma).

(2) Prova da personalidade do Espírito Santo.

a. Pronomes pessoais masculinos são aplicados ao Espírito Santo.

Jo 15.26 — Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.

Jo 16.7,8,13,14 — Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo... Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.

Apelamos para a gramática a fim de estabelecer a personalidade do Espírito Santo, visto que o uso de pronomes neutros, em certos idiomas, tem sido um dos grandes responsáveis pela idéia da impersonalidade do Espírito Santo, tão comum em nossos dias.

O vocábulo grego para Espírito é "pneuma", substantivo do gênero neutro. O que é notável é que, em conexão com **pneuma**, são usados pronomes pessoais masculinos, exceto quando a construção exige o neutro (**Rm 8.16**), ficando assim demonstrada a idéia bíblica da personalidade do Espírito Santo, que chega a dominar a construção gramatical.

Cristo, o porta-voz de Deus supremamente autorizado, derrama no depósito de verdade do Novo Testamento, os pronomes pessoais, muitas vezes repetidos, referindo-se ao Espírito Santo, o que demonstra, além de qualquer dúvida, que Ele reconhecia a natureza pessoal do Espírito Santo.

Há ainda um testemunho gramatical que precisa ser mencionado: é o uso do substantivo masculino "parakletos", empregado por Cristo ao referir-se ao Espírito (**Jo** 14.16,17). O próprio Jesus era Consolador dos discípulos (**1 Jo** 2.2) e consolou-os, diante do fato de estar prestes a deixá-los, prometendo-lhes outro Consolador (**parakletos**). Tudo que Jesus era para os discípulos, o outro Consolador havia de ser, e mais ainda (devido às limitações humanas de Jesus) — uma Pessoa que viria substituir outra Pessoa.

b. **Associações do Espírito Santo com as outras Pessoas da Divindade e com os homens.**

Mt 28.19 — Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

At 15.28 — Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas cousas essenciais.

V. A. — 2 Co 13.14.

Tais associações, que são pessoais, só podem ser entendidas em termos de personalidade.

c. **Características pessoais atribuídas ao Espírito Santo.**

Por característica não nos referimos a mãos, pés ou olhos, pois essas coisas denotam corporeidade, mas, antes, qualidade, como conhecimento, sentimento e vontade, que indicam personalidade.

(a) Inteligência.

1 Co 2.10,11 — Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as cousas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.

Rm 8.27 — E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.

O Espírito Santo não é mero poder ou influência iluminadora, e, sim, uma Pessoa dotada de intelecto, que conhece as profundezas de Deus e no-las revela.

(b) Vontade.

1 Co 12.11 — Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.

Ora, aquilo que é impessoal não possui volição.

(c) Amor.

Rm 15.30 — Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor.

"Devemos nossa salvação tão verdadeiramente ao amor do Espírito como ao amor do Pai e ao amor do Filho." — Torrey.

(d) Bondade.

Ne 9.20 — E lhes concedeste o teu bom Espírito, para os ensinar; não lhes negaste para a boca o teu maná; e água lhes deste na sua sede.

(e) Tristeza.

Ef 4.30 — E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.

Ninguém pode entristecer a lei da gravidade, ou fazer com que se lamente o vento oriental. Portanto, a não ser que o Espírito Santo seja uma Pessoa, a exortação de Paulo, aqui, seria sem significado e supérflua.

d. Atos pessoais atribuídos ao Espírito Santo.

Através das Escrituras o Espírito Santo é representado como um agente pessoal, a realizar atos que só podem ser atribuídos a uma pessoa.

(a) Ele perscruta as profundezas de Deus.

1 Co 2.10 — Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.

(b) Ele fala.

Ap 2.7 — Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.

As Escrituras também mostram o Espírito a clamar (Gl 4.6) e a dar testemunho (Jo 15.26).

(c) Ele intercede.

Rm 8.26 — Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis.

(d) Ele ensina.

Jo 14.26 — Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.

V. A. — Jo 16.12-14; Ne 9.20.

(e) Ele guia e conduz.

Rm 8.14 — Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.
V. A. — Atos 16.6,7.

(f) Ele chama homens e os comissiona.

At 13.2 — E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.

At 20.28 — Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.

e. **O Espírito Santo merece tratamento pessoal.**

(a) Podemos rebelar-nos contra Ele e entristecê-lO.

Is 63.10 — Mas eles foram rebeldes, e contristaram o seu Espírito Santo pelo que se lhes tornou em inimigo, e ele mesmo pelejou contra eles.

V. A. — Ef 4.30.

(b) Pode-se mentir para Ele.

At 5.3 — Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?

(c) Pode-se blasfemar contra Ele.

Mt 12.31,32 — Por isso vos declaro: Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á isso perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.

Diz Webster que blasfemar significa "falar do Ser Supremo em termos de ímpia irreverência; ultrajar ou falar repreensivamente de Deus, de Cristo ou do Espírito Santo". E blasfemar desse modo seria impossível se o objeto da irreverência não fosse pessoal.

D. D. — Mediante o uso de pronomes pessoais, mediante as associações pessoais, mediante as características pessoais possuídas, as ações pessoais realizadas e o tratamento recebido, as Escrituras provam que o Espírito Santo é uma pessoa.

Teoricamente, podemos crer nisso. Mas, em nosso pensamento íntimo a Seu respeito, e em nossa atitude prática para com Ele, tratamo-lo realmente como pessoa? Consideramo-lO, de fato, pessoa tão real como Jesus Cristo — tão amoroso, sábio e poderoso, tão digno de nossa confiança, amor e submissão como Jesus Cristo? O Espírito Santo veio, aos discípulos e a nós, para ser aquilo que Jesus Cristo foi para aqueles durante os dias de Seu contacto pessoal com eles (Jo 14.16,17).

"Conhecemos 'a comunhão do Espírito Santo' (2 Co 13.13)?" — Torrey.

3. Sua importância, conforme demonstrada:

(1) Em conexão com a adoração.

Se o Espírito Santo é uma Pessoa Divina, e no entanto é desconhecida ou ignorada como tal, está sendo privado do amor e da adoração que Lhe são devidos. Se, por outro lado, entretanto, Ele é apenas uma influência, uma força ou um poder que emana de Deus, estaríamos praticando idolatria ou falsa adoração.

(2) Do ponto de vista do trabalho.

É necessário decidirmos se o Espírito Santo é um poder ou força que nos compete obter e usar, ou se Ele é uma Pessoa da Divindade, que tem o direito de controlar-nos e usar-nos. O primeiro conceito leva à auto-exaltação e à altivez, mas o outro nos conduz à auto-humilhação e à auto-renúncia.

(3) Por motivo de Sua relação com a experiência cristã.

É do mais alto valor experimental sabermos se o Espírito Santo é mera influência ou força impessoal, ou se é nosso Amigo e Ajudador sempre presente, nosso divino Companheiro e Guia.

II. *A Divindade do Espírito Santo*

As Escrituras ensinam enfaticamente a Divindade do Espírito Santo. Não obstante, têm existido aqueles que negaram essa verdade. Ário, um presbítero de Ale-

xadria, do quarto século de nossa era, introduziu o ensino, sustentando que Deus é Uma Eterna Pessoa, que Ele criou Cristo, o Qual por Sua vez criou o Espírito Santo, negando assim Sua Divindade. Esse ensino obteve grande aceitação na igreja de então, mas foi corrigido pelo Credo Niceno, de 325 D. C.

1. Seu Significado.

Por divindade do Espírito Santo se entende que Ele é Um com Deus, fazendo parte da Divindade, sendo co-igual, co-eterno e consubstancial com o Pai e com o Filho.

2. Sua Prova.

As Escrituras ainda deixam mais clara a verdade da Divindade do Espírito Santo do que a Sua Personalidade. São abundantes as provas bíblicas.

(1) Nomes divinos são-Lhe atribuídos.

a. Ele é chamado "Deus".

At 5.3,4 — Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus.

b. Ele é chamado "Senhor".

2 Co 3.18 — E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

O Espírito Santo é claramente identificado com Deus nas passagens acima, de modo tal que comprova inequivocamente a Sua Divindade.

(2) São-Lhe referidos atributos divinos.

Os atributos que pertencem exclusivamente a Deus, são livremente referidos ao Espírito Santo:

a. Eternidade.

Hb 9.14 — Muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!

b. Onipresença.

Sl 139.7-10 — Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho

nos confins dos mares: ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá.

c. **Onipotência.**

Lc 1.35 — Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.

d. **Onisciência.**

1 Co 2.10,11 — Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as cousas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as cousas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.

V. A. — Jo 14.26; 16.12,13.

(3) Obras divinas são por Ele realizadas.

a. **Criação.**

Jó 33.4 — O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida.
V. A. — Sl 104.30.

b. **Transmissão de vida.**

Rm 8.11 — Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita.

V. A. — Jo 6.63; Gn 2.7.

V. T. — Jo 3.5-8; Tt 3.5; Tg 1.18.

O Espírito Santo é o Autor, tanto da vida física como da vida espiritual.

c. **Autoria da profecia divina.**

2 Pe 1.21 — Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo.

V. A. — 2 Sm 23.2,3.

(4) Aplicação de afirmações do Antigo Testamento, referentes a Jeová, que no Novo Testamento são atribuídas ao Espírito Santo.

Is 6.8-10 — Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvi, ouvi, e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos,

e fecha-lhes os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos, e a entender com o coração, e se converta e seja salvo.

Comparar com At 28.25-27 — E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse: Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido ouvireis, e não entendereis; vendo vereis, e não percebereis. porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados.

V. A. — Êx 16.7; comparar com Hb 3.7-10.

"Os profetas eram os mensageiros de Deus; eles proferiam as palavras do Senhor, transmitiam Seus mandamentos, pronunciavam Suas ameaças e anunciavam Suas promessas, visto que falavam conforme eram movidos pelo Espírito Santo. Serviam de órgãos de Deus porque eram os órgãos do Espírito. Por conseguinte, o Espírito há de ser Deus." — Hodge.

(5) Associação do nome do Espírito Santo aparece com os nomes do Pai e de Cristo.

a. Na comissão apostólica.

Mt 28.19 — Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

b. Na administração da Igreja.

1 Co 12.4-6 — Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.

c. Na bênção apostólica.

2 Co 13.13 — A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

D. D. — De muitos modos inequívocos, Deus, em Sua palavra, proclama distintamente que o Espírito Santo não é apenas uma pessoa, mas é uma Pessoa Divina.

B Os Nomes do Espírito Santo.

Muitos nomes são dados ao Espírito Santo, nas Santas Escrituras, que revelam para nós diversos aspectos de Sua Pessoa e obra. O número bastante grande desses títulos parece exigir um estudo especial.

1 *Nomes do Espírito Santo que descrevem Sua Própria Pessoa.*

1. O Espírito.

I Co 2.10 — Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as cousas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.

O termo grego "pneuma", aplicado ao Santo Espírito, envolve tanto o pensamento de "fôlego" como o de "vento".

(1) Como "fôlego".

Jo 20.22 — E, havendo dito isto, soprou sobre eles, e disse-lhes: RECEBEI o ESPÍRITO SANTO.

Gn 2.7 — Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente.

V. A. — Sl 104.30; Jó 33.4.

V. T. — Ez 37.1-10.

O Espírito é o hálito de Deus — a vida de Deus que dEle sai para vivificar.

(2) Como "vento".

Jo 3.6-8 — O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.

V. A. — At 2.1-4.

2. Espírito Santo

Lc 11.13 — Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

V. A. — Rm 1.4.

O caráter moral essencial do Espírito é salientado nesse nome. Ele é Santo em pessoa e caráter, e também é o Autor direto da santidade do homem.

A razão de o Espírito ser chamado de santo com mais freqüência que as demais Pessoas da Trindade, não é porque Ele seja mais santo que as outras duas, pois a santidade infinita não admite graus. Ele é assim oficialmente designado porque Sua obra é santificar.

3. Espírito Eterno.

Hb 9.14 — Muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!

Assim como a eternidade é atributo ou característica da natureza de Deus, semelhantemente a eternidade pode ser e é atribuída ao Espírito Santo como uma das distinções pessoais no Ser de Deus.

II. *Nomes do Espírito Santo que demonstram Sua relação com Deus.*

1 O Espírito de Deus.

1 Co 3.16 — Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

Esse nome retrata o Espírito Santo como Alguém que procede da parte de Deus. Ele é enviado pelo Pai e pelo Filho. Ele é o poder e a energia pessoais da Divindade.

2. O Espírito de Jeová.

Is 11.2 — Repousará sobre ele o Espírito do Senhor (Jeová), o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor (Jeová).

Esse nome se refere ao Espírito Santo como Aquele por meio de Quem os profetas falavam.

3. O Espírito do Senhor Jeová.

Is 61.1 — O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados.

Esse título mostra o Espírito Santo como o Agente por intermédio de Quem é exercida a soberania de Deus.

4 O Espírito do Deus vivo.

2 Co 3.3 — Estando já manifesto como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.

O Espírito é aqui apresentado como Alguém que escreve ou traça a imagem de Cristo sobre "as tábuas de carne, dos corações", e por meio de Quem o crente se torna uma epístola viva.

D. D. — Há nomes, dados ao Espírito Santo, que demonstram Sua identidade com a Divindade, salientando Sua natureza, Sua autoridade e Seu poder divino.

III. *Nomes do Espírito Santo que demonstram Sua relação com o Filho de Deus.*

1. O Espírito de Cristo.

Rm 8.9 — Vós porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo esse tal não é dele.

V. A. — At 2.36.

Esse nome mostra a relação do Espírito para com o Messias, o Ungido de Deus. O próprio Espírito é tanto a unção como Aquele que unge.

2. O Espírito de Seu Filho.

Gl 4.6 — E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.

O Espírito de Seu Filho produz, no coração do crente, o Espírito filial, dando-lhe a certeza que é um dos filhos de Deus.

3. O Espírito de Jesus.

At 16.6,7 — E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu.

V. A. — Mt 28.19; comparar com At 1.1,2.
Este nome meramente salienta a relação do Espírito para com o homem Jesus.

4. O Espírito de Jesus Cristo.

Fp 1.19 — Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação.

Comparar com

At 2.32,33 — A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.

V. A. — Is 11.2; comparar com Hb 1.9.

Esse nome identifica o Messias divino com o homem Jesus, e mostra a relação que o Espírito Santo sustenta com Ele, conforme aqui identificado.

D. D. — São dados nomes ao Espírito Santo que revelam Sua relação com o Filho de Deus em Seu estado pre-existente, durante Sua vida terrena, e após Sua ressurreição.

IV. *Nomes do Espírito Santo que demonstram Sua relação com os homens.*

1. Espírito Purificador.

Is 4.4 — Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o Espírito de justiça e com o Espírito purificador.

Comparar com

Mt 3.11c — Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

Esse nome representa o Espírito Santo como Aquele que perscruta, ilumina, refina e purifica da escória.

2. O Santo Espírito da Promessa.

Ef 1.13 — Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho, da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa.

Comparar com

At 1.4,5 — E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes.

At 2.33 — Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.

Este nome se refere ao Espírito Santo como o cumprimento da promessa do Pai feita ao Filho. O Espírito também proporciona ao crente a certeza de que as promessas que Deus Lhe tem feito são garantidas.

3. O Espírito da Verdade.

Jo 15.26 — Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.

V. A. — Jo 14.17; 16.13.

V. T. — 1 Jo 4.6; 5.6.

Assim como Deus é Amor, o Espírito Santo é Verdade. Ele possui, revela, proporciona, introduz, testifica e defende a Verdade. Nesse sentido Ele se opõe ao "espírito do erro" (1 Jo 4.6).

4 O Espírito da Vida.

Rm 8.2 — Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.

Ele não é apenas o Espírito vivo, mas também é o Espírito que transmite a vida.

5. O Espírito da Graça.

Hb 10.29 — De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?

É por meio do Espírito que nos tornamos conhecedores da graça de Deus. Na qualidade de Pessoa da Divindade que leva a término qualquer ato iniciado por Deus, o Espírito Santo leva avante a obra da graça iniciada na vida do crente.

6. O Espírito da Glória.

1 Pe 4.13,14 — Pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.

V. A. — Ef 3.16-19; comparar com Rm 8.16,17.

O Espírito Santo não somente é uma Pessoa gloriosa, mas, igualmente, é o Revelador das riquezas da glória de Deus para nós outros.

7. O Consolador.

Jo 14.26 — Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.

V. A. — Jo 15.26.

V. T. — Jo 16.7.

O mesmo vocábulo grego aqui traduzido por "Consolador" é traduzido por "Advogado", ao referir-se a Cristo, em **1 Jo** 2.2. Significa "chamado para o lado de" ou, ainda, "quem aparece em defesa de", como faz um advogado em tribunal humano. Mas também está envolvido o pensamento de "Fortalecedor", isto é, alguém que dá vigor e torna forte. Portanto, é exibida uma relação extremamente pessoal nesse nome. Em linguagem comum, poder-se-ia interpretar assim: "um que fica ao nosso lado a fim de ajudar".

D. D. — Certos nomes são dados ao Espírito Santo que O descrevem em Sua relação com os homens, quer real quer potencialmente.

C. A Obra do Espírito Santo.

Ao considerarmos a obra do Espírito Santo, precisamos lembrar a verdade que todas as Pessoas da Trindade são ativas na obra de cada Pessoa individual. Alguns nos dizem que Deus Pai operou na Criação, que Deus Filho operou na Redenção e que Deus Espírito Santo opera na Salvação. Mas isso não é verdade, pois em cada manifestação das obras de Deus, a Trindade total se mostra ativa; o Pai é o

Autor, o Filho é o Executor e o Espírito é o Ativador de cada ato. Por conseguinte, o Espírito Santo é Aquele que ativa e leva a término os atos iniciados.

I. *Em Relação ao Universo Material.*

1. No tocante à sua Criação.

Sl 33.6 — Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles.

Jó 33.4 — O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida.

2. No tocante à sua Restauração e Preservação.

Gn 1.2 — A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz.

Sl 104.29,30 — Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra.

V. A. — Is 40.7.

A presente ordem de desenvolvimento, na natureza e no homem, a partir de um estado caótico e sub-desenvolvido, e sua manutenção, é efetuada através da agência do Espírito Santo.

D. D. — O Espírito Santo é visto como Agente Ativo da criação e da preservação do universo material.

II. *Em Relação aos Homens Não-Regenerados.*

A obra principal do Espírito Santo, em relação aos perdidos, é a da convicção. Deve-se fazer a distinção entre a convicção da consciência e a convicção do Espírito Santo. A consciência convence do erro praticado — o Espírito convence do erro no próprio ser. A consciência pode ser assemelhada a um tribunal — juiz, júri e testemunhas — todos a tratar do erro praticado, do que não há meio de escapar. O Espírito Santo convence ao mesmo tempo que faz surgir um raio de luz, revelando uma solução e um meio de escape. Algumas vezes essa convicção é chamada de "convicção evangélica".

1. O Espírito luta com eles.

Gn 6.3 — Então disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.

O Espírito luta com os homens, procurando refreá-los para que não prossigam em um caminho de insubordinação e impiedade.

Essa luta é travada por meio de instrumentalidades humanas, tais como Enoque, Noé e todos os crentes. Disse Jesus: "Vós sois o sal da terra." A função da luz é de refrear ou segurar as trevas, e a função do sal é preservar da corrupção. Assim também o Espírito Santo, por meio da Igreja e dos crentes individuais, mediante influência, exemplo e testemunho, luta com os homens contra carreiras de pecado e iniqüidade.

2. Ele testifica-lhes.

Jo 15.26 — Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.

V. A. — At 5.30-32.

O Espírito testifica aos não-salvos por meio da verdade concernente a Jesus Cristo.

3. Ele convence-os.

Jo 16.8-11 — Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: Do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Neste passo, vemos que o Espírito convence ou reprova o mundo do pecado, justiça e julgamento.

Ele convence, não primariamente do pecado de quebra da lei, mas do pecado de incredulidade: "do pecado, porque não crêem em mim". At 2.36,37. Visto que todo pecado tem sua raiz na incredulidade, a forma mais grave de incredulidade é a rejeição de Cristo. O Espírito Santo, entretanto, ao apegar essa verdade à consciência, longe de extinguir, pelo contrário consuma e intensifica o senso de todos os outros pecados.

Ele convence o mundo da justiça pessoal de Cristo, o que envolve a veracidade de Suas declarações a Seu próprio respeito, conforme foi atestado pelo fato de ter ido para o Pai (At 2.33). Essa justiça é um cumprimento e manifestação de todas as outras justiças. Essa convicção produz a auto-condenação.

Ele também convence da justiça providenciada, que Cristo recebeu a fim de concedê-la a todos quantos viessem a confiar nEle.

Ele convence o mundo de juízo, o que é atestado pelo fato de ser obra já consumada do julgamento de Satanás. Nesse, todos os demais juízos foram decididos e baseados. O julgamento de Satanás foi assegurado na cruz, quando, potencialmente, lhe foi tirado o poder. Isso, juntamente com o julgamento daqueles que preferem permanecer aliados de Satanás, será consumado no grande dia.

Nessa tríplice obra, o Espírito Santo glorifica a Cristo. Ele mostra-nos que é pecado não confiar em Cristo, revela-nos a justiça de Cristo e a obra vitoriosa de

Cristo em relação a Satanás. Nossa tarefa consiste tão somente em pregar a palavra da verdade, dependendo do Espírito Santo para produzir convicção. (At 2.4,37).

D. D. — O Espírito Santo, mediante o uso da verdade, luta com os homens e leva-os à convicção.

III. *Em Relação aos Crentes.*

1. **Ele regenera.**

Jo 3.3-6 — A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito.

V. A. — Tt 3.5; Jo 6.63; 1 Pe 1.23; Ef 5.25,26.

V. T. — 1 Co 2.4; comparar com 1 Co 3.6.

Assim como Jesus foi gerado pelo Espírito Santo, semelhantemente todo homem, para que se torne filho de Deus, precisa ser gerado pelo Espírito de Deus.

Jesus Cristo, em Sua ressurreição e ascensão, assumiu Sua plena prerrogativa de Doador da Vida para Seu corpo místico, a Igreja. O novo nascimento ou ato regenerador, portanto, é a concessão da natureza divina ao homem (2 Pe 1.4) e não uma alteração em sua natureza; e o Espírito Santo é o agente da transmissão dessa nova natureza.

2. **Ele Batiza no Corpo de Cristo.**

Jo 1.32-34 — E João testemunhou dizendo: Vi o Espírito descer como pomba e pousar sobre ele. Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água, me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. Pois eu de fato vi, e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.

1 Co 12.12,13 — Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

V. A. — At 1.5.

O batismo do Espírito Santo é aquele ato que tem lugar por ocasião da conversão, mediante o qual a pessoa se torna membro do corpo de Cristo. Essa obra tem sido realizada na vida de cada crente, embora nem sempre seja reconhecida.

O batismo do Espírito Santo não é algo a ser conquistado pelo crente após a regeneração; antes, já foi obtido para ele por ocasião da regeneração. O batismo do Espírito teve início no dia de Pentecoste, mas se estende através dos séculos e prosseguirá até que o último membro tenha sido acrescentado à Igreja. "Em um só Espírito", escreve o apóstolo Paulo, "todos nós fomos batizados em um corpo".

3. Ele Habita no Crente.

1 Co 6.15-19 — Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne. Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele. Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?

V. A. — 1 Co 3.16; Rm 8.9.

O Espírito Santo vem habitar ou fixar residência na vida do crente, por ocasião da regeneração, e ali permanece, seja qual for o grau de imperfeição ou imaturidade desse crente. A habitação do Espírito é uma fase posterior da obra da regeneração. Assim Ele possibilita o crescimento da nova vida iniciada. Precisamos perceber e reconhecer Sua presença permanente no templo de nossos corpos. Esse reconhecimento deve torná-los sagrados e levar-nos a conservá-los imaculados, livres do pecado. O reconhecimento da Sua presença é igualmente o segredo da experiência de Seu poder.

(1) Ele sela.

Ef 1.13,14 — Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa, o qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.

V. A. — Ef 4.30.

Ele sela — tornando o crente propriedade Sua. Os crentes de Éfeso podiam compreender perfeitamente a ilustração do selo, pois Éfeso era porto de mar, com ativo negócio de madeiras. O comerciante em madeiras vinha a Éfeso, selecionava e comprava sua madeira, e selava-a com a marca reconhecida de que ela lhe pertencia. Freqüentemente deixava sua compra no porto, juntamente com outras jangadas, para depois enviar um agente de confiança, que comparava o sinal do selo e levava a madeira que pertencia ao seu legítimo proprietário. O Espírito Santo é o selo de propriedade que Deus põe sobre uma vida humana; é o carimbo divino e a garantia da herança eterna.

(2) Ele proporciona segurança.

Rm 8.14,16 — Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

O Espírito Santo concede a segurança e a confiança necessárias para a paz e o calmo repouso de espírito prometidos ao filho de Deus. Ele testifica da verdade da filiação do crente (2 Co 1.12,22).

(3) Ele fortalece.

Ef 3.16 — Para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito, no homem interior.

Os resultados desse fortalecimento são vistos nos versículos 17 a 19. O poder do Espírito se torna operante em nossas vidas corporificando e entronizando realmente a Cristo, o que é descrito como Sua habitação (fixação permanente de residência) em nossos corações, os quais são arraigados e alicerçados em amor, fortalecidos para que possam compreender, com todos os santos, qual a largura e o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, o que resulta em sermos tomados de toda a plenitude de Deus.

4 Ele enche o crente.

Ef 5.18-20 — E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

V. A. — At 4.8,31; 2.4; 6.3; 7.54,55; 9.17,20; 13.9,10,52.

V. T. — Lc 1.15,41,67,68; 4.1; Jo 7.38,39.

As Escrituras fazem menção apenas de um batismo do Espírito Santo, ao passo que o ser cheio do Espírito não é limitado a uma única experiência, mas pode ser repetida muitas vezes, sem limite de número. Não é mister uma longa busca para receber essa experiência. Pode ocorrer por ocasião da conversão, e deve ser buscado de novo em cada nova emergência ou ato de serviço cristão.

Há duas condições necessárias à sua realização: primeira, completa submissão da vida; segunda, uma apropriação definida, por meio da fé.

5 Ele liberta.

Rm 8.2 — Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte.

O capítulo anterior (Rm 7.9-24) define a lei do pecado e da morte. Diz o apóstolo: "ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim" (7.21); "o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo" (Rm 7.18). Paulo

havia sido bem educado na lei de Deus, dada a Moisés, e sabia que lhe cabia observar seus preceitos; mas ele, pessoalmente, encontrava outra lei que operava nele e que entrava em conflito com essa lei: a lei do pecado e da morte. Em sua perplexidade, visto que sua mente aprovava a lei de Deus mas suas ações aprovavam a lei do pecado e da morte, Paulo descobriu, em Cristo Jesus, uma terceira lei — a lei do Espírito da vida — que o libertava da lei do pecado e da morte. É a obra do Espírito Santo livrar-nos do domínio da lei inferior e capacitar-nos a andar em harmonia com a lei superior.

6. Ele guia.

Rm 8.14 — Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

(1) Ele chama para serviço especial.

At 13.2,4 — E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado... Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Salêucia e dali navegaram para Chipre.

O Espírito Santo não somente dirige o teor geral da vida cristã mas seleciona e chama homens para trabalhos especiais, tais como missões, o ministério, o ensino, etc.

Esta passagem não nos diz como o Espírito Santo chama os homens, presumivelmente porque nem sempre Ele os chama do mesmo modo. A nós compete estar dispostos a ser chamados, a desejar a chamada, a buscá-la e a esperar que o Espírito Santo nos chame. Ele não chama a todos para o trabalho missionário em terras distantes, embora todo crente deva estar pronto a atender a essa chamada. Chama, entretanto, a cada crente para algum campo de serviço e o guiará a esse campo específico se o crente se submeter.

(2) Ele orienta em serviço.

At 8.27-29 — Eis que um homem etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém, estava de volta, e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías. Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro, e acompanha-o.

Quando nos rendemos a Deus, o Espírito não só dirige nossas vidas pessoais, mas também nos orienta para conduzirmos outras pessoas à luz, à vida e ao amor de Deus em Jesus Cristo, nosso Senhor.

7. Ele equipa para o trabalho.

(1) Ele ilumina.

1 Co 2.12,14 — Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gra-

tuitamente... Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente.

Não há treva alguma nas Escrituras — "A revelação das tuas palavras esclarece" (Sl 119.130). Não obstante, no homem existem trevas. Portanto, como diz a Bíblia, "...na tua luz vemos a luz..." (Sl 36.9). A mente do homem precisa primeiro ser iluminada pelo Espírito de Deus, antes que possa interpretar corretamente ou entender a Palavra de Deus.

(2) Ele instrui.

Jo 16.13,14 — Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.

Podemos receber instrução da parte de Deus por intermédio de outros homens que tenham sido iluminados pelo Espírito Santo. João cria nisso, pois do contrário nunca teria escrito sua epístola para ensinar a outros. Entretanto, o Espírito Santo é o Divino Instrutor, e nunca seremos verdadeiramente ensinados enquanto não formos ensinados por Ele.

A verdade que Ele nos quer ensinar parece seguir ao longo de duas linhas: primeira, a respeito daquilo que pertence a Cristo, aquilo que O glorifica; e segunda, a respeito das coisas do futuro.

(3) Ele capacita.

1 Ts 1.5 — Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós, e por amor de vós.

V. A. — At 1.8; 1 Co 2.1-5.

"'Mais poder' é o clamor universal, e o propósito e a providência de Deus é que Seus filhos sejam adequada e permanentemente capacitados. No dia de Pentecoste veio o poderosíssimo dom pelo que homens que anteriormente se tinham mostrado débeis e tímidos, se tornaram fortes e ousados por Cristo. Esse poder não conhece qualquer limite. Continua sendo 'infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos' que Deus quer que esperemos e recebamos." — Soltau.

8 Ele Produz o Fruto das Graças Cristãs.

Gl 5 22,23 — Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei.

Comparar com Rm 14.17; 15.13; 5.5.

Toda verdadeira beleza de caráter, toda semelhança com Cristo em nós, é operação do Espírito Santo. Ele é para o crente cristão o que a seiva é para a árvore — a fonte da vida e do poder produtivos.

O fruto aqui referido não é o serviço cristão nem a conquista de almas, embora isso necessite ser frisado, mas é o fruto do caráter cristão.

"O fruto não consiste em algum exercício enérgico. Não é a realização laboriosa a fim de produzir alguma excelência. É, antes, o resultado normal e natural de uma condição sadia. Se a alma estiver com saúde, e o Espírito a preencher, então haverá fruto." — O'Rear.

O fruto do Espírito aqui descrito é, na realidade, o retrato do caráter de Jesus Cristo. Temos aqui, em substância, aquilo que Paulo afirma em Gl 2.20: "Cristo vive em mim."

9. Ele Possibilita todas as Formas de Comunhão com Deus.

(1) Oração.

Jd 20 — Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo...

V. A. — Ef 6.18; Rm 8.26,27.

"O Espírito Santo é o grande Diretor de oração, e somente a oração feita no Espírito é aceita e respondida. Ele examina e põe à prova os motivos de nossos pedidos. Ele sugere os assuntos de nossas petições. Ele se encarrega de toda a misteriosa maravilha da oração no íntimo, expressa em palavras ou em gemidos inexprimíveis. Ele compreende a vontade de Deus para conosco, os planos traçados por Deus a nosso respeito; o serviço que podemos prestar aceitavelmente a Deus. Para nós, o dia seguinte ou a hora seguinte estão velados, mas não para Ele; portanto, Ele aprecia e anela ter tal domínio sobre nossos pensamentos e desejos, que Ele possa, desimpedido, dirigir aquelas orações que sabe estarem de conformidade com a vontade de Deus, as quais, por isso mesmo, serão respondidas." — Soltau.

"É a mediação de Cristo, perante o Pai, e a mediação do Espírito Santo, perante nós, que dá esse alto privilégio de orarmos em nome de Jesus, conforme está escrito: '...porque por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito'." — Gordon.

(2) Adoração e louvor.

Fp 3.3 — Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne.

V. A. — At 2.11.

A adoração é a veneração e a contemplação da criatura a seu Criador, Deus. Deve ser levada a efeito em completa dependência da orientação do Espírito, considerando-se o "eu" como algo de que se deve desconfiar e renunciar.

Alguém já disse: "Em nossas orações ocupamo-nos de nossas necessidades, em nossas ações de graças ocupamo-nos de nossas bênçãos, mas em nossa adoração ocupamo-nos com Deus."

(3) Agradecimento.

Ef 5.18-20 — E não vos embriagues com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

A vida cheia do Espírito é uma vida de ações de graças e de ações motivadas pela graça.

10. Ele Vivificará o Corpo do Crente.

Rm 8.11,23 — Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que em vós habita... E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

A ressurreição é atribuída ao Espírito Santo, como também às demais Pessoas da Trindade. Ele fará retornar à vida os nossos corpos, depois da morte física.

IV. *Em Relação a Jesus Cristo.*

1. Concebido pelo Espírito Santo.

Lc 1.35 — Respondendo-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus.

"O Espírito Santo produziu o corpo humano do Filho de Deus mediante um ato criador. O Filho de Deus chamou esse corpo de corpo preparado (Hb 10.5). Era impossível que Aquele que é absolutamente santo, se revestisse de um corpo que tivesse vindo à existência por geração natural. Se este tivesse sido o caso, teria Ele possuído um corpo maculado com a mancha do pecado. Apesar de ser verdade que Maria possuía um corpo pecaminoso, o poder da santidade, no Filho de Deus, repeliu cada partícula de pecaminosidade, e o Espírito Santo, ao preparar o corpo, jamais poderia permitir que qualquer coisa profana viesse a entrar no corpo físico de nosso Senhor." — Gaebelein.

Uma vida tão ímpar, como a de Cristo, em Seu caráter e realizações, exige um começo e um fim tão maravilhoso que nada menos que a concepção miraculosa e a ressurreição miraculosa seria adequado.

2. Ungido com o Espírito Santo.

At 10.38 — Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.

V. A. — Is 61.1; Lc 4.14,18; comparar com Is 11.2.

V. T. — Mt 12.17,18.

Todas as unções que aparecem no Antigo Testamento, quer de profetas, de sacerdotes ou de reis, encontram seu cumprimento antitípico nesta unção de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, pois Cristo também, a Seu tempo, cumpriria os ofícios de profeta, sacerdote e rei.

3. Guiado pelo Espírito Santo.

Mt 4.1 — A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito, ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

Jesus, na qualidade de Servo de Jeová, tendo-se esvaziado de Sua soberania para ter essa posição, não tomava nunca iniciativa própria, sempre agindo debaixo de ordens, sendo orientado em Seus movimentos pelo Espírito Santo, a Quem se sujeitava.

4. Cheio do Espírito Santo.

Lc 4.1 — Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto.

V. A. — Jo 3.34.

Nada havia na vida de Jesus que se opusesse à ação do Espírito Santo; portanto, o Espírito preenchia cada departamento e avenida de Seu Ser com Sua presença e Seu poder.

5. Realizou Seu Ministério no Poder do Espírito.

Lc 4.18,19 — O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.

V. A. — Is 61.1; Lc 4.14.

6 Ofereceu-se em Sacrifício pelo Espírito.

Hb 9.14 — Muito mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas para servirmos ao Deus vivo!

No sacrifício de Si mesmo, como em tudo mais, Jesus Cristo foi dirigido pelo Espírito Santo e mostrou-se dependente dEle.

7. Ressuscitado pelo Poder do Espírito.

Rm 8.11 — Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita.

V. A. — Rm 1.4.

Jesus Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder coordenado do Deus Trino. Portanto, o Espírito Santo teve participação proeminente em Sua ressurreição.

8 Deu Mandamentos aos Apóstolos após a Ressurreição por intermédio do Espírito Santo.

At 1.1,2 — Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus fez e ensinou, até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas.

Parece que Jesus Cristo continuou sob a orientação do Espírito, na obra que Lhe fora dada pelo Pai, até que novamente assumiu Seu lugar à destra de Deus, ao receber Sua completa exaltação.

9. Doador do Espírito Santo.

At 2.33 — Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis.

O Espírito Santo veio, no dia de Pentecoste, como resultado da ascensão de Cristo e Sua exaltação à mão direita de Deus na qualidade de nosso grande Sumo-Sacerdote.

D. D. — Jesus Cristo viveu toda a Sua vida terrena dependendo inteiramente do Espírito Santo e a Ele se sujeitou.

V. *Em Relação às Escrituras.*

1 Seu Autor.

2 Pe 1.20,21 — Sabendo, primeiramente, isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo.

V. A. — 2 Tm 3.16; 2 Pe 3.15,16.

V. T. — Jo 16.13.

As Escrituras referem-se ao Espírito Santo como o Agente Divino da comunicação da verdade de Deus aos homens. Quanto às Escrituras do Antigo Testamento, temos declarações terminantes nesse sentido, e é claramente subentendido e afirmado no tocante ao Novo Testamento.

2. Seu Intérprete.

Ef 1.17 — Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele.

V. A. — 1 Co 2.9-14; Jo 16.14-16.

A importância do homem para interpretar a verdade já revelada é tão característica como sua incapacidade de comunicar a revelação sem o concurso do Espírito Santo.

D. D. — As Escrituras foram dadas por inspiração do Espírito Santo, e sua verdadeira interpretação só é possível por meio de Sua iluminação.

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina do Espírito Santo

1. Ao considerarmos a Pessoa e a obra do Espírito Santo, quais os dois períodos em que dividimos os fatos? Discorra sobre ambos.
2. Defina a Personalidade do Espírito Santo.
3. Dê quatro explicações possíveis dos erros de interpretação que têm surgido a respeito da Personalidade do Espírito Santo.
4. Dê a quíntupla prova de Personalidade, de acordo com a D. D.
5. Cite uma passagem: (a) em que um pronome pessoal é usado para o Espírito Santo; (b) em que Ele é associado às outras Pessoas da Divindade.
6. Dê as características pessoais atribuídas ao Espírito Santo, e cite uma passagem referente a uma delas.
7. Cite (a) os atos pessoais atribuídos ao Espírito Santo, e (b) o tratamento pessoal recebido pelo Espírito Santo.
8. Como se percebe a importância da doutrina da personalidade do Espírito Santo?
9. Defina a Divindade do Espírito Santo e forneça a quíntupla prova dessa verdade.
10. Apresente os nomes divinos, os atributos divinos e as obras divinas atribuídas ao Espírito Santo, citando uma passagem referente a cada grupo.
11. Cite uma passagem do Antigo Testamento e outra do Novo Testamento, mostrando que afirmações concernentes a Jeová se referem ao Espírito Santo.

12. Mencione três casos em que o nome do Espírito Santo aparece em igualdade com o de Deus e o de Cristo, e cite uma passagem para sustentar um deles.

13. Dê os nomes do Espírito Santo que descrevem Sua própria Pessoa e cite uma passagem para cada nome.

14. Cite uma passagem em que o Espírito Santo é comparado a "fôlego".

15. Apresente os nomes do Espírito Santo que estabelecem Sua relação com Deus, e cite a D. D.

16. Dê os nomes do Espírito Santo que mostram Sua relação com o Filho de Deus.

17. Dê os nomes do Espírito Santo que mostram Sua relação com os homens e cite uma passagem relativa a um deles.

18. Dê a D. D. mostrando a relação da obra do Espírito Santo com o universo material.

19. Apresente a tríplice obra do Espírito Santo relativamente aos não-regenerados, e cite e discorra sobre Jo 16.8-11.

20. Cite os dez aspectos da obra do Espírito Santo em relação ao crente, discorrendo sobre a terceira, a sétima e a nona fases, e cite uma passagem com um dos outros aspectos.

21. Discorra sobre os nove aspectos da obra do Espírito Santo em relação a Jesus Cristo.

22. Apresente a dupla obra do Espírito Santo em relação às Escrituras, e cite uma passagem relativa a cada aspecto.

CAPÍTULO CINCO

A DOUTRINA DO HOMEM

(ANTROPOLOGIA)

Em todo indivíduo normal, há um desejo íntimo de conhecer algo sobre sua linhagem e história ancestrais. E o que é verdade a nosso respeito na qualidade de homens e mulheres individuais, no que concerne à nossa origem, também é verdade acerca de nós na qualidade de representantes raciais da espécie humana ou ordem de seres. Que é o homem e de onde veio ele?

A. A Criação.

Não existe qualquer evidência digna de confiança de que o homem veio de baixo, como produto das forças ou potências da vida do universo material. Por outro lado, há poderosa evidência de que sua origem foi do alto, mediante o poder de Deus demonstrado na criação. A ocorrência da palavra hebraica "bara", que significa criar, nessa conexão, mostra a separação absoluta entre a humanidade e o reino animal.

I. *Sua Realidade.*

1. **Decretada a Criação do Homem.**

Gn 1.26 — Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

2. **Declarada a Criação do Homem.**

Gn 1.27 — Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

II. *Seu Método.*

1. **Negativamente Considerado: Não foi por Evolução ou Desenvolvimento Natural em Razão de Forças inerentes à Matéria, quer Orgânica quer Inorgânica.**

Somente as obras do próprio homem têm prosseguimento baseado no princípio da evolução ou desenvolvimento. Ele começa do nada, principiando na ignorância, na impotência e na inexperiência. Mas isso só é verdade no que tange às atividades humanas; o homem progrediu do arado ao trator; da jangada ao transatlântico; da caverna ao arranha-céu. Os pássaros, porém, continuam fazendo seus ninhos hoje como quando foram criados. Pois, desde o momento em que atravessamos a fronteira e entramos na esfera divina, já não encontramos nenhum traço ou sinal de evolução.

(1) *A teoria da evolução apresenta o homem como alguém que se elevou de uma ordem inferior; ao passo que as Escrituras declaram que sua origem é devida à ação criadora de Deus.*

(2) *A teoria da evolução apresenta o homem como o resultado de sucessivas alterações nas formas materiais devidas às forças latentes na matéria; ao passo que as Escrituras declaram que o ser físico do homem é o resultado da ação de Deus, que partiu do exterior.*

(3) *A teoria da evolução apresenta o homem como o clímax do desenvolvimento que ascendeu desde as formas mais inferiores de vida animal; ao passo que a Bíblia declara que o homem pertence à ordem humana, distinta de todas as outras, e que passou a ter seu ser de modo imediato e direto.*

"Em resultado de cuidadosa investigação, é feita a seguinte declaração: O fracasso dos evolucionistas ao procurarem provar sua afirmação, de que os gérmens-vivos originais vieram à existência por meio de processos naturais; sua incapacidade de mostrar que, no mundo das coisas vivas, existe uma lei de desenvolvimento e melhoramento; a completa ruína de sua afirmação de que, por processos naturais, as espécies inferiores de plantas e animais podem transmutar-se em espécies superiores; o fato que tanto nas primeiras como nas últimas excavações e pesquisas, não tem sido encontrado, entre os milhões de diferentes espécies, nem um só elo de ligação; o fato que a ciência mental e todas as ciências físicas ainda não conseguiram descobrir uma só partícula de evidência mostrando, ou mesmo sugerindo, que qualquer animal pode chegar ou já chegou a um ponto quando, lenta ou subitamente, pode vir a tornar-se possuidor de uma alma humana, de uma mente humana ou de um corpo humano; o fato que os biólogos, os geólogos e os arqueólogos têm feito silenciar de uma vez a asseveração que a raça humana começou como algo bem inferior e que, mediante eras incontáveis, tem conseguido chegar até seu presente estado civilizado; a queda da afirmação que os homens eruditos são todos evolucionistas; o recente abandono da teoria evolucionista darwiniana, por parte daqueles que anteriormente sustentavam essa teoria, mas que, no presente momento fazem grandes ataques contra a mesma; a absoluta incompetência dos evolucionistas para formular qualquer sistema de ética ou religião que ao menos se aproxime da Bíblia — em vista, por conseguinte, desse exército de fatos, fica plenamente demonstrado que a hipótese da evolução entrou em colapso que ultrapassa toda esperança de restauração." — Townsend.

2. Positivamente Considerado.

(1) O homem veio à existência por um ato criador.

Gn 1.27 — Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

(2) O homem recebeu um organismo físico por um ato de formação.

Gn 2.7a — Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra.

V. A. — Ec 12.7.

(3) Foi feito completo ser pessoal e vivo por uma ação final.

Gn 2.7b — E o homem passou a ser alma vivente.

V. A. — Zc 12.1.

V. T. — Is 43.7.

Em harmonia com essa tríplice preparação do homem para sua vida e trabalho sobre a terra, encontramos três palavras hebraicas que a descrevem. A passagem de Isaías 43.7 ilustra o significado desses três verbos: "...os que criei **(bara)** para minha glória [isto é, produzi-os do nada]; e que formei **(asah)** [isto é, fi-los existir numa forma determinada]; e fiz **(yatzar)** [isto é, preparei as disposições e arranjos finais referentes a eles]."

D. D. — As Escrituras mostram, clara e enfaticamente, que o homem é o resultado de atos imediatos, especiais, criativos e formativos de Deus.

B. A Condição Original.

"Aqueles que acreditam na ascensão do homem ensinam que ele começou a vida numa escala muito inferior àquela na qual atualmente vive. A única queda que reconhecem é para cima. Ensinam que o homem tem atingido alturas mais elevadas do que qualquer altura em que fosse posto em seu início. Mas isso não pode ser verdade, visto que as Escrituras ensinam justamente o contrário. De fato, há evidência abundante que mostra que o homem se tem degradado de uma posição muito mais elevada. Tanto a Bíblia como a ciência concordam em fazer do homem a obra máxima da criação material de Deus. Não nos devemos esquecer de que, enquanto o homem, por um lado de sua natureza, está ligado à criação animal é, contudo, sobrenatural — um ser de natureza mais alta e mais esplêndida; ele foi criado à imagem e semelhança de Deus." — Evans.

I. *Possuía a Imagem de Deus.*

Gn 1.27 — Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

V. A. — Gn 5.1; 9.6.

1. A Imagem de Deus não Denota Semelhança Física.

Cl 1.15 — Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação.

V. A.— Jo 4.24; 1.18; Lc 24.39; 1 Sm 15.29.

De conformidade com os ensinamentos dessas passagens, Deus não é homem. Pelo contrário, é Espírito e, como tal, não possui partes ou substância, mas é invisível.

2. Pode Significar uma Imagem e Semelhança Formais, uma Semelhança quanto à Forma.

Fp 2.6 — Pois Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus.

V. A. — Sl 17.15; Nm 12.7,8; Hb 1.3; Is 6.1; At 7.56; 1 Jo 3.2.

O que seja exatamente essa forma, não sabemos; indubitavelmente, porém, inclui as naturezas intelectual, moral, volitiva e emotiva, ainda que, quanto à substância, seja espírito. Alguns pensam, por outro lado, que se refere à criação do homem, segundo o modelo e o padrão apresentados em Cristo, que é referido como a imagem de Deus.

3. Poderia Referir-se a uma Semelhança Tri-una — o Homem sendo um Ser Tríplice, e Deus um Ser Tri-uno.

1 Ts 5.23 — O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

V. A. — Mt 26.12 — o corpo de Cristo — "soma" em grego.
Mt 26.38 — a alma de Cristo — "psyche" em grego.
Mt 27.50; Lc 23.46 — o espírito de Cristo — "pneuma" em grego.

4. Sem Dúvida Inclui a Imagem Pessoal — tanto Deus como o Homem possuem Personalidade.

Ex 3.13,14 — Disse Moisés a Deus: Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que Sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros.

Esse aspecto da imagem de Deus no homem permanece intacto, indestrutível pelo pecado, ainda que tenha sido manchado e tornado defeituoso.

5. Deve Envolver Existência Interminável, com a qual Deus Dotou o Homem.

Mt 25.46 — E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.

A existência interminável é uma parte inseparável da herança do homem, na qualidade de criatura criada segundo a imagem e à semelhança de Deus. O homem é indestrutível. Não pode ser aniquilado.

6. **Certamente Significa Semelhança Intelectual e Moral.**

Cl 3.10 — E vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.

V. A. — Ef 4.23,24.

II. *Possuía Faculdades Intelectuais.*

Gn 2.19,20 — Havendo, pois, o Senhor Deus, formado da terra todos os animais do campo, e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.

V. A. — Gn 1.28.

"O homem se assemelha a Deus pelo fato de possuir natureza racional. A capacidade do homem, a esse respeito, é a origem de todo o conhecimento científico. Ele interpreta a significação da natureza e descobre que traz os sinais da razão. O homem compreende Deus por motivo dos sinais de inteligência no mundo ao seu redor. A razão no homem corresponde à razão em Deus." — Mullins.

Ao ser criado, o homem tinha inteligência suficiente para pensar, racionar e falar; para tirar conclusões e tomar decisões. Tinha um idioma, e evidentemente dominava-o perfeitamente. Pôde selecionar nomes apropriados, de entre o vocabulário que lhe foi divinamente dado, para os animais que lhe foram apresentados, e foi capaz de exercer domínio sobre eles.

O homem era um ser racional. Nisso ele diferia de todos os animais irracionais. De muitos deles pode-se dizer que ultrapassam o homem em sagacidade de instinto. Que é instinto? Disse o Dr. Paley: "Instinto é uma propensão anterior à experiência e independente de instrução." É um impulso cego e não-meditativo que leva os animais a fazer certas coisas sem saberem por que o fazem e sem se importarem em melhorar a maneira de fazê-las. Por conseguinte, os atos instintivos dos animais se processam com inalterável uniformidade, não havendo melhoria neles. As aves migratórias fazem suas migrações tal como os pássaros de sua espécie faziam há mil anos; o castor constrói sua habitação tal como os castores têm feito em todos os séculos anteriores; e a abelha edifica sua célula tal como nos dias da antiguidade. De todos os animais inferiores temos de dizer que são irracionais. A diferença entre eles e o homem é tão grandemente afastada como os polos.

"Isso é evidente porque os homens são objetos próprios do governo moral, e sem uma natureza racional não poderiam ser considerados responsáveis. Os governos humanos reconhecem essa faceta da questão, pois não responsabilizam idiotas ou lunáticos. O motivo disso é que nos idiotas os poderes racionais nunca foram suficientemente desdobrados para fornecer uma base para a responsabilidade moral; e no caso dos lunáticos o intelecto, ainda que anteriormente desenvolvido, foi tão desfigurado que anulou toda a obrigação moral." — Pendleton.

III. *Possuía uma Natureza Moral Santa.*

Ec 7.29 — Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.

V. A. — Gn 2.15-17; Rm 5.12,14.

"Isso significa que o homem foi criado como um ser santo, e esta foi a principal glória com que ele foi coroado. Foi uma grande glória ter sido feito semelhante a Deus em Suas excelências intelectuais, mas a maior glória do homem foi ter sido criado semelhante a Ele em Suas perfeições morais." — Pendleton.

D. D. — O homem foi criado à imagem de Deus, possuindo faculdades intelectuais e uma natureza santa, com a responsabilidade de desenvolver um caráter santo.

C. A Provação.

A provação do homem foi absolutamente essencial, a fim de capacitá-lo à completa expressão e exercício de sua liberdade intelectual e moral.

"Suponhamos que não tivesse havido proibição no jardim; que teria sucedido à livre agência moral de nossos primeiros pais? Ainda que criados com tal capacidade, não teriam tido oportunidade de exercê-la, e isso tê-los-ia transformado, virtualmente, em escravos da vontade de Deus. O mesmo teria sucedido se Deus não os tivesse criado com o poder do livre arbítrio. Em ambos os casos teriam sido seres diferentes do homem, conforme o conhecemos hoje, e, assim sendo, não poderiam ter sido os progenitores da raça humana. Se o homem tivesse sido criado pecaminoso, isso faria com que Deus fosse o Autor do pecado — um pensamento intolerável, e teria destruído parcialmente a livre agência do homem, visto que lhe daria uma propensão para o mal." — Keyser.

O homem também não foi criado numa condição moral neutra; antes, foi-lhe outorgada uma natureza santa que, se permitida a exercer-se plenamente, sem incitamento externo em direção ao pecado e sem reação interna favorável ao mesmo, ter-se-ia expressado em caráter e conduta que também seriam santos. Esse exercício sem obstáculos da natureza moral, fora de qualquer teste, teria sido uma infração do exercício de sua liberdade moral. Era-lhe necessário ter o direito e a liberdade de escolher a retidão, e a liberdade de escolher tanto o mal como o bem.

I. *Seu Significado.*

Por provação do homem referimo-nos àquele período durante o qual ele foi sujeito a determinada prova, que consistiu de um mandamento positivo concernente à árvore do conhecimento do bem e do mal. Os resultados seriam: ou o favor continuado de Deus, por motivo de sua obediência; ou a imposição da penalidade da morte por motivo de sua desobediência.

II. *Sua Realidade.*

Gn 2.15-17 — Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E lhe deu esta ordem: De toda árvore

do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

III. *Seu Período.*

O período abrangido pela provação prolongou-se desde a criação de Adão e Eva até o tempo de seu fracasso e desobediência.

D. D. — A provação do homem, que teve o propósito de submetê-lo à prova, abrangeu evidentemente o período de sua inocência.

D. A Queda.

O homem não foi criado pecador, mas o pecado entrou no mundo dos homens através de sua própria escolha, consciente e voluntária. A doutrina da Queda não se limita à religião cristã, pois todas as religiões contêm ou um relato ou uma indicação da queda, e reconhecem o fato de haver algo radicalmente errado na raça, ainda que todas tenham opiniões vagas sobre a causa ou origem dessa depravação nas atitudes e ações do homem; portanto, só podemos depender da revelação de Deus para receber informação de confiança a respeito.

Por quanto tempo nossos primeiros pais permaneceram em estado de inocência, durante o qual retiveram a imagem moral de Deus, da qual foram dotados por ocasião da criação, é impossível dizer. Essa questão está fora do horizonte do conhecimento humano. Alguns supõem que o estado de inocência do homem se prolongou por um século, mais ou menos; ao passo que outros são de parecer que durou apenas por alguns dias. Toda conjetura é inútil e vã. É suficiente sabermos que continuou até ficar provado que o homem era capaz da obediência. Uma vez provado isso, segue-se que sua obediência poderia ter sido permanente. Em outras palavras, assim como nada havia capaz de tornar impraticável a sua obediência, enquanto ele foi obediente, não havia razão por que essa obediência não pudesse ter sido perpetuada. O que foi feito durante um dia ou um ano, poderia ter sido feito por um número indefinido de dias ou anos, e realmente assim teria acontecido, não fora a decisão voluntária do homem de desobedecer.

I. *Sua Realidade.*

Rm 5.12 — Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

V. A. — Gn 3.1-6; Rm 5.13-19; 1 Tm 2.14.

Adão e Eva, os primeiros membros da raça humana, pecaram contra Deus, e assim caíram da posição de favor e do estado de inocência em que foram criados.

II. *Sua Maneira.*

1. O Tentador: Satanás, por meio da Serpente.

Gn 3.1 — Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (Ap 12.9; 20.2).

"Por que foi Satanás o tentador? Foi bom que assim tivesse sido; pois desse modo a tentação veio do exterior para o homem; não teve sua iniciativa dentro da espera de seu próprio ser. Isso, até certo ponto, mitiga o pecado do homem, e permite que seja remido, ainda que não passe de uma criatura caída. O fato de ter Satanás assumido o disfarce de serpente, igualmente atenua a transgressão do homem, pois assim o homem foi iludido, engodado para o ato de desobediência. Isso se torna claro se supusermos que nossos primeiros pais tivessem comido do fruto proibido sem o concurso do tentador e do engano. Neste caso seu pecado teria sido tão hediondo, tendo-se originado nas profundezas de seus próprios seres, que dificilmente poderiam ser salvos, e assim, talvez, nunca tivesse sido providenciado um Salvador. Segundo podemos entender dos ensinamentos da palavra divina, os anjos que caíram não podem ser redimidos; o que possivelmente se explica por que sua tentação teria partido do seu próprio íntimo, sem o concurso de qualquer atração ou ilusão externas." — Keyser.

2. A Tentação.

(1) Primeiro passo (dado pela mulher).

A mulher ouviu a tentação aparentemente sozinha, desprotegida, e próxima do local proibido.

(2) Segundo passo (dado pela serpente).

A insinuante pergunta da serpente, aparentemente inocente, mas que continha uma insinuação de dúvida acerca da palavra de Deus: "É assim que Deus disse...?" Também insinuou dúvida quanto ao amor e justiça de Deus, ampliando a proibição única e reduzindo as extensas permissões.

(3) Terceiro passo (dado pela mulher).

A mulher replicou e debateu com o caluniador. Ela demonstrou haver compreendido as palavras de Gênesis 2.16,17.

(4) Quarto passo (dado pela mulher).

Falsificou a palavra de Deus. Ela deixou de lado "todas" e "livremente", e acrescentou: "nem tocareis nele"; e também abrandou as palavras "no dia em que dela comerdes, certamente morrerás" para "para que não morrais".

Gn 3.2,3 — Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus:

Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.

Comparar com:

Gn 2.17 — Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

(5) Quinto passo (dado pela serpente).

Este consistiu de uma aberta negação do castigo devido ao pecado, e de acusar Deus de haver proferido mentira. Também continha outra ousada acusação. Satanás acusou Deus de egoísmo, inveja e a firme resolução de degradar Suas criaturas e dominá-las.

(6) Sexto passo (dado pela mulher).

Ela crê no tentador. Ela viu que a árvore era (ver 1 Jo 2.16) boa para comer (concupiscência da carne), agradável à vista (concupiscência dos olhos), e desejável para transmitir sabedoria (soberba da vida).

(7) Sétimo passo (dado pela mulher).

Obedecendo ao tentador, ela tomou do fruto e o comeu (a mulher cedeu, sendo enganada).

(8) Oitavo passo (dado pela mulher).

Assumiu a posição de tentadora. Ela deu do fruto a seu marido, e ele comeu também (o homem cedeu, mas não por ter sido enganado) (1 Tm 2.14). Adão desobedeceu de olhos abertos, propositadamente, em lugar de procurar ajudar sua esposa e pedir perdão para ela e proteção para si mesmo. Para ele é que a proibição e a advertência tinham sido diretamente feitas (Gn 2.16,17). Ele é o cabeça da raça, e assim trouxe o pecado sobre toda a raça (Rm 5.12,16-19).

III. *Seus Resultados.*

1. **Para Adão e Eva em particular.**

(1) Evidente perda de aparência pessoal apropriada, acompanhada da consciência de nudez e senso de vergonha.

Gn 3.7 — Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si.

V. A. — Sl 104.2; Mt 13.43; Dn 12.3.

Parece mesmo que os espíritos não-caídos de Adão e Eva possuíam um halo circundante de luz, que os livrava da aparência e da consciência de nudez. Tal proteção aparentemente se perdeu por ocasião de sua desobediência e pecado, causando neles o senso de impropriedade de aparência na presença de Deus e, talvez, na presença um do outro.

(2) Medo de Deus.

Gn 3.8-10 — Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo e me escondi.

Antes do pecado, Adão e Eva tinham sem dúvida um santo temor de Deus, no sentido de respeito reverente, mas esse temor lhes proporcionava alegria e prazer na presença de Deus. Isso, porém, foi substituído, em resultado da queda, por uma atitude acovardada de mente e coração que os impeliu a fugir da presença de Deus e se esconderam.

(3) Expulsão do jardim.

Gn 3.23,24 — O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden, e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.

A imortalidade em um corpo caído, depravado e amaldiçoado pelo pecado, teria sido uma penalidade mais negra, mais profunda, do que aquela que Deus desejou para o homem; este, pois, foi impedido de alcançar a árvore da vida.

2. Para a Raça em Geral.

Visto que Adão era o cabeça federal da raça humana, sua ação foi representativa. Por conseguinte, aquele pecado, além de individual, foi ao mesmo tempo racial. Houve, portanto, resultados que caíram sobre toda a espécie humana em conseqüência do pecado de Adão.

(1) A terra foi amaldiçoada para não produzir apenas o que é bom, exigindo trabalho laborioso por parte do homem.

Gn 3.17-19 — E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás.

Essa ação demonstrou que a misericórdia de Deus estava aliada à Sua justiça, pois o trabalho sempre foi e é uma autêntica bênção para o homem em seu estado caído.

(2) Resultou em tristeza e dor para a mulher no parto, bem como sua sujeição ao homem.

Gn 3.16 — E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.

A geração de filhos parece ter feito parte do plano criativo de Deus embora, ao que parece, isso não tenha sido cumprido senão após a queda. Por outro lado, o sofrimento e a tristeza, em conexão com a mesma, foram adicionados em conseqüência do pecado do homem.

(3) Todos os homens são pecadores e estão debaixo da condenação.

Rm 5.12 — Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

V. A. — Rm 3.19; 3.9,10; 3,22,23; Is 53.6; Gl 3.10; Ef 2.3; Jo 3.36.

(4) Resultou na morte física e espiritual, dentro do tempo, e na penalidade ameaçada da morte eterna.

Gn 2.17 — Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

V. A. — Rm 6.23; Ez 18.4; Gn 3.19.

V. T. — Gn 5.5; Rm 5.12.

"A penalidade ameaçada merece nossa atenção. Foi expressa nestas palavras: 'no dia em que dela comeres, certamente morrerás'. Provavelmente a maioria das pessoas, ao ler tais palavras, recebe a impressão que aqui está em foco a morte natural e, sem dúvida está, mas a morte do corpo de maneira alguma exaure a referência. Os corpos de Adão e Eva não faleceram realmente no dia de sua transgressão mas, para todos os efeitos, morreram. Ficaram imediatamente sujeitos à lei da mortalidade, por efeito do pecado, e as sementes da morte foram neles implantadas. Em conseqüência do pecado ficaram sujeitos à enfermidade, à fraqueza e à dissolução; e a morte física do casal culpado se tornou tão certa, quando pecaram, como se ela tivesse ocorrido enquanto ainda comiam do fruto fatal. E não apenas a morte natural de Adão resultou de seu pecado, mas também a morte natural de toda a sua posteridade é resultado da mesma causa. É evidente, por outro lado, que a morte espiritual também é aqui focalizada; e esse é um resultado muito mais temível do que a morte corporal. A morte corporal se verifica quando o espírito abandona o corpo, ao passo que a morte espiritual ocorre quando Deus abandona o espírito do homem. O rompimento da união, da comunhão, da camaradagem com Deus é uma calamidade tão grande, que sua designação mais apropriada é "morte". O espírito, cortado do contacto com Deus, sendo Ele a fonte de sua felicidade, sente tamanha desventura que a linguagem é incapaz de definir. O espírito assim separado pode vaguear pelos limites extremos do espaço, em busca de algo que satisfaça seus profundos anseios, mas não o encontra. Jamais foi encontrado e jamais será encontrado. A vida da alma consiste de sua união com o Deus bendito; a morte da alma — não seu aniquilamento — consiste do fato de estar separada de Deus. A consumação da morte espiritual é a morte eterna. Essa consumação virá inexoravelmente, a não ser que seja abolida a morte espiritual por meio da implantação da vida espiritual." — Pendleton.

(5) Os homens não-redimidos acham-se em impotente cativeiro ao pecado e a Satanás, e são considerados filhos do diabo.

Rm 7.14,15,23,24 — Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto... mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?

V. A. — 1 Jo 3.8-10; Jo 8.33-35; Ef 2.3; Jo 8.44; 1 Jo 5.19.

"A transgressão do homem foi, como crime, a pior enormidade. Quanto à sua natureza, não foi mera desobediência à lei divina por parte do ofensor. Foi a mais crassa infidelidade, o dar crédito antes ao diabo do que a Deus; foi descontentamento e inveja, ao pensar que Deus lhe havia negado aquilo que era essencial para a sua felicidade; foi um orgulho imenso, ao desejar ser igual a Deus; foi furto sacrílego, ao intrometer-se naquilo que Deus havia reservado para si, como sinal de Sua soberania; foi suicídio e homicídio, ao trazer a morte contra si e contra toda a sua posteridade.

"E tudo isso foi cometido à plena vista da benevolência do grande Criador, que lhe havia outorgado tudo quanto se fazia necessário para o aperfeiçoamento e perpetuação de sua felicidade. Foi uma ação contrária às mais claras convicções de consciência, e com mente plenamente iluminada pelo Espírito Divino. O ato foi cometido na própria presença de Deus, com a vontade suficientemente fortalecida para resistir à tentação, e sem sofrer qualquer compulsão." — Wakefield.

D. D. — Por um ato de desobediência, o homem caiu de seu estado de inocência, trazendo assim, contra si e contra a sua posteridade, a tristeza, a dor e a morte.

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina do Homem

1. Mostre como o fato da criação do homem por Deus é estabelecido nas Escrituras, e cite uma passagem.
2. Descreva o método da criação do homem, negativamente considerado, contrastando a hipótese da evolução com o relato bíblico.
3. Discorra sobre o método da criação do homem, positivamente considerado; cite uma passagem para cada ponto e cite a D. D.
4. Cite uma passagem que mostra que o homem foi criado à imagem de Deus.
5. Dê o significado detalhado, tanto negativo como positivo, da imagem de Deus, e cite uma passagem relativa a cada ponto.
6. Discorra sobre o ensino bíblico das faculdades intelectuais e a natureza moral do homem. Cite a D. D.
7. Discorra, à base da nota introdutória, sobre a necessidade da provação do homem, e apresente sua definição.

8. Cite uma passagem das Escrituras demonstrando o fato da provação do homem, estabeleça o período de sua duração e cite a D. D.

9. Cite uma passagem das Escrituras provando a queda do homem.

10. Descreva a maneira da queda sob os seguintes aspectos: o tentador, a tentação.

11. Apresente os resultados da queda: (a) para Adão e Eva, em particular; e (b) para a raça humana em geral.

12. Cite a D. D. referente à queda do homem.

CAPITULO SEIS

A DOUTRINA DO PECADO
(HAMARTIOLOGIA)

As Sagradas Escrituras põem em relevo dois grandes princípios ou qualidades morais: a Santidade e seu antagonista, o Pecado. Pode-se dizer que, na esfera moral, o primeiro corresponde ao Bem e o segundo ao Mal. Todos os demais princípios e qualidades morais podem ser classificados de maneira a se identificar com um desses dois grupos. E por isso mesmo o Pecado, como sua antítese, recebe na Bíblia atenção ampla e adequada.

A. Seu Significado.

I. *Negativamente Considerado.*

1. Não é um acontecimento fortuito ou devido ao acaso, que não envolva culpa por parte dos pecadores — não é um acidente.

Rm 5.12 — Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

Há quem ensine que o pecado é acidental; porém, conforme temos verificado, o ensino da Bíblia é que o pecado resultou de um ato de desobediência responsável por parte de Adão.

2. Não é mera debilidade da criatura, pela qual o homem não deve ser responsabilizado ou tido por culpado.

Jr 17.9 — Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

Há os que afirmam que o pecado é apenas uma espécie de debilidade ou fraqueza, pelo que somos muito infelizes, porém de modo algum culpáveis ou condenáveis. Mas essa opinião, tal como a anterior, é contrária à verdade revelada nas Escrituras.

3 **Não é mera ausência do bem, nem falta de retidão positiva — não é simples negação.**

Rm 7.14 — Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado.

V.A. — Contexto.

O falso culto conhecido como "Ciência Cristã" afirma que o pecado é uma negação — que o mal é a ausência do bem, e que o pecado é a ausência da retidão. Mas não é verdade, pois existem formas de pecado extremamente malignas e agressivas. A palavra de Deus assevera que o pecado e o mal têm existência positiva, e que são ofensa contra Deus.

4. **Não é um bem da infância — não é um passo para trás.**

1 Jo 3.4 — Todo aquele que pratica o pecado, também transgride a lei; porque o pecado é a transgressão da lei.

O pecado não pode ser definido como imaturidade, falta de desenvolvimento, ou remanescente de características primitivas.

II. *Positivamente Considerado.*

"Tanto no Antigo como no Novo Testamentos, o pecado é considerado principalmente uma brecha ou rompimento de relações entre o pecador e o Deus pessoal. Podemos considerar rapidamente o ensino do Antigo Testamento. O pecado manifesta-se de muitos modos, mas o pensamento primordial, envolvido em todos esses modos, é o desvio do pecador da vontade de Jeová. Havia, efetivamente, a transgressão da lei, mas era de Jeová a lei. Havia formas de egoísmo, mas estas, em sua própria essência, eram a exaltação do "eu" contra Jeová. Havia a disposição pecaminosa, o motivo errado, mas tudo isso consistia principalmente do afastamento entre o coração humano e Jeová.

"No Novo Testamento, Jesus retratou a vida humana ideal como a vida de comunhão com Deus. O pecado é a falta dessa comunhão. Jesus localiza a fonte do pecado no intento íntimo dos homens. O pensamento pecaminoso, em sua qualidade, é igual ao ato realizado. Dessa maneira, Jesus aprofundou muito o senso de culpa. O padrão elevadíssimo de Sua própria vida tornou-se a medida da obrigação humana, e, ao mesmo tempo, o critério do julgamento contra o pecado e a culpa." — Mullins.

1. **É o Não Desobrigar-se dos Deveres para com Deus.**

(1) Estar destituído da glória de Deus.

Rm 3.23 — Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

À natureza carnal do homem é atribuída fraqueza (Rm 8.3,4), o que significa simplesmente sua incapacidade para atingir o padrão divino.

(2) Omissão do dever.

Tg 4.17 — Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando.

"Aqui passamos do lado negativo para o lado positivo da vida cristã, e aprendemos que deixar por fazer aquilo que sabemos competir-nos, é pecar. Suponhamos que, do presente momento em diante, nunca mais praticássemos qualquer mal, nem prejudicássemos de nenhuma forma nosso semelhante, viveríamos sem pecar? Não, pois nosso pecado apareceria no fato de não fazermos todo o bem que deveríamos fazer." — Frost.

(3) Declínio espiritual.

Jr 14.7 — Posto que nossas maldades testificam contra nós, ó Senhor, age por amor do teu nome; porque as nossas rebeldias se multiplicaram; contra ti pecamos.

O declínio espiritual ocorre quando nossa alma se distancia de Deus, distância essa que nas Escrituras é identificada com o pecado e a iniqüidade. (Is 59.1,2).

2. É a Atitude Errada para com a Pessoa de Deus.

(1) Os desígnios insensatos.

Pv 24.9 — Os desígnios do insensato são pecado, e o escarnecedor é abominável aos homens.

Sem dúvida, isso se refere aos desígnios que desonram e depreciam o Ser de Deus.

(2) A prática do orgulho e da arrogância.

Pv 21.4 — Olhar altivo e coração orgulhoso, lâmpada dos perversos, são pecado.

É a auto-exaltação e a arrogância, o que denota uma atitude errônea da mente e do coração para com o próprio Deus.

(3) Murmurações contra Deus.

Nm 21.7 — Veio o povo a Moisés e disse: Havemos pecado, porque temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor que tire de nós as serpentes. Então Moisés orou pelo povo.

V. A. — Lv 24.15,16; 1 Co 10.10,11; Jd 16.

Essas murmurações expressam insatisfação com o plano e com a providência divinos.

(4) Blasfêmia contra o Espírito Santo.

Mc 3.29 — Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno.

A palavra "blasfêmia" significa propriamente detração ou calúnia. No Novo Testamento é aplicada às vituperações dirigidas tanto contra Deus como contra os homens; nesse sentido, devemos compreender que se refere a uma forma agravada de pecado.

3. É a Ação Errônea em Relação à Vontade de Deus.

(1) Condescendência duvidosa.

Rm 14.23 — Mas aquele que tem dúvidas, é condenado, se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado.

V. A. — Rm 14.19-22; I Jo 3.18-22.

Havendo dúvida, o crente deve decidir pelo que não pode desagradar a Deus. A condescendência ou transigência em casos de dúvida, trará, inevitàvelmente, a condenação.

(2) Rebeldia e obstinação.

I Sm 15.23 — Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.

Vontades fortes são fonte de grande bem, quando enfileiradas ao lado da justiça e da vontade de Deus; do contrário, produzem grandes males.

(3) Desobediência.

Jr 3.25 — Deitemo-nos em nossa vergonha e cubra-nos a nossa ignomínia, porque temos pecado contra o Senhor nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até ao dia de hoje; e não demos ouvidos à voz do Senhor nosso Deus.

Aqui temos o desafio aberto e a insubordinação contra a soberania de Deus.

(4) A Trangressão da lei.

I Jo 3.4 — Todo aquele que pratica o pecado, também transgride a lei; porque o pecado é a transgressão da lei.

"Essa é, talvez, a definição mais comum do pecado. A lei fixa a linha divisória entre o bem e o mal, e qualquer passo que a transponha, é pecado. A lei de que Deus fala não pode ser outra senão a Sua própria, estabelecida em Sua própria Palavra. Qualquer traspasso além da fronteira da lei de Deus é pecado." — Cogswell.

4. É Ação Errônea em Relação aos Homens.

(1) Favoritismo.

Tg 2.9 — Se, todavia, fazeis acepção de pessoas cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores.

V. A. — Tg 2.1-4.

Tal acepção coloca nossas relações com os homens, não na base do mérito ou da misericórdia, mas na base do lucro ou satisfação pessoais, o que é evidentemente errado.

(2) Toda injustiça.

I Jo 5.17 — Toda injustiça é pecado, e há pecado não para morte.

Isso vê as relações e ações humanas do ponto de vista de Deus, pois o pecado sempre é contra Deus. Por conseguinte, todos os males cometidos contra nossos semelhantes são reconhecidos como pecados contra Deus.

(3) Desprezo ao semelhante.

Pv 14.21 — O que despreza ao seu vizinho peca, mas o que se compadece dos pobres é feliz.

É absoluta desobediência ao mandamento que diz: "...amarás o teu próximo como a ti mesmo", e também incoerência com a vida sintonizada com Deus.

5. É a Atitude Errônea para com Jesus Cristo — a Incredulidade.

Jo 16.8,9 — Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim.

A incredulidade é raiz da qual se originam todos os demais pecados. Foi depois que Eva permitiu à incredulidade penetrar em seu coração, que ela respondeu favoravelmente ao tríplice apelo da tentação. A incredulidade continua sendo um pecado básico, do qual se reproduz uma colheita multiforme, especialmente quando é a incredulidade para com Cristo. É o pecado que exclui Deus da alma e que, caso o indivíduo persista nele, excluirá a alma eternamente de Deus.

6. É a Tendência Natural para o Erro.

Rm 7.15-17 — Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que detesto. Ora se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim.

V. A. — Rm 8.7; I Jo 1.8; Jr 13.23.

As Escrituras reconhecem um princípio maligno dentro da natureza do homem, princípio esse que se chama **pecado.** É isso que dá ao homem natural uma inclinação ou tendência para a desobediência e a iniqüidade.

D. D. — O pecado é qualquer transgressão contra a vontade revelada de Deus, ou falta de conformidade com essa vontade, quer em condição, quer por conduta.

B. Sua Realidade.

I. *Um fato da Revelação.*

Rm 3.23 — Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

Rm 5.12 — Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram.

V. A. — Gl 3.22; Ec 7.20.

II. *Um fato da Observação.*

Para quem tem olhos para ver, o pecado por toda parte é manifesto. Realmente deve estar cego quem não vê as operações arruinantes, maléficas, brutalizantes e bestiais do pecado, no mundo da vida humana. Um unico exemplar de jornal, uma única visita às instituições públicas de uma grande cidade, um simples passeio a pé por suas populosas avenidas, é suficiente para revelar as formas hediondas que o pecado assume, e convence a qualquer pessoa de sua realidade.

III. *Um fato da Experiência Humana.*

Is 6.5 — Então disse eu: Ai de mim! Estou perdido! por que sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!

V. A. — I Tm 1.15; Js 7.20; Jr 17.1.

V. T. — Lc 5.8; Jó 40.4.

A consciência testifica inequivocamente da realidade do pecado. Todos sabem que são pecadores. Ninguém, que tenha idade de responsabilidade, tem vivido livre do senso de culpa pessoal e contaminação moral. O remorso da consciência, por causa do mal praticado, persegue a todos os filhos e filhas de Adão, ao passo que as conseqüências entristecedoras e terríveis do pecado são vistas através da deterioração e degeneração física, mental e moral da raça.

D. D. — As Escrituras declaram, a observação descobre e a experiência humana comprova o fato do pecado.

C. Sua Extensão.

As Escrituras ensinam que o pecado tem afetado os céus, a terra e seus habitantes.

I. *Os Céus.*

Ef 6.11,12 — Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

V. A. — Is 14.12-15; Jó 1.6; Zc 3.1; Lc 10.18.

V. T. — Ap 12.7-9.

O pecado e queda de Satanás afetaram os céus, infestando as regiões celestes com seres caídos. Ele mesmo, evidentemente, tem acesso aos céus, e seus emissários infestam os lugares celestiais, onde fazem guerra contra o crente.

II. *A Terra.*

1. O reino vegetal.

Gn 3.17,18 — E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo.

Is 55.13 — Em lugar do espinheiro crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta; e será isto glória para o Senhor, e memorial eterno que jamais será extinto.

O reino vegetal foi amaldiçoado por causa do pecado do homem, mas será finalmente redimido dessa maldição por ocasião da volta de Cristo para reinar.

2. O reino animal.

Gn 9.1-3 — Abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra, e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos serão entregues. Tudo o que se move, e vive, ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora.

Is 11.6-9 — O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

O reino animal tem sofrido as conseqüências do pecado do homem; tanto a natureza do homem como a dos animais foi afetada; porém, esse reino também compartilhará da paz e da glória do milênio.

3. A raça da humanidade.

Ec 7.20 — Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque.

(1) Todos pecaram.

Rm 3.10,23 — Como está escrito: Não há justo, nem sequer um... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

V. A. — Sl 14.2,3; Is 53.6; I Jo 1.8-10.

(2) Todos são culpados perante Deus.

Rm 3.19 — Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo seja culpável perante Deus.

V. A. — Sl 130.3; 143.2; Gl 3.10.

(3) Os homens são filhos da ira.

Ef 2.3 — Entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.

V. A. — Jo 8.44; I Jo 3.3-8.

Somos "filhos da ira" por natureza e como tais permanecemos enquanto estamos separados de Cristo. A única natureza que o incrédulo possui é aquela que está em franco antagonismo e inimizade contra Deus e que, portanto, merece com justiça estar debaixo de Sua permanente ira.

(4) Afastados de Deus.

Ef 4.18 — Obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações.

V. A. — I Co 2.14.

Isso significa que o homem ficou afastado de Deus, a ponto de não ser mais Deus o objeto de sua afeição.

(5) Corruptos e enganosos quanto à sua natureza.

Jr 17.9 — Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?

V. A. — Gn 6.5,12; 8.21; Sl 94.11; Rm 1.19-31.

Isso revela a relação anormal que o homem mantém para consigo mesmo e para com seu semelhante por causa do pecado.

(6) Escravizados pelo pecado e mortos no pecado.

Rm 6.17 — Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.

Ef 2.1 — Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados.

V. A. — Rm 7.5,7,8,14,15,19,23,24.

O pecado furtou do homem sua mais verdadeira vida e liberdade, e o transformou em vil escravo, impondo o silêncio da morte sobre suas faculdades e poderes espirituais.

(7) Antagônicos para com Deus e identificados com Seu adversário.

Rm 8.7,8 — Por isso o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Ef 2.2 — Nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência.

(8) Seus corpos debilitados e condenados à morte.

2 Co 4.7 — Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.

V. A. — Rm 8.11.

A execução da sentença da morte física teve início com o começo do pecado humano, e terá prosseguimento enquanto não estiver completa a obra redentora de Cristo.

(9) Aviltados em seu caráter e conduta.

Tt 3.3 — Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros.

V. A. — Ef 2.3; Cl 3.5-7.

Por meio do pecado, o homem se tornou o recipiente de uma natureza depravada; e a expressão inevitável da mesma, é a depravação de caráter e conduta.

D. D. — Parece que o pecado permeou todo o universo, incluindo cada reino na criação e afetando cada raça e espécie entre as criaturas, com resultados funestos.

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina do Pecado

1. Apresente a definição negativa de quatro aspectos do pecado.
2. Discorra, de modo geral, sobre o conceito do pecado no Antigo e Novo Testamentos.
3. Esboce de modo completo a definição do pecado, positivamente considerado.
4. Cite uma passagem que mostra que o pecado é um fato da revelação.
5. Que outras testemunhas testificam da realidade do pecado? Apresente a essência de seu testemunho.
6. Que reinos foram afetados pelo pecado? Cite uma passagem relativa a cada um.
7. Quais são os efeitos sobre a raça humana em conseqüência do pecado?
8. Dê a D. D. sobre a extensão do pecado.

CAPÍTULO SETE

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO
(SOTERIOLOGIA)

Salvação é um termo inclusivo, que abrange dentro de seu escopo muitos aspectos. Por exemplo, há salvação do passado, no presente e para o futuro; ou seja, salvação da penalidade, do poder e da presença do pecado. Há a salvação do espírito na regeneração, da alma na santificação, e do corpo na glorificação. Incluídas nesses diversos aspectos encontram-se as doutrinas que, em conjunto, constituem o que na teologia se chama de soteriologia. Nós chamamo-las de doutrinas da salvação.

A. A Regeneração.

É evidente que as Escrituras se referem a uma grande transformação operada em todos aqueles que se tornam crentes. Essa transformação é inseparável do arrependimento para com Deus e da fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Eis a razão por que a Regeneração é apresentada em tão íntima conexão com o Arrependimento e a Fé.

"Visto que Deus é uma Trindade, e que o Pai e o Filho desempenham papel tão saliente na redenção do homem, é muito racional inferir que o Espírito Santo também tem participação nessa obra benéfica. Depois que a Expiação foi realizada pelo Logos encarnado e que Ele ascendeu para a mão direita de Deus, a justiça foi satisfeita e o governo de Deus foi vindicado em retidão e, portanto, todos os obstáculos foram removidos a fim de que a graça de Deus pudesse ser livremente derramada sobre o homem, visando à sua recuperação. Era justamente em tal conjuntura que se tornava necessário algo, antes que nosso Redentor, em Sua Pessoa glorificada e teantrópica, pudesse entrar em contacto vital com o homem pecaminoso. Visto que o espírito do homem é o centro de seu ser ético, e uma vez que a salvação é, principalmente, transação ética, segue-se que o homem precisa ser espiritualmente despertado e iluminado a fim de poder receber e apreender as coisas pertencentes a Cristo e aceitá-lO pela fé. Nesta conjuntura, pois, é que se verifica a operação necessária do Espírito Santo, para a criação da nova vida. Assim sendo, percebe-se que Deus, ao traçar um plano para a recuperação moral e física do homem, estabeleceu contacto vital em cada ponto sucessivo. Não há falhas, não há lacunas, na obra da graça redentora, desde o princípio até o fim. Tudo foi vitalizado; tudo é orgânico." — Keyser.

I. *Sua Importância.*

1. Relação estratégica com a família de Deus.

Jo 1.12 — Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

O acesso à família de Deus consegue-se da mesma forma pela qual é obtido acesso às famílias humanas, a saber, por geração ou nascimento. Em um caso e no outro, tem de haver comunicação de vida e natureza. No caso dos filhos de Deus, trata-se da comunicação da vida eterna e da natureza divina.

2. Relação estratégica com o reino de Deus.

Jo 3.3-5 — A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

A regeneração ou novo nascimento é a porta de entrada ao reino de Deus. Para quem não tiver essa experiência, a porta há-de permanecer inevitavelmente cerrada, e o homem inexoravelmente separado de Deus.

Cristo salientou a importância dessa doutrina, nas palavras que usou em Sua notável entrevista com Nicodemos. Cada vez que Ele declarou a condição, empregou a expressão enfática: "Em verdade, em verdade." Desse modo, Jesus mostrou que o novo nascimento não é questão facultativa e sim absolutamente obrigatória.

D. D. — A regeneração é importantíssima. Determina a linha de separação entre a vida eterna e a morte eterna, entre a filiação eterna e a separação eterna.

II. *Seu Significado.*

1. Negativamente considerado.

(1) Não é o batismo — nem está identificada com ele, nem dele resulta.

I Co 4.15 — Porque ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus.

Comparar 1 Co 1.14.

V. A. — At 8.13,14,18-23; 11.12-14; 10.44-48.

Aqueles que ensinam a regeneração batismal interpretam João 3.5 e Tito 3.5 como passagens que fornecem base para acreditar-se que a regeneração só tem lugar em conexão com o batismo. Mas, qualquer que seja a interpretação dada a essas

passagens, o que é certo é que não sustentam essa doutrina. Alguns interpretam nas figuradamente, à luz de Ef 5.26, que diz: "...para que a santifique ...por meio da lavagem de água pela palavra...". Se o batismo e a regeneração fossem idênticos, então a linguagem de Paulo na passagem acima citada seria incoerente e contraditória.

"Uma importante conclusão deduz-se do emprego pelo Espírito da verdade na regeneração, a saber, que a regeneração não é efetuada pelo ato do batismo. Em várias passagens do Novo Testamento, o batismo é claramente associado à conversão, e quase sempre com os começos da vida cristã (ver At 2.38; Rm 6.3-4; 1 Pe 3.21). Não há, porém, evidência concludente de que, em qualquer dessas passagens, o batismo seja considerado no sentido que lhe dá o catolicismo, a saber, de que é um ato que por si mesmo regenera sem referência ao espírito do batizando. Igualmente essas passagens não sustentam a opinião de outros, de que o batismo completa o ato da regeneração. O erro de ambos os pontos de vista está em se considerar o batismo como meio que visa a determinado fim, quando a verdade é que ele não passa de uma expressão externa desse fim, que foi doutro modo realizado. O batismo simboliza a regeneração, mas jamais a produz. A verdadeira significação do batismo é moral e espiritual. É a resposta de uma boa consciência para com Deus. Aqui, a verdade é claramente diferenciada do símbolo. E o símbolo tem valor tão somente como espelho que reflete a verdade." — Mullins.

(2) Não é reforma — não é um passo externo, natural, para a frente, nem mera reversão de atitude moral e mental.

Jo 3.3-6 — A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito.

Ver Jo 1.13; Tg 1.18.

Nicodemos era expoente da crença e do ensinamento farisaicos que põem grande ênfase sobre a conformidade externa com a lei; mas Jesus disse, em substância: "É insuficiente a conformidade externa, quer com os requisitos cerimoniais ou morais. Somente a regeneração pode satisfazer à necessidade do homem e à exigência de Deus." A conformidade externa é da carne, a regeneração é do Espírito; a conformidade externa parte da vontade do homem, mas o novo nascimento é produzido pela vontade de Deus.

"Os fariseus eram a melhor gente de sua época; entretanto eram os maiores fracassos. Contra mais ninguém Jesus lançou tão ferozes denúncias. E por quê? Porque substituíam o arrependimento e a fé pela reforma externa; empregavam meios humanos para realizar aquilo que somente o Espírito Santo pode fazer. Assim também hoje, é farisaico e obra de fariseu, todo plano que visa ao melho-

ramento da sociedade mas não atinge a doença em sua própria raiz nem aplica o remédio na própria sede da vida: a alma humana." — Lasher.

2. Positivamente considerada, a regeneração é:

(1) Uma geração espiritual.

2 Pe 1.4 — Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.

V. A. — 1 Jo 3.9; 4.7; Jo 1.13; Tg 1.18; 1 Pe 1.23.

A regeneração é apresentada como uma divina geração ou procriação.
"O nascimento sempre é a condição da vida, quer no terreno físico, quer no espiritual. Não há vida sem nascimento. E isso é tão verdade no terreno espiritual quanto no físico. O nascimento é a idéia básica da regeneração, pelo que também o vocábulo regeneração significa um ato e não um processo; um ato de Deus e não do homem; um ato de Deus por meio do Espírito Santo, pelo qual a natureza do Deus vivo é implantada no homem.

"Toda criança tem pai. Se sou filho de Deus, então Deus é meu pai. Cada geração está ligada, de filho para pai, desde Adão. Assim também na regeneração, há uma comunicação de vida: a própria vida de Deus. Somos tão certamente participantes da natureza divina, em virtude de nosso segundo nascimento, como o somos da natureza humana pelo nosso primeiro nascimento."

(2) Uma revivificação espiritual.

Ef 2.1,5,6 — Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo — pela graça sois salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.

V. A. — Jo 5.21; 5.25.

A ressurreição é a restauração à vida daquilo em cujo interior a vida se extinguira. Por meio do pecado, o espírito do homem caiu em condição de morte espiritual. Entre ele e Deus, devido à desobediência, foi efetuada uma separação. Morte é desunião. Na regeneração o homem é reunido com Deus. Regeneração é reunião. O homem é revivificado, saindo de seu estado de morte espiritual e de desunião, e entrando numa vida espiritual de união e comunhão com Deus.

(3) Uma trasladação espiritual.

Cl 1.13 — Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor.

V. A. — 1 Jo 3.14; Jo 5.24.

Esta designação considera a regeneração na mudança de esfera que efetua. Trata-se da transferência de um para outro reino; do reino das trevas, no qual

governa o pecado e Satanás, para o reino de Seu amado Filho. Quando o homem transfere sua lealdade do eu e do pecado e de Satanás para Deus, passa a achar-se numa nova esfera de vida e de ação.

(4) Uma criação espiritual.

Ef 2.10 — Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

V. A. — Gl 6.15; 2 Co 5.17.

V. T. — Ez 36.26,27; Ef 4.24; Cl 3.10.

Na declaração de Paulo em 2 Coríntios, vemos apresentada uma nova unidade, "uma nova criação", em uma nova esfera, "em Cristo Jesus", dotada de uma nova ordem, "as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

"A regeneração é um ato sobrenatural da parte de Deus. Não é evolução, mas sim, elevação a outra potência — a comunicação de uma nova vida. É uma revolução — uma mudança de direção resultante dessa vida. É uma crise que tem em vista um processo. Passa a gerir, na vida do homem regenerado, um novo poder governante, mediante o qual este é capacitado a tornar-se santo em sua experiência." — Evans.

D. D. — A regeneração é o ato bondoso, soberano e revivificador do Espírito Santo, mediante o qual a vida e natureza divinas são transmitidas à alma do homem, causando uma reversão em sua atitude para com Deus e com o pecado — cuja expressão, mediante o arrependimento e a fé, é assegurada pela instrumentalidade da palavra de Deus.

III. *Sua Necessidade.*

A necessidade da regeneração é tão extensa quanto as fronteiras da raça humana e tão intensa quanto a depravação e a iniqüidade do coração humano. A necessidade se encontra onde quer que esteja o homem, pois como "podereis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal?" Isso é demonstrado:

1. Pela incapacidade daquilo que pertence a um reino ou ordem, de passar por si mesmo para outro reino ou ordem, sem ajuda externa.

Jo 3.3-7 — A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo.

V. A. — Gl 6.15.

Aquilo que pertence ao reino mineral não pode, por si mesmo e sem ajuda externa, obter entrada no reino logo acima: o reino vegetal. A vida vegetal precisa rebaixar-se até ao reino mineral e transmitir-se ao que pertence a este último, assim elevando-o de um reino para outro superior. O mesmo pode ser dito a respeito daquilo que pertence ao reino vegetal em relação ao reino animal. O mesmo princípio também opera em referência ao homem, no reino de Deus. O homem se encontra atualmente no reino da natureza, o qual se tornou o reino das trevas, isto é, o reino de Satanás; e, a não ser que nasça do alto deve permanecer ali para sempre. A vida de Deus no Espírito Santo há de rebaixar-se até esse reino, a fim de transmitir-se àqueles que são seus súditos, assim transportando-os para o reino de Deus.

2. Pela condição do homem: morte espiritual.

Ef 2.1 — Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados.

V. A. — I Tm 5.6.

V. T. — I Co 2.14.

A necessidade da regeneração do homem deriva-se de sua total destituição de vida espiritual: sua morte em delitos e pecados.

3. Pela carência, por parte do homem, de uma natureza espiritual santa e pela perversidade de sua natureza adâmica.

Jr 13.23 — Pode acaso o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal.

V. A. — Jo 3.6; Rm 7.18; 8.7,8; Jr 17.9,10.

"Em seu estado natural o homem está entenebrecido no entendimento, corrompido nas afeições, e afastado de Deus." — Tiffany.

Viver uma vida pressupõe uma natureza da qual proceda aquela vida. "Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?" Viver a vida natural pressupõe nascimento natural; viver a vida espiritual pressupõe nascimento espiritual. A depravação separou o homem de Deus, pelo que, na expressiva linguagem das Escrituras, ele está "alheio à vida de Deus". Como poderá ser conseguida uma reunião? Uma vez que as duas partes, Deus e o homem, estão em conflito, há de realizar-se uma alteração em uma ou em ambas as partes, antes que possa haver reconciliação. Mas Deus é imutável; pelo que a alteração, se tiver de ocorrer, precisa ser efetuada no homem. Assim, percebemos a necessidade da regeneração. É tão necessária quanto a salvação da alma é desejável, pois não pode haver salvação sem reconciliação com Deus.

D. D. — A necessidade de regeneração prende-se à falta de vida e natureza espirituais no homem e à sua incapacidade de mudar sua esfera de vida.

IV. *Seu Modo.*

1. Pelo lado divino: um ato soberano de poder.

Tg 1.18 — Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.

V. A. — Jo 3.5; 1.13.

V. T. — Tt 3.5.

"Os homens nascem de novo quando gerados por Deus. A soberania de Deus, nesse caso, se interpõe. Algo é infundido. Na salvação de cada pessoa há uma autêntica operação do poder divino, mediante o qual o pecador morto é revivificado; o pecador indisposto é tornado disposto; o pecador recalcitrante e obstinado tem a consciência abrandada, e aquele que anteriormente rejeitava a Deus e desprezava o oferecimento do evangelho é levado a lançar-se aos pés de Jesus." — Bishop.

2. Pelo lado humano: um duplo ato de fé dependente.

(1) A Palavra escrita é recebida e crida.

Tg 1.18 — Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.

V. A. — 1 Pe 1.23; At 2.41; 1 Co 4.15.

O Espírito Santo é o agente imediato da regeneração; não obstante Ele se serve da "palavra da verdade", a semente incorruptível da palavra de Deus, que "vive e é permanente".

O homem perdeu-se ao duvidar da palavra de Deus; e é salvo ao confiar nela.

(2) A Palavra Viva é crida e recebida.

Jo 1.12 — No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

V. A. — Gl 3.26; 1 Jo 5.1.

A confiança em Cristo é essencial, como acompanhamento e como evidência da regeneração. A crença, naturalmente, há de ser do coração e é idêntica com o ato de receber a Cristo.

D. D — A regeneração, uma obra divina, é operada por um Agente divino; mas tem também seu aspecto humano, sendo acompanhada por requisitos humanos.

V. *Seus Resultados.*

Os resultados da regeneração são os frutos de uma vida renovada e expressam a vida de Cristo operante nos homens.

1. Mudança radical na vida e na experiência.

2 Co 5.17 — E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.

A regeneração não é gradativa em sua ocorrência, mas é imediata, ainda que sejam gradativas algumas de suas manifestações.

2. Filiação a Deus.

Jo 1.12 — Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

V. A. — Gl 3.26.

A regeneração é a porta através da qual penetramos na vida familiar de nosso Pai celeste. A inimizade é substituída pela relação filial.

3. Habitação do Espírito Santo.

1 Co 3.16 — Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?

V. A. — 1 Co 6.19; Rm 8.9-11.

O Espírito Santo vem residir dentro de nós na qualidade de Espírito de adoção, ensinando-nos a reconhecer e perceber os privilégios que nos têm sido outorgados mediante essa mesma relação.

4. Libertação da esfera e escravidão da carne.

Rm 8.2,9 — Porque a lei do Espírito, da vida em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte... Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.

"Apesar de que o homem regenerado não se encontre na esfera da carne, ainda possui a carne (Gl 5.16,17). A nova natureza, recebida na regeneração, não expele, nem destrói nem desenraíza a antiga natureza. As duas co-existem. A velha natureza está presente, mas seus feitos devem ser mortificados por intermédio do Espírito (Rm 8.13). A carne está presente, mas não estamos debaixo de seu domínio. Alguns asseveram que Gl 5.17 apresenta uma experiência inferior. Em Romanos 8 obtemos uma experiência mais elevada, quando a natureza carnal é arrancada. Contudo, em Rm 2.12,13 vemos que a carne continua presente, ainda que subjugada."

5 Uma fé viva em Cristo.

1 Jo 5.1 — Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo e nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, também ama ao que dele é nascido.

O homem que rejeita a Divindade de Cristo demonstra falta de uma das evidências essenciais de que foi regenerado.

6. Vitória sobre o mundo.

1 Jo 5.4 — Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.

V. A. — 1 Jo 2.15-17; Ap 3.4,5; comparar com 1 Jo 5.4,5.

A fé é o elo de ligação entre a alma e Deus, a ponte entre a fraqueza humana e o poder divino. Dessa maneira, a fé se torna um canal através do qual a onipotência de Deus se torna disponível na experiência humana.

7. Cessação de pecado como prática da vida.

1 Jo 3.4,9 — Todo aquele que pratica o pecado, também transgride a lei: porque o pecado é a transgressão da lei... Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.

A regeneração visa ao arrependimento, que por sua vez importa na renúncia do pecado.

8. Estabelecimento na justiça como prática da vida.

1 Jo 2.29 — Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.

A regeneração inclui a retificação da disposição orientadora na vida, e desse modo abrange o fato de sermos tornados justos.

9. Amor cristão.

1 Jo 3.14 — Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte.

O amor é atributo essencial da vida divina, quer se encontre em Deus ou no homem.

D. D. — Os resultados da regeneração são a um tempo reais e revolucionários, atingindo a vida e a natureza, o caráter e a conduta.

B. O Arrependimento.

O arrependimento é o primeiro aspecto da experiência inicial da salvação experimentada pelo crente, experiência essa que é chamada conversão. A conversão autêntica é uma parte essencial e a prova da regeneração. A regeneração é a obra de Deus no íntimo e a conversão é a exteriorização da salvação, por parte do homem, através do arrependimento e da fé. O arrependimento tem muito de negativo e diz respeito ao pecado em seus muitos aspectos e formas, especialmente ao pecado da incredulidade.

I. *Sua Importância Demonstrada.*

1. **Nos ministérios primitivos do Novo Testamento.**

(1) João.

Mt 3.1,2 — Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

(2) Jesus.

Mt 4.17 — Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

(3) Os doze.

Mc 6.12 — Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse.

2. **Na comissão de Cristo, após Sua ressurreição.**

Lc 24.47 — E que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém.

3. **Nos ministérios posteriores do Novo Testamento.**

(1) Pedro.

At 2.38 — Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.

(2) Paulo.

At 26.20 — Mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento.

V. A. — At 17.30; 20.21; Rm 3.25.

4. **Na expressão do desejo e da vontade de Deus para com todos os homens.**

2 Pe 3.9 — Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

V. A. — At 17.30.

5. **Seu papel na salvação do homem.**

Lc 13.3 — Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.

V. A. — Tg 5.20.

D. D. — A importância do arrependimento verifica-se pelo lugar que ocupa e pela ênfase que lhe é dada, na revelação divina.

II. *Seu Significado.*

1. No tocante ao intelecto.

O arrependimento é uma mudança de pensamento ou de ponto de vista no tocante à nossa obrigação para com a vontade e a palavra de Deus.

Mt 21.30 — Respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi.
V. A. — Lc 15.18; 18.13.

A palavra traduzida aqui "arrependimento" significa mudança de pensamento, de propósito, isto é, de pontos de vista referentes à matéria; significa possuir outra atitude mental a respeito de algo; é uma revolução de pensamento a respeito de nossos pontos de vista e atitudes. Pedro exortou aos judeus a mudarem de pensamento e de pontos de vista a respeito de Cristo, e a expressarem essa mudança recebendo o batismo (At 2.36-40).

"A palavra da qual 'arrependimento' é a tradução tem, no Novo Testamento, como sentido primário, 'reflexão posterior', e, como sentido secundário, 'mudança de pensamentos'. É fácil compreender como o sentido secundário seguiu-se à significação primária, pois, em todas as épocas, a reflexão posterior tem descoberto razões para mudança de pensamentos." — Pendleton.

2. No tocante às emoções.

O arrependimento abrange dois elementos essenciais:

(1) Ódio ao pecado.

Sl 97.10 — Vós, que amais o Senhor, detestai o mal: ele guarda as almas dos santos, livra-nos da mão dos ímpios.

"Esse é um dos fatores essenciais do arrependimento. É inseparável da mudança de pensamentos já referida, pois essa mudança de pensamentos se dá à luz do pecado, porque o pecado é visto como grande mal. Considerado sob essa luz, torna-se objeto de repugnância. Nesse ponto, coincidem o Arrependimento e a Regeneração; o ódio ao pecado se encontra entre os impulsos primários da regeneração; e não pode ser abstraído do arrependimento sem alterar seu caráter. O pecador arrependido odeia o pecado e os pecados dos quais se arrepende; o pecado que é depravação ou corrupção de natureza, e os pecados que são as transgressões incitadas pela natureza pecaminosa. O pecado não é realmente odiado enquanto não é odiado em todas as suas formas: em suas operações internas e suas manifestações externas. O pecado é aquela cousa abominável que Deus aborrece e odeia, e torna-se o objeto do ódio do pecador arrependido." — Pendleton.

(2) Tristeza por causa do pecado.

2 Co 7.9 — Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis.

V. A. — Sl 38.18.

"Isso acompanha o ódio ao pecado. Aquele que se arrepende odeia os pecados pelos quais se entristece, e se entristece por causa dos pecados que odeia. Esse ódio e essa tristeza são recíprocos. De fato, cada qual pode ser reputado tanto o efeito como a causa do outro, tão íntima é sua relação (Mt 11.20,21).

"O Remorso é tristeza em vista das conseqüências do pecado, mas o Arrependimento condena o pecado que produziu tais conseqüências. Lágrimas estão nos olhos do arrependimento, confissão em seus lábios, o pensamento de Deus sobre o pecado em seus pensamentos, o afastamento do pecado é seu caminho, a contrição se apossa de seu coração, o apossar-se de Cristo se encontra em suas mãos, e a humildade de maneiras se acha em sua atitude."

3. No tocante à vontade.

O arrependimento importa na formação de um novo propósito relativo ao pecado e à vontade de Deus.

Lc 15.18-20 — Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou.

V. A. — Mt 21.29; 1 Ts 1.9.

"O arrependimento não é apenas um coração alquebrado por causa do pecado, mas sim, cortado do pecado." A vontade do homem, à semelhança de suas emoções, está intimamente relacionada com seu intelecto e ligada a ele, e o exercício voluntário de uma está envolvido no exercício da outra. Isto é verdade em relação ao arrependimento. Uma autêntica mudança de pensamento para com Deus e o pecado também requer um verdadeiro propósito a respeito deles.

D. D. — O arrependimento pode ser definido como mudança de pensamento para com o pecado e para com a vontade de Deus, o que conduz a uma transformação de sentimento e de propósito a seu respeito.

III. *Sua Manifestação.*

O arrependimento é uma atuação interna da alma, mas tem sua expressão externa, isto é, sua manifestação. O arrependimento torna-se manifesto:

1. Na confissão de pecado.

(1) A Deus.

Sl 32.3-5 — Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim; e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te

o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei. Disse: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniqüidade do meu pecado.

V. A. — Sl 38.18.

V. T. — Lc 18.13; 15.21.

"Todo pecado é cometido contra Deus, contra Sua natureza, Sua vontade, Sua autoridade, Sua lei, Sua justiça e Sua bondade; e o mal do pecado está principalmente no fato de que é oposição a Deus e desarmonia com Seu caráter. O mal do pecado, cometido contra Deus, é o elemento que dá ao verdadeiro penitente uma ansiedade e uma preocupação especiais. Ele justifica a Deus e condena a si mesmo." — Pendleton.

(2) Ao homem.

Também deve haver confissão de pecado ao homem, visto que o homem recebe dano no nosso pecado, e por causa do mesmo.

Tg 5.16 — Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

V. A. — Mt 5.23,24; Lc 19.8,9.

A confissão feita ao homem deve ser tão pública como o erro cometido contra ele. Caso tenha sido um erro público, que tenha danificado sua reputação e lhe tenha furtado sua posição entre os homens, a confissão também deveria ser aberta e pública. Se for possível corrigir o erro que tiver sido cometido, nenhum meio deveria ser deixado de lado para realizar este alvo. A restituição deve seguir-se ao arrependimento.

2. No abandono do pecado.

Pv 28.13 — O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia.

V. A. — Is 55.7; Mt 3.8,10; 1 Ts 1.9; At 26.18.

Quando o arrependimento é genuíno, os homens se voltam das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus; abandonam aquilo que Deus perdoa, e renunciam aquilo que Ele remite.

D. D. — A confissão do pecado e do erro, juntamente com a reparação devida pelos mesmos, quando possível, é a expressão externa do ato interno do arrependimento.

IV. *Seu Modo.*

1. Pelo lado divino: outorgado por Deus.

At 11.18 — E, ouvindo eles estas cousas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida.

V. A. — 2 Tm 2.24,25; At 5.30,31; 3.26.

O arrependimento não é algo que o homem possa originar dentro de si mesmo, ou possa produzir por si mesmo. É dom divino, resultado da graciosa operação de Deus na alma do homem, devido à qual ele se dispõe a essa mudança; Deus é quem lhe concede o arrependimento.

2. Pelo lado humano: realizado através de meios.

(1) Por meio do ministério da Palavra.

At 2.37,38,41 — Ouvindo eles estas cousas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo... Então os que lhes aceitaram a palavra foram batizados; havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.

V. A. — 2 Tm 2.24,25; At 26.19,20.

V. T. — Gl 6.1; 1 Ts 1.5,6,9,10.

"O próprio Evangelho que exorta ao arrependimento é que o produz. Isso é admiravelmente ilustrado na experiência do povo de Nínive (Jonas 3.5-10). Quando ouviram a pregação da palavra de Deus por Jonas, creram na mensagem e abandonaram sua iniqüidade. Não qualquer mensagem, mas o Evangelho, é o instrumento que Deus usa para produzir esta finalidade desejada. Além disso, a mensagem precisa ser pregada no poder do Espírito Santo (1 Ts 1.5-9)."

(2) Por meio da benignidade de Deus.

Rm 2.4 — Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?

V. A. — Lc 6.35; Ef 4.32; 1 Pe 2.3.

O propósito de toda a bondade de Deus, em seus tratos com os homens, tem em vista dissuadi-los de prosseguir no caminho do pecado e conduzi-los à vida de justiça.

(3) Por meio de repreensão e castigo.

Ap 3.19 — Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te.

V. A. — Hb 12.6,10,11.

O propósito de toda a severidade de Deus em Seu trato com os homens tem em vista produzir neles os frutos pacíficos da retidão através do verdadeiro arrependimento.

(4) Por meio da tristeza segundo Deus.

2 Co 7.8-11 — Porquanto ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos

contristou por breve tempo), agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte. Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados; que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto.

Deus tem motivos benevolentes em toda tristeza que Ele permite venha sobre as vidas, tanto de Seus filhos como de outros, e esse motivo é levá-los ao arrependimento.

(5) Por meio da percepção da santidade de Deus.

Jó 42.5,6 — Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza.

O senso experimental da santidade de Deus produz um senso pessoal de pecado, o que é elemento essencial do arrependimento.

D. D. — O arrependimento é um dom de Deus, proporcionado por meio de várias instrumentalidades.

V. *Seus Resultados.*

Uma vez que o arrependimento e a fé são inseparáveis, seus resultados dificilmente podem ser identificados separadamente. Certos resultados, no entanto, são atribuídos nas Escrituras ao arrependimento.

1. **Alegria no céu.**

Lc 15.7-10 — Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento... Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

V.A. — 2 Pe 3.9.

Há alegria na presença dos anjos de Deus, tanto quanto em Seu próprio coração, pelo arrependimento dos pecadores.

2. **Perdão.**

Is 55.7 — Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

V.A. — Lc 24.47; Mc 1.4; At 2.38; 3.19.

O arrependimento habilita-nos para a recepção do perdão, ainda que não nos dê esse direito. Somente o sangue de Cristo é que pode fazer isso.

3. Recepção do Espírito Santo.

At 2.38 — Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.

V. A. — Ef 1.13.

O arrependimento faz parte essencial do requisito subjetivo que visa à outorga do Espírito Santo. É justamente isso que põe a alma em atitude receptiva.

D. D. — O pecador arrependido alegra ao céu, recebe o perdão e o selo do Espírito Santo.

C. A Fé.

A fé é o aspecto positivo da verdadeira conversão, o lado humano da regeneração. Pelo arrependimento, o pecador abandona o pecado; pela fé ele se volta para Cristo. Mas o arrependimento e a fé são inseparáveis e paralelos. O verdadeiro arrependimento não pode existir à parte da fé, nem a fé à parte do arrependimento. Tem-se dito que o arrependimento é a fé em ação, e que a fé é o arrependimento em repouso.

> "Há, porém, o ponto de vista racionalista sobre a fé, que a torna meramente o assentimento à verdade demonstrativamente comprovada; há o ponto de vista romanista sobre a fé, que a transforma numa espécie de boa obra, de natureza mística e espiritual. Quando, porém, nos voltamos para as Escrituras, todas as sutilezas e os erros desta natureza se desvanecem como a neblina perante o sol." — Anderson.

Além do ato inicial da fé salvadora, existem igualmente outros aspectos do assunto que merecem nossa atenção.

I. *Sua Importância.*

1. Essencial a uma relação acertada com Deus.

Hb 11.6 — De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.

V. A. — Jo 3.36; 3.16-18.

Esta relação se perdeu por causa da incredulidade, e somente por meio da fé pode ser reiniciada. Há quem declarou: "Sem fé é impossível satisfazer a Deus ou estar satisfeito com Ele."

2 Essencial à vida cristã normal.

Rm 1.17 — Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

A vida cristã é essencialmente uma vida de fé. Por conseguinte, com esse princípio ausente ou inoperante, a vida não pode ser verdadeiramente cristã nem normal.

3. Essencial como alicerce no templo do caráter e como meio de uma vida frutífera.

2 Pe 1.5-7 — Por isso mesmo, vós, reunindo toda vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.

A fé é a qualidade fundamental e o fator medianeiro que torna possível a corporificação de todas as demais graças cristãs.

4. Essencial como a primeira das três graças cardeais.

1 Co 13.13 — Agora, pois, permanecem, a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor.

Ainda que o amor seja a maior dentre a tríada de graças cristãs, a fé é a primeira e torna possível a recepção das outras.

5. Essencial como requisito primordial nas relações entre Cristo e o homem, conforme demonstrado no caso:

(1) Da mulher siro-fenícia.

Mt 15.21-28, ver o vers. 28 — Então lhes disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E desde aquele momento sua filha ficou sã.

Esta mulher mostrou perseverança, mas Jesus elogiou sua fé.

(2) Do centurião.

Mt 8.5-10, ver o vers. 10 — Ouvindo isto, admirou-se Jesus, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.

Este homem possuía um alto grau de humildade, mas Jesus maravilhou-se de sua fé.

(3) De Bartimeu.

Mc 10.46-52, ver o vers. 52 — Então Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E imediatamente tornou a ver, e seguia a Jesus estrada fora.

O cego Bartimeu era impelido por um anseio verdadeiramente insopitável, mas Jesus o curou à base de sua fé.

(4) Do paralítico.

Mc 2.1-5, ver o vers. 5 — Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados.

Os quatro homens que transportavam o paralítico demonstraram grande engenho e coragem, mas o que Jesus viu foi a sua fé.

6. Essencial para salvar o homem da condenação e garantir-lhe seu mais alto destino.

Jo 3.36 — Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

V. A. — Ap 21.8; Jo 16.8,9.

A salvação dada por Deus e que tira o homem de uma condenação ignominiosa para um nobre destino, só pode ser apropriada e experimentada por meio da fé.

D. D. — Todas as outras graças cristãs encontram na fé a sua origem, e é somente pela fé que podemos assegurar a aprovação divina.

II. *Seu Significado.*

1. Fé natural: possuída por todos.

A fé natural é aquela confiança ou crença possuída por todos os homens, em graus diversos, a qual se fundamenta sobre testemunho material e sobre evidência aparentemente digna de fé. É insuficiente, entretanto, para satisfazer as necessidades morais e espirituais do homem ou as exigências de Deus.

2. Fé espiritual: possuída exclusivamente pelos crentes.

A fé espiritual é aquela crença ou confiança possuída pelos crentes regenerados, em diversos graus, a qual se fundamenta sobre o conhecimento de Deus e de Sua vontade, obtido por meio de revelação e experiência pessoal.

(1) Em relação à salvação.

Esta é a fé em seu aspecto inicial e é sinônima à crença, em contraste com outros aspectos que podem ser identificados com a confiança.

a. **A fé no Evangelho de Cristo.**

Rm 1.16 — Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.

V. A. — 1 Jo 5.10,11.

"'A fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo'. 'A fé vem pela pregação', quer se trate da fé do Evangelho, ou da notícia referente a alguma calamidade ou bem temporal. Não há duas maneiras de se crer, no que quer que seja. E a pregação e o conseqüente ouvir — o verdadeiro ouvir — vêm pela palavra de Deus: não pelo raciocínio baseado nela.

"Na sua primeira e mais simples fase nas Escrituras, a fé é a crença em um registro ou testemunho. Aquele que dá ouvidos verdadeiramente às boas novas de Cristo, acredita nelas tal como uma criança pequena acredita nas palavras de sua mãe. E, somente as pessoas que assim fazem, poderão entrar no Reino." — Anderson.

b. **A recepção do Cristo do Evangelho.**

Jo 1.12 — Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

"Em cada molhe ao longo dos muros de arrimo às margens do Tâmisa, há uma corrente dependurada que chega até à superfície da água em seu nível mais baixo. Não fosse essa corrente, alguma pobre criatura, em luta contra a morte, poderia afogar-se, ainda que tivesse as mãos de encontro ao próprio molhe. O apelo aos pecadores que perecem, para que confiem em Cristo, se assemelha a exortar um coitado que se afoga, a subir pela parede da barragem. As boas novas, o testemunho de Deus concernente a Cristo, é a corrente dependurada para que a mão da fé a agarre. Uma vez salvo, o quase afogado não confiaria na corrente para sua segurança, mas na rocha inabalável por baixo de seus pés; não obstante, se não fosse a corrente, a rocha teria apenas zombado de seus esforços desesperados. E também não é na mensagem do Evangelho que o pecador redimido confia, mas antes, no Cristo vivo, de quem o Evangelho fala; por outro lado, foi na mensagem que a sua fé se agarrou, e foi por ela que ele obteve eterna firmeza na Rocha dos Séculos." — Anderson.

(2) Em relação a Deus.

"A confiança depende não só do merecimento da pessoa em quem se deposita essa confiança, mas também do conhecimento que se tem dessa pessoa e de sua fidedignidade. Nesse sentido, a fé pode ser grande ou pequena, forte ou fraca. A confiança em Deus tem tantos graus quantos crentes existem sobre a terra. Alguns crentes não poderiam confiar nEle a respeito de uma única refeição; outros podem contar com Ele, sem hesitação, para alimentar mil bocas famintas, ou para converter um milhar de pecadores sem Deus. Nossa fé, neste particular, depende inteiramente de nosso conhecimento de Deus, e de nossa comunhão com Ele." — Anderson.

Assim, a confiança contém em si o fator da esperança (Rm 8.24).

a. **Dar crédito à palavra de Deus.**

Jo 5.24 — Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.

V. A. — 1 Jo 5.10; At 27.22-25; Rm 4.3.

V. T. — Gn 15.4-6; Rm 19-21.

Crer ou acreditar em Deus, no sentido de dar crédito à Sua palavra, é contar com a verdade do testemunho de Deus, independente do apoio de qualquer outra

evidência; é estar inteiramente seguro do cumprimento de Suas promessas, ainda que tudo que se vê pareça contrário a esse cumprimento. É aceitar o que Deus diz. "A fé não é crença sem provas; é crença baseada na melhor prova que existe: a palavra de quem não pode mentir (Tt 1.2). A fé é de tal modo racional que não exige outras provas além dessas que são todo-suficientes. Não é 'racionalismo' pedir mais provas além dessa palavra infalível; ao contrário, é o mais consumado irracionalismo."

b. Confiar em Deus.

2 Cr 20.20 — Pela manhã cedo se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa; ao saírem eles, pôs-se Josafá em pé e disse: Ouvi-me, ó Judá, e vós, moradores de Jerusalém! Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e prosperareis.

V. A. — Sl 37.3-5; Jo 14.1.

Percebe-se, na exortação de Josafá, o emprego de "crer" em dois sentidos. Em "Crede nos profetas" vemos o sentido focalizado em a acima: dar crédito às palavras. Mas o convite: "Crede no Senhor vosso Deus" é passível de sentido mais profundo. Tanto é assim que na tradução da CBC está assim redigido: "Ponde vossa confiança no Senhor e tereis a segurança; crede nos seus profetas, e tudo vos correrá bem." "Crer em Deus", pois, neste sentido, é contar com o próprio Deus; é depositar confiança nele, na sua Pessoa, ao ponto de depender dele. Quando "cremos em Deus" no sentido de dar crédito ao que Ele diz, nossa atenção se prende às Suas palavras, ao que Deus tem dito (ver Rm 4.20). Quando, porém, "cremos em Deus" no sentido de confiar nEle, nossa atenção volta-se para Sua Pessoa, ou seja, para aquilo que Deus é. Há duas palavras no hebraico para o exercício da fé ou confiança. Uma significa primariamente "escorar-se", "estear-se", "firmar-se", "apoiar-se"; a outra parece ter mais o sentido de "lançar-se sobre". Quando "cremos em Deus" no sentido de dar-Lhe crédito, apoiamo-nos na Sua palavra; quando "cremos em Deus" no sentido de confiar nEle, apoiamo-nos na Sua Pessoa.

(3) Em relação à oração.

A fé, nesta relação, é a aceitação da provisão de Deus através do cumprimento de Suas promessas, tanto por ação como por atitude.

"Precisamos compreender as promessas sobre as quais baseamos nossas orações; precisamos acreditar que são dignas de plena confiança e então reivindicar seu cumprimento por um ato volitivo de fé, assim proporcionando substância àquilo que, pelo momento, pode ser invisível e quiçá não-existente, pelo menos no que respeita a nosso conhecimento e visão, mas que para a fé é uma esplêndida realidade." — Evans.

a. Certeza do poder de Deus para cumprir Sua palavra.

Jr 32.17 — Ah! Senhor Deus! eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; cousa alguma te é demasiadamente maravilhosa.

b. Certeza da vontade de Deus conforme revelada em Sua palavra.

Jo 15.7 — Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.

c. Certeza da resposta de Deus segundo prometida em Sua palavra.

1 Jo 5.14,15 — E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma cousa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obteremos os pedidos que lhe temos feito.

V. A. — Mc 11.24.

V. T. — Hb 11.1.

Assim sendo, verifica-se que a fé é "a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem."

(4) Em relação às obras.

A fé é a raiz e a árvore da qual as obras de fé são o fruto. Não somos salvos pela combinação de fé e obras, mas sim, por uma fé que produz obras. Somos salvos exclusivamente pela fé, mas por uma fé que não permanece isolada.

Tg 2.20-22,26 — Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Não foi por obras que o nosso pai Abraão foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou... Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

V. A. — Rm 4.1-12; 11.6.

b. A fé é a alegação; as obras são a evidência.

Tg 2.14-18 — Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? ... Mas alguém dirá: Tu tens fé e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.

V. A. — Ef 2.8,9.

"Fé e obras são ambas de determinação divina, ambas são necessárias para o verdadeiro crente. Sem fé ninguém é crente e, à parte das obras, não pode haver evidência dessa fé patenteada para os outros.

"Ambos os elementos são encontrados na vida do verdadeiro crente. A fé é o meio e a condição de sua salvação, ao passo que as obras são seu fruto e sua evidência.

"Cada elemento tem seu próprio lugar, propósito e uso. A fé é o meio de salvação, sua raiz de sustentação. As obras são o produto e o fruto da fé e da

salvação. A fé inicia, promove, controla e culmina a vida espiritual, enquanto as obras evidenciam, embelezam e coroam a mesma." — Hottel.

(5) Em relação a seu possuidor.

A fé, em relação àquele que a possui, deve ser coerente, ou seja, deve ser a expressão de sua vida interna. Bem analisada, a fé se compõe de três elementos:

a. O elemento intelectual compreendendo o assentimento da mente.

Rm 10.14-17 — Como, porém, invocarão aquele em que não creram? e como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam cousas boas! Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo.

At 11.13,14; Jo 20.31; Rm 1.16; 1 Co 15.1-4; Jo 3.31-34; Sl 9.10; At 10.43.

O Evangelho não é tanto uma promessa ou uma aliança, mas antes uma mensagem, uma proclamação. É as "boas novas" de Deus concernentes a Seu Filho, Jesus Cristo nosso Senhor. E a fé verdadeira é a crença nessas "boas novas".

"É preciso destacar que na fé não há nem mérito nem virtude, nem mesmo na letra da verdade crida; mas que a fé em Deus é vida eterna. Crer em Deus pode ser como no caso de Abraão, que creu na promessa de vir a ter uma família (Gn 15.5,6), ou pode ser como no nosso caso, que cremos no testemunho relativo a uma pessoa e a um fato. A fé é uma janela aberta que permite a entrada da luz dos céus até à alma, luz que traz consigo alegria e bênção."

b. O elemento emocional compreendendo a reação favorável do coração.

Rm 10.9,10 — Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação.

V. A. — Mt 13.20; At 8.5-8.

O assentimento intelectual a Cristo, como Salvador, ou mesmo como o único Salvador, é insuficiente. Precisa haver a resposta do meu coração, dirigida a Ele como meu Salvador e brotando do senso de necessidade reconhecida e de um desejo profundo. O elemento emocional é indispensável.

c. Volitivo — compreendendo o consentimento da vontade.

Jo 1.12 — Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

A fé não só recebe a palavra de Cristo, mas também estende a mão e se agarra à Pessoa de Cristo.

"Há um fator volitivo na fé. Precisa haver o propósito de crer. Por isso é que a fé envolve não uma mera aquiescência passiva à vista da verdade, mas também uma resposta ativa às exigências da verdade. A fé embarca nas promessas de Deus." — Davis.

A fé põe em ação a crença intelectual e o desejo emotivo, na direção indicada por ambos.

Nenhum destes elementos isolado, ou combinado com outro, é suficiente. Todos os três são necessários para que se possua e se expresse a fé genuína.

D. D. — A fé, em suas várias relações, tem diversos graus, que vão desde a crença inicial até à confiança dependente. Envolve o intelecto, as sensibilidades e a vontade, e se expressa em obras que se harmonizam com a verdade crida.

III. *Seu Modo.*

As Escrituras apresentam a fé como concessão da graça de Deus, e também salientam a respectiva responsabilidade humana, o que lhe empresta aspectos tanto divino como humano.

1. Pelo lado divino: originada do Deus Trino.

(1) Deus Pai: sua fonte originadora.

Rm 12.3 — Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo, além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.

V. A. — 1 Co 2.4,5; Fp 1.29.

(2) Deus Filho: sua fonte medianeira.

Hb 12.2 — Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, nao fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

V. A. — Lc 17.5.

V. T. — Mt 14.28-31.

(3) Deus Espírito Santo: sua fonte capacitadora.

1 Co 12.4,8,9 — Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo... Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar.

V. A. — Gl 5.22,23.

A fé é obtida como resultado do poder capacitador e da obra graciosa de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

2. **Pelo lado humano: assegurada pelo uso de certos meios.**

(1) A palavra de Deus ouvida e atendida.

Rm 10.17 — E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo.

V. A. — At 4.4.

V. T. — Gl 3.2-5; Rm 4.19,20.

(2) A vontade submissa.

Jo 5.36-40 — Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu respeito, de que o Pai me enviou. O Pai que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz nem visto a sua forma. Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou. Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes vida.

V. A. — Jo 5.6-9.

(3) O motivo certo.

Jo 5.44 — Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros, e contudo não procurais a glória que vem do Deus único?

V. A. — At 8.13,18-24.

V. T. — Jo 2.23-25.

(4) Oração.

Lc 17.5 — Então disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé.

V. A. — Mt 17.20,21; Mc 9.23,24.

Esses elementos humanos participam da produção da fé, e o homem é responsável por eles.

D. D. — A fé, ainda que divina em sua origem, é garantida pelo uso dos respectivos meios.

IV. *Seus Resultados.*

Os resultados da fé são muitos e de grande alcance. A fé é o princípio da nova vida possuída pela alma justificada, e portanto, forçosamente todo resultado desejável está vitalmente relacionado com a fé, e dela depende.

1. **Salvação (inicial).**

Ef 2.8-10 — Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos

feitura dele, criado em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Salvação, em seu sentido mais lato, é um termo imensamente inclusivo, e pode ser empregado para abranger todos os aspectos da vida do crente, desde a justificação até a glorificação. Aqui estamos usando o vocábulo para cobrir apenas os aspectos primários dessa vida.

(1) Perdão.

At 10.43 — Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê, recebe remissão de pecados.

(2) Justificação.

Rm 5.1 — Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

(3) Filiação a Deus.

Gl 3.26 — Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.

V. A. — Jo 1.12.

(4) Vida eterna.

Jo 20.31 — Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

V. A. — Jo 5.11.

(5) Participação da natureza divina.

2 Pe 1.4 — Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.

(6) A presença de Cristo no íntimo.

Ef 3.17 — E assim habite Cristo nos vossos corações, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor.

2. Uma Experiência Cristã Normal. (Fé, o princípio da nova vida).

Hc 2.4 — Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé.

Deus tem nos abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo Jesus, mas a fé é o meio por intermédio do qual elas entram na experiência do crente e encontram expressão através de sua vida.

(1) Santificação.

At 26.18 — Para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.

V. A. — At 15.9.

(2) O poder conservador de Deus.

1 Pe 1.5 — Que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo.

(3) A vida vitoriosa.

1 Jo 5.4,5 — Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé. Quem é o que vence o mundo senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?

V. A. — Ap 3.4,5.

(4) Descanso e paz.

Mt 11.28 — Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

V. A. — Is 26.3; Fp 4.6,7; Jo 14.1.

(5) Alegria e satisfação.

1 Pe 1.8 — A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória.

(6) Feito canal de bênção.

Jo 7.38,39 — Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até esse momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.

V. A. — At 2.33.

3. Santas Realizações.

Hb 11.1,2 — Ora, a fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho.

A fé liberta a onipotência de Deus, tornando-a disponível para a realização de Sua vontade e obra.

(1) Cura física.

Mt 9.22,29 — E Jesus, voltando-se, e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E desde aquele instante a mulher ficou sã... Então lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé.

V. A. — Tg 5.14,15.

(2) Resposta às orações segundo a vontade de Deus.

Mt 21.22 — E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

V. A. — Tg 1.5-7; Mc 11.24; 1 Jo 5.14,15.

V. T. — Hb 6.12; Lc 1.45.

(3) Poder de operar maravilhas.

Mt 21.21 — Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá.

V. A. — Jo 14.12; Hb 11.32-34; Mt 17.19,20; Jo 11.40.

(4) Todas as cousas tornadas possíveis.

Mc 9.23 — Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! tudo é possível ao que crê.

V. A. — Mt 19.26; Fp 4.13.

D. D. — Pela fé nos apegamos à onipotência de Deus. A fé pode fazer qualquer cousa que Deus pode fazer.

D. Justificação.

Quando Jó propôs a pergunta: "Como pode o homem ser justo para com Deus?" (Jó 9.2), ele apresentou o problema dos séculos, o problema que tem deixado perplexa a mente do homem desde que este se tornou pecador. O senso de pecado e o senso da existência de Deus são universalmente inatos na natureza do homem, e fluem para as correntes de sua consciência através dos meios da experiência, isto é, através da observação e da reflexão. Em resultado disso, o homem passa a ter o senso de necessidade. O homem possui, naturalmente, o senso abstrato de retidão e de erro, que chamamos de consciência. O homem também se encontra, por natureza, aliado ao erro e adversário da retidão; em vista do que possui um senso paralelo de auto-condenação e de culpa em relação a Deus. É desta experiência que se eleva a necessidade consciente de que precisa corrigir sua posição, ajustando-a em termos justos e retos perante Deus.

" 'Justificação pela Fé' é uma frase cheia de significado, tanto nas Escrituras como na História. No Novo Testamento, é o tema principal das duas grandes epístolas dogmáticas e doutrinárias aos Romanos e aos Gálatas. Foi o grito de guerra dos Reformadores, no grande levante espiritual do século XVI. Ainda que esta verdade, isoladamente, não exaura de modo algum as epístolas referidas, porém, pode-se afirmar com justiça que, de modo geral, ela constitui a mensagem do apóstolo Paulo, como também a verdade da grande Reforma da Igreja Ocidental.

"Lutero, orientado por sua profunda experiência, sustentou que a Justificação pela Fé era o artigo de uma igreja que se conservaria de pé ou cairia; e o Dr. Edward Harold Browne acrescentou que é também o artigo de uma alma que se mantém de pé ou cai." — Moule.

I. *Seu Significado.*

1. Negativamente considerado.

(1) Não é tornar justo, nem transmitir justiça a seus recipientes.

"Para Tomás de Aquino e Pedro Lombardo, dentre outros eruditos da escola da Idade Média, a justificação tinha um sentido semelhante ao da regeneração; e no decreto do Concílio de Trento, a justificação é considerada como eqüivalente à santificação, sendo ali descrita como 'não a mera remissão de nossos pecados, mas também a santificação e a renovação do homem interior'." — Moule.

(2 Não é mudança no caráter ou estado de seus objetos.

A justificação não trata de nossa salvação subjetiva, mas antes, de nossa salvação objetiva. Diz respeito à nossa posição perante Deus judicialmente, e não ao nosso estado de vida moral e espiritual.

2. Positivamente considerado.

(1) Definição teórica.

Por justificação referimo-nos àquele ato de Deus mediante o qual, devido a Cristo, a Quem o pecador é unido pela fé, Ele declara que esse pecador não mais está sob a condenação, mas tem uma posição de justiça e retidão perante Ele.

"Por derivação, a palavra portuguesa 'justificação' significa fazer justo, tornar conforme a um padrão autêntico. Isto parece significar um processo mediante o qual o erro é corrigido, o mal se torna bem, o bem se torna melhor, e alguma pessoa ou cousa é realmente melhorada, e assim, justificada. Para os advogados, a justificação não envolve melhoria de condição, mas antes o estabelecimento de uma posição, perante o juiz ou juri, literal ou figurado. Os advogados têm por alvo obter um veredito favorável, ou a declaração do veredito, ou a sentença de inocentação, ou a vindicação de direito, conforme seja o caso.

"No uso comum e diário falamos em justificação; pode-se justificar uma opinião; justificar determinada linha de conduta; justificar uma declaração; justificar um amigo. Que queremos dizer com isso? Não reajustar ou melhorar os pensamentos ou palavras, não educar o amigo para que seja mais sábio ou mais capaz; não, mas obter um veredito a respeito de um pensamento, de uma palavra, de uma ação de um amigo, no tribunal de julgamento, quer seja no tribunal de julgamento da opinião pública, da consciência comum, da sociedade, ou seja do que for."

(2) Definição bíblica.

As palavras traduzidas por "justificar" e "justificação" significam não "tornar justo", mas antes, "declarar justo", "declarar reto" ou "declarar livre de culpa e de merecimento de castigo".

Ex 23.7 — Da falsa acusação te afastarás; não matarás o inocente e o justo, porque não justificarei o ímpio.

V. A. — Dt 25.1; Jó 27.5; Sl 143.2; Pv 17.15; Is 5.23; 50.8; 53.11.

"A palavra 'justificar' é empregada neste sentido usual em Dt 25.1, onde é claro os juízes não deviam devotar-se à melhoria moral dos queixosos ou a tornar os justos melhores ainda, mas tão somente vindicar a sua posição como satisfatória para com a lei de Israel. Tinham a incumbência de declará-los justos, se legalmente o fossem.

"Mas, a aplicação do termo mudava quando entrava em cena a questão da salvação. O veredito em foco não era mais uma questão de lei hebréia ou opinião pública, mas, sim, do Juiz Eterno de toda a terra. A palavra 'justificação', tanto na terminologia religiosa como na linguagem comum, é um termo ligado à lei. Diz respeito à inocentação, à vindicação, e à aceitação de alguém perante o tribunal de julgamento. É termo técnico e forense, e diz respeito à posição de homens pecaminosos perante um Deus santo."

D. D. — A justificação é o ato judicial de Deus, mediante o qual aquele que deposita sua confiança em Cristo é declarado justo a Seus olhos, e livre de toda culpa e punição.

II. *Seu Escopo.*

A justificação começa com o presente do crente, e se estende em duas direções: o passado e o futuro. Trata do pecado e da culpa de ambas, judicialmente, e estabelece o crente como eternamente justo na presença de Deus.

1. A remissão de pecados, incluindo a remoção de sua culpa e penalidade.

At 13.38,39 — Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.

V. A. — Rm 8.1; 8.33,34; Nm 23.21; Mq 7.18,19.

Na justificação, há completa vindicação do crente no tocante a toda não-conformidade com a lei de Deus e transgressão contra ela.

2. A atribuição da retidão de Cristo e a restauração ao favor de Deus.

2 Co 5.21 — Àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

V. A. — Fp 3.9; 2 Cr 20.7; Tg 2.23.

V. T. — Rm 3.21,22.

"Na Inglaterra existe uma disposição mediante a qual o rei pode, por sua clemência real, perdoar um criminoso; não pode, porém, reintegrar o homem na posição de

quem nunca desobedeceu à lei. Até o fim de seus dias esse homem será um criminoso perdoado. Mas o Rei dos reis não apenas perdoa, como também inocenta o ofensor e o reintegra ao considerá-lo 'reto' aos olhos da lei." — Thomas.

"Desde o momento da conversão até o fim da vida terrena, a justificação é sempre a mesma. O crente poderá necessitar perdão como filho do Pai, mas nunca mais será considerado criminoso perante o Juiz. A justificação é ato de juiz; o perdão é ato de pai. A justificação abrange o passado, o presente e o futuro. A questão do pecado, entre a alma e Deus, foi resolvida para sempre. É possível o crente ser um filho desobediente, e assim necessitar da vara de castigo do pai, mas nunca mais pode ser considerado pecador perdido e sujeito à condenação do juiz." — Dean.

D. D. — Em Cristo Jesus, todos quantos confiam são justificados de todas as cousas; nEle são declarados justos.

III. *Seu Método.*

O método é divino e não humano. O homem só pode justificar o inocente; Deus justifica o culpado; o homem justifica à base do mérito; Deus justifica à base da misericórdia.

1. Negativamente considerado.

(1) Não pelo caráter moral.

1 Co 4.4 — Porque de nada me argui a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor.

V. A. — Lc 16.15.

Se o homem tivesse de ser justificado nesta base, seu caráter moral teria de ser perfeito; mas ninguém é perfeito. "Não há homem que não peque." "Não há salvação por meio do caráter. O que os homens necessitam é ser salvos de seu caráter."

(2) Não pelas obras da lei.

Rm 3.20 — Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.

V. A. — Gl 2.16.

V. T. — Tt 3.5; Rm 4.2-7; Gl 5.4.

"A lei não foi dada para salvar ou justificar quem quer que seja, mas para pôr ponto final nos argumentos e mostrar que todos são culpados (Rm 3.19); para dar conhecimento do pecado (Rm 3.20; 7.7); para mostrar a excessiva pecaminosidade do pecado (Rm 7.13); para conduzir o pecador a Jesus (Gl 3.24). No tribunal de Deus, nenhum homem pode ser considerado justo a Seus olhos pela obediência à lei. Nenhum homem pode prestar perfeita e perpétua obediência,

pelo que a justificação pela obediência à lei é impossível (Gl 3.10; Tg 2.10; Rm 3.23). A preocupação da epístola aos Romanos é apresentar esta grande verdade. Como meio de estabelecer corretas relações com Deus, a lei é totalmente insuficiente. A única cousa que a lei pode fazer é fechar a boca de todo homem e declará-lo culpado perante Deus. Trata-se de uma questão de Moisés ou Cristo, as obras ou a fé, a lei ou a promessa, fazer ou confiar, salário ou dom gratuito." — Evans.

2. Positivamente considerado.

(1) Judicialmente, por Deus.

Rm 8.33 — Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.

V. A. — Rm 3.24.

Na regeneração temos a ação soberana de Deus, Aquele que "faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11), ao passo que na justificação temos sua ação judicial. Na justificação, Deus é visto a agir baseado em justos e retos alicerces e em harmonia com a lei.

(2) Causativamente, pela graça.

Rm 3.24 — Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.

Comparar Jo 15.25b — Odiaram-me sem motivo.

O homem é justificado por Deus mediante um ato judicial; mas um ato que é também um ato de graça livre, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. "Gratuitamente" significa sem causa, isto é, sem que haja causa ou motivo para tanto, de nossa parte.

(3) Meritória e manifestamente, por Cristo.

a. Por Sua morte, meritoriamente.

Rm 5.9 — Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

V. A. — Rm 3.24b.

O homem é justificado ou considerado reto no sangue de Cristo, ou seja, à base da morte propiciatória de Cristo.

b. Por Sua ressurreição, manifestamente.

Rm 4.25 — O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação.

Os homens são justificados declarativamente ou manifestamente através da ressurreição de Cristo. Jesus ressuscitou por causa de nossa justificação, isto é,

a ressurreição de Cristo mostra o valor justificador de Sua morte como base de nossa justificação.

"Cristo no Calvário, satisfez a penalidade exigida, deu-se como eqüivalente, e assim pagou o eqüivalente à quantia exigida; mas Deus pelo fato de ressuscitar Cristo de entre os mortos, deu a Sua assinatura ao recibo da conta paga, pelo que, não apenas a nossa dívida está paga pelo nosso Quitador pois está quitada por Aquele que fez a justa exigência." — Mackay.

(4) Medianeiramente, pela fé.

Rm 5.1 — Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

V. A. — Rm 4.5; 3.23,26; At 13.39.

A fé não é causa motivadora de nossa justificação, nem pode ser considerada como sua base ou fundamento. Sua função é tão somente medianeira, mediante a qual a justificação é recebida. Ela constitui uma condição da justificação do homem, mas não é sua causa.

"A fé é aceitação do método divino da justificação. A fé apropria aquilo que a graça fornece. Tudo foi consumado há séculos atrás. Agora a fé dá crédito e considera o registro digno de confiança, e assim é considerada como justiça, visto que apreende tudo quanto a justiça de Deus exigia e tudo quanto Sua graça providenciou." — Mackay.

(5) Evidencialmente, pelas obras.

Tg 2.14,24 — Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente.

Não devemos desprezar as boas obras, que têm seu próprio lugar; e seu lugar não precede a justificação, mas antes, segue-a. A fé que justifica é uma fé real que conduz à ação que é de conformidade com a verdade crida. Somos justificados pela fé, sem as obras. O homem que trabalha para conseguir a salvação não é o homem justificado, mas o homem justificado é o homem que trabalha. A árvore demonstra sua vida por meio de seus frutos, mas já estava viva antes que os frutos ou mesmo as folhas tivessem aparecido.

"Não há contradição entre Paulo e Tiago no concernente à questão da fé e das obras. Paulo considera a questão do ponto de vista de Deus, e assevera que somos justificados, aos olhos de Deus, meritoriamente, sem quaisquer obras de nossa parte. Tiago considera o assunto do ponto de vista do homem, e assevera que somos justificados, à vista do homem, evidentemente, pelas obras, e não exclusivamente pela fé. Em Tiago a questão em foco não é a base da justificação, como é o caso dos escritos de Paulo, mas sim, o que está em foco é a sua demonstração." — Evans.

D. D. — O homem é justificado não por seu caráter ou sua conduta, mas pela graça de Deus como ato judicial na base da redenção de Cristo, conforme demonstrado por Sua ressurreição; e é apropriada a justificação pela fé e manifestada pelas obras.

IV. *Seus Resultados.*

1. Liberdade de incriminação.

Rm 8.1,33,34 — Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus... Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.

O Dr. Moule apresenta a seguinte paráfrase desta última passagem: "Quem apresentará uma acusação contra os escolhidos de Deus? Será Deus, que os justifica? Quem os condenará se a acusação for apresentada? Será Cristo, que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à mão direita de Deus e que em realidade vive a interceder por nós?"

2. Paz com Deus.

Rm 5.1 — Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

V. A. — Ef 2.14-17.

Esta paz é legal ou judicial e faz contraste com a paz de Deus, que é experimental (Fp 4.6,7).

3. Certeza e percepção de glorificação futura.

Tt 3.7 — A fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.

V. A. — Rm 8.30.

A justificação outorga ao crente o direito e a garantia da glória futura, a respeito da qual as Escrituras nos fornecem a promessa.

D. D. — A justificação traz isenção da condenação, paz judicial, e a esperança da glória futura.

E. Santificação.

A santificação trata, quase exclusivamente, de nosso estado, assim como a justificação trata de nossa posição. Na justificação somos declarados justos a fim de que, na santificação, nos tornemos justos. A justificação é aquilo que Deus faz por nós, enquanto a santificação é quase exclusivamente aquilo que Deus faz em nós. A justificação nos coloca em correta relação com Deus, legalmente, ao passo que a santificação demonstra o fruto dessa relação, experimentalmente, e isso através de uma vida separada do mundo pecaminoso e dedicada a Deus. A justificação nos torna seguros, enquanto a santificação nos faz sãos.

Não obstante, há certo aspecto da santificação chamado "posicional", e que não pode deixar de ser considerado. Neste aspecto a santificação é semelhante à justificação. Na justificação, entretanto, o crente é visto do ponto de vista legal, ao passo que na santificação posicional ele é visto do ponto de vista moral. Na justificação o crente se torna posicionalmente justo, enquanto nesta fase da santificação ele se torna posicionalmente santo.

I. *Seu Significado.*

1. O processo de separação ou estado de separação para Deus.

Lv 27.14-16 — Quando alguém dedicar a sua casa para ser santa ao Senhor, o sacerdote a avaliará, seja boa ou seja má: como o sacerdote a avaliar, assim será. Mas, se aquele que a dedicou quiser resgatar a casa então acrescentará a quinta parte do dinheiro à tua avaliação, e será sua. Se alguém dedicar ao Senhor parte do campo da sua herança, então a tua avaliação será segundo a semente necessária para o semear: um ômer pleno de cevada será avaliado por cinqüenta siclos de prata.

V. A. — Nm 8.17; 2 Cr 7.16; Jr 1.5; Mt 23.17; Jo 10.36; Lv 8.33-36.

2. O processo de separação ou estado de separação da contaminação cerimonial ou moral.

2 Co 20.5-18, especialmente vers. 5 e 18 — E lhes disse: Ouvi-me, ó levitas! Santificai-vos agora, e santificai a casa do Senhor Deus de vossos pais; tirai do santuário a imundície... Então foram ter com o rei Ezequias no palácio, e disseram: Já purificamos toda a casa do Senhor, como também o altar do holocausto com todos os seus utensílios e a mesa da proposição com todos os seus objetos.

V. A. — Lv 11.44; 20.7; I Ts 5.22,23; Hb 9.13; I Ts 4.3-7.

V. T. — 1 Cr 15.12,14; Êx 19.20-22.

Estes dois sentidos da palavra "santificação" estão intimamente ligados. Ninguém pode estar verdadeiramente separado para Deus, sem estar separado do pecado.

3. Deus é demonstrado santo, mediante a revelação de Seu caráter.

Ez 36.23 — Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante eles.

V. A. — Ez 28.22; 38.16; 39.27.

A raiz da qual se originam esta e outras palavras correlatas, é o vocábulo grego "hagios". O pensamento mais próximo da santidade de que era capaz o grego secular

era "o sublime, o consagrado, o venerável". O elemento moral está totalmente ausente. Ao ser adotada esta palavra nas Escrituras, entretanto, foi necessário proporcionar-lhe novo sentido. Empregando a palavra "santo" em seu sentido mais elevado, quando aplicada a Deus, os melhores lexicógrafos definem-na como "aquilo que merece e exige reverência moral e religiosa". Ao ser aplicada a Deus, a santidade pode ser definida como "aquele elemento da natureza divina que está à base da reverência, que o homem deve a Deus e que a determina. Esta palavra também tem o sentido que lhe era dado no grego clássico, ou seja, "consagrado aos deuses"; um animal para o sacrifício, uma casa para o culto, um vaso destinado ao uso sagrado, uma peça de vestuário para uso do sacerdote, um homem consagrado ao serviço, tornavam-se, por essa designação, santos. Semelhantemente nas Escrituras, uma pessoa ou coisa é chamada santa por motivo de haver sido separada do pecado e dotada de pureza absoluta.

D. D. — Por santificação entende-se o processo de separar-se, ou o estado de separação para Deus e do mundo. É acompanhada por uma revelação da santidade de Deus.

II. *Seu Período.*

A santificação pode ser considerada no passado, presente e futuro, ou então como algo instantâneo, progressivo e completo.

1. Fase inicial, contemporânea da conversão.

1 Co 1.2 — À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.

V. T. 1 Co 6.11.

Esta fase da santificação é instantânea, e tem duplo aspecto: posicional e prático. É simultânea com nossa aceitação de Cristo como Salvador e Senhor. Os dois aspectos da santificação que estão incluídos nesta fase são muito semelhantes, enfim, quase sinônimos com a justificação e com a regeneração, incluindo a conversão.

(1) Santificação posicional, referente à posição moral, santa e perfeita, em Cristo.

Hb 10.9,10,14 — Então acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade.

> Remove o primeiro para estabelecer o segundo. Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas... Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.

V. T. — 1 Co 1.30,31; Gl 6.14; Ef 1.6; Cl 2.10; Hb 9.26.

Há certo sentido, por conseguinte, em que cada verdadeiro crente já está santificado. Mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, feita "uma vez por todas", fomos separados do pecado e separados para Deus — "aperfeiçoados para sempre"

no que concerne à nossa posição perante Deus. Em Cristo, portanto, obtivemos uma nova posição tanto moral como judicial, tanto na santidade como na justiça.

(2) Santificação prática, quanto ao nosso estado: recebida uma nova natureza, o que resulta em novos desejos e propósitos.

I Pe 1,2 — Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo: graça e paz vos sejam multiplicadas.

V. T. — I Jo 3.9; I Pe 1.3-5; 2 Ts 2.13.

A santificação prática diz respeito ao aspecto subjetivo de nossa salvação. Tem seu início na regeneração, sendo assim, em sua fase inicial, idênticas. Somos separados, pelo ato regenerador de Deus, daqueles que tem descendência natural adâmica e que pelo pecado são filhos do diabo, para a Paternidade de Deus por meio da filiação espiritual em Cristo Jesus.

Há outro sentido em que o crente pode já estar santificado, se tiver atendido ao apelo de Rm 12.1,2; tendo-se apresentado como sacrifício vivo a Deus. Essa oferta é "agradável a Deus". Assim como no Antigo Testamento, Deus demonstrava Seu prazer em uma oferta enviando fogo a fim de tomá-la para Si, assim quando o crente apresenta desse modo todo o seu corpo a Deus, o Senhor ainda aceita pelo fogo a oferta: o fogo do Espírito Santo; ou recebendo para Si aquilo que é dessa maneira apresentado. Dessa maneira o crente, quanto à sua vontade, ao propósito dominante de sua vida, ao centro de seu ser, está santificado; pertence inteiramente a Deus pela entrega e consagração. À medida que ele for estudando a Bíblia e sendo iluminado pelo Espírito Santo, esse crente deverá ir descobrindo diariamente em sua vida determinados atos, hábitos, maneiras de sentir, de falar e de agir que não estão de acordo com esse propósito central da sua vida. Há de confessar tais cousas como indignas, rejeitando-as e, assim, pelo Espírito de Deus e pelo Cristo nele presente (Jo 15), trazendo mais esse setor de sua vida à conformidade com a vontade de Deus revelada em Sua Palavra.

2. Fase progressiva, contemporânea da vida terrena do crente.

2 Co 7.1 — Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.

V. A. — 2 Pe 3.18; 2 Co 3.18; Ef 4.11-15; 1 Ts 3.12; 4.1,9,10.

A justificação difere da santificação no seguinte: aquela é um ato instantâneo e que não comporta progressão; esta, é uma crise que visa a um processo — um ato que é instantâneo, mas que ao mesmo tempo traz em si a idéia de desenvolvimento até à consumação.

De acordo com 2 Co 3.18 estamos sendo transformados de um grau de caráter ou de glória para outro. É porque a santificação é progressiva que somos exortados a continuar progredindo cada vez mais (1 Ts 3.12; 4.1,9,10) nas graças da vida cristã.

Existe realmente o "aperfeiçoamento de santidade". O dom de Deus à Igreja, de pastores e mestres, tem o propósito de aperfeiçoar os santos na semelhança de Cristo até que, finalmente, atinjam o padrão divino (Ef 4.11-15; Ep 3.10-15).

3. Fase final, contemporânea da vida de Cristo.

1 Ts 3.12,13 — E o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; a fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

V. A. — 1 Ts 5.23; Fp 3.12-14; 1 Jo 3.2.

Esta fase tem a ver com a consumação e o aperfeiçoamento da santificação do crente. Este será então completo, nada faltando, em tudo semelhante a Cristo. Será completamente livre de pecado e perfeito em santidade.

D. D. — A santificação tem início no começo da salvação do crente, é co-extensiva com sua vida nesta terra, e atingirá o seu clímax e perfeição quando Cristo voltar.

III. *Seu Modo.*

Tal como outros aspectos da salvação do crente, a santificação é realizada de modo duplo. Há uma parte que somente Deus pode desempenhar, e o faz; há outra parte que pertence ao homem, pela qual ele é responsável.

1. Pelo lado divino.

(1) A obra de Deus, Pai.

1 Ts 5.23,24 — O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.

V. A. — Jo 17.17; Jd I.

(2) A obra de Cristo, o Filho.

Ef 5.25,26 — Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra.

V. A. — Hb 10.10; I Co 1.30; Gl 6.14.

V. T. — Êx 11.7; 12.13.

(3) A obra do Espírito Santo.

2 Ts 2.13 — Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos

amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade.

V. A. — I Pe 1,2.

V. T. — Lv 8.10-12.

Assim como Deus, na antiga dispensação, consagrou para Si os primogênitos, assim, na nova dispensação, consagra o crente para Si mesmo e o separa do pecado. Quem faz isso é o Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo; cada Pessoa se desincumbe de Seu papel respectivo. Deus Pai planejou a santificação; Deus Filho providenciou-a; Deus Espírito Santo realiza-a.

2. Pelo lado humano, é realizada:

(1) Mediante a fé na obra redentora de Cristo.

At 26.18 — Para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.

V. A. — I Co 1.30; Hb 13.12,13.

V. T. — Gl 6.14; At 15.9.

Ao passo que o crente se apropria, pela fé, de Cristo e Sua obra redentora, torna-se experimentalmente santificado, isto é, torna-se realmente separado do pecado e consagrado para Deus.

"É pela fé que vivemos (Rm 1.17); pela fé andamos (2 Co 5.7); pela fé estamos firmados (2 Co 1.24); pela fé combatemos (I Tm 6.12); pela fé somos vitoriosos (1 Jo 5.4)." — Marsh.

(2) Mediante a palavra de Deus.

Jo 17.17 — Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

V. A. — Jo 15.3; Sl 119.11.

V. T. — Ef 5.26.

Quando a palavra de Deus é lida, crida e obedecida, ela se torna num meio eficaz para a santificação do crente.

(3) Mediante a completa dedicação da própria vida.

Rm 12.1,2 — Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

V. T. — Jo 17.18,19.

(4) Mediante a submissão à disciplina divina

Hb 12.1,11 — Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.

V. T. — 1 Co 11.32.

Tornamo-nos participantes da santidade de Deus por intermédio da administração de castigo por nosso Pai Celeste, e por meio de nossa submissão ao mesmo castigo.

(5) Mediante a renúncia ao pecado e o seguir a santidade.

Rm 6.18,19 — E, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação.

V. T. — 2 Co 7.1; Tt 2.11,12.

Somos santificados através do auto-julgamento, da renúncia pessoal ao pecado e do seguir após a santidade.

D. D. — A santificação é efetuada ao passo que o crente desenvolve sua salvação, cônscio da operação de Deus em seu íntimo.

F. Oração.

O termo oração, em seu sentido mais lato, inclui todas as formas de comunhão com Deus. Abrange a adoração, o louvor, o agradecimento, a súplica e a intercessão. Contudo, o ensino categórico das Escrituras sobre o assunto da oração trata principalmente dos dois últimos aspectos. As leis que os governam, entretanto, são basicamente as mesmas que condicionam as outras formas de comunhão.

A importância da oração só pode ser aquilatada pelo destaque que lhe é dado nas Escrituras e nas vidas daqueles que têm sido notavelmente usados por Deus.

I. *Razão ou Necessidade da Oração.*

1. Porque é dever.

Lc 18.1 — Disse-lhes Jesus uma parábola, sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer.

V. T. — Gn 18.25.

"Essas duas Escrituras nos conduzem à esfera da ética, que trata daquilo que é certo, daquilo que deve ser. Quando um homem é eticamente são, ele é o que deve ser." — Dixon.

Jesus Cristo declarou que a oração é um procedimento ético; que o homem que ora faz o que é certo; e por implicação, o homem que não ora deixa de fazer o que é certo. Ele é anti-ético.

2. Porque é ordem.

Cl 4.2 — Perseverai na oração, vigiando com ações de graça.

V. A. — I Ts 5.17; I Co 7.5.

A vontade revelada de Deus é que Seu povo ore; a obediência a essa vontade, portanto, torna-o necessário.

3. Porque o negligenciá-la é pecado.

1 Sm 12.23 — Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós; antes vos ensinarei o caminho bom e direito.

Se deixamos de orar a favor de outras pessoas, não apenas lhes fazemos dano espiritual, mas também pecamos contra Deus.

4. Porque o negligenciá-la entristece a Deus.

Is 43.21,22 — Ao povo que formei para mim, para celebrar o meu louvor. Contudo não me tens invocado, ó Jacó, mas de mim te cansaste, ó Israel.

V. A. — Is 64.6,7.

A falta de oração merece o desagrado e a repreensão de Deus, visto que representa uma atitude errônea por parte do homem para com Ele.

5. Porque é um meio pelo qual Deus proporciona bênçãos.

Mt 7.11 — Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?

V. A. — Tg 4.2; Mt 21.22.

V. T. — Dn 9.3.

Há muitas coisas que Deus outorga e que o crente recebe exclusivamente por meio da oração.

6. Porque é essencial para a vitória sobre as forças do mal.

Ef 6.12-18 — Vers. 18 — Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos.

A exigência de nossa época é muito clara e urgente. É de uma força espiritual que capacite o guerreiro cristão a fazer frente eficazmente aos poderes adversos no passo que buscam, em cada fase do conflito, impedir por meio dele a realização do divino plano da redenção. A força que pode suprir essa exigência, do modo mais eficaz possível, é justamente a oração. Saber como usar completamente esse recurso divino, é trazer para o campo da luta um poder irresistível.

7. Por causa da obrigação imposta pelo exemplo de Cristo.

Hb 5.7 — Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade...

V. A. — Mc 1.35.

Havia necessidade e motivo de oração na vida do Filho de Deus, o que a torna evidentemente necessária na vida de Seus seguidores.

8. Por causa da ênfase que lhe era dada na Igreja Primitiva.

At 6.4 — E, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.

V. A. — Rm 1.9; Cl 1.9; At 12.5.

Os apóstolos reputavam a oração com uma das duas principais formas de atividade que poderiam absorver seu tempo e sua atenção. Deram-lhe lugar de igualdade com o ministério da Palavra, e com toda razão. Pois o ministério da Palavra, à parte da oração, conduz ao formalismo; enquanto que a oração, à parte do ministério da Palavra, tende a levar ao fanatismo.

D. D. — A necessidade da oração é demonstrada por seu caráter ético; por sua obrigação bíblica; por sua relação vital com toda bênção e vitória proporcionadas, e pela ênfase dada à oração na vida de Cristo e da Igreja Primitiva.

II. *A Habilitação para a Oração.*

1. Negativamente considerada.

(1) A contemplação do pecado no coração incapacita para a oração.

Sl 66.18 — Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido.

V. A. — Hc 1.13; Is 59.1,2.

A palavra aqui traduzida como "contemplar" tem o mesmo significado que tem em Hc 1.13, ou seja: considerar favoravelmente. Deus exige que assumamos para com o pecado a mesma atitude que Ele assume, que é de antipatia e repugnância (ver Sl 97.10). Se nossa atitude para com o pecado for favorável, forçosamente a do Senhor para conosco será desfavorável.

(2) A recusa de dar ouvidos à Palavra de Deus incapacita para a oração.

Pv 28.9 — O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável.

V. A. — Zc 7.11-13; Pv 1.24,25,28.

Aqueles que não quiserem dar ouvidos à palavra que Deus proferiu não serão ouvidos quando falarem.

(3) O desprezo ao clamor do necessitado incapacita para a oração.

Pv 21.13 — O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido.

V. T. — Tg 2.14-16; 1 Jo 3.16-18.

Aqueles que se recusam a ouvir o clamor dos necessitados, quando chegar o tempo de sua própria necessidade, verão seus clamores rejeitados por Deus.

1 Pe 3.7 — O desajuste doméstico incapacita para a oração.

2. Positivamente considerada.

(1) Verdadeiro arrependimento.

Lc 18.13,14 — O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado.

V. A. — At 11.13,14; 10.24,30-32.

O pecador contrito que se mantém sempre pronto a voltar-se arrependido do pecado e pela fé em Cristo, quando sabe o caminho, pode orar de tal modo que sua oração seja ouvida. "O pecador impenitente nunca ora. A impenitência não envolve sequer um dos elementos do espírito de oração: nem desejo santo, nem amor santo, nem temor santo, nem confiança santa, pode o pecador impenitente encontrar em seu próprio íntimo. Por conseguinte, não possui partícula alguma daquela espontaneidade não-estudada no clamar a Deus, que Davi exibiu ao dizer: 'Por isso o teu servo se animou para fazer-te esta oração.' Toda a atmosfera da oração, portanto, é alheia aos seus gostos. Ainda que force sua alma a assumir essa forma de devoção por algum tempo, não consegue ali permanecer."

(2) Fé em Cristo.

1 Jo 5.13-15 — Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus. E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma cousa segundo a sua

vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que temos feito.

V. A. — Hb 11.6.

"A fé é o acompanhamento inevitável e essencial de toda oração verdadeira. Nossa fé aceita a certeza de que a oração será ouvida e respondida, e pleiteia o cumprimento da revelação divina, pois à parte de nossa confiança em Deus como Aquele que ouve nossas orações, não poderá haver oração real ou bênção genuína." — Hastings.

(3) Retidão e piedade.

Sl 34.15 — Os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor.

V. A. — Sl 32.6; Pv 15.8; Sl 145.19; Hb 12.28,29; 1 Pe 3.12; 2 Co 7.1.

As pessoas cujas vidas são retas e piedosas podem oferecer a Deus oração eficaz.

(4) Obediência.

1 Jo 3.22 — E aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável.

A obediência não fornece a base sobre a qual Deus responde às nossas orações, mas preenche uma condição exigida.

(5) Permanência em Cristo.

Jo 15.7 — Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.

V. A. — Sl 91.1,14,15.

O que habita no esconderijo do Altíssimo, a saber, em Cristo; o que permanece em Cristo e em quem a Palavra permanece, pode orar aceitavelmente a Deus.

(6) Humildade.

Sl 10.17 — Tens ouvido, Senhor, o desejo dos humildes; tu lhes fortalecerás o coração, e lhes acudirás.

V. A. — Sl 9.12; Sf 2.3.

"As figuras do pobre, cujo clamor não é esquecido; do manso, cujo desejo é ouvido; e do humilde a quem é concedida a graça, são encontradas constantemente no saltério, na profecia e nas epístolas." — Hastings.

A verdadeira humildade de coração habilita-nos para a oração eficaz.

(7) Alegre confiança.

Sl 37.4,5 — Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos do teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará.

Deus se deleita naqueles que nEle se deleitam; desse modo, os desejos de seus corações se tornam os desejos de Seu coração. Ele então faz com que se realizem as respostas às suas orações.

D. D. — A oração eficaz depende de certos requisitos que precisam ser satisfeitos.

III. *As pessoas a quem é dirigida.*

1. Deus.

At 12.5 — Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele.

V. A. — Ne 4.9.

Deus, que é o Supremo e Soberano Governante do Universo, é o objeto apropriado de nossas orações. Toda a oração deve ser dirigida a Ele.

(1) Deus Pai.

Mt 6.9 — Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome.

V. A. — Ef 1.17; 3.14; Jo 17.1,11,25; 16.23; At 4.24.

(2) Deus Filho.

1 Co 1.2 — À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.

V. A. — At 7.59; 1 Co 12.3,8,9; 2 Tm 2.22; At 9.8,17,20,21; Rm 10.9,10,12,13.

Pelo precedente estabelecido pela prática dos homens cheios de Espírito Santo, nas Escrituras, fica demonstrado ser correto orar a Jesus Cristo.

Algumas vezes surge a pergunta: "Devemos orar ao Espírito Santo?" Não há nada que proíba de se dirigir oração ao Espírito Santo, a não ser a ausência, nas Escrituras, de precedente ou exemplo nesse sentido. Na Bíblia não se encontra registrada nenhuma oração feita a Ele, porém encontramos menção da comunhão do Espírito. Alguém pode achar que isso subentende oração. As Escrituras dão a entender que a oração seja feita ao Pai, em nome de Jesus Cristo, o Filho, no poder e sob a orientação do Espírito Santo (ver Ef 2.18). A relação do Espírito Santo para com a oração é demonstrada em passagens como Rm 8.15,16,26,27.

D. D. — O alvo da oração é o ouvido de Deus.

IV. *Seus objetos.*

1. **Nós mesmos.**

Jo 17.1 — Tendo Jesus falado estas cousas, levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti.

V. A. — 1 Cr 4.10; Sl 106.4,5; 2 Co 12.7,8; Hb 5.7.

(1) Quando necessitados de sabedoria.

Tg 1.5 — Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.

(2) Em circunstâncias adversas.

Sl 102.17 — Atendeu à oração do desamparado, e não lhe desdenhou as preces.

V. A. — Sl 69.33.

(3) Quando oprimidos.

Ex 22.22,23 — A nenhuma viúva nem órfão afligireis. Se de algum modo os afligirdes, e eles clamarem a mim, eu lhes ouvirei o clamor.

V. A. — Is 19.20; Tg 5.4.

(4) Quando sofremos.

Tg 5.13 — Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.

Devemos orar a nosso próprio favor, mas isso pode ser feito sem egoísmo e tendo em vista a glória de Deus.

2. **Nossos irmãos em Cristo.**

Tg 5.16 — Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

V. A. — Rm 1.9; Sl 36.9,10.

Devemos orar uns pelos outros, ou seja, os crentes devem orar a favor dos demais crentes.

3. **Obreiros cristãos.**

Ef 6.18-20 — Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos, e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que em Cristo eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

V. A. — Cl 4.3; 2 Ts 3.1,2; Mt 9.38.

Os ministros e mensageiros do Evangelho merecem lugar de destaque nas orações dos crentes.

4. Novos convertidos.

1 Ts 3.9-13 — Pois que ações de graça podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus, orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente, e reparar as deficiências da vossa fé? Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, com Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; a fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

V. A. — Jo 17.9,20.

Os principiantes na vida cristã devem ser incluídos entre os objetos da oração, especialmente aqueles a quem servimos de instrumento para conduzir a Cristo.

5. Os enfermos.

Tg 5.14-16 — Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantara; e, se nouver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

"Dois princípios podem ser aqui estabelecidos no tocante à cura:
"Primeiro, há três formas de cura:

"A Sobrenatural — Explica-se por si mesma. É aquela forma de cura em que o próprio Deus, sem emprego de meios, e pelo toque direto de Sua própria onipotência, cura o corpo.

"A Natural — Em que a saúde volta por meio do repouso, do sono, da nutrição adequada, da mudança de ambiente, e da volta à obediência àquelas leis naturais cuja transgressão ocasionara a perda da saúde.

"A Remedial — Quando remédios e outros meios, quer médicos ou cirúrgicos, têm parte na recuperação da saúde.

"Segundo, toda cura é divina, pois só Deus pode curar. Nenhum médico afirmará que os remédios curam. Fornecem um meio pelo qual as forças recuperadoras latentes são vitalizadas no processo da cura. E o sustento de toda a vida é o Deus de vida, o único capaz de curar pois somente Ele na qualidade de criador de vida, pode restaurá-la e renová-la quando danificada. Ora, se Deus é o originador dessas formas de cura e as usa, pertence a Deus somente, e não a nós,

decidir que forma Ele empregará. Nenhum cristão tem o direito de dizer: 'Não usarei meios', pois, se o disser, poderá estar dizendo, com efeito: 'Não obedecerei a Deus'. Esperar exclusivamente pelo poder direto de Deus e recusar todos os meios, é limitar Deus ao sobrenatural, expulsando-O do natural. Mas Deus não quer assim. Pois, o que chamamos de natural é simplesmente Deus a operar através do que é natural. O natural é o método costumeiro pelo qual Deus opera, ao passo que o sobrenatural é Seu método extraordinário de operação. Se pertence inteiramente a Deus resolver se efetuará ou não a cura, compete igualmente a Deus escolher o método da cura." — McConkey.

6. As Crianças.

1 Cr 29.18,19 — Senhor, Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Israel, conserva para sempre no coração do teu povo estas disposições e pensamentos, inclina-lhe o coração para contigo: e a Salomão, meu filho, dá coração íntegro para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos, fazendo tudo para edificar este palácio para o qual providenciei.

V. T. — Ef 6.4.

A criação dos filhos na disciplina e admoestação do Senhor exige orações fervorosas a favor deles por parte dos pais.

7. Os Governantes.

1 Tm 2.1-3 — Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus nosso Salvador.

V. A. — 2 Pe 2.10,11; 1 Pe 2.17.

A vontade revelada de Deus é que os crentes orem pelas autoridades do governo humano.

8. Israel.

Rm 10.1 — Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles é para que sejam salvos.

V. A. — Jl 2.17; Is 62.6,7; Sl 122.6,7.

Israel deve ser objeto de nossas orações constantes.

9. Os que nos maltratam.

Lc 6.28 — Bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam.

V. A. — Mt 5.44; Lc 23.34; At 7.60.

A oração deve ser a reação do crente ao tratamento áspero ou injusto que receber dos outros.

10. Todos os homens.

1 Tm 2.1 — Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens.

Toda a humanidade, com suas muitas classificações e divisões, deve ser incluída na oração do crente.

D. D. — A oração abrange o escopo mais lato possível, incluindo cada aspecto da experiência humana e todas as classes e condições entre os homens.

V. *Seu Método.*

1. Ocasião.

(1) Em horas certas.

Sl 55.16,17 — Eu, porém, invocarei a Deus, e o Senhor me salvará. À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e ele ouvirá a minha voz.

V. A. — Dn 6.10; At 10.9,30.

De conformidade com o exemplo de homens santos da Bíblia, devemos dedicar horas determinadas à oração.

(2) Nas refeições.

1 Tm 4.4,5 — Pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graça, nada é recusável, porque pela palavra de Deus, e pela oração, é santificado.

V. A. — Mt 14.19; At 27.35.

De conformidade com o exemplo de Cristo e de Paulo, orações de agradecimento e bênção devem preceder nossas refeições.

(3) Em grandes angústias.

Sl 50.15 — Invoca-me no dia da angústia: Eu te livrarei, e tu me glorificarás.

V. A. — Sl 77.1,2; 86.7; 60.11; 130.1.

V. T. — 1 Cr 5.20; 2 Cr 13.13-16; 20.1-19; Jn 2.2,7; Sl 30.2,3.

Devemos dirigir orações a Deus em dia de angústia, em dia de batalha; quando somos inferiorizados em número ou força pelo inimigo e ficamos penosamente perplexos; quando falha toda ajuda humana e a alma nos desmaia no íntimo, então devemos clamar a Deus em meio a essas profundidades opressoras.

(4) Em todas as ocasiões.

Ef 6.18 — Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos.

V. A. — Sl 116.1,2; Lc 18.1; 1 Ts 5.17.

"A oração, conforme temos visto, é, no seu conceito mais elevado, antes um estado que um ato. A plena fruição de seus benefícios depende da continuidade de suas influências. Se limitarmos a oração reduzindo-a a experiências diárias isoladas, separando estas por longos períodos em branco durante os quais a alma não tem visão de Deus para seu refrigério, a oração não será outra coisa senão um trabalho árduo e, freqüentemente, enfadonho." — Phelps.

2. Lugar.

Devemos orar sempre e em todas as ocasiões, sem cessar.

(1) Em particular.

Mt 6.6 — Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.

V. A. — Mt 14.23.

Na oração particular devemos procurar um local isolado, onde possamos ficar a sós com Deus.

(2) Em público.

At 27.35 — Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer.

V. T. — Jo 11.41; 17.1.

A oração deve ser feita tanto na reunião dos crentes, como dos incrédulos.

(3) Em todos os lugares.

1 Tm 2.8 — Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade.

Qualquer lugar neste mundo pode ser uma autêntica Betel, um lugar de encontro com Deus, uma casa de oração.

3. Modo.

(1) Atitude do corpo — não é importante nem é determinada.

a. De pé.

Mc 11.25 (CBC) — E, quando estiverdes de pé para orar, se tendes alguma cousa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.

V. T. — Jo 17.1.

b. De joelhos.

1 Rs 8.54 — Tendo Salomão acabado de falar ao Senhor toda esta oração e súplica, estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus, se levantou de diante do altar do Senhor.

V. A. — Lc 22.41.

c. Prostrado.

Mt 26.39 — Adiantando-se um pouco, prostrou-se, sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres.

As Escrituras não determinam qualquer atitude física especial na oração; a alma pode estar em oração, seja qual for a posição ou atitude do corpo.

(2) Atitude da alma — sumamente importante e obrigatória.

a. Sinceridade.

Sl 145.18 — Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade.

V. A. — Mt 6.5.

b. Simplicidade.

Mt 6.7 — E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.

V. A. — Mt 26.44.

c. Fervor.

Hb 5.7 — Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade...

V. A. — Lc 22.44; At 12.5.

d. Persistência.

Cl 4.2 — Perseverai na oração, vigiando com ações de graça.

e. Clareza.

Sl 27.4 — Uma cousa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor, e meditar no seu templo.

V. A. — Mt 18.19; Mc 11.24.

f. Confiança.

Mt 21.22 — E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

V. A. — Tg 1,6,7; Hb 11.6; Jo 14.13; Rm 8.26,27.

"A oração deve ser feita na atitude de uma alma necessitada e impotente, cujo único refúgio é Deus." — Frost.

D. D. — A oração deve ser contínua quanto ao tempo, universal quanto ao seu lugar; aquele que ora deve estar preocupado, não com a postura do corpo, mas com a atitude da alma.

VI. *Seus Resultados.*

1. Grandes realizações.

Tg 5.16 — Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.

Ninguém pode sondar a profundidade de significado da palavra "muito", na passagem acima; mas não há dúvida que encerra algo bem perto de possibilidades infinitas.

2. Respostas definidas.

Jo 14.13,14 — E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma cousa em meu nome, eu o farei.

V. A. — Mc 11.24.

Deus não envia substitutos como respostas às nossas orações; Ele proporciona aquilo mesmo a que temos sido levados a pedir, movidos pelo Espírito Santo.

3. Cumprimento do propósito divino.

1 Jo 5.14,15 — E esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma cousa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito.

O alvo da oração não é vencer a relutância de Deus, mas antes, é apegar-se à Sua disposição favorável, isto é, assegurar o propósito e a provisão de Sua vontade.

4. Glorificação de Deus.

Jo 14.13 — E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho.

V. A. — 1 Jo 3.22; Jo 17.1.

Não apenas constitui um resultado, como igualmente, alvo ou finalidade digna da oração. A glória de Deus deve ser o motivo de todas as nossas orações, como também em todos os setores de nossa vida e serviço.

D. D. — A oração fervorosa e eficaz do justo, muito pode, em relação tanto a Deus como ao homem.

Perguntas para Estudo Sobre Doutrinas da Salvação

1. Como se verifica a importância da regeneração? Dê a D. D.
2. Quais as duas cousas com que devemos evitar de confundir a regeneração? Discorra sobre ambas.
3. Dê a quádrupla designação positiva da regeneração, citando uma passagem para cada aspecto, e dê a D. D.
4. Em que consiste a necessidade da regeneração?
5. Como é realizada a regeneração?
6. Quais são os resultados da regeneração? Dê a D. D.
7. Como se demonstra a importância do arrependimento? Dê a D. D.
8. Defina o arrependimento no tocante aos três elementos de personalidade, e dê a D. D..
9. Discorra sobre os dois elementos envolvidos no arrependimento, no tocante às emoções.
10. Como se manifesta o arrependimento? Cite uma passagem para cada aspecto.
11. Cite uma passagem que mostre como o arrependimento é realizado pelo lado divino.
12. Como é realizado o arrependimento, pelo lado humano?
13. Quais são os resultados do arrependimento?
14. Que relação sustentam entre si a fé e o arrependimento?
15. Em que consiste a importância da fé? Cite uma passagem para cada aspecto, e forneça a D. D.
16. Classifique e defina as duas espécies de fé.
17. Esboce de modo completo as diversas relações sustentadas pela fé espiritual.
18. Dê a tríplice maneira em que a fé é obtida pelo lado divino, e cite uma passagem para um dos aspectos.
19. Quais os meios que são usados na obtenção da fé pelo lado humano? Cite uma passagem a respeito de um desses meios.
20. Esboce os resultados da fé, de modo completo.
21. Qual é a experiência do homem que leva à pergunta: "Como pode um homem ser justo perante Deus?"
22. Discorra sobre o fundo histórico da frase: "Justificação pela Fé".
23. Apresente e discorra sobre a dupla definição negativa da justificação.
24. Dê as definições teórica e bíblica da justificação, citando uma passagem a respeito da última, e apresentando a D. D..
25. Discorra sobre o escopo da justificação, citando uma passagem bíblica para cada aspecto.
26. Em que difere o método divino da justificação, do método humano?
27. Discorra sobre o método da justificação, considerado negativa e positivamente.

28. Quais os resultados da justificação?
29. Faça a distinção entre a santificação e a justificação.
30. Apresente o tríplice significado da santificação.
31. Mencione as três fases da santificação, cite uma passagem para cada uma, e apresente a D. D.
32. Discorra sobre o duplo aspecto da fase inicial da santificação, e identifique cada fase com um aspecto da salvação. Mencione outro sentido em que se pode dizer que o crente já está santificado.
33. Como é realizada a santificação, pelo lado divino? Cite uma passagem para cada aspecto.
34. Como é realizada a santificação, pelo lado humano?
35. Dê a D. D. sobre o modo da santificação.
36. Por que devem os homens orar? Cite uma passagem para cada razão apresentada.
37. Que fatores nos incapacitam para a oração?
38. Que fatores nos capacitam para a oração?
39. A quais pessoas deve ser dirigida a oração? Cite uma passagem relativa a cada uma.
40. Responda à pergunta: "Devemos orar ao Espírito Santo?"
41. A favor de quem devemos orar? Esboce de modo completo.
42. Discorra sobre os princípios apresentados acerca da cura.
43. Quando devemos orar?
44. Onde devemos orar?
45. Como devemos orar? Qual a atitude do corpo? Qual a atitude da alma?
46. Quais os resultados da verdadeira oração?

CAPÍTULO OITO

A DOUTRINA DA IGREJA
(ECLESIOLOGIA)

O ensino das Escrituras acerca da Igreja é tão claro e positivo quanto o que diz respeito a qualquer outra doutrina; contudo, a concepção dos homens, mesmo de cristãos professos, sobre o assunto, parece ser muito indefinido e vago. Isso sem dúvida se deve ao fato de que, segundo o emprego humano, o termo "Igreja" tem numerosos e variados significados. É empregado para distinguir as pessoas religiosas das não religiosas. É usado denominacionalmente, a fim de discriminar entre grupos organizados, como: Igreja Presbiteriana, Igreja Metodista ou Igreja Católica Romana. É usado em relação a edifícios, designando um local de reunião em que os cristãos se reúnem para adorar. Essa terminologia, e outros usos um tanto semelhantes, tendem a obscurecer a verdadeira significação do vocábulo. Quando, entretanto, chegamos ao uso bíblico do termo, verificamos que essa indefinição desaparece.

A. Seu Significado.

A palavra portuguesa "igreja" é tradução do termo grego "eclesia", que significa "chamados para fora". É vocábulo que era usado para designar uma assembléia ou congregação que fosse convocada para diversos propósitos. O significado desse termo, segundo empregado no Novo Testamento, é duplo. Refere-se àqueles que são chamados para fora, dentre as nações, ao nome de Cristo, para constituírem a Igreja, o Corpo de Cristo. Nesse sentido, a Igreja é um organismo. Refere-se ainda aos que são chamados dentre uma determinada comunidade a fim de obedecer aos princípios e preceitos de Cristo encontrados no Novo Testamento, na qualidade de grupo de cristãos. Nesse sentido, a igreja é uma organização.

1. *Na qualidade de organismo.*

A Igreja é o corpo místico de Cristo, do qual Ele é a Cabeça viva e do qual os crentes regenerados são os membros.

1 Co 12.12,13 — Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós somos batizados

em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

V. A. — Ef 1.22,23.

V. T. — Ef 3.4-6.

A Igreja, assim considerada na qualidade de organismo é, segundo Atos 15.14, "um povo para o seu nome", o qual Deus está atualmente tirando dentre os gentios. Esta é a dispensação da eleição e seleção divinas, cujo objetivo é a formação do Corpo de Cristo, destinado a ser Sua Esposa.

II. *Na qualidade de organização.*

Uma igreja local é um grupo de crentes batizados, reunidos pelo Espírito Santo com o propósito de obedecer os princípios e preceitos da palavra de Deus.

At 16.5 — Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia.

V. A. — At 2.41,42.

"No Novo Testamento, a Igreja é uma organização extremamente simples. Todos quantos sejam capazes de se render a Jesus Cristo e que realmente o fazem, aceitando-O como Salvador e obedecendo-Lhe como Senhor, têm o direito de ser membros. E todos os membros estão no mesmo nível. Não há obstáculos para admissão por diferenças de raça, sexo, idade, posição econômica ou cultural. Em Jesus Cristo não há nem judeu nem gentio, nem grego nem bárbaro, nem homem nem mulher, nem escravo nem livre. A igreja administra seus próprios negócios. Não se inclina a qualquer autoridade terrena superior a si mesmo. Jesus Cristo é Seu exclusivo legislador. O Novo Testamento é seu código, porém a igreja administra as leis que lhe foram divinamente transmitidas. Exerce disciplina sobre seus membros que de algum modo estejam andando desordenadamente. De conformidade com o Novo Testamento, a igreja tem apenas duas espécies de oficiais: bispos ou pastores, cujo dever é ministrar nas cousas espirituais, apascentando o rebanho de Deus; e diáconos, que foram estabelecidos para cuidar dos assuntos temporais da igreja." — Goodchild.

A Igreja, quer considerada em seu aspecto mais amplo, como organismo e que inclui todos os crentes cristãos autênticos, chamados de todas as nações entre o primeiro e o segundo advento de Cristo; quer considerada em seu aspecto local, como organização, que inclui os crentes de determinada comunidade, não deve ser identificada nem com o Reino de Deus nem com o Reino dos Céus. O Reino de Deus é aquela esfera ou terreno em que a soberania de Deus é reconhecida e em que Sua vontade é obedecida, inclusive anjos não-caídos e os homens redimidos de todos os séculos. A Igreja, entretanto, inclui apenas os homens na atual dispensação, sendo, assim, apenas uma parte do Reino de Deus.

O Reino dos Céus tem um tríplice aspecto, conforme apresentado no Novo Testamento: Primeiro, seu estado durante os dias de João Batista e de Cristo, ao

ser oferecido a Israel. Naquele tempo o Reino dos Céus estava "próximo", na Pessoa de seu Rei. Segundo, aparece em seu "estado de mistério", segundo apresentado nas parábolas do capítulo treze de Mateus. Ali, o Reino dos Céus inclui toda a esfera da profissão cristã, sendo sinônimo a cristandade. Terceiro, o seu aspecto profético, estabelecido nos ensinos de Jesus Cristo e de outros escritores do Novo Testamento. O único terreno comum entre a Igreja e o Reino dos Céus é aquilo que é real na profissão de fé, incluído em seu atual aspecto. Desse modo, a Igreja está dentro dos limites do Reino dos Céus, na aplicação atual do termo.

D. D. — A Igreja, na qualidade de organismo, inclui todos os crentes regenerados, tirados de todo o mundo entre o primeiro e o segundo advento de Cristo; ao passo que, como organização, abrange os crentes locais, unidos para o serviço de Cristo, em qualquer assembléia cristã.

B. Sua Realidade, Conforme Apresentada.

I. *Em Tipos e Símbolos.*

1 O corpo com seus membros.

Rm 12.4,5 — Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo, e membros uns dos outros.

V. A. — 1 Co 12.12-27; Cl 1.18.

O apóstolo Paulo recebeu um duplo ministério, referente ao Evangelho e à Igreja. Esses dois aspectos são inseparavelmente ligados, e Paulo recebeu uma idéia sobre ambos por ocasião de sua conversão. Cristo, em Sua glória, fazia parte da visão salvadora que foi concedida a Paulo. O Evangelho, assim recebido, identificava o pecador redimido com seu Senhor e Salvador. A mensagem foi: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Paulo perseguia aos cristãos e não a Cristo; mas nessa ocasião ele aprendeu que os cristãos estão unidos com Cristo e Cristo com eles.

> "Quando nosso Senhor falou dos mistérios do Reino dos Céus, em Mateus 13, disse: 'Publicarei cousas ocultas desde a criação'. O apóstolo Paulo refere-se freqüentemente aos mistérios que foram desvendados. Ele relembra a seus leitores de Éfeso que já antes havia mencionado esse mistério, em poucas palavras. Em seguida falou do 'mistério de Cristo'. Que vem a ser? Não se refere meramente à Igreja, na qualidade de corpo de Cristo, e, sim, ao próprio Cristo. Esse mistério do Cristo ressurrecto, que possui um corpo composto de crentes judeus e gentios, é o mistério, o qual, em épocas passadas, não fora revelado aos filhos dos homens. A Igreja, no conselho de Deus, já existia desde antes da fundação do mundo; mas Ele permitiu que as eras se fossem escoando até que achou por bem torná-la conhecida." — Gaebelein.

A analogia da cabeça e do corpo, que ilustra Cristo e a Igreja em suas mútuas relações, é muito feliz. Assim como a cabeça funciona através do corpo e seus

membros, assim Cristo funciona através da Igreja e de seus membros. Assim como existe mútua dependência entre a cabeça e o corpo, igualmente existe entre Cristo e Sua Igreja. Cristo depende da Igreja por tê-la escolhido como meio de expressar-se e realizar Seus propósitos. A Igreja depende de Cristo para dEle receber sabedoria e orientação nessa realização. Cristo depende da Igreja para desempenhar Seu trabalho. A Igreja depende de Cristo para dEle receber o poder para efetuá-lo. Assim como os membros do corpo são mutuamente essenciais à esse corpo e à sua cabeça, semelhantemente o são os membros da Igreja: mutuamente essenciais uns aos outros e a Jesus Cristo.

2. A esposa em relação a seu esposo.

2 Co 11.2 — Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo.

V. A — Ef 5.31,32; Ap 19.7.

(1) Adão e Eva — Gn 2.18,21-24.
(2) Isaque e Rebeca — Gn 24.61-67.
(3) José e Asenate — Gn 41.45.

A Igreja é, atualmente, o Corpo de Cristo em processo de formação e, quando ela estiver completa, ser-lhe-á apresentada como Esposa; por enquanto somente o pedido de noivado foi efetuado. Aguarda cumprimento futuro a celebração da "ceia das bodas do Cordeiro".

"Poderá ser levantada a seguinte objeção à aplicação das duas figuras, 'corpo' e 'esposa', à mesma entidade espiritual: uma vez que o Novo Testamento chama a Igreja de 'corpo de Cristo' (1 Co 12.12-27), como pode chamar o mesmo povo de 'esposa do Cordeiro', pois a 'esposa' não pode ser o 'corpo' do próprio esposo. Contudo, está de perfeito acordo com a Bíblia, pois tanto no Antigo (Gn 2.21-24) como no Novo (Ef 5.28-32) Testamentos, não obstante serem marido e mulher pessoas distintas, são considerados como formando 'uma carne'. Não há, portanto, incoerência na aplicação das duas metáforas à mesma relação existente entre Cristo e Sua Igreja. Na qualidade de Corpo, a Igreja participa da vida de Cristo que é a cabeça; na qualidade de Esposa, participará eternamente de Seu amor." — S. S. Times.

3. O Templo com seu alicerce e suas pedras.

Ef 2.21,22 — No qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

V. A. — 1 Pe 2.4-6.

A significação simbólica e profética do templo, é quádrupla. É típica do próprio céu, isto é, do santuário não feito por mãos humanas (Hb 9.24). É típica do corpo do crente, que é o santuário ou templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). É típica

da Igreja, que está sendo edificada para habitação de Deus no Espírito (Ef 2.21,22; 1 Co 3.16). Nessa analogia, os crentes individuais são representados como pedras de construção que, unidas umas às outras, constituem "casa espiritual" e "templo santo no Senhor". O templo é também típico do corpo físico de Cristo (Jo 2.19-21).

II. *Nas declarações proféticas.*

1. A promessa da Igreja.

Mt 16.16-18 — Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

A Igreja não existiu enquanto Cristo estava sobre a terra. Na ocasião em que as palavras acima foram proferidas, a Igreja ainda era fato futuro. Jesus mesmo disse: "... edificarei a minha igreja...". Era um fato da profecia, e não da história, por ocasião da morte de Cristo.

2. A instrução prévia para a Igreja.

Mt 18.15-20 (ver especialmente o vers. 17) — E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

Nesta passagem temos instruções dadas à Igreja antes mesmo que ela viesse a existir, a fim de que, quando fosse estabelecida, contasse com instruções para orientá-la em certas questões fundamentais de disciplina. A Igreja referida é, indubitavelmente, o corpo de Cristo; porém, o corpo de Cristo funcionando através do corpo de crentes em determinada comunidade. Maiores informações e instruções concernentes à Igreja, as quais Jesus prometeu seriam fornecidas pelo Espírito Santo, podem ser encontradas nas epístolas (Jo 16.12-14).

III. *Em descrição positiva.*

Ef 5.25-27 — Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito.

V. A. — Ef 1.22,23.

Esta passagem ensina que a Igreja é o objeto do amor sacrificial de Cristo, o objeto de Sua verdade e poder santificadores, e o recipiente de Sua graça e glória soberanas.

D. D. — A Igreja é um fato da revelação, divulgado através de figuras, profecias e declarações diretas.

C. Suas Ordenanças.

"Evidentemente é de grande importância que tenhamos opiniões sãs e bíblicas e convicções claras no tocante às ordenanças; pois através de toda a história cristã, desde os tempos mais primitivos até agora, esses ritos sagrados têm dado ocasião para grandes, longos e, freqüentemente, furiosos debates." — Dargan.

A palavra "ordenança" se deriva de dois vocábulos latinos que, em seu sentido final, significa "aquilo que foi ordenado ou mandado". Esse termo tem sido usado para descrever as duas instituições, o Batismo e a Ceia do Senhor, que Cristo deixou às igrejas para observarem.

Há certas opiniões errôneas com referência às ordenanças e que precisam ser refutadas. Os romanistas concebem que, de alguma maneira, a mera realização desses atos transmite bênçãos ou outorga graça espiritual. Nada, porém, existe nos próprios atos capaz de transmitir graça; nada há de misterioso, de miraculoso; Deus abençoa a realização desses atos tal qual abençoa a obediência e a adoração em quaisquer circunstâncias.

Outros têm considerado que esses ritos têm o propósito de servir de meio de impressionar o mundo. É possível que essa idéia se tenha originado nas palavras de Paulo, em 1 Co 11.26: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha". Não obstante, o "anúncio", neste passo, não tem de ser feito necessariamente ao mundo, mas antes, significa uma demonstração àqueles que participam da ordenança, visando assim ao seu benefício particular.

Outros têm adotado a prática de um uso meramente ritual ou formal das ordenanças, observando-as como um costume ou ato religioso, sem qualquer conceito verdadeiro de sua intenção. Tal observância não tem real valor, porque na qualidade de ordenanças elas têm uma relação importantíssima com as experiências que simbolizam. E, se não houver experiência vital também não pode haver verdadeiro simbolismo.

A verdadeira compreensão das ordenanças parece abranger uma tríplice significação: são verdades cristãs simbolizadas; são memórias de Cristo, observadas em obediência a Ele, expressões de amor e devoção; são ritos cristãos, que designam como discípulos de Cristo aqueles que as observam convenientemente.

I. *O Batismo.*

"O batismo simplesmente apresenta, através de símbolo visível, a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo, como também nossa morte para com a antiga vida de pecado, nosso sepultamento na semelhança de Sua morte, e nossa ressurreição para andarmos com Ele em nova vida." — Goodchild.

O batismo é obrigatório na dispensação da Igreja, porque:

1. Ordenado por Cristo.

Mc 16.15,16 — E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.

V.A. — Mt 28 19,20

2. Praticado pela Igreja primitiva.

At 2.41,42 — Então os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

V. A. — At 8.35-39; Rm 6.1-5.

Esta passagem sugere a seguinte ordem: conversão, batismo, admissão à igreja local, andar ordeiro, observância da Ceia do Senhor e da oração coletiva.

II. *A Ceia do Senhor.*

"A comunhão da Ceia do Senhor tem o propósito de servir de recordação dos sofrimentos do Senhor a nosso favor. É uma celebração de Sua morte. O Salvador sabia como é curta a memória humana. E, por consideração à nossa fraqueza e inclinação ao esquecimento, estabeleceu essa simples ceia memorial. Nela, tomamos do pão partido, simbolizando Seu corpo que foi ferido por nós, e do fruto esmagado da videira, símbolo de Seu sangue derramado por nossos pecados. É uma lembrança dos sofrimentos do Senhor, a qual nos apresenta com muita nitidez o Calvário e sua cruz. A ceia, porém, contempla não só o passado mas também o futuro. É uma comemoração e é uma profecia. Demonstra a morte do Senhor 'até que Ele venha'." — Goodchild.

A Ceia do Senhor é obrigatória durante a dispensação da Igreja, porque:

1. Ordenada por Cristo.

I Co 11.23-26 — Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue: fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

2. Observada pela Igreja primitiva.

At 2.42 — E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

V. A. — At 20.11.

Há algumas perguntas que podem ser feitas em relação às suas ordenanças, tais como estas: Qual o método apropriado de se realizar o batismo e a Ceia do Senhor? Quem está habilitado a administrá-las? Quem é digno de recebê-las? Essas perguntas são respondidas de várias maneiras, segundo as diferentes interpretações das passagens pertinentes. Para nós é suficiente dizer em geral que essas são ordenanças eclesiásticas, pelo que não devem ser administradas ou observadas em

assembléias eventuais, ou por pessoas individuais, mas pela igreja em suas reuniões regulares, e segundo o padrão fornecido pelo Senhor Jesus Cristo.

D. D. — A Igreja é a guardiã das duas ordenanças — o Batismo e a Ceia do Senhor — e ela é a responsável por sua administração.

D. Sua Missão.

I. *Constituir um lugar de habitação para Deus.*

Ef 2.20-22 — Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

II. *Dar testemunho da verdade.*

I Tm 3.15 — Para que se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade.

III. *Tornar conhecida a multiforme sabedoria de Deus.*

Ef 3.10 — Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais.

IV. *Dar eterna glória a Deus.*

Ef 3.20,21 — Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações para todo o sempre. Amém.

V. *Edificar seus membros.*

Ef 4.11-13 — E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estrutura da plenitude de Cristo.

VI. *Disciplinar seus membros.*

Mt 18.15-17 — Se teu irmão pecar, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja considera-o como gentio e publicano.

V. A. — I Co 5.1-5,9-13.

VII. *Evangelizar o mundo.*

Mt 28.18-20 — Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.

"O propósito para o qual existe uma igreja é o trabalho missionário. Tire-se de uma igreja a idéia missionária, e ter-se-á uma vida sem objetivo, uma árvore estéril, uma casa vazia sobre cuja porta está escrito "icabode". Limite-se o Evangelho em seu escopo ou poder, e arrancar-se-lhe-á o próprio coração. Cristo viveu e morreu a favor de todos os homens. A incumbência da Igreja é torná-lO conhecido de todos. Nossa religião cristã gira em torno de dois eixos: "Vem" e "Vai". Todos que aceitam o convite que diz "Vem" devem ouvir, imediatamente, a ordem imperativa que diz "Vai". Essa é a roda motriz da maquinaria de uma igreja ou denominação. Pare-se essa roda e a maquinaria ficará imóvel e inútil. Essa é a autoridade da educação cristã. Colégios e seminários foram fundados para preparar os homens para o "Vai". Quando deixam de funcionar assim, devem ser ou revitalizados ou enterrados." — MacDaniel.

D. D. — A missão da Igreja é glorificar a Deus conquistando almas para Cristo, edificando-as em Cristo, e enviando-as por Cristo.

Perguntas para Estudo sobre a Doutrina da Igreja

1. Cite os quatro usos da palavra "igreja".
2. Qual a derivação do termo "igreja", e qual sua dupla significação?
3. Defina a Igreja (1) como organismo; (2) como organização. Descreva a organização simples da igreja neo-testamentária.
4. Defina o Reino de Deus e mostre a relação da Igreja com ele.
5. Dê o tríplice aspecto do Reino dos Céus, e mostre a relação da Igreja com ele.
6. Cite e discorra sobre três tipos da Igreja, citando uma passagem bíblica para cada um.
7. De que modo a declaração profética apresenta a existência da Igreja?
8. Discorra sobre a palavra "ordenança"; mencione as duas ordenanças e discorra sobre os pontos de vista errôneos a respeito.
9. Qual a tríplice significação abrangida pelo verdadeiro ponto de vista acerca das ordenanças?
10. Por que é obrigatório o batismo? Cite Atos 2.41,42 e mencione a ordem que sugere.
11. Qual o propósito da Ceia do Senhor?
12. Mostre por que a Ceia do Senhor é obrigatória, e cite uma passagem para cada motivo.
13. Que resposta geral pode ser dada às diversas perguntas e questões perplexas que se levantam no tocante à Ceia do Senhor?
14. Dê a missão sétupla da Igreja; cite uma passagem para cada um de dois dos aspectos e forneça a D. D.

CAPÍTULO 9

A DOUTRINA DOS ANJOS

(ANGELOLOGIA)

A. Anjos.

"A lua fica a 380.000 quilômetros de nossa terra. No nosso sistema solar, nosso vizinho mais próximo é o planeta Marte. Marte dista 60.000.000 de quilômetros da habitação do homem. Em segunda se chega ao planeta Saturno, que fica à distância de 1.200.000.000 de quilômetros de nós. O diâmetro de Saturno é nove vezes e meia maior que o da nossa terra, e esse planeta é circundado por imensos anéis que medem mais de 300.000 quilômetros de borda a borda. Entre o sol e Netuno distam quatro bilhões e quinhentos milhões de quilômetros. Há outros planetas ainda desconhecidos, além de Netuno, que pertencem às regiões remotas de nosso sistema solar, e além estão os céus quase infinitos. Lá, quase 40.000.000.000 de quilômetros de nossa terra, cada estrela é um sol brilhante. Dizem os astrônomos: 'Qualquer que seja a estrela da qual nos aproximamos, encontramo-la como um sol semelhante a uma fornalha cegante. Esses inúmeros centros de luz, calor, eletricidade e atração gravitacional parecem, para nós, apenas pequenos pontos luminosos, em virtude da imensidão do espaço que nos separa deles. O sol mais próximo depois do nosso, isto é, a estrela mais próxima de nós, fica 276.000 vezes mais afastado de nós que nosso próprio sol, ou seja 40.000.000.000 de quilômetros da terra. Viajando a uns 65 quilômetros horários, seriam necessários 75.000.000 de anos para atingi-lo'. Entretanto até mesmo essa distância inconcebível se torna como nada em comparação com o fato que, à distância de 100.000 bilhões de quilômetros, ficam outros sóis maravilhosos, sim, galáxias inteiras de sistemas solares.

"As nebulosas espirais, que os poderosos telescópios trazem para o alcance da visão humana, não são, como anteriormente se pensava, imensas expansões de matéria gasosa, mas antes, aglomerações de sóis numa distância tal e em números tais que a mente do homem nem ao menos pode expressar. A respeito dessa vastidão toda, declara Camille Flammarion: 'Então compreendo que todas as estrelas que já tem sido observadas nos céus, os milhões de pontos luminosos que constituem a Via Láctea, os inúmeros corpos celestes, sóis de toda magnitude e de todo grau de resplendor, sistemas solares, planetas e satélites, que aos mi-

lhões e centenas de milhões se sucedem uns aos outros no vazio que nos rodeia, que algumas línguas humanas têm designado pelo nome de universo, dentro do infinito não representam mais que um arquipélago de ilhas celestiais, e não mais que uma cidade num grande total de população, uma cidade de maior ou menor importância. Nessa cidade de um império sem limites, nessa vila de uma terra sem fronteiras, nosso sol com todo seu sistema representa um único ponto, uma única casa entre milhões de outras habitações. Nosso sistema solar é um palácio ou uma choupana nessa grande cidade? Provavelmente uma choupana. E a terra? A terra é um quarto na mansão solar — um pequeno quarto, miseravelmente diminuto." — Gaebelein.

Davi também nos fala da maravilha que se apossou de seu ser quando ele contemplou esses céus imensos (Salmo 8:3,4): "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres? e o filho do homem, que o visites?" E ele acrescenta, no Salmo 19.1: "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento as obras das suas mãos."

Em face de tudo isso, surge uma pergunta vital: O homem é a única criatura de Deus nesse vastíssimo espaço, no meio desses milhões e milhões de mundos flamejantes, dotada de mente capaz de apreciar e contemplar essa obra de Deus? Deus não tem outras criaturas inteligentes para louvá-lO em vista de toda a Sua criação? Esses multi-milhões de astros não têm habitantes? A pergunta é bem velha. Ocorreu aos antigos. Durante séculos tal questão vem ocupando algumas das maiores mentalidades. Os astrônomos têm sido interrogados acerca de outros mundo habitados, e freqüentemente têm dado resposta afirmativa. Muitas de tais respostas, entretanto, têm sido meras especulações e conjeturas.

No presente, portanto, a palavra de Deus é nossa única fonte de informação digna de confiança. Responde a Bíblia à nossa pergunta acerca de outros seres inteligentes nesses imensos espaços a que chamamos de céus? E, se existem tais seres, quem são eles, onde se encontram, e que estão a fazer? A Bíblia não faz silêncio sobre essas perguntas: fornece-nos respostas positivas. Há outra classe de seres superiores ao homem. Esses seres são os anjos de Deus, os exércitos celestiais, os habitantes dos céus, a inumerável companhia dos servos invisíveis de Deus. Existem também aqueles, pertencentes à mesma classe de seres, que anteriormente foram servos de Deus mas que agora se encontram em atitude de rebelião contra Seu governo.

Os anjos estão sujeitos ao governo divino, e o importante papel que têm desempenhado na história do homem torna-os merecedores de referência especial e de um estudo especial. Nas Escrituras, sua existência é sempre considerada matéria pacífica.

"O termo 'anjo', em seu sentido literal sugere a idéia de ofício — o ofício de mensageiro, e não a idéia da natureza do mensageiro. Por isso é que lemos em Lucas 7.24: 'Tendo-se retirado os mensageiros' — no original, 'anjos'. Parece que, quando a Bíblia foi escrita, era tão comum que algum ser espiritual superior fosse divinamente enviado como mensageiro aos homens, que esse ser, com o decorrer do tempo, passou a ser chamado 'anjo', ou seja, 'mensageiro'. É fácil, igualmente, perceber que a ordem de seres a que o mensageiro pertencia, veio também a ser chamada de 'anjos'. O termo 'anjo' sendo usado para designar um espírito que

leva uma mensagem, também era empregado para descrever espíritos semelhantes, ainda que não fossem encarregados de transmitir mensagens. Dessa maneira, os exércitos celestes são chamados de 'anjos', ainda que, talvez, relativamente poucos dentre seu vasto número se ocupam em entregar mensagens." — Pendleton.

I. *Sua Existência.*

"As mitologias de quase todas as nações antigas falam em tais seres. A mitologia babilônica pintava-os como deuses que transmitiam mensagens dos deuses aos homens. A mitologia grega e romana tinha seus gênios, semi-deuses, faunos, ninfas e náiades, que visitavam a terra. Hesíodo, depois de Homero o poeta grego mais antigo, escreveu: 'Milhões de criaturas espirituais andavam pela terra'. No Egito e nas nações orientais acreditava-se em tais criaturas sobrehumanas e invisíveis. Essa crença é quase universal. As mitologias são ecos débeis e distorcidos de um conhecimento primevo comum possuído pela raça humana. "Do Gênesis ao Apocalipse os anjos de Deus são mencionados com destaque; cento e oito vezes no Antigo Testamento e cento e setenta e cinco vezes no Novo Testamento. São vistos por toda a história sagrada. Suas atividades no céu e sobre a terra, no passado, são registradas em ambos os Testamentos, como também suas futuras manifestações são profeticamente reveladas." — Gaebelein.

1. Estabelecida pelo Ensino do Antigo Testamento.

Sl 104.4: "Fazes a teus amigos ventos e a teus ministros labareda de fogo".

V. A. — Dn 8.15-17.

V. T. — Sl 68.17.

2. Estabelecida pelo ensino do Novo Testamento.

Mc 13.32 — Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.

V. A. — Mt 13.41; 18.10; 26.53; Mc 8.38; Lc 22.43; Jo 1.51; Ef 1.21; Cl 1.16; 2 Ts 1.7; Hb 1.13; 12.22; 1 Pe 3.22; 2 Pe 2.11; Jd 9; Ap 12.7; 22.8,9.

Nas cinco vezes em que encontramos, no Antigo Testamento, a expressão "filhos de Deus", ela se refere a esses seres sobrenaturais (Gn 6.2,4; Jó 1.6; 2.1; 38.7).

"Deve ser observado, porém, que, apesar de serem os anjos chamados filhos de Deus, nunca são chamados filhos do Senhor. No hebraico sempre aparecem como Benai Elohim (Elohim é o nome de Deus como Criador) e nunca Benai Jeová. Os Benai Jeová são os pecadores redimidos e trazidos à relação filial com Deus por meio da redenção. Os Benai Elohim são seres não-caídos, filhos de Deus em virtude de criação. Os anjos são os filhos de Deus da primeira criação; os pecadores salvos pela graça são os filhos de Deus da nova criação." — Gaebelein. "Que o título 'filhos de Deus' se restringe a anjos, no Antigo Testamento, é a

posição tomada por Josefo, Filo Judeus, e os autores do 'Livro de Enoque' e do 'Testamento dos Doze Patriarcas'; de fato, era a posição geralmente aceita pelos judeus eruditos dos primeiros séculos da era cristã. Quanto à Septuaginta, todos os manuscritos traduzem o hebraico, 'filhos de Deus' por 'anjos de Deus', em Jó 1.6 e 2.1, e por 'meus anjos', em Jó 38.7 — passagens em que não havia qualquer razão dogmática para que o texto fosse corrompido. Em Gn 6.2,4, o códice Alexandrino e três manuscritos posteriores apresentam a mesma tradução, ao passo que outros dizem 'filhos de Deus'. Agostinho, entretanto, admite que em seu tempo a maioria das cópias diziam: 'anjos de Deus', nesta última passagem também. Por conseguinte, parece extremamente provável que assim dizia o texto original; e certamente a interpretação que nisso está envolvido foi adotada pela maioria dos primitivos escritores cristãos.

"Na genealogia de nosso Senhor, no evangelho de Lucas, Adão é chamado de filho de Deus. Também é dito que Cristo dá aos que O recebem o direito de se tornarem filhos de Deus. Pois esses são de novo gerados pelo Espírito de Deus, quanto a seu homem interior, mesmo nesta vida presente. E, por ocasião da ressurreição, os homens redimidos serão revestidos de um corpo espiritual, um edifício formado por Deus; pelo que serão, em todos os respeitos, iguais aos anjos, sendo uma criação inteiramente nova." — Pember.

D. D. — A existência dos anjos é claramente demonstrada pelo ensino, tanto do Antigo como do Novo Testamentos.

II. *Suas Características.*

1. **Seres criados.**

Sl 148.2,5 — Louvai-o todos os seus anjos; louvai-o todas as suas legiões celestes... Louvem o nome do Senhor, pois mandou ele, e foram criados.

V. A. — Ne 9.6; Cl 1.16.

Os anjos não são eternos como Deus, nem auto-existentes, porém criados. "Quando foram os anjos criados? A Bíblia não fornece qualquer resposta definida a essa pergunta. Mas, há pelo menos uma passagem pela qual podemos saber, por inferência, que foram criados no princípio, quando Deus criou os céus e a terra. Quando foi esse princípio, nenhum cientista jamais descobrirá por suas pesquisas. Talvez milhões de anos antes do homem ter sido posto na face da terra, esta existia noutra forma, diferente da que existe atualmente. Deve ter sido por ocasião dessa criação original, que Deus criou essa classe de seres que chamamos de anjos. Tudo foi criado por Ele, na Pessoa de Seu Filho, e para Ele, inclusive as cousas invisíveis, os tronos, os domínios, os principados e os poderes invisíveis (Cl 1.16).

Nas belas palavras com as quais Jeová respondeu a Jó, do meio do redemoinho, encontramos uma indicação quanto ao tempo em que os anjos vieram à existência: Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra... Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de

Deus?' (Jó 38.4-7). Que Jeová se refere aqui à criação está perfeitamente claro. Portanto, já existiam os anjos quando Deus lançou os fundamentos da terra, quando Ele a criou, no princípio. E, ao contemplarem as maravilhas de Sua criação, clamaram eles de júbilo." — Gaebelein.

2. Seres Espirituais.

Hb 1.13,14 — Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?

V. A. — Ef 6.12.

Os anjos, em sua forma comum, são espírito sem corpo físico. Isso, entretanto, não nega a possibilidade de sua materialização.

3. Seres Pessoais.

2 Sm 14.20 — Para mudar o aspecto deste caso foi que o teu servo Joabe fez isto. Porém sábio é meu senhor, segundo a sabedoria dum anjo de Deus, para entender tudo o que se passa na terra.

V. A. — 2 Tm 2.26; Ap 22.8,9; 12.12.

Aos anjos são atribuídas características pessoais; são inteligentes, dotados de vontade e atividade.

4. Seres que Não se Casam.

Mt 22.30 — Porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu.

Os anjos não-caídos, no céu, nem se casam nem são dados em casamento. As Escrituras em parte alguma ensinam que os anjos sejam seres assexuados. O ensino que se infere das Escrituras é antes o contrário: que há sexo na ordem angélica, e que pertencem ao sexo masculino. Essa inferência se baseia no uso de pronomes do gênero masculino em referência aos anjos. Ver Dn 8.16,17; Lc 1.12,29,30; Ap 12.7; 20.1; 22.8,9. Os nomes dos anjos são poucos e limitados nas Escrituras, mas, os que são dados parecem ser nomes masculinos. Notem-se os seguintes: Gabriel, Miguel, Satanás, Abadon, Apolion.

As Escrituras, não obstante, ensinam que o casamento não é da ordem ou do plano de Deus para os anjos.

5. Seres Imortais.

Lc 20.35,36 — Mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos, não casam nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

Os anjos não estão sujeitos à dissolução: nunca morrem. A imortalidade dos anjos e dos homens se deriva de Deus e depende de Sua vontade. Os anjos são isentos da morte, porque assim Deus os fez. Nunca morrerão nem cessarão de existir, porque não é da vontade divina que retornem à sua não-existência original, ou deixem de viver sua vida espiritual. É claro que a igualdade especialmente referida aqui é a impossibilidade de morrer — "pois não podem mais morrer". Por essa razão, os homens redimidos, em seu estado glorificado, são iguais aos anjos e, à semelhança dos anjos, incapazes de morrer.

6. Seres Velozes.

Mt 26.53 — Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?

V. A. — Dn 9.21.

A fim de nos dar alguma idéia da rapidez de seus movimentos, os escritores sagrados apresentam os anjos como possuidores de asas, a voar em suas tarefas a fim de executarem as ordens do Todo-poderoso. Essas formas de expressão não precisam ser compreendidas literalmente: pois o vôo por meio de asas pertence aos seres materiais, e temos visto que os anjos são seres espirituais. Entre todas as criaturas que estão dentro dos limites de nossa visão, aquelas que possuem asas e voam, exemplificam as dotadas de maior velocidade. A atividade angélica, por conseguinte, é ensinada de maneira bastante viva pela linguagem figurada empregada. Deve haver, contudo, base e razão para o emprego dessa linguagem figurada, e isso se encontra na velocidade dos movimentos dos anjos. Aqui, novamente, falha a nossa concepção; pois, visto que somente o movimento físico cai dentro do círculo de nosso conhecimento, não podemos dizer qual a natureza do movimento pelo qual um espírito se locomove de um lugar para outro. Há transição de uma localidade para outra, mas, quem pode explicá-la? Tão somente sabemos que deve ser um movimento inexpressavelmente rápido. O pensamento que deve ser destacado, em Mt 26.53, é que tantos anjos, cuja residência supostamente era no céu, podiam instantaneamente aparecer em defesa de seu Senhor. Como essas legiões de anjos poderiam passar, com rapidez telegráfica, do céu até o triste Getsêmani, ultrapassa nosso entendimento. Sabemos apenas que a possibilidade do fenômeno indica uma atividade e rapidez verdadeiramente maravilhosas.

7 Seres Poderosos.

(1) Dotados de poder sobre-humano.

Sl 103.20 — Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens, e lhe obedeceis à palavra.

V. A. — 2 Pe 2.11.

V. T. — Is 37.36; Mt 28.2; Ap 20.1-3.

A Bíblia ensina que os anjos são uma classe de seres criados superiores aos homens. O homem foi feito um pouco inferior aos anjos (Sl 8.5; Hb 2.7). Isso

elimina um outro conceito. Alguns ensinam que os crentes que morrem, bem como as almas das crianças que morrem, se transformam em anjos. Mas os homens nunca podem transformar-se em anjos, pois estes para sempre serão distintos dos seres humanos. O homem redimido não é elevado, na redenção, à dignidade de um anjo, mas, em Cristo, o homem é levado a um nível superior ao da classe que os anjos jamais ocuparão." — Gaebelein.

(2) Dotados de poder delegado.

2 Ts 1.7 — E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder.

Os anjos são dotados de poder sobre-humano; contudo, esse poder tem seus limites estabelecidos. Os anjos são poderosos, mas não todo-poderosos. Diz-se deles que são "valorosos em poder". Entretanto, não devemos supor que possuam poder auto-originado; não é verdade. Possuem o poder que Deus lhes dá, pois o poder, no sentido mais elevado do termo, pertence exclusivamente a Ele. Deus houve por bem dotar os espíritos angélicos de poder tal que, para os homens, muitas vezes parece assombroso. Como ilustrações adicionais do caso, ver 2 Sm 24.16; Ap 18.1,21.

8. Seres dotados de Inteligência Superior.

2 Sm 14.17,20 — Dizia mais a tua serva: Seja agora a palavra do rei meu senhor para minha tranqüilidade; porque como um anjo de Deus, assim é o rei meu senhor, para discernir entre o bem e o mal. O Senhor teu Deus será contigo... Para mudar o aspecto deste caso foi que o teu servo Joabe fez isto. Porém sábio é meu senhor, segundo a sabedoria dum anjo de Deus, para entender tudo o que se passa na terra.

V. A. — Mt 24.36.

Nessas passagens fica subentendido que um anjo de Deus é sábio e dotado de conhecimento superior. Por isso também não é de se estranhar que a história do povo favorecido por Deus, desde os dias de Abraão, tenha estimulado e confirmado esse ponto de vista. Tem havido freqüentes interposições angélicas, cujo efeito natural foi o de criar o conceito que os anjos sobressaem não só em poder como também em sabedoria. Sem dúvida foram criados como espíritos inteligentes, cujo conhecimento teve início com sua origem. Podemos, porém, concluir com segurança que tal conhecimento vem aumentando desde então. As oportunidades que os anjos têm de observação, e as muitas experiências que, nesse sentido e conforme podemos supor, devem ter tido, juntamente com as revelações diretas da parte de Deus, devem ter adicionado grandemente ao acúmulo de sua inteligência original.

9. Seres Gloriosos.

Lc 9.26 — Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.

Os anjos são seres dotados de dignidade e glória sobrehumanas.

10 Seres de Várias Patentes e Ordens.

(1) São uma companhia, e não uma raça.

Mt 22.30 — Porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu.

V. A. — Lc 20.36.

1 Rs 22.19 — Micaías prosseguiu: Ouve, pois, a palavra do Senhor: Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército no céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda.

V. A. — Gn 32.1; Dt 4.19; 17.3; Mt 25.41; 26.53; Ef 2.2; Ap 2.13; 16.10.

(3) Ocupam diferentes posições.

1 Ts 4.16 — Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.

V. A. — Cl 1.16; 1 Pe 3.22; Jd 9.

"Os anjos em sentido algum compõem uma raça, mas antes, uma companhia ou diversas companhias, pois cada ser individual é uma criação original. Portanto, as bases da afinidade social que se originam em nossas próprias relações humanas, estão inteiramente ausentes entre eles." — Miley.

Não obstante, não existe obstáculo para afinidade social em relação aos anjos. "Entre eles existe uma mútua apreensão de tudo quanto é puro, bom e exaltado, bem como uma reação recíproca de amável simpatia. Nisso há ampla base para contacto social." — Miley.

As Escrituras indicam que, no mundo angelical, esse vasto reino de luz e glória, há diferentes gradações e posições. Em Ef 1.21 e Cl 1.16 lemos a respeito de principados, tronos, domínios e poderes, que existem nesse mundo invisível. Existem nos lugares celestiais.

Sabemos também que existe um arcanjo. A cristandade erroneamente fala em arcanjos, e segue certas visões apócrifas tradicionais de vários arcanjos; nas Escrituras, porém, aparece apenas um arcanjo. Seu nome é Miguel, que significa "Quem é igual a Deus?" Seu nome ocorre por três vezes. Em Dn 12.1, onde é mencionado seu trabalho especial a favor do remanescente de Israel, é chamado "Grande Príncipe". Em Judas, versículo 9, lemos da sua contenda com o diabo em torno do corpo de Moisés. Em Ap 12 aparece como vitorioso líder das hostes celestiais em guerra contra Satanás e seus anjos. Sua voz será ouvida quando o Senhor vier buscar os que lhe pertencem (1 Ts 4.17).

Nas Escrituras também lemos de Gabriel. Gabriel significa "Poderoso". Tanto judeus como cristãos têm-no chamado de arcanjo, mas isso sem apoio bíblico, pois ele nunca é chamado por essa designação. Trata-se de personagem muito augusta. Ele mesmo testifica de sua posição na glória, pois disse a Zacarias, o sacerdote

ministrante: "Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus" (Lc 1.19). Foi enviado do trono de Deus com a comissão (além de anunciar o nascimento de João Batista) de trazer à terra duas das maiores mensagens que já foram enviadas pelas cortes do céu. Quando Daniel fez sua grande oração de humilhação, Gabriel foi encarregado de levar, ao profeta que orava, a resposta de Deus. Tão rapidamente ele atravessou o espaço incomensurável, que foram necessários apenas uns poucos minutos para chegar até Daniel e interromper sua oração (Dn 9.21-23). A maior, porém, de todas as mensagens transmitidas por meio de um anjo, foi a que Gabriel levou à virgem de Nazaré, anunciando a próxima encarnação do Filho de Deus (Lc 1.26-38).

Os querubins e serafins são seres angélicos de ordem muito elevada, e sempre são vistos em relação ao trono de Deus. Os serafins aparecem exclusivamente na visão de Isaías no templo (Is 6). Ezequiel (ver A Profecia de Ezequiel) e João (ver O Apocalipse) viram os querubins como criaturas vivas, em algumas versões erroneamente traduzidas como "animais".

11. Seres Numerosos.

Dt 33.2 — Disse pois: O Senhor veio de Sinai, e lhes alvoreceu de Seir, resplandeceu desde o monte Parã; e veio das miríades de santos; à sua direita havia para eles o fogo da lei.

V. A. — Dn 7.10; Ap 5.11.

Em Hb 12.22 os anjos são indicados como uma companhia inumerável, literalmente, miríades. De conformidade com Lc 2.13, multidões de anjos apareceram na noite da natividade de Cristo, clamando de alegria em vista do início da nova criação, como tinham feito no princípio da antiga criação. "Quão vasto é o número deles, somente o sabe Aquele cujo nome é Jeová-Sabaote, o Senhor dos Exércitos." — Gaebelein.

D. D. — Os anjos possuem faculdades e poderes especiais e superiores, que os capacitam para suas tarefas sobre-humanas.

III. *Sua Natureza Moral.*

1. Todos Foram Criados Santos, Conforme Demonstrado:

(1) Pelo caráter de Deus.

Gn 18.25 — Longe de ti o fazeres tal cousa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juiz de toda a terra?

(2) Pelo caráter da obra criadora de Deus.

Gn 1.31 — Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia. . . . .

Comparar com He 1.13.

(3) Pelo registro de seu pecado.

Jd 6 — E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia.

V. A. — 2 Pe 2.4.

Fica plenamente estabelecido o fato de terem os anjos sido criados em estado de santidade: pelo caráter de Deus, que é absolutamente santo; pelo caráter de Suas obras criativas, com as quais Ele, na qualidade de Ser Santo, ficou satisfeito; e pelo registro da queda dos anjos.

2. Muitos Se Mantiveram Obedientes — Confirmados em Bondade.

Mt 25.31 — Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória.

V. A. — Sl 99.7; Mt 6.10; 8.10; Mc 8.38.

V. T. — Sl 103.20; 2 Co 11.14.

Os anjos que mantiveram sua integridade pessoal e lealdade a Deus foram confirmados em santidade; sua obediência se tornou habitual e sua bondade se tornou qualidade permanente de seu caráter. Esses são chamados "santos anjos". Sua santidade, à semelhança da santidade de Deus, não é apenas uma isenção de toda impureza moral, mas antes, o conjunto de todas as excelências morais. Essas excelências, infinitas que são no caráter de Deus, necessariamente são finitas no caráter dos anjos, visto que estes não passam de criaturas. Eles são exatamente aquilo que Deus quer que sejam. Brilham em Sua imagem moral e refletem Sua glória. Por conseguinte, exclamam com reverente respeito: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). Possuem um senso de apreciação da santidade do Caráter Divino; sentem, por essa santidade, intensa admiração, pois são seres santos.

3. Muitos Desobedeceram — Confirmados na Iniqüidade.

2 Pe 2.4 — Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes precipitando-os no Tártaro, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo...

V. A. — Mt 6.13; 13.19; 1 Jo 5.18; Jd 6; Ap 12.7,9.

V. T. — Mt 25.41; Jo 8.34; Ap 12.7; 22.11.

Existem numerosos anjos que de tal modo se identificaram com Satanás, na desobediência e no pecado deste contra Deus, que são chamados de anjos de Satanás. O termo, conforme usado nas Escrituras, dá a entender continuação e confirmação na iniqüidade.

D. D. — Originalmente, os anjos eram santos em sua natureza; alguns se tornaram santos em seu caráter, através da obediência, ao passo que outros se tornaram pecaminosos em seu caráter, através da desobediência.

IV. *Suas Atividades.*

"Nossa palavra 'anjo' se deriva do vocábulo grego 'ângelos', que significa 'enviado', ou seja 'mensageiro'. Essa palavra grega é a tradução do termo hebraico 'mal'akh', que também significa 'mensageiro'. Os 'santos' anjos, pois, são servos ou mensageiros de Deus. Cumprem Sua vontade de muitas formas. São também servos de Deus na face da terra." — Mullins.

1. Anjos Bons.

(1) Ocupam-se da adoração direta a Deus.

Sl 89.7 — Deus é sobremodo tremendo na assembléia dos santos, e temível sobre todos os que o rodeiam.

V. T. — Sl 99.1,2; Is 6.2,3; Mt 18.10.

Em várias partes das Escrituras os anjos são apresentados participando da adoração, do louvor e do serviço prestados a Jeová. Ver ilustrações disso em Dn 7.10, onde miríades de anjos se encontram na presença de Deus, para cultuar e servi-lO; e nos Salmos, onde o Espírito Santo os conclama para que prorrompam em louvores (Sl 103.20; 148.1,2). O ministério dos anjos bons é variado; diz respeito à santa obra e adoração de Deus, bem como a serviço de ajuda e a favor dos homens.

(2) Regozijam-se na obra de Deus.

Jó 38.4,7 — Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento... Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?

V. A. — Lc 15.10.

(3) Executam a vontade de Deus.

Sl 103.20 — Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens, e lhe obedeceis à palavra.

(4) Orientam os negócios das nações.

Dn 10.10-14,20,21 — "... Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia. Agora vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes... E ele disse: Sabes por que eu vim a ti? Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia. Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade; e ninguém há que esteja ao meu lado contra aqueles, a não ser Miguel, o vosso príncipe."

(5) Guiam e guardam os crentes.

Sl 91.11 — Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.

V. A. — At 8.26 — comparar com At 8.29; 10.13.

V. T. — Hb 1.14; Dn 6.22.

(6) Ministram ao povo de Deus.

Hb 1.14 — Não são todos eles espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação?

V. A. — 1 Rs 19.5-8; Mt 4.11; Lc 22.43.

(7) Defendem e livram os servos de Deus.

2 Rs 6.17 — Orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.

V. A. — Gn 19.11; Dn 6.22; At 5.19,20; 12.7-11; 27.23,24.

(8) Guardam os eleitos falecidos.

Lc 16.22 — Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado.

V. A. — Mt 28.2-5; Lc 24.22-24; Jo 20.11,12; Jd 9.

(9) Acompanharão Cristo por ocasião de Sua volta.

Mt 25.31 — Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória.

a. Cooperarão na separação entre justos e ímpios.

Mt 13.49 — Assim será na consumação do século: Sairão os anjos e separarão os maus dentre os justos.

V. A. — Mt 25.31,32.

b. Cooperarão no castigo imposto aos ímpios.

2 Ts 1.7,8 — E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.

2 Anjos Maus.

(1) Opõem-se aos propósitos de Deus.

Zc 3.1 — Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor.

V. A. — Dn 10.10-14.

(2) Afligem o povo de Deus.

2 Co 12.7 — E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.

V. A. — Lc 13.16.

(3) Executam os propósitos de Satanás.

Mt 25.41 — Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

V. A. — Mt 12.26,27.

(4) Impedem os santos e servos de Deus.

Ef 6.11,12 — Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

V. A. — 1 Ts 2.18.

Anjos maus são empregados na execução dos propósitos de Satanás, que são diametralmente opostos aos propósitos de Deus, e estão envolvidos nos obstáculos e danos contra a vida espiritual e o bem estar do povo de Deus.

D. D. — Os anjos santos prestam assistência a Deus em Seu serviço aos homens, ao passo que os anjos maus ajudam a Satanás em seu serviço, tanto contra Deus como contra o homem.

B. Satanás.

O assunto de Satanás nos leva ao terreno do espírito ou do espiritual, tirando-nos assim do terreno da matéria. Isso torna impossível a investigação ou pesquisa pelos meios e métodos usados nas ciências materiais.

O Dr. George Soltau faz a pergunta: "Existe Satanás?", e responde como segue: "Multidões de eruditos e intelectuais negam sua existência, e que ele jamais tenha existido, exceto na imaginação dos antigos e dos iletrados. O que quer dizer que essas pessoas desconhecem sua presença e seu poder. Como pode ser resolvida a questão? Somente através do exame e estudos cuidadosos das Santas Escrituras, que devem constituir o tribunal supremo em todas as questões semelhantes. Quaisquer evidências que possam ser encontradas precisam ser cuidadosamente pesadas, e as especulações têm de cessar em vista disso."

I. *Sua Existência.*

Jo 13.2 — Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus...

V.A. — Mt 13.19; At 5.3; 1 Pe 5.8; Ef 6.11,12; Zc 3.1,2; Jó 1.6; Ap 12.9.

"No Antigo Testamento, Satanás é referido em sete livros, sob diferentes nomes. No Novo Testamento ele é referido por todos os escritores em dezenove de seus livros. Estariam todos esses autores, que escreveram durante um período de 1.600 anos, equivocados com referência à sua existência? Certamente que não." — Soltau.

D. D. — De conformidade com as Escrituras, existe um ser chamado o diabo ou Satanás — um ser verdadeiro, com existência real.

II. *Seu Estado Original.*

Parece ser ensinado nas Escrituras que o diabo foi criado perfeito em seus caminhos, como pessoa de grande beleza e brilho, exaltado em posição e honra; que, em resultado de orgulho pela sua própria superioridade, ele procurou desviar para si a adoração devida exclusivamente a Deus; e que, em conseqüência desse seu pecado, ele foi rebaixado em sua pessoa, posição e poder, tornando-se o grande adversário de Deus e o inimigo do homem.

Uma interessante questão diz respeito a Ez 28.1-19: Tratar-se-ia de uma descrição do estado original de Satanás? Dois personagens estão em foco: primeiro, o príncipe de Tiro, versículos 1-10. Parece que o príncipe de Tiro se refere primariamente a Etebaal II, e os versículos 1-10 foram cumpridos no cerco de Tiro por Nabucodonosor, que se prolongou por treze anos (598-585 A.C.); parece que o rei de Tiro, nos versículos 11-19 se refere, em parte, a um monarca ilustre e parcialmente a um personagem sobrenatural. É geralmente aceito, por estudantes bíblicos conservadores, que o rei de Tiro deve ser reputado como representante (tipo) ou encarnação de Satanás, e que os versículos 11-19 são uma descrição do caráter, da posição e da apostasia originais de Satanás.

"Apesar de que essas palavras tenham sido dirigidas ao rei de Tiro, sem dúvida elas visavam Satanás, o instigador do pecado do rei de Tiro. O rei de Tiro nunca esteve no Éden, nem qualquer outro homem desde que Adão foi dali expulso. Também pode-se notar que o Éden referido aqui já existia antes do Éden de Adão, sendo notório por sua beleza mineral, ao passo que o Éden de Adão era notável por sua beleza vegetal, onde Deus criou toda árvore que era bela para os olhos e boa para produzir fruto. Satanás não apenas esteve no Éden, mas esteve ali na qualidade de querubim ungido, o querubim investido de autoridade, e isso por nomeação divina — 'te estabeleci'. O versículo 15 não poderia ser aplicado a homem algum e estar, ao mesmo tempo, em harmonia com o resto das Escrituras. Pois, desde a queda, todos os homens têm sido concebidos em pecado e formados em iniqüidade." — Pratt.

1 Criado perfeito em sabedoria e beleza.

Ez 28.12 — Filho do homem, levanta lamentações contra o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura.

2. **Estabelecido no monte como querubim da guarda (diretor da adoração).**

Ez 28.14 — Tu eras querubim da guarda, ungido, e te estabeleci; permaneceste no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas.

3. **Impecável em sua conduta.**

Ez 28.15 — Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti.

4. **Elevado seu coração de vaidade e falsa ambição.**

Ez 28.17 — Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem.

V.A. — Is. 14.12-17.

V.A. — I Tm 3.6.

5. **Rebaixado em seu caráter moral e deposto de sua exaltada posição.**

Ez 28.16 — Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras.

V.A. — Is 14.12.

V.T. — Ez 28.17.

O versículo 16 (citado acima) fala do pecado de Satanás, e o versículo 17 fala da causa do pecado que foi a vaidade, pois ele se ensoberbeceu devido a sua própria beleza. Paulo atribui a condenação de Satanás a essa causa (I Tm 3.6): "... a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo".

"Lúcifer, a 'estrela da manhã' (Is 14.12-14) não pode ser outro senão Satanás. Essa tremenda passagem marca o começo do pecado no universo. Quando Lúcifer disse: 'Eu subirei', o pecado teve início." — Scofield.

D. D. — Satanás foi criado como anjo de Deus, de exaltada posição e ordem, possuidor de grande beleza e resplendor pessoais, dotado de poder e sabedoria superiores, até que a iniqüidade foi achada nele, quando procurou tomar a posição e as prerrogativas pertencentes a Deus.

III. *Sua Natureza.*

1. **Personalidade, conforme demonstrado.**

(1) Por pronomes pessoais.

Jó 1.8 — Perguntou ainda o Senhor a Satanás: Observaste a meu servo Jó? porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal.

V. A. — Jó 2.1,2; Zc 3.2

Os pronomes pessoais, aplicados a Satanás, claramente revelam personalidade.

(2) Por características pessoais.

I Tm 3.6 — Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo.

Características da personalidade são claramente atribuídas a Satanás.

(3) Por ações pessoais.

Jo 8.44 — Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.

V. A. — I Jo 3.8; Hb 2.14.

V. T. — I Cr 21.1; Sl 109.6; Zc 3.1.

Ações que só podem ser realizadas por uma pessoa, são atribuídas a Satanás.

2. Caráter.

(1) Sua astúcia.

a. Suas estratégias.

2 Co 2.11 — Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios.

O diabo tem muitos estratagemas sutis, a respeito dos quais não devemos ser ignorantes.

b. Suas ciladas.

Ef 6.11,12 — Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestes.

V. T. — Ef 4.14.

Satanás é um grande estrategista e usa de tantas ciladas, isto é, efetua tantos assaltos sutis, que necessitamos de toda a armadura de Deus para poder resistir-lhe.

(2) Seu poder miraculoso.

2 Ts 2.9 — Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira.

V. T. — Ap 13.11,14; Mt 24.24.

Satanás exibe tal poder, com sinais de maravilhas falsas que o identificam como um ser sobre-humano.

(3) Seus enganos.

2 Co 11.14 — E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.

V. A. — 2 Ts 2.9,10.

O poder enganador de Satanás é tão grande que ilude todos aqueles que não têm o amor da verdade.

D. D. — Em personalidade e caráter, Satanás é a materialização e a expressão do mal.

IV. *Sua Posição — Muito Exaltada.*

Jd 9 — Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda.

A posição de Satanás era tão exaltada que o tornava isento de críticas e de condenação por parte das criaturas suas semelhantes.

1. Príncipe da potestade do ar.

Ef 2.2 — Nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência.

V. T. — Mt 12.26; At 26.18; Cl 1.13.

A Satanás é dado o título de Príncipe da Potestade do Ar; e é considerado como possuidor de um reino, o que indica sua autoridade e poder em relação às regiões celestes.

2. Príncipe deste mundo.

Jo 14.30 — Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim.

V. A. — Jo 12.31; 16.11.

Nas passagens acima, Jesus por três vezes se refere a Satanás como o príncipe deste sistema satânico. Também o reconheceu como tal, na tentação do deserto (Lc 4.5-7), onde Satanás Lhe ofereceu todos os reinos do mundo e sua glória, com a condição de que Jesus se prostrasse e o adorasse. "Tem-se afirmado às vezes que a presunção de possuir a terra era mentira, uma vez que as Escrituras desmascaram Satanás como mentiroso. Essa conclusão é inadmissível, pelo menos por duas razões: Se ele não possuísse os reinos que oferecia, não haveria nessa oferta tentação; ademais, se a presunção não tivesse base, o Filho de Deus não tê-la-ia desmascarado em seguida." — Chafer.

Como é que o diabo chegou a ser o príncipe deste mundo, talvez nos seja impossível dizer positivamente; mas que essa é a realidade não admite dúvidas desde que aceitemos o ensino de Jesus Cristo. A qualquer pessoa que estude os princípios orientados da vida comercial, da vida política, da vida social, e, sobretudo, das revelações internacionais, tornar-se-á evidente que o diabo é senhor da presente ordem de coisas.

3. O deus deste século.

2 Co 4.4 — Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

V. T. — 2 Ts 2.3,4.

Satanás é o deus deste século: o auto-nomeado objeto da adoração por parte do mundo.

D. D. — Satanás, ainda que tenha sido deposto da alta posição para a qual foi originalmente nomeado, ainda mantém um lugar de reconhecido poder.

V. *Sua Presente Habitação.*

De acordo com as Escrituras, Satanás parece não estar restringido a qualquer lugar particular do universo.

1. Ele tem acesso à presença de Deus.

Jó 1.6 — Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor veio também Satanás entre eles.

V. A. — Ap 12.10.

As Escrituras ensinam que, por algum motivo não revelado, Satanás tem o direito de acesso até à presença de Deus. Ali comparece na capacidade de "o acusador", "o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus". Daí a necessidade da obra intercessória de Cristo.

2. Ele habita nas regiões celestes.

Ef 6.11,12 — Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

Satanás e os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os exércitos espirituais da maldade, habitam nos lugares celestiais. Essa região, infestada por Satanás, será a futura herança e o lugar de habitação da Igreja. A expulsão de Satanás provavelmente será coincidente com o arrebatamento da Igreja (Ap 12.7-9 com I Ts 4.16,17).

3. Ele é ativo na face da terra.

Jó 1.7 — Então perguntou o Senhor a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao Senhor, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.

V. A. — I Pe 5.8.

Parece que a terra é o campo especial da atividade satânica; rodeia-a e passeia por ela, procurando a quem possa devorar.

D. D. — Satanás, embora não seja onipresente, tem acesso a todos os lugares, fazendo dos lugares celestiais sua habitação, ainda que a terra seja o palco especial de suas atividades.

VI. *Sua Obra.*

1. Originou o pecado.

(1) No universo.

Ez 28.15 — Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti.

O pecado não foi uma criação, mas uma originação. Veio à existência pela ajuda daquilo que já existia, a saber, personalidade e poder de livre arbítrio. Deus criou esse ser, não como diabo, mas como um anjo santo; este, porém originou o pecado por meio da desobediência, transformando-se assim no perverso diabo de hoje.

(2) Na raça humana.

Gn 3.1-13 — Ver especialmente o vers. 13 — Disse Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

V. A. — 2 Co 11.3.

A origem do pecado na raça humana pode ser atribuída, ainda que indiretamente, a Satanás. Adão e Eva foram os agentes responsáveis, aos quais se pode acreditar diretamente a origem do pecado. Satanás, entretanto, é o responsável pela incitação à desobediência e ao pecado, que os influenciou.

2. Causa sofrimentos.

At 10.38 — Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele.

V. A. — Lc 13.16.

Em última análise, Satanás é a fonte primária de todo sofrimento, visto que é ele a causa primária de todo pecado. Ele também é o responsável imediato de muitos casos específicos de enfermidades e doenças, a respeito dos quais o Novo Testamento nos fornece exemplos.

3. Causa a morte.

Hb 2.14 — Visto, pois que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte a saber o diabo.

Ao que parece Satanás possuía o direito de usar a tremenda arma da morte, mediante permissão especial. É verdade, entretanto, que Jesus Cristo, na cruz, arrebatou essa arma mortal das mãos de Satanás, e com ela conquistou uma vitória gloriosa.

Cl 2.15 — (através de Weymouth): E aos príncipes e domínios hostis Ele os sacudiu de Si, exibindo-os ousadamente como Suas conquistas quando, por meio da Cruz, triunfou sobre eles (I Sm 17.51).

4. Atrai ao mal.

I Ts 3.5 — Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor.

V. A. — 1 Cr 21.1; Mt 4.1,3,4,6,8,9; 1 Co 7.5.

Satanás incita os homens ao pecado. Ele de tal modo arranja os tempos e controla os acontecimentos e as circunstâncias para tornar o mais intenso possível o apelo às tendências pecaminosas do homem. Ele é o tentador.

5. Ilude os homens.

2 Tm 2.26 — Mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade.

V. A. — I Tm 3.7.

Satanás arma laços para prender os homens, tornando-os cativos seus.

6. Inspira pensamentos e propósitos iníqüos.

Jo 13.2 — Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus...

V. A. — At 5.3.

Satanás parece possuir o poder de sugestão mental, o que, na pessoa tentada, se torna em auto-sugestão. Isso, se não for impedido pela Palavra e pelo Espírito de Deus, também se expressará na pessoa por palavras e ações.

7. Apossa-se dos homens.

Jo 13.27 — E, após o bocado, imediatamente entrou nele Satanás. Então disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa.

V. A. — Ef 4.27.

Essa forma de operação satânica só se verifica em raras ocasiões e indivíduos especiais, com o consentimento destes, ou quando lhe deixam porta aberta. Ver Tiago 4:7. A forma mais freqüente de possessão satânica é por intermédio dos demônios.

8. Cega as mentes dos homens.

2 Co 4.4 — Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

Manter-se incrédulo para com a verdade parece eqüivaler a um convite especial a Satanás para que ele traga as trevas do erro e da mentira. Ele cega as mentes dos homens incrédulos a fim de impedi-los de receberem à luz do Evangelho.

9. Dissipa a verdade.

Mc 4.15 — São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, ouvindo-a, vem logo Satanás e tira a palavra semeada neles.

V. A. — Lc 8.12; Mt 13.19.

Satanás é o arqui-ladrão do universo, em relação tanto a Deus como ao homem.

10. Produz os obreiros da iniqüidade.

Mt 13.25,38,39 — Mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se... O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século e os ceifeiros são os anjos.

Satanás semeia o joio no campo de Deus. Introduz seus filhos entre os filhos de Deus, tanto no campo do mundo como na igreja visível.

11. Fornece energia a seus ministros.

2 Co 11.13-15 — Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.

V. A. — Ap 3.9.

V. T. — Ef 2.2,3.

Satanás conta com seus ministros e igrejas autorizados, para levar avante os seus propósitos.

12. Opõe-se aos servos de Deus.

(1) Impede-os.

1 Ts 2.18 — Por isto quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas), contudo Satanás nos barrou o caminho.

(2) Resiste-lhes.

Zc 3.1 — Deus me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor.

V. A. — Dn 10.13.

(3) Esbofeteia-os.

2 Co 12.7 — E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.

Essa oposição, no entanto, resulta em bem para os servos de Deus. Mantêm-nos humildes e impele-os à oração (2 Co 12.8,9). Os obstáculos postos por Satanás defronte de Paulo, para que não fosse a Tessalônica, deu aos crentes dali e a todas as demais gerações de crentes esta preciosa epístola (Ap 2.10). Satanás bofeteia, resiste e impede os servos de Deus de toda maneira possível, mas a graça de Deus é suficiente para proporcionar-lhes a vitória.

13. Põe à prova os crentes.

Lc 22.31 — Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo.

No final, resulta somente o bem, dessas provas. Da impiedosa peneira de Satanás, Simão saiu trigo mais puro do que era antes. Satanás conseguiu apenas retirar a palha (Rm 8.28).

14. Acusa os crentes.

Ap 12.9,10 — E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus.

V. A. — Jó 1.6-11.

15. Dará energia ao Anticristo.

2 Ts 2.9,10 — Ora, o aparecimento do iníqüo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

V. A. — Ap 12.9,17; 13.1,27.

Satanás outorgará poder ao Iníquo para que este possa enganar completamente aos que perecem — aqueles que não recebem o amor à verdade — e para que faça guerra contra o povo de Deus.

D. D. — O ministério de Satanás é multiforme, incluindo em seu escopo a oposição a Deus e a frustração de Seus propósitos, além da opressão, aflição e tentação dos homens.

VII. *Seu Destino.*

1. Será perpetuamente amaldiçoado.

Gn 3.14,15 — Então o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre, e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

V. T. — Is 65.25.

2. Será tratado como inimigo derrotado que é.

Cl 2.15 — E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando dele na cruz.

V. A. — Jo 12.31; 16.8-11; I Jo 3.8; 5.18.

V. T. — Hb 2.14.

3. Será expulso dos lugares celestiais.

Ap 12.9 — E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim foi atirado para a terra e com ele, os seus anjos.

4. Será aprisionado no abismo por mil anos.

Ap 20.1-3 — Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações, até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo.

5. Será solto pouco tempo, após o Milênio.

Ap 20.3b,7-9 — Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo... Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá

a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar. Marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu.

6. Será lançado no lago do fogo.

Ap 20.10 — O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.

A carreira de Satanás, desde sua rebelião, tem sido de constante declínio. Sua descida começou no ponto em que ele tentou subir. Quando ele disse: "Subirei", então começou a descer. Quando começou a exaltar-se, então Deus começou a rebaixá-lo. E esse rebaixamento prosseguirá até que ele seja privado do último vestígio de autoridade e poder, quando for lançado, em abjeta impotência, na qualidade de arqui-criminoso do universo, nas chamas eternas.

D. D. — Satanás está debaixo da maldição perpétua; sua derrota foi decretada na cruz; ele está destinado a ser expulso dos lugares celestiais, aprisionado no abismo e, finalmente, lançado no lago do fogo.

VIII. *O caminho do crente em relação a Satanás.*

1. O crente deve apropriar-se de seus direitos de redenção.

Hb 2.14 — Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber o diabo.

V. A. Cl 2.15; Ap 12.11; I Jo 3.8; Ef 6.16.

A morte de Jesus Cristo providenciou não apenas substituição pela penalidade que cabia ao crente pelo seu pecado, mas, igualmente, representação para a natureza pecaminosa do crente (Rm 8.3,4; Gl 2.20). O crente foi crucificado com Cristo. A atitude do crente, portanto, deve ser uma atitude de morte para com o pecado e para com tudo quanto é pecaminoso. O crente deve assumir a atitude de quem morreu para a vida pecaminosa e então ressuscitou dentre os mortos para uma vida de justiça. Essa atitude enquanto for mantida, tornará o crente invulnerável aos ataques de Satanás.

2. O crente deve apropriar-se de toda a sua armadura.

Ef 6.11-18 — Ver especialmente o vers. 11 — Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo.

Uma armadura completa foi preparada para equipar o crente. Para que sejamos capazes de resistir firmes às ciladas do diabo, nenhuma peça da armadura deve ser omitida, nenhum aspecto da vida deve ser deixado sem proteção.

3. O crente deve manter o mais absoluto auto-domínio.

Ef 4.27 — Nem deis lugar ao diabo.

Comparar com

Gl 5.22,23 — Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei.

Não devemos permitir que fique aberta a Satanás qualquer via de acesso da nossa vida, por meio das paixões ou práticas pecaminosas. Para que o crente se resguarde disso, o "eu" deve ser mantido sob o domínio de Cristo, por meio do Espírito Santo. Não se trata daquela espécie de auto-domínio que cerra os dentes e mantém tensos os músculos, mas da vontade totalmente entregue a Deus. Trata-se do auto-domínio espiritual.

4. O crente deve exercer vigilância incessante.

I Pe 5.8 — Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar.

V. T. — 2 Co 2.11; I Jo 5.18.

O fato da existência, da atividade, do poder, e da malignidade de Satanás, deve tornar-nos circunspectos e vigilantes.

5. O crente deve exercer resistência confiante.

Tg 4.7 — Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

V. A. — I Jo 2.14; 5.18,19; I Pe 5.8,9..

Potencial e provisionalmente, fomos libertos do poder de Satanás (I Jo 5.18; Cl 1.13; Jo 28,29). Satisfazendo as condições sempre podemos ser vitoriosos. Ver Ap 12.11.

D. D. — O crente deve assumir atitude de confiança contra seu adversário, o diabo, contando com a armadura e o poder de Deus, por meio de Cristo, para obter essa vitória.

C. Demônios.

Em nosso estudo deste assunto, é necessário que examinemos primeiro o sentido do termo "demônio".

Segundo o uso clássico, refere-se a deuses e semi-deuses. Homero chamou-os de deuses, mas precisamos lembrar que os deuses de Homero eram meramente homens sobrenaturais. Algumas vezes o termo era aplicado a uma espécie de divindade intermediária e inferior. Diz Platão: "A divindade não tem intercâmbio com o homem; mas todo intercâmbio e conversação que haja entre os deuses e os homens é efetuado através a mediação de demônios."

"Se perguntarmos de onde vêm esses demônios, dir-nos-ão que são os espíritos dos homens da idade áurea que agora servem como divindades protetoras — heróis canonizados, semelhantes, tanto em sua origem como em suas funções, aos santos romanistas." — Pember.

Quando examinam as Escrituras, algumas pessoas ficam em dúvida se os demônios devem ser classificados juntamente com os anjos ou não; mas não há dúvida de que, na Bíblia, há ensino positivo concernente a cada um dos dois grupos.

Ainda que algumas pessoas falem em "diabos", como se houvesse muitos de sua espécie, tal expressão é incorreta. Há muitos "demônios", mas existe um único "diabo". "Diabo" é transliteração do vocábulo grego "diábolos", nome sempre usado no singular, que significa "acusador" e é aplicado nas Escrituras exclusivamente a Satanás. "Demônio" é transliteração de "daimon" ou "daimonion"; o plural é "daimonia".

I. *Sua Existência.*

1. Reconhecida por Jesus.

Mt 12.27,28 — E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém eu expulso os demônios, pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.

V. A. — Mt 8.28-32.

V. T. — Mt 10.8; Mc 16,17.

Jesus Cristo reconheceu a existência dos demônios, falando a respeito deles e para eles.

2. Reconhecida pelos setenta.

Lc 10.17 — Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!

Os setenta, aos quais Jesus nomeou e enviou de dois em dois, tiveram de enfrentar os demônios, e retornaram com o relatório que os demônios se lhes tornavam sujeitos através do nome de Cristo.

3. Reconhecida pelos apóstolos.

(1) Por Paulo.

I Co 10.20,21 — Antes digo que as cousas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam, e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios: não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.

V. A. — I Tm 4.1.

V. T. — At 16.14-18.

O apóstolo Paulo reconheceu a realidade da existência dos demônios em seus dias, e fez advertência a respeito deles.

(2) Por Tiago.

Tg 2.19 — Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem, e tremem.

Tiago reconheceu a existência dos demônios, revelando que eles, por crerem na existência de Deus, estremecem.

D. D. — A existência dos demônios é claramente estabelecida pelo testemunho combinado de Jesus Cristo e de Seus discípulos.

II. *Sua Natureza.*

1. Natureza essencial.

(1) Inteligências pessoais.

Mt 8.29,31 — E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?... Então os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada dos porcos.

V. A. — Lc 4.35,41; Tg 2.19; Mc 1.23,24; At 19.13,15.

Características e ações pessoais são atribuídas aos demônios, o que demonstra que possuem personalidade e também inteligência.

(2) Seres espirituais.

Lc 9.38,39,42 — E eis que, dentre a multidão, surgiu um homem, dizendo em alta voz: Mestre, suplico-te que vejas meu filho, porque é o único; um espírito se apodera dele e, de repente, grita e o atira por terra, convulsiona-o até espumar, e dificilmente o deixa, depois de o ter quebrantado... Quando se ia aproximando, o demônio o atirou no chão e o convulsionou; mas Jesus repreendeu o espírito imundo, curou o menino e o entregou a seu pai.

V. A. — Mc 5.2,7-9,12,13,15.

Os demônios são seres espirituais; são reputados idênticos aos espíritos imundos, no Novo Testamento.

(3) Ao que parece, espíritos destituídos de seus corpos.

Mt 12.43,44 — Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.

V. A. — Mc 5.10-13.

A origem dos demônios não é revelada nas Escrituras. Alguns, contudo, tem conjeturado que sejam espíritos desencarnados, talvez de alguma raça ou ordem de seres pre-adâmicos; ou, quem sabe, da própria raça adâmica. Se forem realmente espíritos desencarnados, isso explicaria o fato que procuram encarnar-se, pois, ao que parece, quando desencarnado são incapazes de operar na plena força de sua maldade. Não será que esses demônios são os espíritos daqueles que palmilharam esta terra na carne, antes da ruína descrita no segundo versículo do Gênesis, e que, por ocasião daquele grande cataclisma, foram desencarnados por Deus, e deixados ainda sob o poder de seu líder, de cuja sorte terão de compartilhar afinal? Há um fato freqüentemente registrado que, não há dúvida, parece confirmar tal hipótese: pois lemos que os demônios estão continuamente procurando apossar-se dos corpos dos homens, a fim de empregá-los para seus próprios fins. E não é igualmente possível que essa propensão indique uma incômoda falta de sossego, pelo que vivem a vaguear, o que se origina do senso de serem incompletos; indique o intenso desejo de escaparem de uma condição intolerável — de estarem desencarnados — condição para a qual não foram criados? e indique um anseio tão intenso que, se não puderem satisfazê-lo doutro modo, se dispõem até mesmo a entrar nos imundos corpos dos porcos?

Não encontramos tal propensão da parte de Satanás e de seus anjos. Eles, sem dúvida, ainda retêm seus corpos etéreos, pois, de outro modo, como poderiam manter o seu conflito com os anjos de Deus? Provavelmente considerariam com grande desdém o grosseiro e desajeitado tabernáculo que é o corpo do homem. Os anjos, pode ser que entrem nos corpos físicos dos homens; isso, porém, não por inclinação, mas tão somente porque isso se torne absolutamente necessário para a consecução de alguma grande conspiração do mal. Que os anjos não são meros espíritos desencarnados, parece claro nas palavras de nosso Senhor, em Lucas 20.34-36: "Então lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos, não casam nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição."

Isso parece dar a entender que os anjos são revestidos de corpos espirituais, com os que nos são prometidos. Portanto, talvez se possa entender que, apesar de os anjos serem espíritos, possuindo corpos espirituais, nem todos os espíritos são anjos. Parece que os judeus faziam essa distinção, pelo menos de conformidade com Atos 23.9: "Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?" Essa pergunta foi levantada pelos fariseus, a respeito do apóstolo Paulo, quando o aprisionaram em Jerusalém. No versículo anterior lemos a respeito dos oponentes dos fariseus, os saduceus, que negavam a existência de anjos ou espíritos.

Por conseguinte, os demônios são uma ordem de seres espirituais, que parecem ser distintos e separados dos anjos; pelo que fica subentendido por algumas passagens, parecem estar em estado de desencarnação, tendo existido em algum período anterior, quando possuíam forma corpórea.

(4) Muitos em número.

Mc 5.9 — E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos.

"Uma legião, no exército romano, totalizava, quando completa, seis mil soldados; mas aqui essa palavra é usada a respeito de um número indefinido e elevado — suficientemente elevado, contudo, para, assim que tiveram licença, ocupar os corpos de dois mil porcos e destruí-los." — Jamieson, Faussett, Brown.

Ver Lc 8.30.

Ver Mt 12.26,27.

Os demônios são de tal modo numerosos que tornam Satanás praticamente ubíquo por meio desses seus representantes.

2. Natureza moral.

(1) São maus e maliciosos — degenerados em seu caráter.

Mt 8.28 — Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros. e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho.

V. A. — Lc 9.39.

V. T. — Lc 4.33,36.

(2) São vis e perversos — baixos em sua conduta.

Lc 9.39 — Um espírito se apodera dele e, de repente, grita e o atira por terra, convulsiona-o até espumar, e dificilmente o deixa, depois de o ter quebrantado.

V.A. — Mt 15.22.

(3) São servis e obsequiosos — degradados em seu serviço — o serviço que prestam a Satanás.

Mt 12.24-27 (ver o contexto) — Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma, não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino? E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes.

Os demônios são seres de baixa ordem moral, degenerados em sua condição, ignóbeis em suas ações, e sujeitos a Satanás. Nas Escrituras aparecem como per-

tencentes ao reino de Satanás, e em direta e reconhecida oposição ao reino de nosso Senhor.

D. D. — Essencialmente, os demônios são espíritos pessoais, desencarnados segundo alguém imagina, moralmente baixos e vis.

III. *Suas Atividades.*

1. Apossam-se dos corpos dos seres humanos e dos irracionais.

Mc 5.8,11-13 — Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem!... Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos. E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles. Jesus o permitiu. Então saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.

V. A. — Mt 4.24; 8.16,28,33; At 8.7.

Os demônios, quando para isso recebem permissão, são capazes de entrar em corpos físicos, sujeitando-os a seu domínio perverso.

2. Trazem aflição mental e física aos homens.

Mt 12.22 — Então lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver.

Mc 5.4,5 — Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões despedaçados. E ninguém podia subjugá-lo. Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.

V. A. — Mt 9.32,33; Lc 9.37-42.

3. Produzem impureza moral.

Mc 5.2 — Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo.

V. A. — Mt 10.1; Ef 2.2..

V. T. — 2 Pe 2.10-12.

O Dr. Nevius, em sua grandiosa obra sobre "Demon Possession and Allied Themes" ("Possessão Demoníaca e Temas Conexos") diz que, em resultado de seus anos de experiência na China, e de seus estudos nas Escrituras, chegou à convicção de que existem cinco aspectos ou fases nas relações dos demônios com os homens.

Primeiro: Tentação, na forma de sugestão espiritual. Essa misteriosa influência, vinda de um mundo invisível, à qual tanto incrédulos como crentes estão continuamente expostos, é referida muitas vezes na Bíblia, especialmente no Novo Testamento (Ef 6.11,12; 1 Jo 4.1).

Segundo: Obsessão, que alguns consideram como a primeira fase da possessão demoníaca. Trata-se de domínio demoníaco que é resultado da entrega voluntária e habitual à tentação ou às tendências pecaminosas (Ef 4.17-19). Nessa fase, os casos muitas vezes não são bem pronunciados em seu caráter, tornando-se difícil determinar se devem ser classificados como possessões demoníacas, como idiotice, como desequilíbrio mental, ou como epilepsia. Na obsessão, embora os indivíduos já estejam sob um horrendo domínio satânico, contudo são perfeitamente livres, seguem os ditames de suas próprias vontades, e retêm suas próprias personalidades.

Terceiro: Crise ou transição, a fase caracterizada por uma luta em torno da posse, quando o indivíduo resiste, algumas vezes sendo bem sucedido (Mt 15.22-28; Tg 4.7; Ef 4.26,27).

Quarto: Possessão, que com referência à pessoa, pode ser designada como sujeição e subserviência, e, com referência ao demônio, treinamento e desenvolvimento. A condição da pessoa é, a maior parte do tempo, saudável e normal, excetuando por ocasião do paroxismo, que ocorre na passagem do estado normal para o anormal. Uma das principais características dessa fase é a adição de uma nova personalidade. Somente as pessoas que chegaram a essa fase é que se aplica, apropriadamente, o termo "possessão" (Mc 9.17-27; 5.2-13).

Quinto: Capacidade demoníaca, quando a pessoa já desenvolveu capacidades para ser usada, e se dispõe para isso. Já é o escravo do demônio, treinado, acostumado, voluntário — na linguagem moderna, um "medium desenvolvido".

D. D. — Os demônios, em harmonia com sua natureza e seu caráter, estão continuamente ocupados em sua obra de subjugar homens para o serviço de Satanás, e de propagar tanto as enfermidades como a contaminação espiritual..

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina dos Anjos

1. Cite uma passagem que prove o fato da existência dos anjos, conforme demonstrado pelo Antigo e pelo Novo Testamentos.
2. Distinga entre o título "filhos de Deus", aplicado aos anjos, e "filhos do Senhor", aplicado aos pecadores redimidos.
3. Dê nove características dos anjos, citando uma passagem. Apresente a D. D.
4. Quais são os três pontos que indicam que os anjos foram criados santos?
5. Mencione os dois diferentes caminhos preferidos pelos anjos, e cite uma passagem relativa a cada qual (Ver 2 e 3, sob III).
6. Dê a D. D. mostrando os dois resultados contrastantes que tiveram lugar na experiência e no caráter dos anjos bons e dos anjos maus.
7. Apresente as nove atividades dos anjos bons, e cite uma passagem.
8. Apresente as quatro atividades dos anjos caídos, e cite uma passagem. Dê a D. D.

9. Qual a única fonte de informação digna de confiança sobre Satanás?

10. Cite uma passagem sobre a existência de Satanás; forneça provas mediante referências bíblicas a ele, e dê a D. D.

11. Resuma as observações sobre Ezequiel 28.

12. Dê a quíntupla descrição do estado original de Satanás, com a D. D.

13. Cite três passagens das Escrituras que ensinam a personalidade de Satanás.

14. Descreva detalhadamente o caráter de Satanás; cite uma passagem a respeito de um desses detalhes, e dê a D. D.

15. Discorra sobre os três títulos de Satanás que mostram sua posição, quando ainda exaltado, e apresente a D. D.

16. Mencione a tríplice habitação atual de Satanás, com a D. D.

17. Descreva detalhadamente a obra de Satanás, com a D. D.

18. Apresente a sêxtupla descrição do destino de Satanás, com a D. D.

19. Apresente o quíntupla caminho do crente, em relação a Satanás, com a D. D.

20. Discorra sobre o sentido da palavra "demônios", bem como seu uso nas nossas traduções da Bíblia.

21. Cite as testemunhas da existência dos demônios; cite uma passagem para cada uma.

22. Dê a quádrupla descrição da natureza essencial dos demônios.

23. Discorra, através da observação sob o terceiro ponto, sobre a origem dos demônios.

24. Descreva a natureza moral dos demônios.

25. Apresente as três atividades dos demônios.

26. Discorra sobre o artigo do Dr. Nevius acerca da quíntupla relação entre os demônios e os homens, e apresente a D. D.

CAPÍTULO DEZ

A DOUTRINA DAS ÚLTIMAS COUSAS
(ESCATOLOGIA)

A. A Segunda Vinda de Cristo.

Esse assunto, tão querido à Igreja primitiva e tão destacado no ensino e na pregação apostólica, nestes nossos dias de pensamento e teologia modernos tem sido relegado bem para o segundo plano. O ensino a respeito da Segunda Vinda de Cristo tem sido, na história eclesiástica, muito semelhante ao pêndulo de um relógio, oscilando de um extremo para outro. Nos dias em que o apóstolo Paulo escreveu suas duas epístolas à igreja de Tessalônica, o pêndulo dessa doutrina se projetara até um desses extremos. Parece que alguns haviam chegado à conclusão de que a vinda de Cristo estava tão próxima que a única cousa que lhes competia fazer era abandonar todo trabalho por sua própria subsistência e aguardar o sonido da trombeta que anunciaria a volta do Senhor. Paulo, entretanto, escreveu a segunda epístola para regular esse pêndulo e orientar seu fervor religioso para os canais próprios.

Após os primeiros séculos o pêndulo passou ao outro extremo, parecendo mesmo que o mundo religioso perdeu de vista essa bendita esperança da Igreja. Esse foi o caso durante o período que é lembrado como a Idade das Trevas, quando o papado e o sacerdotalismo reinavam, e mesmo durante algum tempo depois da Reforma. Então começou a ser reavivada a doutrina da Segunda Vinda; o grito da meia-noite ecoou em meio às trevas da superstição e do falso ensino, e a Igreja começou a examinar e atiçar suas lâmpadas, preparando-se para o encontro com o Noivo.

Então, aos poucos, o pêndulo começou a voltar ao extremo antigo, dos tessalonicenses, procurando estabelecer ocasião exata para a volta do Senhor. Foi o que se deu pelo menos em algumas partes do mundo. Surgiu uma seita, em 1840, conhecida como os milleritas, que marcou uma data em que o Senhor havia de retornar. Prepararam suas vestes e saíram na data marcada, a fim de esperar Sua vinda, mas estavam fadados a sofrer decepção.

A posição acertada encontra-se entre esses dois extremos, e é obtida mediante o estudo cuidadoso e a interpretação sem preconceitos das Escrituras.

Há alguns que rejeitam a doutrina da Segunda Vinda de Cristo ou que se recusam a pregá-la ou ensiná-la, por causa de suas ligações, no passado, com extremismos e fanatismos. Estes, entretanto, infelizmente os têm havido em relação a quase todas as doutrinas da fé cristã: o triteísmo em conexão com a doutrina da Trindade; o unitarianismo em conexão com a unidade de Deus; o antinomianismo em conexão com a justificação; o perfeicionismo em conexão com a santificação; e ainda outros que poderiam ser mencionados. O claro dever do ensinador bíblico ou do teólogo é tirar essas doutrinas da lama na qual foram atoladas e de novo elevá-las à posição e à perspectiva que lhe são dadas pelas Escrituras.

I. *Sua realidade estabelecida.*

1. Pelo testemunho dos profetas.

Zc 14.3-5 — Então sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha. Naquele dia estarão os seus pés sobrer o Monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o Monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade para o sul. Fugireis pelo vale dos meus montes, porque o vale dos montes chegará até Azel; sim, fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá; então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos com ele.

Ml 3.1 — Eis que eu envio o meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim; de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos.

Ez 21.26,27 — Assim diz o Senhor Deus: Tira o diadema, e remove a coroa: o que é já não será o mesmo: será exaltado o humilde, e abatido o soberbo. Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; e a ele a darei.

Se devemos aquilatar a importância de uma doutrina pelo destaque que lhe é dado nas Escrituras, então o Segundo Advento de Cristo é realmente uma das doutrinas mais importantes da fé cristã. Nota-se particularmente esse realce nas profecias do Antigo Testamento, onde há muito maior número de previsões da Segunda Vinda do que da primeira.

2. Pelo testemunho de João Batista.

Lc 3.3-6 — ver especialmente os vers. 4 e 5 — Conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo vale será aterrado, e nive-

lados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados, e os escabrosos, aplanados.

"Desde o momento em que entramos no Novo Testamento, ouvimos João Batista a falar, não do Primeiro Advento, mas antes, do Segundo." — Haldeman.

3. Pelo testemunho de Cristo.

Jo 14.2,3 — Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também.

"Passada a estrela de Belém, o mistério da manjedoura, a aprendizagem dos trinta anos quando o Cristo dá início a Sua missão, Seus lábios transbordam não do Primeiro Advento, e, sim, do Segundo." — Haldeman.

Cristo deu ênfase ao mesmo assunto, na Transfiguração, através de parábola e de profecia direta, a par de Sua terna promessa a Seus discípulos entristecidos.

4. Pelo testemunho dos anjos.

At 1.11 — E lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir.

V. T. — Ap 1.1,2; Lc 1.31,32.

Os anjos, que deram tão fiel testemunho do Primeiro Advento de Cristo, também testificaram de Sua Segunda Vinda. Se for levantada a objeção que os dois homens de vestes brancas não eram anjos, pode-se responder que todo o livro do Apocalipse, que se ocupa com a Segunda Vinda de Cristo e acontecimentos paralelos, consiste de testemunho angélico (Ap 1.1,2).

5. Pelo testemunho dos apóstolos.

(1) Mateus.

Mt 24.37,42,44 — Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem... Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor... Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá.

(2) Marcos.

Mc 13.26 — Então verão o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.

(3) Lucas.

Lc 21.27 — Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória.

(4) João.

1 Jo 3.1-3 — Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão o mundo não nos conhece, portanto não o conheceu a ele mesmo. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.

(5) Tiago.

Tg 5.7 — Sede, pois, irmãos, pacientes, até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas.

(6) Pedro.

1 Pe 1.7,13 — Para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo... Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.

(7) Paulo.

1 Ts 4.13-18 — Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

Os apóstolos deram capital importância à volta de nosso Senhor, tanto em suas pregações como em seu ensino.

D. D. — O fato da Segunda Vinda de Cristo é claramente estabelecido pelo testemunho conjunto dos profetas, de João Batista, dos anjos, dos apóstolos, e do próprio Cristo.

II. *Seu Caráter.*

1. Negativamente Considerado.

(1) Não providencial.

a. Como a morte.

A morte é a penalidade imposta contra o pecado, mas a vinda do Senhor nos livra do pecado e da penalidade (Rm 6.23; 1 Ts 4.17). Os pensamentos e as experiências relativos à morte são dolorosos; os pensamentos relativos à vinda de Cristo nos são muito caros (Jo 11.31; Tt 2.13). No primeiro caso, olhamos para baixo e choramos; no segundo, para cima e nos regozijamos (Jo 11.35; Fp 2.16). No primeiro caso (morte), o corpo é semeado em corrupção e desonra; no segundo caso, será ressuscitado em incorrupção e glória (1 Co 15.42,43; 1 Ts 4.16,17). No primeiro caso, somos despidos; no outro, revestidos (2 Co 5.4). No primeiro caso, há triste separação entre amigos; no outro, alegre reunião (Ez 24.16; 1 Ts 4.13,14). Na morte entramos no descanso, mas na vinda do Senhor seremos coroados (1 Ts 4.13; Ap 14.13).

A morte vem como nosso grande inimigo; Cristo, como nosso grande Amigo (1 Co 15.26; Pv 14.27). A morte é o rei dos terrores; Cristo é o Rei da Glória (Jo 18.14; Sl 24.7). Satanás tem o poder da morte; Cristo é o Príncipe da vida (Hb 2.14; At 3.15). Por ocasião da morte partimos para estar com Cristo; por ocasião da Segunda Vinda Ele virá até nós (Fp 1.23; Jo 14.3). Jesus faz a distinção entre a Sua vinda e a morte do crente. Cristo e os apóstolos nunca ordenaram aos santos que aguardassem a morte, mas, repetidamente, exortaram-nos a esperar a vinda do Senhor (1 Co 15.51,52).

> "João 21.22 demonstra quão totalmente impossível é fazer a Vinda de Cristo referir-se à morte. ('Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me'). 'Se eu quero que ele permaneça' evidentemente significa 'Se eu quiser que ele permaneça vivo'. Substitua-se, agora, a vinda de Cristo pela morte do crente, nessas palavras, e o que se obtém não dá sentido algum: 'Se eu quiser que ele permaneça vivo até morrer, que te importa?' " — Torrey.

b. Como progresso material.

Essa interpretação considera a Segunda Vinda de Cristo como um processo, contemporâneo do progresso da civilização, da invenção e da descoberta científica.

De conformidade com essa teoria, cada novo passo da investigação e da invenção científicas é o cumprimento da volta de Cristo. A totalidade do ensino das Escrituras torna impossível essa interpretação.

c. Como fato histórico.

Por exemplo, a vinda de Cristo não deve ser identificada com a destruição de Jerusalém, em 70 D. C., conforme a interpretação de alguns. O julgamento de Deus contra Jerusalém não é o acontecimento referido na maioria das passagens em que a Segunda Vinda de Cristo é mencionada. Por ocasião da destruição de Jerusalém, aqueles que dormiam em Jesus não foram ressuscitados; os crentes vivos não foram arrebatados ao encontro do Senhor nos ares, nem seus corpos foram transformados. Anos após essa ocorrência, encontramos João ainda aguardando a vinda do Senhor, Ap 22.20; Jo 21.22,23. Segundo Ap 20.5,6 e outras passagens do Novo Testamento, um reino de justiça e paz deve seguir-se imediatamente à volta de Cristo. Isso, todavia, não ocorreu, nem por ocasião nem depois da destruição de Jerusalém. Os acontecimentos preditos, que devem acompanhar a volta de Cristo e que estiveram ausentes então, também têm estado evidentemente ausentes desde então.

(2) Não espiritual.

a. Como a vinda do Espírito, no dia de Pentecoste.

Em sentido muito real e importante, a vinda do Espírito foi uma vinda de Cristo (Jo 14.15-18,21-23). Essa, porém, não foi a vinda de Cristo referida nas passagens citadas acima, sob o título "Sua Realidade Estabelecida", o que se vê pelo seguinte:

Grande parte das promessas referentes à Segunda Vinda de Cristo foi feita após a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes; aponta, entretanto, um advento ainda futuro.

Jesus não recebe o crente para si mesmo a fim de estar consigo por ocasião da vinda do Espírito Santo. Pelo contrário, Ele vem ficar com os crentes (Jo 14.18,21-23). Em Sua Segunda Vinda, de acordo com Jo 14.3 e 1 Ts 4.16,17, Ele nos arrebatará para estarmos com Ele.

Por ocasião da Sua vinda em Espírito, Ele não transforma nosso corpo de humilhação (Fp 3.20,21).

Não houve grito do arcanjo nem trombeta de Deus, nem ressurreição nem arrebatamento nas nuvens, por ocasião da vinda de Cristo no Espírito.

Quando o Espírito Santo viesse, Sua obra seria: convencer os homens de pecado, por não crerem em Cristo como seu Salvador. Mas Jesus, quando vier, destruirá ou banirá o pecado. O Espírito convenceria os homens de sua necessidade de justiça. Mas Jesus, quando vier, imporá a justiça universal. O Espírito convenceria os homens de juízo. Mas Jesus, quando vier, executará esse juízo. O Espírito revelaria Jesus como Salvador durante a presente dispensação da Graça. Mas Jesus, quando vier, concluirá a dispensação da Graça. O Espírito Santo, em vindo, não destrói a

morte. Mas, quando Jesus vier, abolirá a morte. O Espírito Santo opera de modo invisível, mas a vinda de nosso Senhor será um acontecimento visível para todos. O sinal da vinda do Espírito Santo foi línguas de fogo repartidas, mas o sinal da vinda de Cristo será Sua própria glória visível nos céus.

A vinda de Cristo na Pessoa do Espírito Santo, em quase nenhum aspecto particular pode ser identificada com a Segunda Vinda de Cristo, conforme exposta nas promessas e profecias do Antigo e Novo Testamentos.

b. Como na conversão do pecador.

Nenhum dos fatos que, segundo prometido, acompanharão a volta do Senhor, se cumpre por ocasião da conversão do pecador. Cristo não arrebata o pecador convertido para estar consigo por ocasião da conversão; pelo contrário, vem habitar com o pecador assim convertido e em seu íntimo.

c. Como na expansão do cristianismo.

A expansão do cristianismo será gradativa e sem qualquer das manifestações fenomenais que acompanharão a volta pessoal de nosso Senhor, que será súbita e cataclismática.

"A nova teologia ensina que Jesus Cristo nunca voltará a esta terra em forma visível e corporal. Dizem que a Segunda Vinda é invisível, espiritual e contínua; que Cristo está retornando tão rapidamente quanto Lhe é possível entrar neste mundo; que Ele veio no Pentecoste, na presença do Espírito Santo; que Ele veio por ocasião da destruição de Jerusalém, no julgamento contra aquela cidade, e que Ele vem por ocasião da morte das pessoas. A nova teologia afirma que os apóstolos compreenderam que Jesus Cristo voltaria de forma visível, e isso ainda no decurso de suas próprias vidas, mas que nisso estavam equivocados. Diz o Dr. Clark, à pág. 399 de **Christian Theology**, referindo-se às palavras que nosso Senhor empregou ao falar da Sua vinda: essa linguagem é tomada por empréstimo diretamente dos profetas... que a aplicaram a fatos a acontecerem sobre a terra, onde, naturalmente, não poderia ser literalmente cumprida. O argumento, portanto é: visto que a linguagem foi 'tomada por empréstimo' conforme diz o Dr. Clark, não poderia ser literalmente 'cumprida'. É outra maneira de dizer que os profetas do Antigo Testamento estavam enganados, e que Jesus perpetuou o equívoco ao usar as declarações daqueles, voluntária ou ignorantemente. Respondem, então, eles: 'Não, nós não ensinamos que Jesus estava enganado, mas que Ele empregou linguagem figurada a fim de revelar um fato espiritual; Tal modo de proceder, entretanto, inevitavelmente teria produzido incompreensão da parte dos apóstolos. E, se for essa a interpretação correta não há dúvida que Jesus provocou incompreensão, pois é muito evidente que os apóstolos creram que Ele ensinara que voltaria à terra literal e pessoalmente (At 1.9-11; 3.19-21; 1 João 3.2,3). Criam nessa possibilidade e se regozijavam na expectativa da volta do Senhor ainda no seu tempo, conquanto reconhecessem também a possibilidade da intervenção da morte. Nunca afirmaram positivamente que a Segunda Vinda de Cristo ocorreria durante a vida

deles. Fora de qualquer possibilidade de dúvida, o Senhor pretendia que Seus discípulos compreendessem que, com algum grande propósito, de algum modo visível e em algum tempo ainda futuro, Ele havia de voltar." — Autor Desconhecido.

2. Positivamente Considerado.

(1) Pessoal e corporal.

Atos 1.11 — E lhes perguntaram: varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir.

Jesus Cristo voltará pessoalmente. Ele mesmo disse: "...voltarei..."; o apóstolo Paulo declarou: "... o Senhor mesmo... descerá dos céus..." Jesus Cristo virá corporalmente. Os anjos anunciaram: "Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir."

(2) Em Duas Fases.

A volta de Cristo é dupla; não se trata de duas vindas, mas sim, de dois estágios de uma só vinda.

a. Primeira fase — nos ares — para buscar Seus santos — o Arrebatamento.

1 Ts 4.16,17 — Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.

V. A. — Jo 14.3.

A palavra "encontro", no original grego, significa "encontrar para voltar junto", tal como os crentes de Roma saíram até à Praça de Ápio ao encontro do apóstolo Paulo, e dali retornaram com ele para Roma. Os santos serão arrebatados para se encontrarem com Cristo, nos ares, e, após um intervalo em que determinados fatos se verificarão nos lugares celestiais, retornarão com Ele a esta terra.

b. Segunda fase — à terra — em companhia de Seus santos — a Revelação.

2 Ts 1.7-9 — E a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder.

V. A. — Cl 3.4.

V. T. — 2 Ts 2.7,8.

Este segundo estágio da volta de Cristo é que dará início às Suas relações com Israel e com as nações, na qualidade de Messias e Rei.

(3) Visível.

Hb 9.27 — E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

V. A. — Ap 1.7; Mt 24.26,27; 1 Jo 3.2,3.

Jesus Cristo, na Sua Segunda Vinda, será visto pela Igreja por ocasião do Arrebatamento e pelo mundo inteiro por ocasião da Revelação.

(4) Súbita.

Ap 22.7,12,20 — Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro... E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. ...Aquele que dá testemunho destas cousas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.

De conformidade com o testemunho dos Evangelhos, foi em vista do caráter repentino de Sua volta que o Mestre salientou a necessidade da vigilância por parte dos Seus.

(5) Iminente.

Tt 2.13 — Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus.

V. A. — Hb 9.28; 1 Ts 1.9,10.

V. T. — Rm 13.11.

Com o termo "iminente", em relação à Segunda Vinda de Cristo, queremos dizer, do ponto de vista profético, e não do ponto de vista histórico, que Cristo poderia ter voltado a qualquer momento durante a era cristã passada; e, desse mesmo ponto de vista, que Ele pode vir a qualquer instante futuro. Do ponto de vista histórico, todavia, Cristo não poderia ter vindo a qualquer momento no passado, pelo motivo de que os fatos ocorridos durante esses séculos fazem parte do plano de Deus para esta era e, por conseguinte, não poderiam ter sido omitidos. Do ponto de vista profético, não existiam acontecimentos preditos para suceder antes da volta de Cristo para buscar Seus santos, a não ser aqueles ligados à Sua prolongada ausência, como o surto de falsos mestres, a morte de Pedro e a expansão do cristianismo, inclusive a formação completa da Igreja.

(6) Próxima.

Lc 21.28 — Ora, ao começarem estas cousas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima.

V. A. — Mt 16.3; 24.33.

V. T. — Mt 24.3.

"Os sinais da Segunda Vinda de Cristo estão agora se tornando tão evidentes e tão numerosos que quase desafiam enumeração. Os jornais nos fornecem, diariamente, novos sinais do encerramento desta dispensação, e confirmam a Bíblia de maneira notável." — E. E. Hatchell.

a. Sinais nos céus.

Lc 21.25a — Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas...

(a) Na lua.

Alterações verdadeiramente notáveis têm sido observadas na lua durante os últimos trinta anos, o que tem tornado necessário a composição de novos almanaques náuticos e astronômicos. Foi determinado, em 1921, que a lua se desviara de sua órbita em cerca de vinte quilômetros. "Algumas influências desconhecidas estão agindo sobre a lua, e não temos a menor idéia do que sejam." — Dr. Crommelin.

(b) Nas estrelas.

Em 1918, uma nova estrela de primeira grandeza foi descoberta por diversos olhos ao mesmo tempo, e imediatamente foi verificada pelo observatório de Greenwich.

Outras descobertas importantes no céu têm seguido em ordem e com suficiente freqüência para trazer o mundo ciente dos sinais "nas estrelas", que aumentarão, apontando a vinda de Cristo e o fim da dispensação.

b. Sinais sobre a terra.

Lc 21.25b — Sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas.

V. A. — Mt 24.6-8; 19.28.

(a) Terremotos (Mt 24.7).

Nunca os terremotos foram tão freqüentes e severos como atualmente.

(b) Pestilências (Mt 24.7).

A pior peste de que se tem notícia foi a que varreu o mundo nos anos de 1918 e 1919 e que somente na Índia arrebatou um total de 12.000.000 de vidas.

(c) Guerras e fomes (Mt 24.7).

A pior guerra e também as fomes mais intensas, conhecidas entre os homens, têm sucedido nos últimos sessenta anos.

(d) Desassossego industrial e anarquia (2 Ts 2.7).

Toda a condição do mundo é anormal. O descontentamento e insatisfação entre os trabalhadores são manifestos em todos os recantos.

(e) Transportes múltiplos (Dn 12.4; Na 2.4).

O aumento dos transportes, tanto nacionais como internacionais, nada é senão verdadeiramente fenomenal, quer visto em relação aos indivíduos que participam dos mesmos, quer aos meios e métodos empregados.

(f) Apostasia (1 Tm 4.1).

Toda verdade distintiva do cristianismo está sendo abertamente negado sem rebuços, e é alvo de zombarias por muitos dentre o próprio "clero" e ministério "cristãos". Há bem poucos Seminários Teológicos, em qualquer país, que se mantêm ainda leais à fé cristã, segundo exposta no Novo Testamento.

(g) Sinais de intensificação comercial (Ap 13.16,17).

A fusão de bancos, sistemas de estradas de ferro, e várias atividades comerciais, como as das firmas multinacionais preparam o palco para o levantamento do reino do grande Monopolista, o Anticristo.

(h) Sinais políticos (Dn 2.7).

As grandes alianças e agrupamentos de nações, os quais têm caracterizado o corrente século, apontam o caminho para o ressurgimento final do império romano e a organização da maior parte do mundo sob o domínio do Homem da Iniqüidade. Seu reino será uma espécie de super-Nações Unidas, com governo político e militar conjunto.

O reavivamento do Império Romano, segundo se acredita cada vez mais firmemente, está tendo lugar na formação e desenvolvimento da Liga das Nações, da Organização das Nações Unidas e, especialmente, do Pacto de Roma, isto é, o já famoso Mercado Comum Europeu, que visa principalmente unidade política, e não apenas facilidades alfandegárias. Tudo isso, provavelmente, permanecerá bastante ineficiente até cair nas mãos de seu líder final, o Homem do Pecado. Preparativos para a invasão contra a Palestina, de conformidade com Ez 38 e Na 2.3,4, indubitavelmente estão em andamento pelo grande avanço militar, naval e aeronáutico atualmente levado a efeito pela Rússia, que parece estar liderando as nações em tudo isso.

(i) Sinais judaicos (Mt 24.32-34).

"Desde que o General Allenby entrou em Jerusalém, naquele inesquecível dia 9 de dezembro de 1917, a figueira tem 'produzido folhas' com admirável rapidez. Os judeus estão retornando a Jerusalém em grande número." — Hatchell.

O exército israelense já foi organizado, e o estudo do hebraico está tomando vulto entre os judeus.

Essas coisas se relacionam primariamente ao segundo estágio da vinda de Cristo. Porém, como as Escrituras indicam um intervalo de só poucos anos entre os dois estágios, a aproximação de um deles envolve a aproximação ainda mais perto do outro.

(7) Na glória e esplendor da Filiação divina.

Mt 24.30 — Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória.

V. T. — Tt 2.13, comparado com Êx 19.9; Êx 24.15; 34.5; Nm 11.25; Sl 97.12; 104.3; Is 19.1; Mt 11.5; Lc 21.27; At 1.9-11; Ap 1.7; 14.14.

V. T. — Mt 17.27; Mc 8.38.

O Senhor Jesus Cristo virá nas nuvens do céu, com toda a glória de Seu Pai e dos santos anjos.

D. D. — Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus, virá súbita e pessoalmente, em manifestação visível e gloriosa, para buscar Seus santos, nos ares, após o que virá juntamente com eles até esta terra.

III. *Seu Propósito.*

1. No tocante aos justos.

(1) A ressurreição dentre os mortos.

1 Ts 4.16 — Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.

V. A. — 1 Co 15.22,23.

(2) A transformação dos vivos.

1 Co 15.51,52 — Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar dolhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

Haverá uma geração de crentes que não verá a morte, mas participará de uma transformação misteriosa, quando isto que é mortal for revestido de imortalidade, e o corpo de nossa humilhação for remodelado para ser conforme ao corpo da glória de Cristo.

(3) O arrebatamento de todos.

1 Ts 4.17 — Depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.

Os crentes ressuscitados e os crentes transformados serão unidos por ocasião do Arrebatamento, sendo arrebatados juntamente.

(4) O julgamento e a recompensa das obras.

2 Co 5.10 — Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

V. A. — 1 Co 3.12-15.

(5) A apresentação da Igreja a Cristo na qualidade de Esposa.

Ap 19.7-9 — ver especialmente o vers. 7 — Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou.

V. A. — Mt 25.1-10.

V. T. — Ef 5.25-32; 1 Co 11.2.

A Igreja é, atualmente, a noiva prometida a Cristo em casamento. Serão por fim realizadas "As bodas do Cordeiro", com a celebração da "Ceia das bodas do Cordeiro".

(6) Estabelecimento da Esposa em seu lar nos lugares celestiais.

Ap 21.2 — Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

V. A. — Ap 21.9,10; Jo 14.2,3; 1 Ts 4.17.

O lar futuro da noiva de Cristo é o lugar preparado na casa do Pai, identificado como a Nova Jerusalém, que João viu a descer do céu.

2. No tocante aos ímpios.

(1) Participação das experiências da tribulação.

2 Ts 2.7-12 — Com efeito o mistério da iniqüidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não

acolheram o amor da verdade para serem salvos; é por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.

V. A. — Ap 16.1-14; 3.10.

(2) Os identificados com os exércitos do Anticristo serão destruídos da terra por ocasião da revelação de Cristo.

Ap 10.19-21 — E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes.

V. T. — Zc 14.3; 2 Ts 2.8; 1.7-9; Mt 24.21.

(3) As nações classificadas entre os cabritos serão extirpadas em julgamento — não poderão participar do Reino — serão objetos da condenação eterna.

Mt 25.31,32,41 — Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas... Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

(4) Serão sujeitos ao julgamento perpétuo os ímpios que viverem durante a dispensação do Reino.

Sl 101.5-8 — Ao que às ocultas calunia o próximo, a esse destruirei; o que tem olhar altivo e coração soberbo, não o suportarei. Os meus olhos procurarão os fiéis da terra, para que habitem comigo; o que anda em reto caminho, esse me servirá. Não há de ficar em minha casa o que usa de fraude; o que profere mentiras não permanecerá ante os meus olhos. Manhã após manhã destruirei todos os ímpios da terra, para limpar a cidade do Senhor dos que praticam a iniqüidade.

V. T. — Is 26.9; Sl 72.4-6; Mq 5.8-15.

(5) Haverá a ressurreição dos mortos, para o julgamento final, no encerramento do reinado de Cristo.

Ap 20.12 — Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi

aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.

V. A. — Jo 5.28,29.

(6) Esses serão lançados no lugar de seu destino final.

Ap 20.15 — E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo.

V. A. — Lc 12.4,5.

Jesus Cristo voltará a fim de julgar as nações vivas, punir e extirpar da terra os incrédulos e os desobedientes, lançando-os no lugar de sua condenação final.

3. No Tocante ao Anticristo.

(1) Provisão de sua vinda.

1 Jo 2.18 — Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora.

V. A. — 1 Jo 4.3.

V. A. — 2 Ts 2.3-12; 2 Jo 7; 1 Jo 2.22.

"O nome 'anticristo' nos apresenta uma das questões mais solenes e agoureiras contidas nas Escrituras. Surgirá um ser chamado 'Anticristo': alguém em oposição, absolutamente contrário a Jesus Cristo e, portanto, também a Deus. O espírito do anticristo já se encontra no mundo, negando a vinda de Jesus em carne, quer no passado quer no futuro. O espírito do anticristo, atualmente possuído por muitos, culminará em uma pessoa, o Anticristo, que negará tanto ao Pai como ao Filho. Os 'muitos anticristos' sem dúvida eram cristãos apóstatas. E o que constitui a característica essencial do anticristo, ou do espírito anti-cristão, é a negação de que 'Jesus Cristo veio em carne' ou que 'Jesus é o Cristo' — a negação da Encarnação." — Andrews.

O estudo do assunto do Anticristo é muito importante, mas precisa ser feito com grande cautela. "Tal estudo é freqüentemente desaconselhado ou menosprezado por causa das teorias estranhas a respeito de quem ou do que constituirá esse poder anti-cristão. Alguns asseveram que o Anticristo será um sistema de ateísmo; outros, um sistema de anarquia; outros, ainda, nada mais vêem nessa irrupção de impiedade, do que a manifestação, em sua forma final, do grande sistema eclesiástico conhecido como o Papado. Muitos outros, entretanto, sustentam que o Anticristo será literalmente, um homem. Esta última posição é apoiada e confirmada pela interpretação mais intuitiva das Escrituras.

"É particularmente importante, numa época de anarquia e desassossego fenomenais como a atual, quando tudo está amadurecendo para o reino do Anticristo, que compreendamos as Escrituras referentes a esse 'homem da iniqüidade', con-

forme o chama o apóstolo Paulo. Sir Robert Anderson sustenta que as previsões relacionadas com o Anticristo são ainda mais distintas e definidas do que aquelas que dizem respeito ao Messias." — Mantle.

a. Sua personalidade é retratada: atraente e poderosa.

2 Ts 2.3,4 — Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.

V. A. — 2 Ts 2.9.

Assim como Cristo é a expressa imagem de Deus, igualmente parece que o Anticristo é a manifestação culminante de Satanás, "o príncipe deste mundo". Sua vinda será "segundo a eficácia (energia, ou operação interna) de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça".

"O cristo impostor será um maravilhoso erudito, perfeitamente à vontade em qualquer assunto. Será um cientista, tendo completo conhecimento do oculto, e suas mãos manusearão as forças do invisível. Será orador, possuindo uma língua de prata; os homens ficarão embevecidos por suas palavras. Será um verdadeiro mago das finanças, ultrapassando em habilidade os mais capazes financistas que já viveram. Será um gênio militar, sobrepujando a todos os maiores generais pelo seu magnetismo e estratégia. Os homens agregar-se-ão a ele aos milhares e em torno de sua bandeira, sentindo-se orgulhosos em servir sob seu comando." — Mantle.

Ver as referências abaixo, em confirmação do que ficou dito acima:

Dn 8.23,24; Ez 28.3; Dn 7.20; Ap 6.2; 13.2,4; 17.17.

b. Seu caráter é descrito: ímpio e blasfemo.

2 Ts 2.3,9,10 — Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição... então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda... e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

V. A. — 2 Ts 2.8.

"Seu nome demonstra que ele será a antítese do verdadeiro Cristo. O Senhor Jesus é o Justo; mas o homem da iniqüidade será o iníquo. O Senhor Jesus foi 'nascido sob a lei' (Gl 4.4); o Anticristo opor-se-á a toda lei, sendo 'lei para si mesmo'. Quando o Salvador entrou no mundo, Ele disse: 'Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade' (Hb 10.9); mas do Anticristo está escrito: 'Este rei fará segundo a sua vontade'. O Anticristo estabelecer-se-á em oposição direta a toda autoridade, tanto divina como humana.

"O 'Anticristo' não só denota o antagonista de Cristo, mas fala de alguém que se coloca no lugar de Cristo. A palavra significa outro Cristo, um pro-Cristo, um 'alter christus', um pretendente ao nome de Cristo. Ele parecerá ser o exibir-se-á como se fosse o verdadeiro Cristo. Será o falso Cristo criado por Satanás. Assim como o diabo é um anti-Theos — não apenas o adversário, mas também o usurpador da posição e das prerrogativas de Deus, exigindo adoração a si mesmo, da mesma forma o Filho da Perdição será o anti-Cristo — não apenas o antagonista e adversário de Cristo, mas igualmente Seu rival; assumindo a própria posição e prerrogativas de Cristo; fazendo-se passar por legítimo reivindicador de todos os direitos e honras do Filho de Deus." — Pink.

(2) Seu concerto com os judeus.

Dn 9.27 — Ele fará firme aliança com muito por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.

V. A. — Jo 5.43.

V. T. — Is 28.14-18.

Presume-se que ele mesmo será judeu. "O Anticristo será um judeu, ainda que suas relações, sua posição governamental, sua esfera de domínio, de modo algum se limitarão ao povo israelita. Entretanto, deve ser salientado que não existe declaração expressa das Escrituras, de que esse ousado Rebelde será judeu; não obstante, as indicações fornecidas são tão claras, as conclusões que devem ser tiradas de certas asseverações das Sagradas Letras são tão evidentes e as exigências do caso tão inevitáveis, que somos forçados a acreditar que ele seja judeu (Ez 21.25-27, comparado com Dn 8.23-25; 9.25; Ez 28.2-10, comparado com Ap 13.14; Dn 11.36,37; Mt 12.43-45; Jo 5.43; I Jo 2.18).

"Os judeus, tendo voltado para a Palestina, e tendo reconstruído o templo de Jerusalém, receberão esse Filho da Perdição como seu prometido Messias. Imitando o verdadeiro Cristo, que por ocasião de Seu regresso à terra fará um novo pacto com a Casa de Israel e com a Casa de Judá, o Anticristo fará também uma aliança com os judeus. Sob um tratado de sete anos, e à guisa de amizade, obterá a ascendência em Jerusalém, para mais tarde retirar a máscara e romper seu pacto." — Pink.

(3) Seu concerto com os judeus será rompido.

Dn 9.27 — Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.

V. A. — Dn 11.31; Mt 24.15.

No meio da Septuagésima Semana de Daniel, o pacto, que terá sido feito ou confirmado pelo Anticristo com os "muitos" dentre os judeus, será rompido. A

identidade do falso messias será então revelada, e ele repudiará as promessas anteriormente feitas a Israel. Ele fará cessar as oblações ou a adoração no templo no que concerne à adoração de Jeová. Estabelecerá então um novo culto, a adoração da imagem da besta, que, em última análise, será o culto dele mesmo (2 Ts 2.4).

(4) Será exaltado e adorado como se fosse Deus.

Ap 13.4-6, 12 — E adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem pode pelejar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias, e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu... Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.

V. A. — Dn 11.36; 2 Ts 2.3,4.

V. T. — Is 14.12-17.

"A nova religião que será formulada, nada mais nada menos será do que o culto do Anticristo. Tendo ordenado a cessação dos sacrifícios e oblações no Templo que ele permitira ao povo judeu edificar, ele se assentará no Santíssimo lugar. No local onde a glória do Senhor anteriormente brilhava, o Anticristo, com uma audácia inconcebível, se assentará, exigindo culto. Imagine-se esse audacioso desafio a Deus, e a indizível blasfêmia de semelhante procedimento. Isso será o 'abominável da desolação... no lugar santo', a que Jesus Cristo se referiu em Mt 24.15." — Pink.

(5) Ele comandará os exércitos da terra contra Cristo, na batalha de Armagedom.

Ap 16.13,14,16 — Então vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso... Então os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom.

V. A. — Ap 17.8-14; 19.11-19.

"E então virá a grande cena final. O céu abrir-se-á e dele descerá o Rei dos reis e Senhor dos senhores, montado em cavalo branco, com os olhos semelhantes a 'chama de fogo' (Ap 19.11,12). Acompanhando-O virão os exércitos do céu, também montando cavalos brancos (Ap 19.14). Longe de ficarem assombrados com esse espetáculo monumental e digno de respeito, a besta e os reis da terra, juntamente com seus exércitos, reunir-se-ão 'para pelejar contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército' (Ap 19.19; Zc 14.3)." — Pink.

(6) Será destruído e condenado por ocasião da revelação de Jesus Cristo.

2 Ts 2.8 — Então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará como o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vida.

Ap 19.19-21 — Eu vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes.

Jesus Cristo, por ocasião de Sua volta, destruirá o Anticristo, o Iníquo. Essa destruição será efetuada pelo "sopro de sua boca" e a "manifestação de sua vinda" "Finalmente o Cristo de Deus e o falso cristo de Satanás defrontar-se-ão. Mas, no instante em que o conflito tiver início, no mesmo instante terminará. O adversário será paralisado e toda resistência cessará." — Pink. Então o mesmo Homem da Iniqüidade, agora derrotado e deposto, será lançado no local de sua condenação final, o lago do fogo.

4. No tocante a Israel.

(1) Israel será restaurado à sua própria terra.

Ez 36.24-28 — Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.

V. A. — Ez 22.19-22; Is 11.11-16.

(2) O Templo e seu culto serão restaurados.

2 Ts 2.3,4 — Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniqüidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.

V. T. — Dn 11.31; Ez 42.48; Mt 24.15; Dn 9.27; Is 66.1-3,6; Ap 11.1,2.

(3) Israel confirmará um pacto com o Anticristo, o qual será depois por ele rompido.

Dn 9.27 — Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.

(4) Israel passará pela Grande Tribulação — a última metade da Septuagésima Semana de Daniel, período de três anos e meio.

Jr 30.6,7 — Perguntai, pois, e vede, se acaso um homem tem dores de parto. Por que vejo, pois, a cada homem com as mãos na cintura, como a que está dando à luz? E por que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! que é grande aquele dia, e não há outro semelhante! é tempo de angústia para Jacó; ele, porém, será livre dela.

V. A. — Dn 12.1; Mt 24.15-22,29.

V. T. — Ap 3.10; 7.14; 11.2; Dn 7.25; 12.7.

(5) Israel terá uma conversão nacional, por ocasião da volta de Cristo.

Is 25.9 — Naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos.

V. A. — Dn 12.1; Mt 24.15-22,29.

V. T. — Rm 11.26; Is 66.8.

(6) Serão missionários às nações.

Is 2.1-3 — Palavra que, em visão, veio a Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e Jerusalém. Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações, e dirão, Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém.

V. A. — Sl 76.1,2; Is 27.6; Zc 8.13,21-23; Rm 11.12,15.

(7) Israel será estabelecido permanentemente na terra.

Am 9.15 — Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus.

V. A. — Ez 34.28.

(8) Israel e Judá serão unidos em um só reino debaixo de um só rei.

Ez 37.21,22 — Dize-lhe, pois: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações, para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra. Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos.

V. A. — Zc 8.13; 9.1, 10.6-9; Ez 34.23,24; 37.24,25; Jr 30.9.

A Segunda Vinda de Cristo terá referência especial à nação judaica. Resultará no removimento do véu que foi posto sobre os seus olhos; sua volta de todas as nações onde se acharam dispersos e seu permanente estabelecimento na terra prometida. Também desempenharão importantíssimo papel na disseminação da verdade

5 No tocante às nações gentílicas.

(1) Serão separadas por meio de julgamento.

Mt 25.31-33 — Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda.

V. A. — Zc 14.1-4, 16-18.

Esse julgamento terá o propósito de determinar que nações serão incluídas e quais serão excluídas no reino milenário de Jesus Cristo; basear-se-á no tratamento dado, pelas nações, aos mensageiros do Reino (Mt 25.40, 45).

(2) As nações salvas participarão do reino milenário com Cristo.

Mt 25.34 — Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.

V. A. — Zc 14.16,17; Is 19.23-25.

As nações salvas serão aquelas que tiverem recebido a salvação nacional, escapando da destruição que será lançada contra os ímpios e desobedientes; e essas nações salvas obterão entrada no Reino de Cristo. Inclui também, sem dúvida, sua salvação eterna e pessoal, obtida mediante a aceitação de Jesus Cristo, não apenas como Messias ou Rei, mas também como Salvador.

(3) As nações ímpias serão excluídas do reino milenário e sofrerão condenação eterna.

Mt 25.41-46 — Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos... E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.

As nações condenadas, ou "cabritos", serão aquelas que tiverem demonstrado sua rejeição do Rei e do Evangelho do Reino pelo seu modo de tratar os arautos ou mensageiros do reino, a quem Cristo chama de Seus "irmãos". Essas nações receberão condenação e perdição, não apenas nacional, mas também individual.

6 No tocante ao Reino Davídico ou Milenário.

"Millennium" (vocábulo latino) significa o mesmo que "Chiliad" (vocábulo grego), pois ambos querem dizer "mil anos". Ambos os termos são empregados em referência a um futuro período de governo justo sobre a terra, que se prolongará por mil anos.

(1) Seu período.

a. Início — marcado pela revelação de Cristo e julgamentos premilenários.

2 Tm 4.1 — Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino...

V. A. — Mt 13.41.

V. T. — Mt 25.31-46.

O Reino de Cristo terá começo por uma série de julgamentos, em resultado dos quais o pecado e os pecadores serão removidos da terra.

b. Fim — marcado pela soltura de Satanás e julgamento das nações apóstatas.

Ap 20.3, 7-9 — Lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo... Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar. Marcharam então pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu.

Durante a dispensação do Reino, os homens nascerão com naturezas más, tal como agora, e, igualmente como agora, prestarão obediência fingida ou exterior ao governo de Cristo. Por ocasião do encerramento da dispensação do Reino, portanto, quando Satanás for solto por pouco tempo, encontrará seguidores entre tais homens, que virão dos quatro cantos da terra. E Satanás liderá-los-á em um ataque que visará o acampamento dos santos, o que, sem dúvida, se refere a Jerusalém; mas ali serão derrotados e condenados, pois descerá fogo do céu e os destruirá.

(2) Seu caráter.

a. Justiça.

Is 32.1 — Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes.

V. A. — Sl 66.3; 81.15; Zc 14.17-19.

O vindouro Reino de Cristo será um reinado de justiça. A justiça será obrigatória durante o Milênio, e assim, predominará. O pecado e a desobediência serão

castigados com julgamento e castigo sumários. Isso está em harmonia com Is 26.9, que declara: "...quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça".

b. Conhecimento universal de Deus.

Is 11.9 — Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

V. A. — Jr 31.34.

O conhecimento de Deus será disseminado pela face de toda a terra. Jesus Cristo, pessoalmente, será o principal meio dessa propagação (Is 2.3). O poder pegante de Satanás desaparecerá, pelo que os homens possuirão conceitos claros e corretos a respeito de Deus e Sua vontade.

c. Paz.

Is 2.4 — Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

V. A. — Is 9.6,7.

Não pode haver paz verdadeira a não ser aquela que se baseia na justiça. A paz universal, por conseguinte, espera a implantação da justiça universal para sua realização. Isso não sucederá senão quando o Príncipe da Paz vier, pois a Seu respeito está escrito: "Cetro de eqüidade é o cetro do seu reino."

d. Prosperidade.

Is 35.1,2 — O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Florescerá abundantemente, jubilará de alegria, e exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus.

V. A. — Is 51.3; Am 9.13.

Durante a dispensação do Milênio a maldição, que por tanto tempo repousa sobre os reinos animal e vegetal, será suspensa, e a rejubilante prosperidade que saudou nossos primeiros pais tornará a cobrir esta nossa terra atualmente assolada pelo pecado.

e. Longevidade.

Is 65.20 — Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar, só aos cem anos será amaldiçoado.

V. A. — Is 33.24.

A idade física que o homem atingirá será determinada, ao que parece, aparentemente pela sua obediência à lei — à lei de Cristo. A desobediência produzirá a morte.

f. Universalidade de domínio ou escopo.

Zc 14.9 — O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor, e um só será o seu nome.

V. T. — Fp 2.10.

Jesus Cristo voltará a este mundo a fim de assentar-se sobre o trono de Seu pai, Davi, para reinar sobre a casa de Israel e sobre o mundo inteiro.

7. No tocante a Satanás.

(1) Será expulso dos lugares celestiais.

Ap 12.7-9 — Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos.

(2) Será circunscrito à terra.

Ap 12.9,12 — E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos... Por isso, festejai, ó céus, e vós os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.

(3) Controlará o Anticristo.

Ap 13.2 — A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso, e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade.

V. T. — 2 Ts 2.9,10.

(4) Será acorrentado no abismo por mil anos.

Ap 20.2,3 — Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo.

(5) Será solto pouco tempo depois do Milênio.

Ap 20.7,8 — Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar.

(6) Será lançado no lago do fogo.

Ap 20.10 — O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.

D. D. — O propósito de Cristo, em Sua Segunda Vinda, tem muitos aspectos, incluindo em seu escopo os justos, os ímpios, a nação de Israel, Satanás e seus confederados, as nações gentias, e o reino davídico.

IV. *Seu Valor Prático.*

1. Doutrina de consolo para os santos enlutados.

1 Ts 4.13-18 — Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós os vivos, os que ficamos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

V. A. — Is 40.1,9-11.

O reconfortante valor dessa doutrina acha-se principalmente na tríplice reunião que será efetuada por ocasião da volta do Senhor. Haverá a reunião do corpo com a alma e o espírito, assim tornando o homem novamente completo; um ser tríplice, transformado e glorificado. Os crentes então vivos serão reunidos àqueles que já tiverem partido desta existência, os quais então terão sido ressuscitados de entre os mortos — "arrebatados juntamente". Todos os crentes serão reunidos em manifestação visível juntamente com o Senhor ressurrecto.

2. Bendita esperança para os que têm recebido a graça de Deus.

Tt 2.11-13 — Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo.

V. T. — 2 Pe 3.11.

"A esperança se compõe de desejo e expectativa. Podemos desejar aquilo que não esperamos. Podemos esperar aquilo que não desejamos. Posso desejar ser

rei da Inglaterra, sem a menor esperança de consegui-lo. Se eu fosse um criminoso condenado, poderia esperar ser enforcado amanhã, sem de modo algum desejá-lo. Quando eu era menino, a Segunda Vinda de Cristo era para mim expectativa, mas sem desejo. À medida que fui aprendendo mais as Escrituras, o desejo surgiu em meu coração, a ponto de haver-se transformado em esperança real, isto é, expectativa ao par de desejo; e agora posso dizer das profundezas de minha alma: 'Vem, Senhor Jesus, vem sem demora.' " — A. C. Dixon.

3. Incentivo à vida santa, o que inclui:

(1) Vigilância.

Mt 24.42-44 — Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o Senhor. Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá.

V. A. — Mt 25.13; Mc 13.32,37; Lc 13.35; Ap 16.15.

(2) Sobriedade.

1 Pe 1.13 — Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo.

V. A. — 1 Ts 5.2-6.

V. T. — 1 Pe 4.7.

(3) Paciência

Hb 10.36,37 — Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque ainda dentro de pouco tempo aquele que vem virá, e não tardará.

V. A.. — Tg 5.7-9.

(4) Mortificação das concupiscências da carne.

Cl 3.3-5 — Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória. Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno, e a avareza, que é idolatria.

V. A. — 1 Jo 3.2,3.

(5) Resistência nas provações.

1 Pe 1.6,7 — Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que o valor da vossa fé, uma

vez confirmado, muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

V. A. — 1 Pe 4.13.

(6) Comunhão perpétua.

1 Jo 2.28 — Filhinhos, agora, pois, permanecei nele, para que, se ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda.

(7) Amor fraternal.

1 Ts 3.12,13 — E o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; a fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

A Segunda Vinda de Cristo, a fim de que tenha valor prático para a vida atual, deve primeiramente ser reconhecida como uma esperança certa. Hb 6.18-20. Também devemos perceber que se trata de uma esperança viva, ou seja, uma esperança para a qual temos sido "de novo gerados" (1 Pe 1.3). Então é que ela se torna uma vida e experiência diárias, uma bendita esperança (Tt 2.13), quando então passa a exercer influência e poder práticos sobre a vida do crente; transforma-se numa esperança purificadora, e essa purificação se estende a cada relação e esfera da vida. "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 Jo 3.3).

4. Motivo para uma vida de serviço fiel, que inclui:

(1) Fidelidade.

Lc 12.42-44 — Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o Senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Verdadeiramente vos digo que lhe confiará todos os seus bens.

V. A. — Lc 19.12,13; Mt 25.19-21.

(2) Constância ministerial.

2 Tm 4.1,2 — Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

V. A. — 1 Pe 5.2-4.

(3) Zelo para conquistar almas.

1 Ts 1.1,5,6,9,10 — Paulo, Silvano e Timóteo; à igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz a vós outros... porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós, e por amor de vós. Com efeito vos tornaste imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que por meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo... pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura.

1 Ts 2.19,20 — Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!

V. A. — 1 Co 4.3-5.

Foi o servo que disse: "Meu senhor demora-se", que também começou a "espancar os seus companheiros, e a comer e beber com os ébrios". Aqueles servos que mantêm uma atitude de incessante expectativa para com a vinda do Senhor procurarão, inevitavelmente, ser fiéis às tarefas que lhes forem dadas. O incentivo infalível da vinda do Senhor produz devoção e constância na vida e nas ações.

George Mueller, poderoso na fé e incessante na oração, foi despertado para a atividade pelo pensamento da volta do Senhor. Disse ele: "Quando aprouve a Deus, em julho de 1829, revelar ao meu coração a verdade da volta pessoal do Senhor Jesus... o efeito que isso produziu em mim foi o seguinte: Desde o íntimo de minha alma fui despertado para um sentimento de compaixão a favor dos pecadores, e a favor do mundo que dormitava ao meu redor e jazia no maligno, e eu considerei: 'Não devo fazer o que puder pelo Senhor Jesus, enquanto Ele se demora, no sentido de despertar Sua Igreja sonolenta?' "

D. D. — A volta do Senhor constitui um poderoso motivo e incentivo para o cultivo de cada uma das graças cristãs e para a realização de toda boa obra.

B. A Ressurreição dos Mortos.

Ressurreição é a outorga da vida àquilo em que a vida se extinguira. Em caso algum o termo ressurreição é empregado nas Escrituras, em referência apenas à alma e ao espírito e onde o corpo é clara ou especificamente omitido. Há várias atitudes relativas a essa questão. Há aqueles que negam totalmente a ressurreição literal ou corporal. Alguns parecem acreditar exclusivamente na ressurreição corporal de Cristo, mas não na ressurreição do resto da raça. Outros existem que ficam confusos sobre o assunto e, portanto, não sabem em que devem crer.

Apesar de que as Escrituras descrevem como ressurreição espiritual a outorga da vida nova à alma por ocasião da Regeneração, declaram também que, por ocasião

da Segunda Vinda de Cristo, haverá uma ressurreição do corpo e a reunião do corpo à alma e ao espírito, dos quais, durante o estado intermediário, estivera separado.

1. *Sua Realidade.*

Visto que Deus, no princípio, formou do pó da terra o corpo do homem, não é ilógico acreditar que Ele possa reformar esse corpo. É coerente acreditar-se que, quando o lar original da alma do homem cair em decadência, Ele proverá outro lar para esse ser que tem uma existência interminável. Quando a morte física sobreveio à raça humana, isso significou a vitória do pecado. Mas, continuará o pecado a ser vitorioso? Se a morte posseguisse em seu reino, sem interrupção, sobre os corpos dos homens, assim seria. Se não houver ressurreição corporal dentre os mortos, então o pecado, através da morte, permanece inconquistável. Mas "graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo".

1. Ensinada no Antigo Testamento.

(1) Por declarações positivas.

Jó 19.25-27 — Porque eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro em mim.

V. A. — Sl 16.9-11; 17.15; Dn 12.2.

"Ora, como poderia um Redentor levantar-se sobre a terra sem pés materiais? Que será que Jó quis dizer ao afirmar: 'em minha carne verei a Deus', se não esperava vir novamente a possuir um corpo material? Como poderia ele ter dito 'os meus olhos o verão' a não ser que esperava voltar a possuir olhos materiais para enxergar? É evidente que Jó cria em uma ressurreição material e corporal." — C. K. F., **Bible Scholar.**

(2) Por símbolo claro.

Rm 4.19,20 — E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé se fortaleceu, dando glória a Deus.

Hb 11.19 — Porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.

V. A. — Gn 15.5,6; 18.1-16; 22.1-14, especialmente V. 13.

V. T. — Nm 17.6-10.

A condição de esterilidade de Abraão e Sara tornou a concepção e o nascimento de Isaque um fato sobrenatural, e uma "ressurreição", isto é, o sair da morte para

a vida. Isso nos fornece uma figura ou parábola da ressurreição, que Abraão reputou como sendo capaz de ser efetuada por Deus, ao oferecer Isaque sobre o monte Moriá.

(3) Por profecia previdente.

Is 26.19 — Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho da vida, e a terra dará à luz os seus mortos.

V. A. — Os 13.14; Sl 16.10,11.

V. T. — Dn 12.2.

A ressurreição, tanto de Cristo como dos homens, é assunto tratado nas profecias do Antigo Testamento, ainda que sua menção seja muito mais limitada que a de outras questões proféticas.

(4) Por demonstração prática.

2 Rs 4.32-35 — Tendo o profeta chegado à casa, eis que o menino estava morto sobre a cama. Então entrou, fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor. Subiu à cama, deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então se levantou e andou no quarto uma vez de lá para cá, e tornou a subir, e se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes, e abriu os olhos.

V. A. — 1 Rs 17.17-24; 2 Rs 13.20,21.

As ressurreições do Antigo Testamento diferiam da ressurreição de Cristo e das ressurreições futuras, uma vez que não tinham em vista o mesmo propósito nem tinham a mesma permanência; não proporcionavam imortalidade.

O Antigo Testamento, ensina distintamente a ressurreição corporal dos mortos.

2. Ensinada no Novo Testamento.

(1) Por declaração positiva.

Jo 5.21 — Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.

V. A. — At 26.8,22,23; 23.6-8; 1 Pe 1.3.

Jesus Cristo, na linguagem mais clara e dogmática possível, ensinou-nos a esperar vida corporal depois da morte corporal, e a esperar que os corpos físicos dos homens, vitimados pela morte corporal, fossem levantados de entre os mortos, a fim de serem habitados por suas almas e espíritos racionais.

(2) Por profecia previdente.

a. Conforme proferida pelo Senhor.

Jo 5.28,29 — Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

V. A. — Jo 6.39,40,44,54; Lc 14.13,14; 20.35,36.

b. Conforme apresentada por Paulo.

1 Co 15.22,23 — Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda.

V. A. — 1 Ts 4.14-16; Fp 3.11.

c. Conforme registrada por João.

Ap 20.4-6,13,14 — Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos... Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago do fogo.

As predições do Novo Testamento sobre a ressurreição futura são claras e agudas. Tratam dos objetos, do propósito e da maneira da ressurreição. Seu significado não pode ser facilmente malentendido.

(3) Por demonstração prática.

Jo 11.41-44 — Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora. Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolto num lenço. Então lhes ordenou Jesus: Desatai-o, e deixai-o ir.

V. A. — Lc 8.41,42,49-56; 7.12-15; Mt 28; Jo 20; Mt 27.52,53.

Se as demonstrações práticas, no Novo Testamento, foram ressurreições físicas, conforme indubitavelmente é o caso, então as predições e promessas da ressurreição devem abranger as mesmas feições.

D. D. — De vários modos, o fato da ressurreição dos mortos é claramente estabelecido, tanto pelo ensino do Antigo como do Novo Testamentos.

II. *Seu Modo.*

1. Literal e corporal.

1 Co 15.22 — Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.

V. A. — Ap 20.12; 2 Co 5.10.

V. T. — Jó 19.25-27; Sl 16.9; Jo 5.28,29, comparado com Jo 5.25.

Na passagem de 1 Co 15.22, o apóstolo fala da morte física em Adão e, paralelamente, da ressurreição física em Cristo.

Ap 20.12 e 2 Co 5.10 demonstram a necessidade da ressurreição do corpo a fim de que o julgamento se verifique de conformidade com as cousas feitas por intermédio do corpo. A fruição da esperança, tanto do livro de Jó como dos Salmos, requer a ressurreição corporal. At 24.15 fala de uma ressurreição dos justos e outra dos injustos: ora, não é possível que isso se refira a uma ressurreição espiritual; pois, se assim fosse, no estado futuro cada pessoa justificada possuiria dois espíritos: o espírito que possui desde aqui, e o espírito que receberia na ressurreição.

O Senhor Jesus Cristo, em Seu corpo ressuscitado, era passível de ser visto, tocado e manuseado, de comer peixe frito e mel (Lc 24.36-53). Nesse corpo Ele foi visto a ascender ao céu (At 1.9-11). No mesmo corpo foi contemplado em pé à mão direita de Deus (At 7.55,56). No mesmo, ainda, Ele atualmente age como o único "Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Tm 2.5). E no mesmo corpo Ele voltará na qualidade de Filho do Homem (Mt 25.31).

2. Universal.

Jo 5.28,29 — Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.

Os mortos não serão todos ressuscitados ao mesmo tempo; não terão todos o mesmo destino; mas todos os mortos serão ressuscitados.

3. Dupla.

(Dn 12.2; Jo 5.28,29; Ap 20.4,5).

At 24.14,15 — Porém, confesso-te isto que, segundo o Caminho, a quem chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as cousas que estejam de acordo com a lei, e nos escritos dos profetas, tendo espe-

rança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos.

(1) Ressurreição dos justos — para a vida.

Lc 14.14 — E serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos.

V. A. — 1 Co 15.22,23; 1 Ts 4.16; Jo 5.29a.

A ressurreição dos justos é, em realidade, a ressurreição dos justificados ou retos, que assim foram feitos à base da expiação de Cristo. É uma ressurreição para a vida — a vida mais abundante, livre de todas as limitações devidas ao pecado, com o julgamento criminal para sempre no passado.

(2) Ressurreição dos injustos — para o julgamento.

Ap 20.5a — Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos.

V. A. — Jo 5.29b.

Em contraste com a ressurreição acima, esta é a ressurreição dos não justificados, ou injustos, daqueles que não receberam os benefícios do julgamento e do castigo vicário de Cristo e que, portanto, precisam enfrentar para si esse juízo.

"No pensamento do homem, e, de algum modo, nos livros que os homens escrevem, tem aparecido a idéia de uma ressurreição simultânea de justos e injustos. As Escrituras nunca falam de uma ressurreição simultânea e universal; afirmam expressamente que 'todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão', mas em seguida descrevem duas ressurreições (**Jo** 5.28,29)." — Scofield.

D. D. — Todos os mortos passarão pela ressurreição corporal: uns para a vida e outros para o juízo.

III. *Características do Corpo Ressuscitado.*

1. Do crente.

(1) Corpo remido.

Rm 8.23 — E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

O corpo atual do crente, que é chamado de "corpo de humilhação" (Fp 3.21) ainda não está preparado para entrar no reino de Deus (1 Co 15.50). A esperança de Paulo não era livrar-se do corpo, mas antes, a redenção desse corpo (2 Co 5.4).

(2) Identificado com o corpo sepultado.

Jó 19.25-27 — Porque eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro em mim.

V. T. — Fp 3.20,21.

O Dr. H. A. Ironside, certa ocasião, passando por sua cidade natal, viu um quarteirão de edifícios comerciais, cujas firmas haviam sido retiradas a fim de que os edifícios fossem completamente remodelados. Nas janelas estavam cartazes com as palavras: "Mudados para o número tal, até terminarem os reparos." O Dr. Ironside observou à sua esposa que aquilo era uma notável figura da morte do crente. Sugeriu então como epitáfio para o seu sepulcro, que dizia: "H. A. Ironside, salvo pela graça de Deus, mudou-se até ser renovado e reparado."

Meses depois ele passou novamente pelo mesmo local e viu os mesmos edifícios já reparados. Havia os mesmos alicerces e paredes, os mesmos edifícios, ocupados pelas mesmas firmas; não obstante, haviam sido de tal forma alterados e melhorados que faziam notável contraste com sua antiga condição. Assim também será por ocasião da ressurreição corporal do crente. Ele terá certa relação com este corpo de nossa humilhação; porém, será gloriosamente remodelado, perfeitamente renovado e reparado.

(3) Corpo dado por Deus.

1 Cor 15.38 — Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar, e a cada uma das sementes o seu corpo apropriado.

V. A. — 2 Cor 5.1-5.

Não deve preocupar-nos o fato de não podermos fazer uma idéia de como será esse novo corpo. Quem, sem observação prévia, poderia jamais imaginar o que se originaria de uma bolota de carvalho ou de um grão de trigo? A cada semente Deus concede seu próprio corpo. Nós, em nossas mentes finitas, não podemos conceber o que será nosso corpo futuro, isento do desgaste e da decadência; mas não necessitamos perder a esperança celeste de que esse corpo existirá. "Nem toda carne é a mesma." O tipo de carne que agora possuímos pode ser imprópria para nosso estado final, mas aguarda-nos um corpo tão apropriado e idôneo como nossa atual habitação familiar. O pássaro possui um corpo que o equipa para o ar; os peixes vivem comodamente em seu próprio elemento. E a variedade que atualmente existe não exaure os recursos de Deus. Não estamos no início de Suas obras? Não podemos supor, razoavelmente, que um desenvolvimento e uma expansão verdadeiramente infinitos aguardam as obras de Deus?

(4) Semelhante ao corpo glorificado de Cristo.

1 Jo 3.2 — Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é.

a. Real.

Lc 24.39 — Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

b. Reconhecível.

Lc 24.31 — Então se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles.

V. A. — At 7.55,56.

c. Livre das limitações terrenas.

Jo 20.19 — Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco!

O corpo ressuscitado do crente será semelhante ao de seu Senhor, não fantasmagórico, mas real, palpável. E, como o seu Senhor, possuirá uma identidade individual com o corpo desta vida, sendo assim, capaz de ser reconhecido. Será apropriado para os usos do espírito santificado. Possuirá muitas características gloriosas, que o diferenciarão deste "nosso corpo de humilhação", o que o equipará para o serviço mais elevado do futuro.

(2) Do incrédulo — corpo mortal e corrupto, apropriado à alma corrupta.

Mt 5.29 — Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.

V. A. — Mt 10.28; Ap 20.12,13; 21.8.

V. T. — Gl 6.7,8.

O propósito e o resultado da ressurreição dos incrédulos, a saber julgamento e castigo, é quase tudo que consta das Escrituras na matéria. Há informações detalhadas, reveladas a nós pelo Espírito, sobre cousas que Deus tem preparado para aqueles que o amam (I Co 2.9,10); no tocante ao julgamento e castigo dos incrédulos, entretanto, apenas são fornecidos os meros fatos. As Escrituras fazem estranho silêncio a respeito da questão do corpo ressuscitado dos incrédulos. Mas a analogia parece indicar que a forma externa representará apropriadamente o estado interno da alma, e assim será corrupto e degradado como a alma que nele habita. Que o corpo ressuscitado do incrédulo será mortal, vê-se pelo fato de que será sujeito à morte — a segunda morte.

D. D. — O corpo ressuscitado do incrédulo será caracterizado por mortalidade e corrupção, ao passo que o corpo ressuscitado do crente será mortal, incorruptível e glorioso.

IV. *Sua Ocasião.*

1. Em relação aos crentes — antes do Milênio.

Ap 20.4 — Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

V. A. — Jo 6.39,40,44; 1 Co 15.22,23; 1 Ts 4.15,16.

Esta ressurreição é chamada de "Primeira Ressurreição", e é pronunciada uma bênção sobre aqueles que dela participarem (Ap 20.6). Parece haver pelo menos duas fases dessa ressurreição. A primeira consiste daqueles que serão ressuscitados logo antes do Arrebatamento, por ocasião da vinda de Cristo para buscar Seus santos. A outra consiste dos mortos martirizados, mortos durante o período da Grande Tribulação, os quais serão ressuscitados antes do estabelecimento do Reino Milenário de Cristo.

2. Em relação aos incrédulos — depois do Milênio.

Ap 20.5 — Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos.

V. A. — Ap 20.12-14.

A ressurreição dos incrédulos terá lugar no fim da presente ordem dispensacional, após o Reino Milenário de Cristo, e logo antes do Julgamento do Grande Trono Branco.

D. D. — A ressurreição dos crentes terá lugar quando Cristo vier buscar Sua Igreja, e será separada da ressurreição dos incrédulos pelos mil anos do reinado de Cristo.

C. Julgamentos.

As Escrituras apresentam o julgamento como a estranha obra de Deus. Isso é verdade, mas também é sua obra certa, assegurada. Foi tornada certa por ordenação divina. E também pela própria natureza das cousas. A própria natureza da justiça divina exige julgamento como sua própria vindicação. A própria natureza das cousas em relação aos homens, também o requer. O senso moral do homem, ou sua consciência, exige o julgamento. O senso universal da existência de Deus torna o julgamento um fato necessário.

O Julgamento, entretanto, não deve ser identificado com a morte. A morte pressupõe um julgamento que já foi baixado e do qual é ela a penalidade infligida. Há julgamentos, previstos para o futuro, que não podem, coerentemente com as Escrituras e em lealdade a estas, ser reputados como efetuados por ocasião da morte

ou identificados com ela. Jesus referiu-se àqueles que já haviam morrido dizendo que eles participarão de um julgamento ainda futuro (Mt 12.41,42; 10.15), mostrando que a morte e o julgamento não são idênticos.

Há quem sustente o conceito errôneo de um julgamento geral para todos, no fim do mundo. Isso não tem fundamento nem na revelação nem na razão. As Escrituras demonstram claramente que há vários grupos que deverão ser julgados, e que diversas circunstâncias e condições caracterizam esses julgamentos. A razão não pode consubstanciar a crença em um julgamento geral, pois não existe base única sobre a qual todos possam ser julgados. A base de julgamento de um dos grupos não pode servir para os demais grupos, uma vez que estes têm diferentes responsabilidades e obrigações, das quais terão de prestar contas.

I. *Significado do Julgamento Divino.*

1. Negativamente — não para averiguar a culpa ou o mérito.

Heb 4.13 — E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as cousas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.

V. A. — Lc 12.2.

Deus tem perfeito conhecimento de todos os pensamentos, palavras e ações do homem e, por conseguinte, não necessita de evidência obtida por exame ou testemunho.

2. Positivamente — manifestação, discriminação e recompensa do caráter e da conduta.

Rm 2.5,6 — Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento.

V. A. — 2 Co 5.10; Mt 12.36; 1 Co 4.5.

O julgamento oferece a Deus oportunidade para exibir e demonstrar Sua retidão e justiça em relação às criaturas, especialmente as criaturas pecaminosas.

D. D. — Em Seu julgamento dos homens, Deus não precisa ser informado a respeito do passado de cada um, mas apenas exibi-lo e administrar as recompensas ou punições apropriadas.

II. *Sua Realidade.*

1. Conforme ensinado no Antigo Testamento: o mundo será julgado em justiça.

Sl 9.7,8 — Mas o Senhor permanece no seu trono eternamente, trono que erigiu para julgar. Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão.

V. A. — Sl 96.12,13.

2 Conforme ensinado no Novo Testamento: ao homem está ordenado o julgamento.

Hb 9.27 — E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo.

V. A. — At 17.31.

Está determinado um dia de prestação de contas e de acerto judicial. Ao homem está ordenado seu comparecimento em juízo tão certamente quanto lhe está ordenada a morte; e a ressurreição de Jesus Cristo é a certeza que disso Deus fornece.

D. D. — Um dia de prestação de contas e julgamento é ensinado tanto no Antigo como no Novo Testamentos.

III. *Personalidade do Juiz.*

1. Deus.

Rm 14.12 — Assim pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

V. A. — Rm 1.32; 2.2,3,5,6; Sl 96.13; 9.7,8.

O julgamento futuro será executado por Deus por Quem todos são reputados responsáveis, e a Quem todos terão de prestar contas.

2. Deus em Cristo.

Rm 2.16 — No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.

V. A. — Rm 14.10-12; At 17.31; Jo 5.22,23,27; 2 Co 5.10; At 10.42.

Naquelas passagens que se referem a Deus como o Executor do julgamento futuro, devemos entender que se trata de Deus Filho, pois é Ele Quem será "Juiz de vivos e de mortos".

3. Os Santos serão auxiliares.

1 Co 6.2,3 — Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as cousas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos; quanto mais as cousas desta vida?

V. A. — Sl 149.9; Ap 2.26,27; 3.21.

O julgamento dos anjos, dos reis, dos nobres e dos povos, é uma honra que será conferida aos santos; em lugar de se apresentarem como réus criminosos, eles assentar-se-ão no tribunal como juízes auxiliares.

D. D. — O Pai entregou todo o julgamento ao Filho; portanto, Cristo será o Executor do julgamento futuro, e isso fará auxiliado pelos Seus santos.

IV. *Sua Ordem.*

1. O julgamento da Cruz.

(1) Satanás foi julgado e sua autoridade foi potencialmente anulada.

Hb 2.14 — Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo.

V. A. — Jo 12.31; Cl 2.15; Jo 16.11; Ap 12.11.

V. T. — Jo 5.24.

Aquilo que foi uma vitória aparente das forças do mal, foi, em realidade, sua maior derrota. Mediante a própria arma de Satanás, a morte, Cristo provisionalmente aniquilou-o. Cristo pagou o preço da redenção humana, assim arrebatando o cetro da autoridade das mãos de Satanás. Antecipando a cruz, Jesus disse: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso" (Jo 12.31). Olhando para além da cruz, para a vinda e a obra do Espírito Santo, Jesus disse a respeito deste: "Quando ele vier convencerá o mundo... do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado" (Jo 16.8-11).

(2) O princípio ou natureza pecaminosa de Adão foi judicialmente condenado à morte.

Rm 8.3 — Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado.

V. A. — Gl 2.20.

V. T. — Gl 5.13,16-21,24; Rm 6.1-4.

O plano divino de salvação não abrange planos de melhoria do velho homem. Só há um lugar para ele: a cruz — o lugar da morte. Tal como Cristo foi crucificado por nós e por nossos pecados, semelhantemente nós — a natureza adâmica e pecaminosa dentro de nós — temos sido crucificados juntamente com Ele. Cada uma dessas obras está terminada. Esse é um fato de Deus, eterno, inalterável, sobre o qual a nossa fé deve repousar a fim de obter vitória e livramento continuamente. A fé repousa no fato de Deus e no ato de Cristo, e reputa esse fato como autêntico em vista do ato. O crente sustenta uma dupla união com Jesus Cristo: tem uma união-de-morte com o Cristo da cruz, no que se refere à sua natureza antiga e tem uma união-de-vida com o Cristo da glória pela sua nova natureza. Ambas as uniões devem ser consideradas reais.

(3) Os pecados dos crentes foram vicariamente julgados e punidos.

1 Pe 2.24 — Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fostes sarados.

V. A. — Hb 9.25-28; Gl 3.13; 1 Pe 3.18.

Não haverá julgamento futuro do crente por causa de seus pecados como crimes contra Deus, visto que já foram julgados no Calvário. Nenhum julgamento, nenhuma condenação e nenhuma separação — são essas as declarações categóricas das Escrituras (Jo 5.24; Rm 8.1,39). O mais fraco e débil dos crentes é tão livre do juízo divino por causa de pecado como o próprio Cristo. O juízo divino não pode atingi-lo, tal como não pode atingir a Cristo. Para nós e para Ele, esse julgamento já se foi para sempre. Pois "segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4.17). Teremos de comparecer diante do tribunal ou "bema" de Cristo para receber recompensas, mas não para sermos julgados com o fim de revelar culpa ou inocência ou para ser determinado o nosso destino.

2. O julgamento atual da vida íntima do crente.

1 Co 11.31,32 — Porque se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.

V. A. — 1 Co 11.28-30; 5.3-5; 1 Tm 1.19,20; 1 Jo 5.16,17; Hb 12.5-11.

V. T. — 2 Sm 7.13-15; 12.12-14.

Da parte do crente precisa haver contínuo auto-julgamento — a disciplina do "eu", pois doutro modo haverá necessidade da disciplina divina, os julgamentos corretivos de Deus. Deus trata conosco, após termos aceito Cristo como Salvador, não como se fôssemos súditos de um rei, nem como criminosos responsáveis perante um juiz, e, sim, como filhos sob a orientação e disciplina de um Pai justo, sábio e amoroso.

3. O julgamento das obras do crente.

(1) Sua ocasião: a volta de Cristo.

1 Co 4.5 — Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as cousas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

V. A. — Ap 22.12.

(2) Sua base: as obras do crente.

2 Co 5.10 — Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

V. A. — 1 Co 3.13-15.

A demonstração perante o tribunal de Cristo será da "obra de cada um". O exame determinará "qual seja a obra de cada um"; se boa ou má; se é de "ouro, prata, pedras preciosas" ou de "madeira, feno, palha"; se merece recompensa ou

perda. O simbolismo da "obra que permanece", sem dúvida representa aquilo que é feito para a glória de Deus, em conexão com o propósito redentor de Cristo e sob a orientação e no poder do Espírito Santo; ao passo que a "obra que se queima" simboliza aquilo que tiver sido feito mediante a mera sabedoria e energia terrenas, por meios e métodos terrenos, tendo em vista alvos e finalidades terrenas.

(3) Seus resultados.

a. Recompensas serão recebidas — descritas como galardões ou coroas.

Ap 22.12 — E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.

(a) Coroa da vida, por causa de fidelidade.

aa. Para aqueles que viverem a vida de mártir.

Tg 1.12 — Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.

bb. Para aqueles que morrerem como mártires.

Ap 2.10 — Não temas as cousas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

(b) Coroa da glória — para os pastores fiéis.

1 Pe 5.4 — Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória.

V. T. — Hb 2.9; Jo 17.22; 1 Pe 5.1-3.

(c) Coroa da justiça — para aqueles que amam Sua vinda.

2 Tm 4.7,8 — Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa de justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

aa. O soldado corajoso.
bb. O atleta vitorioso.
cc. O despenseiro fiel.

(d) Coroa da alegria para o ganhador de almas.

1 Ts 2.19,20 — Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós? Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!

Comparar com Dn 12.1-3.

(e) Coroa incorruptível — por auto-domínio.

1 Co 9.25-27 — Todo atleta em tudo se domina; aqueles para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.

Não é necessário que imaginemos que a Bíblia fale aqui de coroas literais, materiais. Os galardões, entretanto, serão literais e reais, excedendo em valor a qualquer mero diadema ou medalha materiais.

b. Perdas serão sofridas.

2 Jo 8 — Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão.

V. A. — 1 Co 3.15; 1 Jo 2.28.

Fracasso ou negligência em sua mordomia fará com que o crente sofra perda por ocasião do Tribunal de Cristo.

O crente comparecerá perante o tribunal de Cristo, e suas obras serão examinadas; e o resultado desse exame será: recompensas para alguns, perda para outros, mas exaltadas e santas posições e privilégios para todos.

4 O julgamento de Israel — preparatório para entrada no reino.

Sl 50.1-7 — Fala o Poderoso, o Senhor Deus, e chama a terra desde o levante até ao poente. Desde Sião, excelência de formosura, resplandece Deus. Vem o nosso Deus, e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta. Intima os céus lá em cima, e a terra, para julgar o seu povo. Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios. Os céus anunciam a sua justiça, porque é o próprio Deus que julga. Escuta, povo meu, e eu falarei; ó Israel, e eu testemunharei contra ti: eu sou Deus, o teu Deus.

Comparar com Is 1.2,24,26.

V. T. — Ez 20.30-44; Ml 3.1.

"Há um julgamento futuro predito para a restaurada nação de Israel, preparatório para o restabelecimento do Reino davídico. Isso terá em vista determinar quem entrará no reino dentre os filhos de Israel que forem encontrados na terra por ocasião do glorioso aparecimento do Senhor. Os rebeldes serão expurgados, e não entrarão na terra de Israel." — Pettingill.

5. O julgamento das Nações Vivas.

(1) Seu local: a terra — no vale de Josafá.

Mt 25.31,32 — Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas.

V. T. — Zc 14.1,2; Jl 3.2.

(2) Sua base: atitude para com a mensagem e os mensageiros do Reino.

Mt 25.40-45 — O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes... Então lhes responderá: Em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.

V. T. — Jl 3.1-8, 19; Mt 24.14.

"A base desse julgamento, mediante o qual serão provados os gentios, será seu tratamento de um terceiro grupo, denominado pelo Rei como Meus irmãos'. Esses irmãos, conforme se pode verificar no relato de Joel, são judeus. Sem dúvida serão aqueles judeus que se tiverem voltado para o Senhor após o arrebatamento da Igreja. Em seguida à sua conversão, esse Remanescente judaico torna-se a agência evangelizadora de Deus, e começa a obra de proclamar a aproximação do advento do Rei, 'vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória' (Mt 24.14-30; Is 66.19)." — Pettingill.

(3) Seus resultados.

a. Os retos entrarão no reino preparado desde a fundação do mundo.

Mt 25.34 — Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.

As nações, aqui mencionadas, sem dúvida são aquelas que tiverem mantido atitude favorável para com a mensagem e os mensageiros do reino, e que tiverem demonstrado essa atitude favorável mediante suas ações para com eles, em feitos de misericórdia.

Que, neste passo, "justos" não pode referir-se à Igreja, verifica-se pelo seguinte: Aqueles recebem um reino que está "preparado desde a fundação do mundo", ao passo que a Igreja será abençoada com bênçãos espirituais nas regiões celestiais. Aqueles "justos" serão os "benditos do Pai", mas a Igreja gozará de comunhão com o Pai e com o Filho. Aqueles recebem um reino que está preparado desde a fundação do mundo; mas a Igreja é "escolhida em Cristo antes da fundação do mundo".

Esse resultado sem dúvida inclui participação no Reino Milenário de Cristo na qualidade de nações, e parte nas alegrias da vida eterna, individualmente.

b. **Os ímpios serão excluídos do Reino e sofrerão julgamento e condenação.**

Mt 25.41 — Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

V. A. — Mt 25.46.

As nações ímpias, em razão de sua atitude e ação para com aqueles que Cristo chama de Seus irmãos, excluem-se do reino de Cristo e se colocam debaixo da maldição eterna.

As nações ímpias, referidas em conexão com esse julgamento não podem, coerentemente, ser identificadas com os mortos ímpios de Ap 20. Estes comparecerão perante o Grande Trono Branco; ao passo que as nações ímpias comparecerão perante o Filho do homem sentado no trono de Sua glória. Por ocasião do Trono Branco cada um comparecerá individualmente; aquelas, na qualidade de nações. Por ocasião do Trono Branco, cada um será ressuscitado dos mortos a fim de ser julgado; as nações estarão vivas sobre a terra. Por ocasião do Trono Branco, cada um será julgado segundo os registros e o livro da vida; as nações serão julgadas de conformidade com o tratamento que tiverem dado aos "irmãos".

6. O julgamento dos anjos caídos — na ocasião chamada de "o grande dia".

1 Co 6.3 — Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos; quanto mais as cousas desta vida?

V. A. — Jd 6; 2 Pe 2.4.

O apóstolo Paulo declara que a Igreja participará da administração desse julgamento. Ela própria já terá passado pelo julgamento do "bema de Cristo", e então será identificada com Cristo na execução futura de Sua autoridade e justiça soberanas.

7. O Julgamento do Grande Trono Branco.

Ap 20.11 — Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.

(1) **Os julgados: "os restantes dos mortos" — os não incluídos na "primeira ressurreição".**

Ap 20.5a — Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos.

Aqueles contra quem será administrada a justiça, por ocasião do Grande Trono Branco, são aqueles que não tiverem participado da "primeira ressurreição". Esses são os mortos que "não reviveram até que se completassem os mil anos". Devem ser identificados com o mesmo grupo que é chamado de "injustos", sobre os quais é dito que terão uma "ressurreição do juízo" (At 24.14; Jo 5.29).

(2) Sua base.

a. De acordo com o registro das obras nos livros.

Ap 20.12,13 — Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.

Os livros de registro revelam a culpa dos que estiverem sendo julgados. Eles contêm a evidência à base da qual será pronunciado o veredito. Haverá, segundo parece, graus de culpabilidade (Lc 12.47,48).

b. De acordo com o rol de nomes do Livro da Vida.

Ap 20.15 — E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo.

V. T. — Ap 20.12.

O apelo final desse julgamento, para os julgados, será para o Livro da Vida, que revela que nenhuma redenção fora realizada a favor daqueles que assim foram declarados culpados.

(3) O resultado: entregues a seu destino final — lançados no lago do fogo.

Ap 20.15 — Citado acima.

Esse julgamento é, nas Escrituras, o julgamento final. Situa-se no término da presente ordem dos séculos (1 Co 15.28).

D. D. — Os julgamentos de Deus começam do Calvário, a favor dos crentes; prosseguem com o julgamento que os crentes devem impor a si mesmos, e abrangem em seu escopo o julgamento a que Cristo sujeitará a Igreja, Israel, as nações, os anjos e, finalmente, os mortos ímpios.

D. O Destino Futuro dos Justos e dos Ímpios.

Que devemos crer no tocante ao presente estado daqueles que já faleceram? O estado intermediário daqueles que têm partido desta vida tem sido assunto de muita conjetura. Nem mesmo a luz que brilha das Escrituras parece ser tão forte quanto alguns desejariam. É suficiente, entretanto, revelar os fatos essenciais. Há duas palavras que precisam ser consideradas neste contexto, pois desempenham importante papel no ensino da Bíblia sobre o assunto. As duas palavras são: "Sheol" e "Hades", sendo a primeira hebraica, e a segunda grega. As duas palavras têm a mesma significação, isto é, referem-se ao mesmo lugar geral: a habitação das almas dos mortos. Em algumas traduções essas palavras são traduzidas de diversas maneiras, tais como "inferno", "abismo" e "sepultura", porém não são traduções corretas, pois cada um desses vocábulos nossos tem seu próprio equivalente hebraico ou

grego. Há versões que evitam o erro não traduzindo, mas apenas transliterando as palavras "Sheol" e "Hades".

No Antigo Testamento, todos aqueles que morriam, tanto justos como ímpios, são referidos como tendo ido para o Sheol (Gn 37.35; Sl 9.17; 16.10). Na narrativa do rico e Lázaro em Lucas 16, Jesus levanta a cortina e revela o fato de que no Sheol ou Hades existem dois compartimentos. O primeiro, chamado de "seio de Abraão", era a habitação dos justos, e então era identificado com o Paraíso (Lc 23.43, comparado com Mt 12.40). Por ocasião da ressurreição de Cristo essa parte do Hades foi esvaziado de seus ocupantes, que foram transferidos à destra de Deus (Ef 4.8-10 comparado com 2 Co 12.2-4; Sl 68.18; Zc 9.11,12). A nova habitação dos justos é atualmente chamado de Paraíso. É a esse lugar da presença de Cristo que o crente vai por ocasião de sua partida deste mundo, e é ali que o crente habita em comunhão consciente com Cristo, onde permanecerá também até a ressurreição dos justos (Fp 1.23,24; 2 Co 5.6-8; 1 Ts 4.14-17). A outra parte do Hades ou Sheol, que era separada do Paraíso pelo grande abismo, é a habitação das almas dos ímpios. É a prisão temporária onde os criminosos do universo são mantidos aprisionados enquanto esperam o Julgamento do Grande Trono Branco.

Sob esse tópico devemos considerar o destino futuro das duas classes, os Justos e os Ímpios — aquele destino que tem seu início após esta presente vida terrena e depois do encerramento desta atual ordem mundana.

I. *O Céu em sua Relação com o Destino Futuro dos Justos.*

Segundo certas crenças tradicionais, supõe-se que existam sete céus, mas as próprias Escrituras se referem apenas a três: o céu atmosférico (At 14.17); o céu estelar (Gn 1.14), e o terceiro céu (2 Co 12.2; Dt 10.14).

Haverá novos céus e nova terra. "São indiscutíveis as possibilidades de serem dissolvidos os céus, de se desfazerem abrasados os elementos e de vir a existir um novo céu e uma nova terra (2 Pe 3.10-13). Em que sentido serão novos? Não significa que serão novamente trazidos à existência, mas renovados, assim indicando existência prévia. Através as Escrituras é ensinada a reconstituição do mundo material, mediante a qual este passará da escravidão e da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. E a sede final da Cidade de Deus é estabelecida não como um céu remoto, diáfano no espaço, mas antes, aquele novo mundo que é o mesmo mundo antigo. Há algumas notáveis ausências nessa nova Cidade: não haverá pecado, nem Satanás, nem tristeza, nem maldição, nem corrupção, nem mortalidade. Invertam-se as misérias terrenas e ter-se-á alguma idéia das alegrias do Céu. As primeiras cousas passaram." — Kemp.

1 Sua realidade bíblica.

Cl 1.5 — Por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho.

V. A. — 1 Pe 1.3-5; 1 Ts 4.16,17.

D. D. — O destino celestial dos justos é um fato estabelecido, não pela razão humana, mas antes, pela revelação divina.

2. Sua forma: um lugar.

As Escrituras indicam determinada parte do universo, chamada de céu, como a futura habitação dos crentes. As Escrituras ensinam que o céu é um lugar.

Jo 14.2,3 — Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também.

V. A. — 1 Ts 4.17; Sl 23.6; 1 Pe 1.3-5; Hb 12.22; 11.10,16.

Em algumas das passagens acima, bem como em Ap 21 e 22, o futuro lar do crente é descrito como uma cidade. O Dr. Bonar refere-se a essa cidade como "bem construída, bem iluminada, bem servida de água, bem aprovisionada, bem guardada e bem governada".

(1) Lugar de ambiente e associações santas.

Ap 21.2 — Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

V. A. — Ap 21.3,27; 22.15.

(2) Lugar de grande beleza e esplendor.

Ap 21.18 — A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido.

V. A. — Ap 21.3-27; 22.15.

(3) Lugar de grande alegria e regozijo.

Ap 21.4 — E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram.

V. A. — Sl 16.11.

(4) Lugar de santos deleites e satisfações.

Ap 22.14 — Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas.

V. A. — Ap 21.6; 7.16.

(5) Lugar de grande luz e glória.

Ap 21.23 — A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

V. A. — Ap 22.5.

3. Seus habitantes — homens redimidos e anjos não-caídos.

Ap 21.9,10 — Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; e me transportou no espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus.

V. A. — Ap 21.2,7; 22.3,14.

Entre os habitantes da Cidade Celeste estará em lugar de destaque, a Igreja; de fato, o título que será dado a essa Cidade Santa é "a noiva, a esposa do Cordeiro". Provavelmente haverá outros dentre os redimidos lá, especialmente os santos do Antigo Testamento. Isso fica subentendido pelos nomes das Doze Tribos de Israel, incorporados nas portas da cidade (Ap 21.22).

Quatro descrições são feitas de seus habitantes: "vencedores", identificados com os crentes regenerados em 1 Jo 5.4,5; "filhos de Deus", aqueles que têm sido feitos tais pela Sua graça regeneradora, mediante a fé em Cristo Jesus; "servos", que o são mediante sua consagração; e "obedientes", aqueles que cumprem Seus mandamentos, não para obterem a salvação, mas como prova de a possuírem.

Há também seres angelicais, entre os quais encontramos os querubins e os serafins, além dos anjos propriamente ditos (Ap 5.14; Is 6.1,2; Mt 22.30). Naturalmente que, em posição proeminente entre os habitantes do Céu, encontramos Deus, sobre Seu trono, e o Cordeiro.

4. Suas atividades: a execução da vontade de Deus.

Ap 22.3 — Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão.

V. A. — Mt 6.10.

(1) Descanso.

Ap 14.13 — Então ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

(2) Adoração.

Ap. 5.14 — E os quatro seres viventes respondiam: Amém; também os anciãos prostraram-se e adoraram.

V. A. — Ap 5.11-13; 4.8.

(3) Serviço.

Ap 7.15 — Razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo.

Talvez não saibamos exatamente quais ou quantas formas de serviço serão prestadas. É evidente, contudo, que incluídos nesse serviço se encontram o julgar e o reinar juntamente com Cristo (Ap 2.26,27; 3.21; 2 Tm 2.12).

D. D. — O Céu é um lugar preparado para um povo preparado, com programa apropriado a ambos.

II. *O Inferno em Sua Relação com o Destino Futuro dos Ímpios.*

Conforme usado aqui, o termo "inferno" significa a habitação e a condição final dos pecadores. Essa é uma questão a respeito da qual tanto a ciência como a filosofia se mantêm necessariamente em silêncio, ao mesmo tempo que somente a revelação tem permissão de falar como tendo autoridade.

A palavra grega traduzida "inferno", que descreve essa habitação, é "gehenna" — "o nome dado ao vale de Hinom, ao sul de Jerusalém, onde era lançado e queimado o lixo da cidade. A qualquer momento, de dia ou de noite, via-se o fogo com sua fumaça subindo nesse vale. Jesus faz dele o símbolo do inferno, 'onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga'." — Dixon.

1. Sua Realidade Bíblica.

(1) Estabelecida pela Razão.

a. O argumento tirado do Princípio de Separação.

Esse princípio opera em todos os setores da vida. Os mortos são separados dos vivos: todo cemitério e crematório é um argumento a favor da existência do inferno. O lixo é separado do alimento sadio: toda lata de lixo é um argumento a favor da existência do inferno. O refugo é separado das cousas de valor: cada monte de refugo é um argumento a favor da existência do inferno.

> "Aqueles que rejeitam a vida em Deus se tornam, mais cedo ou mais tarde, 'refugo' em seu caráter e, na natureza das cousas, precisam ser removidos para um lugar separado." — Dixon.

b. O argumento tirado do Princípio da Conseqüência Natural.

O inferno é o resultado lógico da seqüência de uma vida de impiedade. O Pecado condena tão certamente quanto o fogo queima, a água molha ou a enfermidade incurável mata. Pecado significa inferno, tanto neste mundo como no vindouro. A fumaça do tormento ascende aqui desde o lupanar, desde a taberna, desde a boite, desde a casa do ébrio, desde o tribunal de divórcio, desde a prisão, desde a cadeira elétrica, desde a forca, desde o hospital de alienados mentais, desde o cabaré, e desde as vidas de homens e mulheres que estão a queimar-se na fornalha de suas próprias concupiscências.

c. O argumento tirado do Princípio de Restrição.

Existem aqueles que se sentem impedidos do crime e da iniqüidade com receio do castigo. Eliminar toda penalidade pela desobediência à lei é abrir as comportas

do crime. "Se houvesse mais pregação do inferno nos púlpitos, haveria menos do inferno em cada comunidade." — Dixon. O aumento dos suicídios, dos homicídios e de outras formas de crimes, se deve, em não pequena medida, à remoção do temor de toda retribuição futura.

d. O argumento tirado do Princípio da Obrigação Governamental.

Deus precisa, em vista de Sua lei e justiça, impor castigo ao pecador. É preciso satisfazer à justiça ofendida. A penalidade contra a lei desobedecida deve ser sofrida. Se isso não for feito em lugar do pecador, terá que ser feito por ele. Uma lei sem penalidade não passa de uma farsa, assim também como uma penalidade não cumprida.

(2) Estabelecido pela Revelação.

Mt 5.29 — Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.

V. A. — Mt 10.28; 25.46; Ap 20.15.

D. D. — O fato do inferno está em harmonia com a razão e de conformidade com os ensinamentos da Revelação Divina.

2. Sua forma: um lugar.

Assim como o céu é um lugar, tendo sua localização definida, assim também é o inferno. Isso é visto pelo fato que é representado como possuidor de habitantes. É ainda demonstrado em razão do fato que os seus habitantes possuem não apenas almas, mas também corpos. Também se pode inferir pela descrição da presente habitação dos ímpios, no Hades, como "lugar" (Lc 16.28), pois é desse local que hão de ser transferidos para o outro lugar chamado "Geena". Pode-se ainda afirmar que todos os termos descritivos que são usados a respeito do inferno denotam localidade.

(1) Lugar de associações profanas.

Ap 21.8 — Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

V. A. — Ap 22.15.

(2) Lugar de aprisionamento e morte.

Ap 20.14 — Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago do fogo.

V. A. — Mt 5.24,25; Ap 20.15.

(3) Lugar de tristeza e desespero.

Lc 13.28 — Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós lançados fora.

V. A. — Mt 25.30; 22.13; 24.51.

V. T. — Jo 3.36.

(4) Lugar de infortúnio e tormento conscientes.

Ap 20.10 — O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.

V. A. — Ap 14.11.

V. T. — Lc 16.24,25.

(5) Lugar de trevas e degradação.

Mt 25.30 — E o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Ap 22.11a — Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo.

3. Seus ocupantes: os impenitentes.

As Escrituras descrevem uma multidão heterogênea que comporá os habitantes dessa morada dos perdidos. Estes representam muitas e diversas formas e graus de pecado e iniqüidade, mas todos são culpados e serão condenados.

(1) Satanás e seus anjos.

Mt 25.41 — Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

(2) A Besta e o Falso Profeta.

Ap 20.10 — O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago do fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.

(3) Homens ímpios e incrédulos.

Ap 21.8 — Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras, e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

4. Sua Duração: Eterna.

(1) Estabelecido pela Razão.

a. O argumento tirado da existência interminável da alma.

A criação do homem à imagem de Deus leva consigo a necessidade de uma existência interminável, pois esse é um elemento muito essencial no Ser de Deus e, por conseguinte, necessário no ser do homem, em vista da similaridade indicada pelos termos "imagem" e "semelhança". Assim como a vida é essencial à existência, assim também a existência interminável implica em vida interminável. As Escrituras nunca representam a alma como sujeita à morte no sentido de se tornar extinta ou passar a um estado de existência inconsciente. Visto que o homem tem existência interminável é necessário, portanto, que passe a eternidade de algum modo, em algum lugar, e, visto que a impenitência dos ímpios exclui a possibilidade de sua reconciliação com Deus e livramento do castigo, é necessário, portanto, que seu castigo seja eterno. Pois o pecado dos ímpios desse modo se torna pecado eterno, e eles mesmos se tornam eternos pecadores. Ver, como ilustração, Mc 3.29.

b. O argumento tirado do sacrifício infinito de Cristo.

"Se qualquer cousa menos que a punição eterna for devida em vista do pecado, que necessidade havia de um sacrifício infinito para livrar do castigo? Jesus derramaria Seu precioso sangue para livrar-nos das conseqüências de nossa culpa, se tais conseqüências fossem apenas temporárias? Conceda-se-nos a verdade de um sacrifício infinito, e disso tiraremos a conclusão que o castigo eterno é uma verdade." — C. H. M.

(2) Estabelecido pela Revelação.

Mt 25.46 — E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.

V. A. — Mc 3.29; Jo 3.36; 2 Ts 1.9.

Alguns afirmam que a palavra grega "aionios", traduzida na passagem acima como "eterno" significa apenas um período indefinido de tempo, e que não significa "interminável" ou "eterno". Essa palavra ocorre cerca de setenta vezes no Novo Testamento, e deve ter o mesmo sentido em cada caso. "A palavra que é aplicada ao castigo dos ímpios também é aplicada à vida que os crentes possuem (Mt 19.16), à salvação e redenção na qual se regozijam (Hb 9.12), à glória pela qual esperam (2 Co 4.17), àquelas mansões nas quais esperam habitar (2 Co 5.1), e à herança que esperam desfrutar (Hb 9.15). Além disso, é aplicada a Deus (Rm 16.26) e ao Espírito (Hb 9.14). Se, portanto, for sustentado que o termo 'eterno' não significa 'eterno' quando aplicado ao castigo dos ímpios, que garantia possuímos de que significa eterno quando aplicado à vida, à bênção, à glória dos remidos? Que fundamento possui alguém, por mais erudito que seja, para destacar sete casos, dentre os setenta em que a palavra 'aionios' é usada, para dizer que nesses sete casos ela não significa eterno, ainda que nos casos restantes tenha esse significado? Não dispõe de fundamento algum." — C. H. M.

D. D. — O inferno é um lugar preparado para o diabo e seus anjos, e torna-se a habitação eterna de quem se identifica com Satanás.

Perguntas para Estudo Sobre a Doutrina das Últimas Cousas

1. Cite uma passagem dando o testemunho (a) dos Profetas, (b) de João Batista, (c) de Cristo, (d) dos anjos, (e) de um apóstolo, e cite os outros apóstolos que testificam do fato da Segunda Vinda de Cristo.

2. Discuta a consideração negativa do caráter da Segunda Vinda sob as seguintes divisões: (1) não providencial (a) como a morte, (b) como o progresso material, (c) como um acontecimento histórico; (2) não espiritual a como a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste, (b) como a conversão do pecador, (c) como a disseminação do cristianismo.

3. Cite uma passagem que mostre que a Segunda Vinda de Cristo será pessoal e corporal.

4. Dê os nomes das duas etapas da Segunda Vinda de Cristo e cite uma passagem relativa a cada uma.

5. Dê quatro outras descrições da Segunda Vinda de Cristo.

6. Discorra pormenorizadamente sobre os sinais do término desta dispensação.

7. Esboce com detalhes o propósito da Segunda Vinda em relação (a) aos justos, (b) aos ímpios, (c) ao Anticristo, (d) a Israel, (e) às nações gentílicas, (f) ao Reino davídico, e (g) a Satanás.

8. Esboce com detalhes o valor prático da doutrina da Segunda Vinda.

9. Forneça o significado da Ressurreição segundo encontrado na observação introdutória, mencionando aquilo a que ela se refere.

10. Como é estabelecido o fato da ressurreição dos mortos: (a) No Antigo Testamento e (b) no Novo Testamento? Cite uma passagem sobre a declaração positiva de cada um, e dê a D. D.

11. Discorra sobre o modo da ressurreição dos mortos como literal e corporal.

12. Cite uma passagem que mostre que a Ressurreição será universal.

13. Discorra sobre o duplo aspecto da ressurreição dos mortos, e dê a D. D.

14. Dê a descrição do corpo ressuscitado: (a) do crente (quatro aspectos), e (b) do incrédulo.

15. Discorra sobre a ocasião da Ressurreição em relação tanto aos crentes como aos incrédulos, e forneça a D. D.

16. Discorra, pela observação introdutória, sobre os Julgamentos de Deus como (a) necessários, (b) distintos da morte, (c) não considerados como um único juízo geral.

17. Discorra sobre o significado do Julgamento divino, negativa e positivamente considerado.

18. Cite passagens relativas ao fato dos Julgamentos, segundo encontradas tanto no Antigo como no Novo Testamentos, e apresente a D. D.

19. Descreva a tríplice personalidade do Juiz, e dê a D. D.

20. Discorra sobre os Julgamentos por sua ordem, como segue: (a) O tríplice Julgamento da Cruz, (b) O atual Julgamento da vida própria dos crentes, (c) Os três aspectos do Julgamento das obras do crente, (d) O Julgamento de Israel, (e) Os três aspectos do Julgamento das Nações vivas, (f) O Julgamento dos Anjos caídos, (g) Os três aspectos do Julgamento do Grande Trono Branco.

21. Dê a D. D. relativa aos Julgamentos e cite uma passagem das Escrituras relativa a cada um.

22. Discorra sobre o sentido das palavras "Sheol" e "Hades"..

23. Descreva os prometidos "novos céus e nova terra".

24. Cite uma passagem sobre o fato bíblico do Céu, e forneça a D. D.

25. Descreva o caráter do Céu como lugar, em seus cinco aspectos.

26. Discorra sobre os habitantes do Céu.

27. Cite uma passagem relativa a cada aspecto das atividades do Céu, e dê a D. D.

28. Discorra sobre o emprego do termo "inferno".

29. Discorra sobre o fato bíblicod o inferno conforme estabelecido: (a) pela razão (argumento de quatro aspectos), e (b) pela Revelação; e dê a D. D.

30. Dê a descrição de cinco aspectos do caráter do inferno.

31. Mencione os ocupantes do inferno.

32. Discorra sobre os argumentos referentes à eterna duração do castigo futuro segundo estabelecido: (a) pela razão (duplo), e (b) pela revelação.

33. Dê a D. D. e cite uma passagem das Escrituras relativa à prova dada pela Revelação.

ÍNDICE

Adoração ou Culto—183, 199, 299, 338, 339, 368
Adoração a Cristo—120
Agnosticismo—19
Amor—235
Amor de Cristo—129, 184
Amor de Deus—36, 64, 68, 70, 72, 144, 148
Anjo do Senhor—20
Anjos—142, 289, 323, 371
Anticristo—310, 335, 339, 344, 371
Antropomórficas, Expressões—28
Apolinarianismo—109
Aproximação de Deus—68
Arianismo—109
Armagedom—338
Arminianismo—88
Arqueologia—7, 10
Arrebatamento—328, 333
Arrependimento—51, 235, 241
Ateísmo—19, 10, 22
Atos do Espírito Santo—181
Atributos de Deus—23
Atributos Morais—63
Atributos Naturais—24
Auto-consciência e Auto-determinação—31
Auto-existência de Deus—41, 47
Autoria—9
Batismo—228, 285
Batismo do Espírito Santo—194
Bênção Apostólica—45
Benfeitor da Vida—37
Bíblia—11, 12, 36
Blasfêmia contra oEspírito Santo—220
Cânon—1, 3
Canonicidade—1
Características pessoais—35, 180, 293, 304, 315
Caráter de Cristo—124
Castigo dos Ímpios—70, 129, 334, 341, 353, 355, 364, 365, 370, 371
Causa e Efeito—20
Ceia do Senhor—286
Cerintianismo—109
Certeza da Salvação—196
Céu—143, 244, 293, 366
Chamado—86, 87
Ciência—7
Comissão apostólica—45
Concepção miraculosa de Cristo—99
Confiança—246, 270
Conhecimento—52
Consciência—192
Conselho divino—81
Convicção de pecado—181, 192, 193
Corpo de Cristo—283
Crença Universal—10
Crentes—130, 157, 194, 251, 280, 310, 312, 332, 353, 356, 360, 336
Crescimento natural de Jesus—107
Criação—37, 121, 162, 185, 192, 205, 292, 316
Crianças—131
Cristianismo—98, 116, 140, 327
Culto—183, 199, 299, 338, 339, 368
Cura—136
Deísmo—36, 37
Demônios—60, 313
Destino de Justos e Ímpios—365
Destino de Satanás—311
Deus—19, 239, 249, 257, 270
Disciplina—75, 240, 215
Discípulos—131, 285

Divindade, Manifestação da—29
Divindade de Cristo—116, 118, 171
Divindade do Espírito Santo—183
Docetismo—109
Domínio de Deus—38
Ebionismo—109
Eleição — ver Predestinação
Eloim—43
Encarnação—90, 109, 114, 115, 144
Escrituras—1, 11, 146
Esfera celeste—59, 203, 306, 344
Esperança—178, 345
Esprito vs. matéria—26, 292, 304, 315
Espírito Santo—44, 177, 194, 242, 263, 326
Espíritos desencarnados—315
Espiritualidade de Deus—26
Esposa de Cristo—283, 333
Eternidade de Deus—41, 48, 184
Eutiquianismo—109
Evangelho, O—142, 245, 248, 282
Evolução—205
Existência le Deus—10
Existência sem fim—208
Expiação—68, 116, 140
Fé—167, 233, 242, 258, 264, 268, 359
Filho do Homem—99
Filhos—273
Filhos de Deus—292
Filiação—38, 158, 228, 229, 234, 291
Filosofia—7
Fruto do Espírito—198, 242
Galardão—71, 361
Gehenna—369
Genealogia de Cristo—100
Glória de Deus—133, 139, 277, 287
Graça de Deus—68, 78, 152, 257
Grande Trono Branco—256, 364, 366
Hades—365
Homem—21, 55, 58, 133, 144, 152, 205 224, 274
Humanidade de Cristo—97
Humildade de Cirsto—138
Idolos—25, 27, 72
Igreja—130, 186, 194, 280, 368
Imagem de Deus—27, 207
Iminência da Volta de Cristo—329
Imutabilidade de Deus—50
Incredulidade—20, 222
Inferno—259, 365, 369, 370
Influência moral, Teoria da—147
Inspiração da Bíblia—9, 97, 185, 188, 202
Instinto—209
Integridade— 78
Inteleto—31, 178, 237, 248
Inteligência—21, 53, 209
Ira—33
Israel—273, 331, 337, 339, 362
Jeová—32, 123, 124, 291
Jesus Cristo, Doutrina de—97, 257, 263, 270, 285
Juízo—70, 122, 173, 334, 341, 353, 355, 356
Justiça de Deus—69, 254
Justificação—149, 159, 251, 253, 259, 262
Lei—70, 79, 157, 256, 369
Lei e Graça—79
Limitações humanas de Cristo—110
Livre agência moral—210
Livro da Vida—365
Mansidão de Cristo—135
Materialismo—26
Milagres—16
Milênio—334, 344, 363
Misericórdia de Deus—77
Missão da Igreja—287
Monismo—30
Morte—156, 162, 215, 225, 308, 324, 350
Morte de Cristo—140, 257, 312, 359
Nascimento virginal—99
Nações—339, 340, 341, 344, 363
Natureza, Esfera da—54, 55, 58
Natureza de Deus—23
Natureza humana de Cristo—108
Naturezas, As duas—234, 359
Nestorianismo—109
Nomes de Deus—31
Nomes divinos de Cristo—118
Nomes humanos de Cristo—113
Nomes do Espírito Santo—184, 186
Novo Nascimento—194, 224

Objetos do chamado divino—89
Obras de Deus—85, 185, 191, 263, 354
Obras de Satanás—307
Obras—247, 256, 258, 360
Observância do Domingo—169
Ódio—36, 66, 70, 237
Ofícios divinos de Cristo—121
Onipotência—57, 173, 185, 233
Onipresença—60, 184
Onisciência—52, 185
Oração—246, 250
Ordenanças da Igreja—285
Palavra de Deus—86, 237, 240, 245, 246, 250, 264, 268, 290
Panteísmo—30
Paraíso—336
Paternidade de Deus—38
Paz—259, 343
Pecado—55, 66, 144, 152, 155, 156, 158 160, 213, 218, 237, 238, 239, 266, 298, 303 307, 359, 370
Pecado, Cristo sem—111, 125
Pecadores—132, 362
Pelagianismo—87
Panitência—268
Perdão de Pecados—71, 75, 77, 122, 136, 255
Personalidade de Deus—21, 31, 178
Personalidade de Satanás—303
Pessoa—42
Pessoa de Cristo—97
Plano divino—81
Plenitude do Espírito Santo—196
Politeísmo—44
Posição e condição—254, 259
Possessão demoníaca—308, 318
Predestinação—50, 79, 136
Predeterminação—54, 85, 148
Presciência—54, 74
Preservação—38, 121, 192
Profecia—14, 123, 142, 145, 171, 283 322, 324, 350
Promessas de Deus—71, 170, 246, 284
Propiciação—71, 150, 155
Propósito Redendor—65, 85, 115, 107
Prova— 154, 210
Providência—37, 75, 325
Queda do Homem—211
Razão—20, 41, 209, 369
Reconciliação—158, 232
Redenção—102, 140, 150, 353
Regeneração—194, 227
Reino de Deus—228, 232, 281
Reino dos Céus—84, 281, 363
Relações divinas—36, 68
Religião—97, 211, 338
Ressurreição de Cristo—16, 163, 165, 351
Ressurreição dos ímpios—334, 353, 356
Ressurreição dos justos—122, 173, 200, 332, 253, 355
Restauração de Pedro—137
Revelação—22, 42, 203, 329, 342, 372
Sabedoria—52
Sabelianismo—39
Sacerdócio de Cristo—173
Sacrifício—74, 129, 149, 372
Salvação—83, 90, 154, 227, 244, 250, 264
Santa Ceia—286
Santidade—125
Santidade de Cristo—125
Santidade de Deus—63, 143, 241, 260, 298
Santificação—259, 262
Satanás—128, 161, 212, 298, 301, 342, 344, 359, 371
Segunda Vinda de Cristo—263, 300, 321
Segurança—196
Semi-pelagianismo—87
Senhor—44, 120
Sensibilidade—31
Sheol—365
Sepultura Vazia—164
Serviço—183, 198, 348
Símbolos do Espírito Santo—179
Soberania de Deus—38
Sofrimento—77, 307
Subordinação de Cristo—117
Substituição—151
Swedenborgianismo—39
Templo do Espírito Santo—283, 286
Tentação do Homem—212
Teofanias—44

Teoria governamental—147
Teoria da morte de Cristo—146
Terra—37, 162, 224, 328, 363
Testemunhos humanos de Cristo—124
Tribulação, A Grande—333, 340
Trindade, A Santíssima—39, 43, 105, 116, 178, 263
Tristeza—35, 51, 134, 244
Triteísmo—39
Túmula Vazio—164
Único (hebraico)—43
Unidade de Deus—40
Unidade das Escrituras—11
Universo Material—81, 162, 307, 330
Veracidade—6
Vida—24
Vida de Deus—24
Vida eterna—122
Vidas Transformadas—17
Virgem, Cristo nascido duma—99
Visão de Deus—29
Vocação—85, 86
Volta de Cristo, Iminência—329
Vontade—29, 239
Vontade de Deus—82, 220, 236
Zelo divino—33

IMPRENSA METODISTA
Avenida Senador Vergueiro, 1301 - Caixa Postal 536
São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo
Compos e Imprimiu